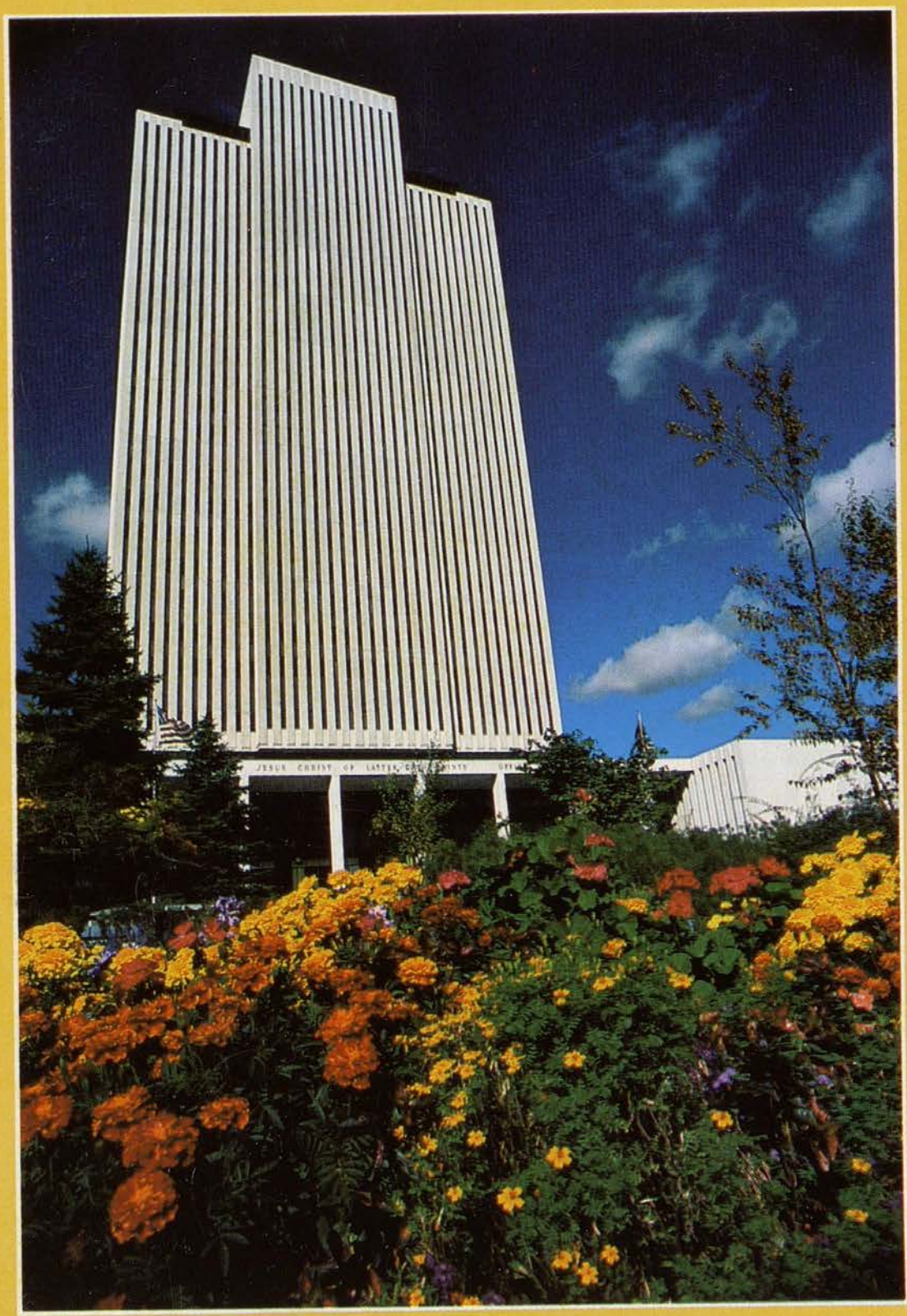
37/01
JANEIRO 1984

A LIAHONA

Número especial com os discursos
da 153ª Conferência Geral
Semi-anual de outubro de 1983



A LIAHONA

JANEIRO DE 1984
PBMA0416PO
São Paulo - Brasil

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

A Primeira Presidência
Spencer W. Kimball
Marion G. Romney
Gordon B. Hinckley

Conselho dos Doze:
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Howard W. Hunter
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust
Neal A. Maxwell

Comitê de Supervisão:
M. Russel Ballard
Loren C. Dunn
Rex D. Pinegar
Charles Didier
George P. Lee

"Executivo do "International Magazine":
M. Russel Ballard, Editor;
Larry A. Hiller, Editor Gerente;
David Mitchell, Editor Associado;
Bonnie Saunders, Seção Infantil;
Roger Gylling, Desenhista.

Executivo de A Liahona:
José Maria Carleto, Diretor Responsável;
Paulo Dias Machado, Editor;
Victor Hugo da C. Pires, Assinaturas;
Orlando Albuquerque, Supervisor de Produção.

Índice por Assunto

Oradores desta conferência em ordem alfabética:

Asay, Carlos E. 23
Ashton, Marvin J. 100
Benson, Ezra Taft 8, 73
Bradford, William R. 112
Cannon, Elaine 141
Didier, Charles 40
Dunn, James M. 59
Dunn, Paul H. 44
Faust, James E. 13
Featherstone, Vaughn J. 63
Goaslind, Jack H. 55
Haight, David B. 69
Hales, Robert D. 108
Hanks, Marion D. 36
Hinckley, Gordon B. 6, 77, 82, 125, 129
Hunter, Howard W. 105
Komatsu, Adney Y. 47
Maxwell, Neal A. 87
McConkie, Bruce R. 120
Monson, Thomas S. 31
Packer, Boyd K. 26
Perry, L. Tom 18
Petersen, Mark E. 50
Peterson, H. Burke 96
Richards, Franklin D. 92
Scott, Richard G. 116
Smith, Barbara B. 135
Young, Dwan J. 138

Os assuntos a seguir foram abordados nos discursos que constam da página indicada:

Amor 6
Anjos 50
Arrependimento 73
Ativação 69
Casamento 129
Compromisso 100
Escrituras 13, 120
Expiação 112
Fé 8, 82
Humildade 31
Joseph Smith 87
Jesus Cristo 8, 40
Juventude 63
Livre Arbítrio 36, 141
Mulheres 129, 135
Obra Missionária 55, 59
Oração 18
Paternidade 23, 105
Paz 92
Perdão 96, 108
Perseguição 125
Pessoas Idosas 44
Pornografia 77
Primária 138
Serviço 116
Templos 47
Tribulação 26
Unidade 6
Vida Pré-mortal 26

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.
SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP**. Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cr$ 1.500,00**; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 300; para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea, US$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: **Cr$ 150,00**. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados.

Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. "International Magazine" é publicado sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composição: H&M Artes Gráficas Ltda. - Av. Paulista, 900 - 6º andar - Fone: 289-7279 - Impressão: Gráfica Editora Lopes - Rua Manoel Carneiro da Silva, 241 - Fone: 276-8222 - Jardim da Saúde - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.
Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

ÍNDICE

2 Relatório da 153ª Conferência Semi-anual de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Sessão Matutina de Sábado

5 Apoio dos Oficiais da Igreja
6 "Se Vós Não Sois Um" *Presidente Gordon B. Hinckley*
8 Jesus Cristo: Nosso Salvador e Redentor *Presidente Ezra Taft Benson*
13 A Pedra Angular de Nossa Religião *Élder James E. Faust*
18 "Pai Nosso Que Estás nos Céus" *Élder L. Tom Perry*
23 Entrevistas de Pais e Filhos *Élder Carlos E. Asay*
26 O Mistério da Vida *Élder Boyd K. Packer*

Sessão Vespertina de Sábado

31 Rótulos *Élder Thomas S. Monson*
36 Arbítrio e Amor *Élder Marion D. Hanks*
40 Amigo ou Inimigo *Élder Charles Didier*
44 "Honra Teu Pai e Tua Mãe *Élder Paul H. Dunn*
47 A Casa do Senhor *Élder Adney Y. Komatsu*
50 Veio o Anjo Morôni! *Élder Mark E. Petersen*

Sessão do Sacerdócio

55 Nossa Responsabilidade de Levar o Evangelho aos Confins da Terra *Élder Jack H. Goaslind Jr.*
59 As Bênçãos da Obra Missionária *James M. Dunn*
63 "Chamado Como por Uma Voz do Céu" *Élder Vaughn J. Featherstone*
69 Tornar-se Um Arremessador de Estrelas *Élder David B. Haight*
73 Que Classe de Homens Devereis Ser? *Presidente Ezra Taft Benson*
77 Não Vos Deixeis Enganar *Presidente Gordon B. Hinckley*

Sessão Matutina de Domingo

82 Deus Conceda-nos Fé *Presidente Gordon B. Hinckley*
87 Joseph Smith, o Vidente *Élder Neal A. Maxwell*
92 Sede Pacificadores *Élder Franklin D. Richards*
96 Remover o Veneno do Ressentimento *Élder H. Burke Peterson*
100 Compromisso *Élder Marvin J. Ashton*

Sessão Vespertina de Domingo

105 A Preocupação dos Pais com os Filhos *Élder Howard W. Hunter*
108 "A Vossa Tristeza se Converterá em Alegria" *Élder Robert D. Hales*
112 Como Saber *Élder William R. Bradford*
116 O Poder Que Faz a Diferença *Élder Richard G. Scott*
120 O Que Pensais do Livro de Mórmon? *Élder Bruce R. McConkie*
125 Sigamos Avante! *Presidente Gordon B. Hinckley*

Reunião Geral das Mulheres

129 Vivei à Altura de Vossa Herança *Presidente Gordon B. Hinckley*
135 Uma Época de Poder *Barbara B. Smith*
138 Preparar-se para Ensinar os Filhos do Senhor *Dwan J. Young*
141 Arbítrio e Responsabilidade *Elaine Cannon*

145 Notícias da Igreja
148 Calendários de 1984

Participação Adicional: Na sessão matutina de sábado, as orações foram proferidas pelo Élder Royden G. Derrick e Bispo J. Richard Clarke; na sessão vespertina de sábado, pelo Élder Yoshihiko Kikuchi e Bispo Victor L. Brown; na sessão do sacerdócio pelo Élder G. Homer Durham e Élder Angel Abrea; na sessão matutina de domingo, pelo Élder J. Thomas Fyans e Élder Robert E. Wells; e na sessão vespertina de domingo, pelo Élder Theodore M. Burton e Élder Rex C. Reeve Sr.

As fotografias deste número foram tiradas pelos Serviços Fotográficos de Comunicações Públicas: Eldon K. Linschoten, fotógrafo-chefe; Jed A. Clark, Michael M. McConkie e Martin Mayo.

Relatório da 153.ª Conferência Geral Semi-anual de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Sermões e procedimentos dos dias primeiro e segundo de outubro de 1983, no Tabernáculo da Praça do Templo, Cidade do Lago Salgado, Utah.

"Aos santos dos últimos dias de todo o mundo e aos homens e mulheres de boa vontade de toda a parte: Nós vos saudamos em nome do Senhor," dizia o Presidente Gordon B. Hinckley, segundo conselheiro na Primeira Presidência ao abrir a conferência geral de outubro.

"Afirmamos diante de todos os homens, nossa crença em Deus, o Pai Eterno, e em seu Filho, Jesus Cristo, e no Espírito Santo. Esta é a nossa primeira Regra de Fé e o fundamento de toda nossa obra."

A seguir, o Presidente Hinckley comentou que "estamos particularmente contentes por ter conosco... este extraordinário homem que apoiamos como profeta de Deus, nosso profeta, vidente e revelador, nosso amigo e líder, o Presidente Spencer W. Kimball."

Tanto o Presidente Kimball como o Presidente Marion G. Romney, primeiro conselheiro na Primeira Presidência estiveram presentes na sessão de abertura de sábado, primeiro de outubro, e também numa das sessões de domingo. Nenhum dos dois usou da palavra devido às suas condições de saúde.

As cinco sessões gerais da conferência — sábado pela manhã e à tarde, sessão do sacer-

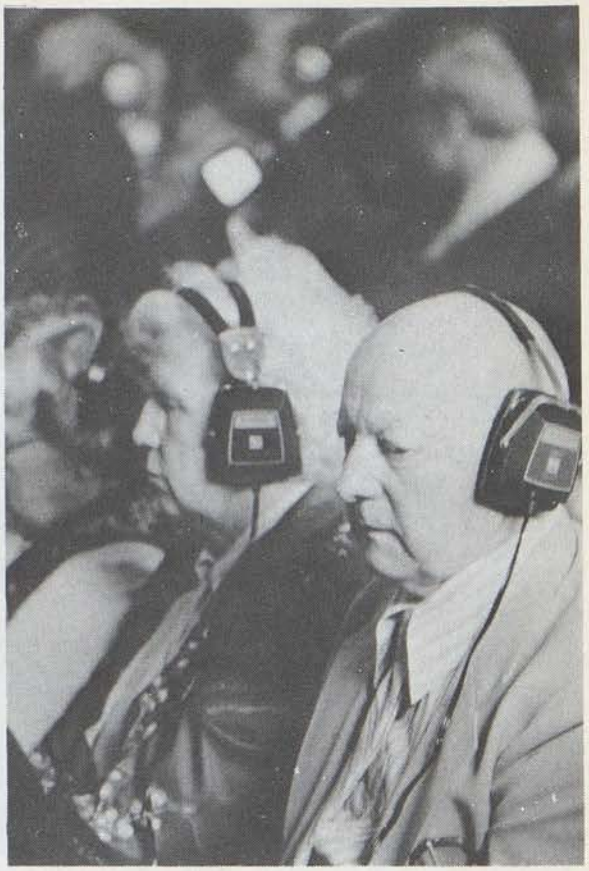
Presidente Spencer W. Kimball, à esquerda acima, embora fisicamente debilitado devido à enfermidade, assistiu a duas sessões da conferência. Próximo a ele está o Presidente Gordon B. Hinckley, Segundo Conselheiro na Primeira Presidência. Em frente, estão Élder Franklin D. Richards, do Primeiro Quorum dos Setenta, Élder J. Thomas Fyans e Élder Carlos E. Asay, da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta.

dócio no sábado à noite, domingo pela manhã e à tarde — foram dirigidas pelo Presidente Hinckley, segundo conselheiro na Primeira Presidência, e Presidente Ezra Taft Benson, presidente do Quorum dos Doze.

Os assuntos principais da conferência foram: (1) Conselhos sobre ensino familiar e reativação pela Primeira Presidência e Quorum dos Doze; (2) apoio do Élder Richard G. Scott do Primeiro Quorum dos Setenta como novo membro da presidência deste quorum, devido à designação para o cargo de presidente do Templo de Washington (D.C.) do Élder Franklin D. Richards, até então presidente sênior do Primeiro Quorum dos Setenta; (3) apoio da Irmã Ann Stoddard Reese como segunda conselheira na presidência geral da Sociedade de Socorro, após a desobrigação da Irmã Shirley W. Thomas desse cargo, por passar a servir com seu marido, o presidente da Missão Austrália Melbourne.

As sessões de conferência foram televisionadas via satélite West Star 4, Transponder 12D, para mais de seiscentos pontos de recepção em sedes de estaca da Igreja espalhadas por todos os Estados Unidos. As sessões, excetuando a sessão do sacerdócio, foram igualmente transmitidas por uns dois mil sistemas de televisão por cabo, via satélite West Star 5, Transponder 12X. Além disso, foram transmitidas por circuito fechado telefônico para mil cento e cinqüenta e três locais em diversas partes do mundo, inclusive Austrália, Filipinas, Coréia, República Dominicana, Porto Rico e Canadá. Uma ou mais sessões foram transmitidas também para uma rede especialmente formada de emissoras de televisão e rádio nos Estados Unidos, da qual quarenta e quatro emissoras de televisão e quarenta e duas estações de rádio apresentaram parte da conferência como serviço de interesse público. Videotapes da conferência estão disponíveis em espanhol, português, italiano, japonês,francês, sueco, dinamarquês, holandês, finlandês, alemão e norueguês, para serem enviados a unidades da Igreja em áreas em que a conferência não pode ser vista ou ouvida de outra maneira.

Os Editores.



Cenas da 153.ª Conferência Geral Semi-anual em outubro de 1983.

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Primeira Presidência

Presidente Marion G. Romney
Primeiro Conselheiro

Presidente Spencer W. Kimball

Presidente Gordon B. Hinckley
Segundo Conselheiro

Quorum dos Doze

Ezra Taft Benson

Mark E. Petersen

Howard W. Hunter

Thomas S. Monson

Boyd K. Packer

Marvin J. Ashton

Bruce R. McConkie

L. Tom Perry

David B. Haight

James E. Faust

Neal A. Maxwell

Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta

J. Thomas Fyans

Carlos E. Asay

M. Russell Ballard

Dean L. Larsen

Royden G. Derrick

G. Homer Durham

Richard G. Scott

Membros Adicionais do Primeiro Quorum dos Setenta

Marion D. Hanks

A. Theodore Tuttle

Franklin D. Richards

Theodore M. Burton

Paul H. Dunn

Hartman Rector, Jr.

Loren C. Dunn

Robert L. Simpson

Rex D. Pinegar

W. Grant Bangerter

Robert D. Hales

Adney Y. Komatsu

Joseph B. Wirthlin

Gene R. Cook

Charles Didier

William R. Bradford

George P. Lee

John H. Groberg

Jacob de Jager

Vaughn J. Featherstone

Robert E. Wells

James M. Paramore

Hugh W. Pinnock

F. Enzio Busche

Yoshihiko Kikuchi

Ronald E. Poelman

Derek A. Cuthbert

Robert L. Backman

Rex C. Reeve, Sr.

F. Burton Howard

Teddy E. Brewerton

Jack H. Goaslind, Jr.

Angel Abrea

Bispado Presidente

H. Burke Peterson
Primeiro Conselheiro

Victor L. Brown
Bispo Presidente

J. Richard Clarke
Segundo Conselheiro

Autoridades Gerais Eméritas

Patriarca Emérito

Eldred G. Smith

Membros Eméritos do Primeiro Quorum dos Setenta

Sterling W. Sill

Henry D. Taylor

Bernard P. Brockbank

James A. Cullimore

Joseph Anderson

John H. Vandenberg

O. Leslie Stone

SESSÃO MATUTINA DE SÁBADO,
1º de outubro de 1983

Apoio dos Oficiais da Igreja

Presidente Gordon B. Hinckley
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

Em virtude de seu recente chamado para servir como presidente do Templo de Washington D.C., apresentamos agora a desobrigação honrosa do Élder Franklin D. Richards como um dos Presidentes do Primeiro Quorum dos Setenta. Ele serviu como o presidente sênior deste quorum desde sua organização.

Tendo também em vista o chamado da Irmã Shirley W. Thomas para auxiliar seu marido em suas responsabilidades como presidente da Missão Melbourne Austrália, anunciamos sua desobrigação honrosa do chamado de segunda conselheira da presidência geral da Sociedade de Socorro.

Todos os que desejarem juntar-se a nós num voto de agradecimento e apreço ao Élder Richards e Irmã Thomas pelo seu notável serviço, por favor, manifestem-se, levantando a mão. Obrigado.

É proposto que o Élder Richard G. Scott seja chamado como um dos presidentes do Primeiro Quorum dos Setenta, preenchendo a vaga criada com a desobrigação do Élder Franklin D. Richards.

Todos a favor, queiram manifestar-se, levantando a mão.

Se houver alguém contrário, manifeste-se pelo mesmo sinal.

É proposto também que a irmã Ann Stoddard Rees substitua a Irmã Shirley W. Thomas como segunda conselheira da presidência geral da Sociedade de Socorro.

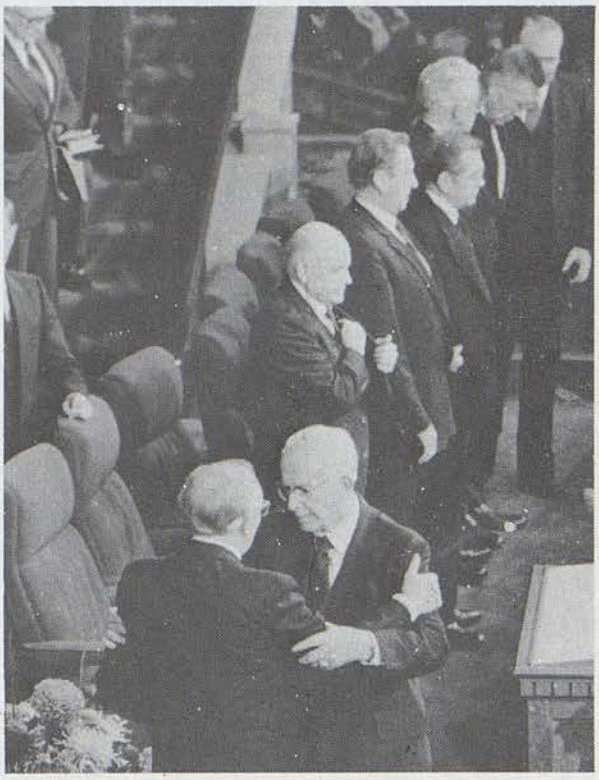
Todos a favor, queiram manifestar-se, levantando a mão.

Se houver alguém contrário, manifeste-se pelo mesmo sinal.

Com exceção dos irmãos que acabamos de apoiar, não houve modificações nas Autoridades Gerais ou oficiais gerais da Igreja desde a última conferência geral. É proposto, portanto, que apoiemos todas as Autoridades Gerais e oficiais gerais da Igreja, conforme presentemente constituídos.

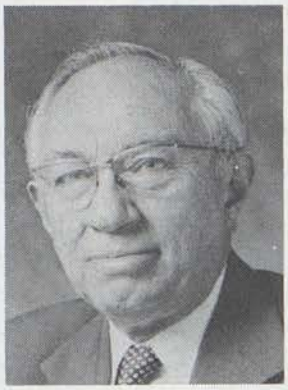
Todos a favor, manifestem-se, levantando a mão.

Se houver alguém contrário, manifeste-se pelo mesmo sinal. Obrigado.



Presidente Gordon B. Hinckley, Segundo conselheiro na Primeira Presdiência, e Presidente Ezra Taft Benson, presidente do Quorum dos Doze, cumprimentam-se afetuosamente, enquantos os Irmãos se reúnem para uma sessão da conferência.

"Se Vós Não Sois Um"



Presidente Gordon B. Hinckley
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

"Havendo unidade, não haverá poder sob os céus capaz de deter o progresso contínuo deste reino grandioso."

Membros da Igreja em todo mundo e homens e mulheres de boa vontade em toda parte: Saudamo-vos em nome do Senhor, ao nos reunirmos de todas as partes do mundo e darmos início a esta grandiosa conferência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Desejamos afirmar a todos que cremos em Deus, o Pai Eterno, e em seu Filho, Jesus Cristo e no Espírito Santo. Esta é a nossa primeira regra de fé e o alicerce de toda a nossa obra.

Estamos especialmente felizes e honrados em ter conosco aquele a quem apoiamos como o profeta de Deus, nosso profeta, vidente e revelador, nosso amigo e líder, o Presidente Spencer W. Kimball.

Sentimos muito que sua saúde não lhe permita dirigir-nos a palavra. No passado, ouvimo-lo falar muitas vezes deste púlpito, e a lembrança de seus grandiosos testemunhos continua a nos encorajar e fortalecer. Quem pode medir a influência deles sobre os outros? Se procurássemos uma única expressão que o caracterizasse, suponho que seria a palavra *amor*.

Leio de meu caderno de notas, uma declaração sua proferida no dia 23 de outubro de 1980, a uma vasta audiência de irmãos e irmãs chineses, em Taipei, Taiwan. Dizia ele naquela ocasião:

"De algum modo, o Senhor me concedeu desde o nascimento um espírito de amor. Eu tinha amor a meus companheiros de missão. Eu tinha amor a meus adversários no jogo de basquete, quando menino. Sempre tive amor a todos os povos do mundo. Tenho amor a vocês."

Se nos falasse esta manhã, estou certo de que seria esse o teor de sua mensagem. Essa grandiosa manifestação de amor tem sido a química de sua liderança extraordinária. Sua vida é uma lição para todos nós, uma lição do poder assombroso do amor.

Ainda que seu corpo esteja cansado e fraco, a Igreja em todo o mundo sente a força dessa liderança. É um agente que nos une como seguidores do Senhor Jesus Cristo. Todos os sumos conselhos da Igreja reconhecem sua influência unificadora.

Somos gratos pela presença do Presidente Romney, primeiro conselheiro na Primeira Presidência. Ele tem igualmente problemas de saúde. Pudesse ele falar, tenho certeza de que prestaria testemunho desse grandioso e tocante poder na vida e caráter de nosso Presidente. Presto-vos testemunho disso. Tenho certeza de que cada membro dos Doze, dos Setenta e do Bispado Presidente poderia fazer o mesmo.

Agradeço a cada membro dos conselhos e quoruns que constituem as Autoridades Gerais da Igreja. Agradeço-lhes seu amor e lealdade, sua fé e devotamento, sua unidade de propósito e ação, sob a diretriz de nosso Presidente.

O Senhor disse: "E se vós não sois um, não sois meus." (D&C 38:27.)

Essa grandiosa unidade é o marco da verdadeira Igreja de Cristo. Manifesta-se entre nosso povo no mundo inteiro. Ao sermos um, somos dele.

E assim, dando início a esta grandiosa conferência da qual se irradiará pelo mundo afora o sentimento de amor, oramos para que sejamos abençoados pelo Senhor. Oramos em favor de nosso querido profeta a quem amamos e honramos. Oramos um pelo outro, para que possamos prosseguir unidos e fortes. Se assim fizermos não haverá poder sob os céus capaz de deter o progresso contínuo deste reino grandioso. Oro para que jamais enfraqueçamos na fé, e em nossa devoção, em nosso amor ao Senhor e sua obra, e em nosso desejo de servir unidos para o progresso de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

Presidente Gordon B. Hinckley, segundo conselheiro na Primeira Presidência, dirigiu a maioria das sessões da conferência.

Jesus Cristo: Nosso Salvador e Redentor

Presidente Ezra Taft Benson
do Quorum dos Doze Apóstolos

"Somente Jesus Cristo é inigualavelmente qualificado para proporcionar a esperança, confiança e força de que necessitamos para sobrepujar o mundo e superar as fraquezas humanas."

Como membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, precisamos confiar plenamente no Senhor Jesus Cristo, a quem aceitamos como o Filho de Deus e como o Salvador da humanidade. Nós o consideramos o *Caminho*, a *Verdade* e a *Vida*. E até que o mundo viva seus ensinamentos, continuaremos aflitos sobre o futuro e nossa capacidade de enfrentar os desafios que a mortalidade nos traz.

O princípio fundamental de nossa religião é fé no Senhor Jesus Cristo. Por que é prudente concentrarmos nossa confiança, nossa esperança e certeza numa única figura? Por que crer nele é tão necessário para termos paz interior nesta vida e esperança no mundo vindouro?

Nossa resposta a estas perguntas determina se encaramos o futuro com coragem, esperança e otimismo, ou com apreensão, ansiedade e pessimismo.

Esta é minha mensagem e testemunho: Somente Jesus Cristo é inigualavelmente qualificado para proporcionar a esperança, confiança e força de que necessitamos para sobrepujar o mundo e superar nossas fraquezas humanas. A fim de conseguí-lo, temos de colocar nossa fé nele e viver suas leis e ensinamentos.

Por que fé no Senhor Jesus Cristo?

Jesus Cristo foi e é o *Senhor Deus Onipotente*. (Vide Mosiah 3:5.) Ele foi escolhido antes de nascer. Ele foi o Criador Todo-Poderoso dos céus e da terra. Ele é a fonte da vida e luz de todas as coisas. Sua palavra é a lei que governa tudo no universo. Todas as coisas criadas e feitas por ele estão sujeitas ao seu infinito poder.

Jesus Cristo é o *Filho de Deus*.

Ele veio a esta terra em época predeterminada por meio de um nascimento real que preservou sua divindade. De sua natureza faziam parte os atributos humanos de sua mãe mortal e os divinos atributos e poderes de seu Pai Eterno.

Sua singular herança o tornou herdeiro do honroso título: O Filho Unigênito de Deus na carne. Como Filho de Deus, herdou poderes e inteligência que nenhum ser humano jamais teve ou terá. Ele foi literalmente Emmanuel, que significa "Deus conosco". (Vide Mateus 1:23.)

Apesar de ser o Filho de Deus enviado à terra, o plano divino do Pai requeria que Jesus se submetesse a todas as dificuldades e provações da mortalidade. Assim, tornou-se sujeito a "tentações,... fome, sede, e cansaço". (Mosiah 3:7.)

A fim de qualificar-se como *Redentor* de todo os filhos de nosso Pai, Jesus teve de ser perfeitamente obediente a todas as leis de Deus. Por ter-se submetido à vontade do Pai, ele cresceu de "graça em graça, até receber a plenitude" do poder do Pai. Assim, ele obteve "todo poder, tanto nos céus como na terra". (D&C 93:13, 17.)

Assim que compreendermos essa verdade sobre Aquele a quem adoramos como o Filho de Deus, entenderemos mais facilmente como Ele tinha poder para curar doentes, sarar todas as formas de doença, reviver os mortos e fazer com que os elementos lhe obedecessem. Até mesmo os demônios, a quem ele expulsou, eram-lhe sujeitos e reconheciam sua divindade.

Como o grande *Legislador*, ele promulgou leis e mandamentos para o benefício de todos os filhos de nosso Pai Celestial. Na rea-

Presidente Ezra Taft Benson, à esquerda, presidente do Quorum dos Doze, com Élder Mark E. Petersen.

lidade, sua lei cumpriu todos os convênios anteriores com a casa de Israel. Ele disse:

Eis que eu sou a lei e a luz. Voltai a mim vossos olhos, perseverai até o fim, e vivereis; porque a todo aquele que perseverar até o fim, dar-lhe-ei a vida eterna. (3 Néfi 15:9.)

Sua lei requeria que toda a humanidade, independente de sua posição na vida, se arrependesse e fosse batizada em seu nome e recebesse o Espírito Santo como poder santificador para purificar-se do pecado. A obediência a essas leis e às ordenanças permitirá que todo indivíduo apareça sem culpa diante dele no dia do julgamento. Quem o faz é comparado ao homem que edifica sua casa sobre alicerce seguro, de modo que nem mesmo "as portas do inferno... prevalecerão contra eles". (3 Néfi 11:39.)

Nós O honramos apropriadamente como a Rocha de nossa salvação. (Vide 2 Néfi 4:30.)

A fim de prezarmos e sermos gratos pelo que ele realizou em nosso favor, devemo-nos lembrar destas verdades vitais:

Jesus veio à terra para fazer a vontade de nosso Pai.

Ele veio sabendo que tomaria sobre si o peso de todos os nossos pecados.

Sabia que seria pregado numa cruz.

Nasceu para ser o *Salvador* e *Redentor* da humanidade.

Ele foi *capaz* de realizar sua missão, porque era o Filho de Deus e tinha o poder de Deus.

Estava disposto a cumprir sua missão porque nos ama.

Nenhum ser mortal tinha o poder ou capacidade de redimir todos os outros mortais de sua condição perdida e decaída, e ninguém poderia entregar a vida voluntariamente e, dessa forma, proporcionar uma ressurreição universal a todos os outros mortais.

Somente Jesus Cristo era capaz e se dispôs a realizar esse ato redentor de amor.

Talvez jamais entendamos ou compreendamos na mortalidade, *como* ele realizou o que fez; porém, não podemos deixar de compreender *por que* ele o fez.

Tudo o que realizou foi motivado por seu amor abnegado e infinito por nós. Ouvi suas próprias palavras:

"Pois eis que eu, Deus, sofri estas coisas por todos, para que, arrependendo-se, não precisassem sofrer; ... Sofrimento que me fez, mesmo sendo Deus, o mais grandioso de todos, tremer de dor e sangrar por todos os poros, sofrer, tanto corporal como espiritualmente — desejar não ter de beber a amarga taça e recuar." (D&C 19:16, 18.)

Como era característico de toda sua experiência mortal, o Salvador submeteu-se à vontade de nosso Pai e bebeu da amarga taça.

Sofreu as dores de todos os homens no Getsêmani, para que não precisassem sofrer, desde que se arrependessem.

Submeteu-se à humilhação e insultos de seus inimigos sem reclamar ou retaliar.

E, finalmente, suportou a flagelação e a vergonha pungente e brutal da cruz. E só então se submeteu voluntariamente à morte. Como disse:

"Ninguém ma tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho poder para a dar, e poder para tornar a tomá-la. Este mandamento recebi de meu Pai." (João 10:18.)

Ele é a *Ressurreição* e a *Vida* (João 11:25).

Esse poder de retomar a própria vida foi possível por Jesus Cristo ser Deus — o próprio Filho de Deus. Por causa de seu poder de superar a morte, toda a humanidade irá ressuscitar. "Porque eu vivo, ... vós vivereis." (João 14:19.)

Nós reverenciamos o seu nome — deveras, até mesmo os títulos sagrados que representam seus feitos!

Ele é nosso *Grande Exemplo*.

Ele foi perfeitamente obediente ao Pai Celestial e demonstrou-nos como abandonar o mundo e manter nossas prioridades na devida ordem.

Devido ao seu amor a nós, ele mostrou-nos como superar nossas pequenas fraquezas e demonstrar afeição, amor e caridade em nossso relacionamento com outras pessoas.

Ele é o *Pão da Vida*. (João 6:35.)

Através de jejum, oração e serviço ao próximo, ele mostrou-nos que "nem só de pão viverá o homem" (Mateus 4:4), mas deve ser alimentado pela palavra de Deus.

Ele, "como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado" (Hebreus 4:15), e, portanto, pode socorrer aos que são tentados. (Hebreus 2:18.)

Ele é o *Príncipe da Paz — O supremo Confortador*. (Isaías 9:6.)

Como tal, tem poder para confortar o coração angustiado, transpassado por angústia ou pecado. Ele proporciona um tipo especial de paz que nenhum meio humano pode oferecer. Ele disse:

"Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou: não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize." (João 14:27.)

Ele é o *Bom Pastor*. (João 10:11.)

Possui todos os atributos da natureza divina. É virtuoso, paciente, bondoso, longânimo, gentil, manso e caridoso. Se formos fracos ou deficientes em quaisquer dessas qualidades, ele está pronto a nos fortalecer e compensar.

Ele é um *Conselheiro Maravilhoso*. (Isaías 9:6.)

Não há, na realidade, condição humana — seja sofrimento, incapacidade, deficiência mental ou pecado — que ele não possa compreender ou que seu amor não possa tocar no indivíduo.

Ele implora hoje: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei." (Mateus 11:28.)

Ele é nosso *Advogado, Mediador* e *Juiz*.

Por ser Deus, ele é perfeitamente imparcial, age com justiça e misericórdia. Ele pode simultaneamente defender-nos e julgar nosso destino.

Ter fé nele é mais que o simples reconhecimento de que ele vive. É mais que uma profissão de fé.

A fé em Jesus Cristo consiste em confiar plenamente nele. Como Deus, ele tem infinito poder, inteligência e amor. Não existe problema humano que não seja capaz de resolver. Por ter-se sujeitado a todas as coisas, ele sabe como ajudar-nos a superar nossas dificuldades diárias.

Ter fé nele significa acreditar em que,

apesar de não entendermos todas as coisas, ele as entende. Devemos, portanto, buscá-lo em todo pensamento, não duvidando, não temendo. (D&C 6:36.)

Ter fé nele significa confiar que ele tem pleno poder sobre todos os homens e todas as nações. Não há mal que ele não possa coibir. Todas as coisas estão em suas mãos. A terra é sua, é seu próprio domínio. Contudo, ele permite o mal, para que possamos escolher entre o bem e o mal.

Seu Evangelho é a receita perfeita para todos os problemas humanos e males sociais.

Mas seu Evangelho só surtirá efeito, quando aplicado em nossa vida. Devemos, portanto, banquetear-nos "com as palavras de Cristo; sim, pois eis que as palavras de Cristo (nos) ensinarão todas as coisas que (devemos) fazer". (2 Néfi 32:3.)

A menos que *acatemos* seus ensinamentos, não estaremos demonstrando fé nele.

Richard B. Lindsay, recém-nomeado diretor administrativo do Departamento de Comunicações Públicas da Igreja. Nos últimos cinco anos, o Irmão Lindsay serviu como diretor de Assuntos Especiais (Relações do Governo) para a Igreja, cargo que continuará ocupando.

Imaginai como este mundo seria diferente, se toda a humanidade fizesse como ele disse: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento ... Amarás o teu próximo como a ti mesmo." (Mateus 22:37, 39.)

Qual, então, é a resposta à pergunta: "O que fazer acerca dos problemas e dilemas que os indivíduos, comunidades e nações enfrentam hoje em dia?" Aqui está sua receita simples:

"Crede em Deus; acreditai que ele existe e que criou todas as coisas, tanto no céu como na terra; acreditai que ele tem *toda* a sabedoria e poder, tanto nos céus como na terra; acreditai que o homem não pode entender todas as coisas que o Senhor pode.

"Além disso, acreditai que deveis arrepender-vos de vossos pecados, abandoná-los e humilhar-vos diante de Deus, pedindo com sinceridade de coração que ele vos perdoe; e agora, se acreditais em todas estas coisas, *procurai fazê-las*." (Mosiah 4:9-10.)

Como membros da Igreja, temos "a obrigação de fazer do Filho do Homem sem pecado o nosso ideal — o único Ser perfeito que andou sobre a terra.

"O mais sublime exemplo de nobreza.

"Divino por natureza.

"Perfeito em seu amor.

"Nosso Redentor.

"Nosso Salvador.

"O Filho imaculado de nosso Pai Eterno.

"A Luz, a Vida, o Caminho". (David O. McKay, *Improvement Era*, junho 1951, p. 478.)

Eu o amo de toda a minha alma.

Humildemente testifico que ele é, hoje, o mesmo Senhor amoroso, cheio de compaixão, como quando trilhava os caminhos poeirentos da Palestina. Ele está perto de seus servos nesta terra. Ele ama e se preocupa com cada um de nós. Disto podeis ter certeza.

Ele vive hoje como nosso Senhor, Mestre, Salvador, Redentor e Deus.

Que Deus nos abençoe a todos, para que creiamos nele, o aceitemos, adoremos e confiemos nele sem reservas, e o sigamos é minha humilde oração.

Em nome de Jesus Cristo, Amém.

A Pedra Angular de Nossa Religião

Élder James E. Faust
do Quorum dos Doze Apóstolos

"O Livro de Mórmon é a prova confirmadora do nascimento, vida e crucificação de Jesus e de sua obra como Messias e Redentor."

Tempos atrás, tive em mãos o livro predileto de minha mãe — um exemplar do Livro de Mórmon bastante gasto pelo uso. Praticamente toda página estava marcada; a despeito do manuseio cuidadoso, algumas folhas tinham os cantos dobrados, e a capa estava puída. Ninguém precisava dizer-lhe que se pode chegar mais perto de Deus lendo o Livro de Mórmon do que qualquer outra obra. Ela já estava perto dele. Lera o livro, estudara-o, orara a respeito dele e ensinava com ele. Como jovem, tive em mãos este mesmo livro, procurando ver, através dos olhos dela, as grandes verdades nele contidas, das quais testificava sempre e que tanto amava.

Quando garoto, na Ala Cottonwood, impressionou-me profundamente ouvir James H. Moyle contar numa reunião sacramental, que ouvira Martin Harris e David Whitmer, duas das testemunhas do Livro de Mórmon, confirmarem seu testemunho a respeito desse livro. Junto com Oliver Cowdery, haviam testificado na época da primeira edição do Livro de Mórmon, "que um anjo de Deus baixou dos céus, trouxe e mostrou-nos as placas, de maneira que vimos as gravações sobre as mesmas... e testemunhamos que estas coisas são verdadeiras". ("O Depoimento de Três Testemunhas", Livro de Mórmon.)

Quando James H. Moyle visitou David Whitmer, este era um ancião, estava fora da Igreja e vivia numa cabana de troncos em Richmond, Missouri. Neste mesmo edifício, James H. Moyle declarava, em 22 de março de

1908, a respeito dessa visita a David Whitmer:

"Dirigi-me a sua humilde morada... e disse-lhe que... como um moço que começava a vida, eu desejava saber diretamente dele... o que sabia a respeito do Livro de Mórmon e do testemunho que prestara ao mundo sobre o livro. Contou-me com toda solenidade de seus avançados anos, que o testemunho que prestara ao mundo e que fora publicado no Livro de Mórmon era verdadeiro, palavra por palavra, e que jamais se desviara ou negara qualquer coisa dele, e que nada no mundo poderia separá-lo da sagrada mensagem que lhe fora confiada. Como ainda imaginava se não era possível que houvesse sido enganado... fi-lo contar-me cada pormenor do que acontecera, submetendo-o a inúmeras perguntas. Ele descreveu com minúcias o lugar na mata, o grande tronco que o separava do anjo, e que realmente viu as placas das quais foi traduzido o Livro de Mórmon, que as manuseara e que ouvira a voz de Deus declarar que a tradução das placas era correta. Perguntei-lhe se havia alguma possibilidade de ter sido enganado, e se tudo não teria sido uma fraude, mas ele respondeu: 'Não.' (Citado em Gordon B. Hinckley, *James Henry Moyle*, Salt Lake City: Deseret Book Co., 1951, pp. 366-67.)

Contudo, o Livro de Mórmon não me cedeu sua profunda mensagem como um legado gratuito. Duvido de que alguém consiga obter um bom entendimento desse grande livro sem sincera intenção e um coração comprometido. Devemos indagar não só se é verdadeiro, como fazê-lo em nome de Jesus Cristo. Diz Morôni: "Eu vos exorto a perguntardes a Deus, o Pai Eterno, em nome de Cristo, se estas coisas não são verdadeiras; e, se perguntardes com um coração sincero e com real intenção, tendo fé em Cristo, ele vos manifestará sua verdade disso pelo poder do Espírito Santo." (Morôni 10:4.)

Dizia Joseph Smith, o tradutor do Livro de Mórmon: "Declarei aos irmãos que o Livro de Mórmon era o livro mais correto de todos na terra e a pedra angular de nossa religião, e que um homem se achegaria mais a

Deus seguindo seus preceitos do que os de qualquer outro livro." (*History of the Church*, 4:461.)

O dicionário define pedra angular como "o elemento fundamental de uma ciência ou doutrina".

O Livro de Mórmon é uma pedra angular, porque estabelece e associa princípios e preceitos eternos, desenvolvendo doutrinas básicas de salvação. É a mais preciosa jóia de nossas sagradas escrituras.

Ele é a pedra angular por outras razões, ainda. Na já mencionada promessa de Morôni — isto é, de que Deus manifestará a veracidade do Livro de Mórmon a todo aquele que perguntar sinceramente, tendo fé em Cristo (Morôni 10:4) — temos um elo-chave numa corrente contínua.

O testemunho confirmador do Livro de Mórmon convence que "Jesus é o Cristo, o Deus Eterno" (página de rosto do Livro de Mórmon) e também atesta espiritualmente: (a) o chamado divino de Joseph Smith; e (b) que ele realmente viu o Pai e o Filho. Com isto firmemente assegurado, segue-se com clareza que uma pessoa pode receber uma confirmação de que Doutrina & Convênios e Pérola de Grande Valor são verdadeiras escrituras companheiras da Bíblia e do Livro de Mórmon.

Tudo isto confirma a restauração do Evangelho de Jesus Cristo e a missão divina de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, dirigida por um profeta vivo que recebe revelação contínua. Dessas verdades fundamentais pode fluir a compreensão de outros princípios salvadores da plenitude do evangelho.

Além disso, o Livro de Mórmon é uma pedra angular necessária de nossa própria fé individual. Afirma o Presidente Ezra Taft Benson: "Tenho notado na Igreja a diferença de discernimento, visão, convicção e espírito entre os que conhecem e amam o Livro de Mórmon e aqueles que não lhe dão importância. Esse livro é um excelente crivo." (*New Era*, maio de 1975, p. 19.) Compreender o Livro de Mórmon pode realmente ajudar a firmar devidamente a fé individual em Jesus Cristo.

É importante saber o que o Livro de Mórmon *não* é. Não é primordialmente história, embora grande parte dele seja histórico. A página de rosto declara tratar-se de um relato tirado dos anais de povos que viveram nas Américas, antes e após a época de Cristo. Foi "escrito por mandamento, e também pelo espírito de profecia e de revelação... E também para convencer ao judeu e ao gentio de que Jesus é o Cristo, o Deus Eterno, manifestando-se a todas as nações."

George Q. Cannon declarou que "o Livro de Mórmon não é um manual de geografia. Não foi escrito para ensinar verdades geográficas. O que nos informa sobre a situação de vários países ou cidades... é usualmente um simples comentário incidental ligado às partes doutrinárias ou históricas da obra". (*Juvenile Instructor*, janeiro de 1890, p. 18.)

O que, então, é o Livro de Mórmon? É a prova confirmadora do nascimento, vida e crucificação de Jesus e de sua obra como

Élder Rex D. Pinegar, do Primeiro Quorum dos Setenta, conversa com visitantes da conferência fora do Tabernáculo, na Praça do Templo.

Messias e Redentor. Diz Néfi a respeito do Livro de Mórmon: "Todos os extremos da terra, ouvi estas palavras e acreditai em Cristo; e, se não acreditardes nestas palavras, acreditai em Cristo. Se acreditardes em Cristo, acreditareis nestas palavras, porque são as palavras de Cristo." (2 Néfi 33:10.)

Néfi e Jacó, seu irmão, constituem com Isaías três poderosas vozes pré-messiânicas proclamando a primeira vinda de Jesus. Isaías é citado intensivamente por Néfi, por ser o principal profeta do Velho Testamento que profetizou a vinda do Messias.

O Livro de Mórmon confirma a veracidade da Bíblia. (Vide 1 Néfi 13:40.) É uma prova "ao mundo (de) que as santas escrituras são verdadeiras". (D&C 20:11.) Ele prediz o estabelecimento da plenitude do evangelho da paz e salvação. Foi escrito a fim de nos dar princípios e diretrizes para nossa jornada eterna.

Uma das supremas mensagens do Livro de Mórmon e, de fato, do Velho Testamento e toda a história humana, é que a humanidade não consegue alcançar a perfeição sozinha. Outra mensagem ressoa alto e claramente de suas páginas, a freqüentemente impopular e aparentemente dura injunção — "arrependei-vos ou perecereis". Quando os povos do Livro de Mórmon acatavam essa mensagem profética, eles floresciam. Quando a esqueceram, pereceram.

Diz Paulo aos gálatas: "A lei nos serviu de aio, para nos conduzir a Cristo." (Gálatas 3:24.) Os registros mantidos pelos profetas do Livro de Mórmon — e partes do que agora é a Bíblia, trazidas do continente oriental — serviram, segundo Abinadi, para "neles conservar viva a lembrança de Deus e de seu dever para com ele". (Mosiah 13:30.) Assim, pois, o Livro de Mórmon é um mestre que nos conduz a Cristo. (Vide Mosiah 13:27-32.)

A prova para se entender esse livro sagrado é essencialmente espiritual. A obsessão pelo conhecimento secular ao invés do discernimento espiritual tornará difícil desvendar suas páginas.

Para mim, é inconcebível que Joseph Smith pudesse ter escrito, sem ajuda divina, essa obra complexa e profunda. É impossível que Joseph Smith, rapaz iletrado, pudesse inventar as grandes verdades que ele contém, produzir seu grande poder espiritual ou falsificar o testemunho de Cristo que nele existe. O próprio livro testifica ser ele a palavra sagrada de Deus.

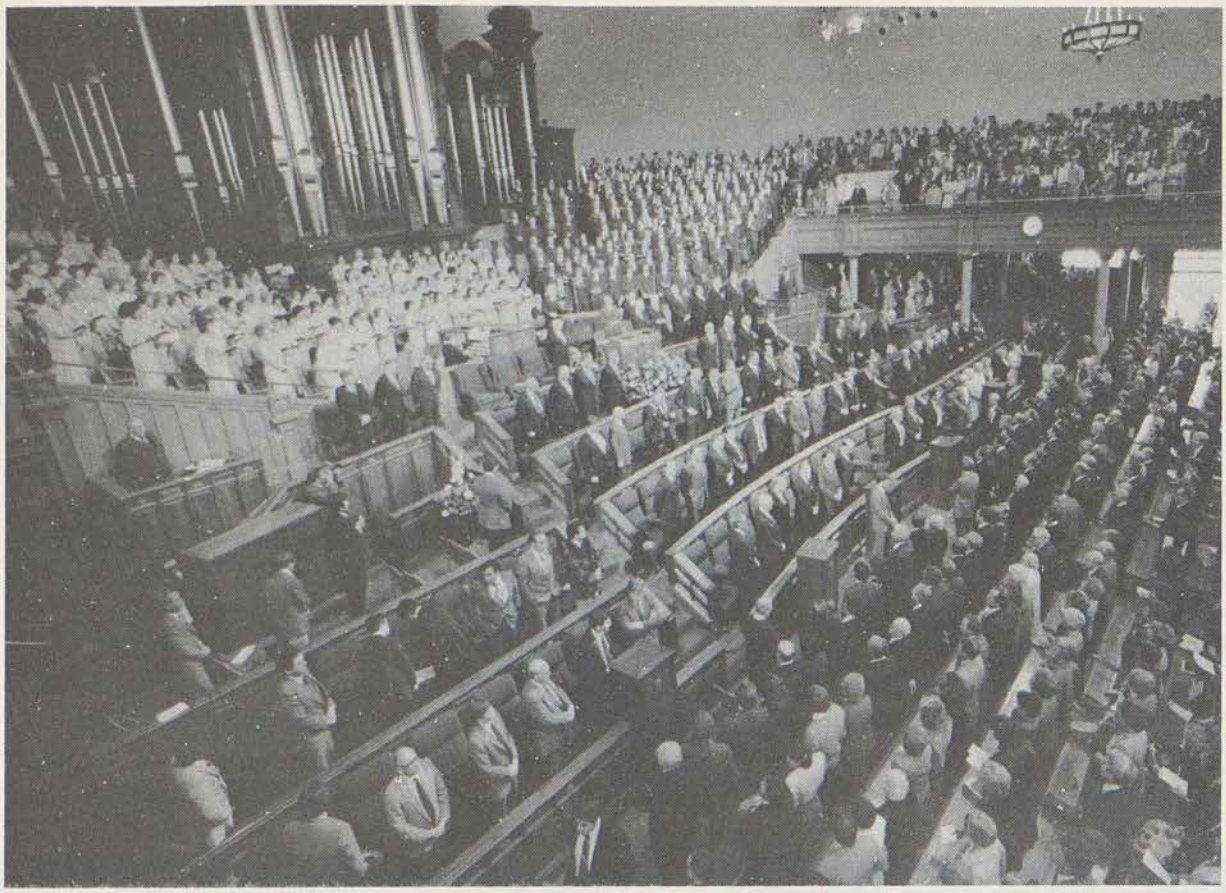
Acaba de vir à luz nova evidência da divindade do Livro de Mórmon. A recém-descoberta carta de Lucy Mack Smith, mãe de Joseph, datada de 23 de janeiro de 1829 e dirigida a Mary Pierce, sua cunhada, é uma confirmação adicional do Livro de Mórmon. A carta foi escrita um ano antes da publicação do Livro de Mórmon e relata alguns acontecimentos da época e conteúdo do livro, além de outros dados históricos.

Com auxílio da computação moderna, foi possível acrescentar à Versão do Rei Tiago da Bíblia um índice, com remissões recíprocas a outras escrituras. Por meio dessas referências, encontramos inúmeras evidências confirmadoras de que Joseph Smith traduziu o Livro de Mórmon com o auxílio e o poder de Deus. Em praticamente todas as páginas, encontramos numerosas referências que o ligam doutrinariamente à Versão do Rei Tiago da Bíblia. Por outro lado, muitas declarações que parecem fragmentárias na Bíblia, estão mais completas no Livro de Mórmon e Doutrina & Convênios.

Referências a ensinamentos constantes também no Velho Testamento e em o Novo são tão numerosas em todo o Livro de Mórmon, que logicamente se chega à conclusão definitiva através da lógica, de que o intelecto humano seria incapaz de haver inventado tudo. Mais importante que a lógica, porém, é a confirmação do Santo Espírito de que a história do Livro de Mórmon é verdadeira.

Todas as escrituras são unânimes ao testificarem de Jesus. Jacó, um profeta do Livro de Mórmon, lembra-nos de "não ter nenhum dos profetas escrito ou profetizado, sem que tenha falado sobre esse Cristo". (Jacó 7:11.) Falando das escrituras, diz o salmista: "Lâmpada para os meus pés é tua palavra, e luz para o meu caminho." (Salmo 119:105.)

O Livro de Mórmon incentiva somente a retidão. Por que, então, foi tão hostilizado?



Em parte, sem dúvida, por sua origem de placas de ouro entregues a Joseph Smith por um anjo. As placas foram vistas e manuseadas por testemunhas escolhidas, mas não expostas publicamente. E quem sabe, também por afirmar ser obra de antigos profetas aqui do continente americano.

O grande valor do Livro de Mórmon foi atestado pelo próprio Salvador, o qual afirma em 3 Néfi 11: "Esta é a minha doutrina, e é a doutrina que o Pai me deu." (Vers. 32.)

E declara mais o Redentor: "Eis que vos dei o meu evangelho." (3 Néfi 27:13.) Como testemunha especial, testifico-vos que Jesus é o Cristo e que as profecias de Néfi e Isaías sobre sua vinda realmente se cumpriram. Como Néfi, nós "falamos de Cristo, nos regozijamos em Cristo, pregamos a Cristo, profetizamos de Cristo". (2 Néfi 25:26.)

Testifico que o Salvador voltará e que em sua segunda vinda alguns dirão: "O que são essas feridas em tuas mãos e teus pés?" Então ele mostrará as feridas em suas mãos, pulsos e pés, e eles perguntarão quando e onde foi ferido. E ele responderá: "Eu sou Jesus que foi crucificado. Sou o Filho de Deus." (D&C 45:51-52.)

Testifico pela convicção segura, proveniente do testemunho do Espírito, que é possível conhecer as coisas que foram reveladas, com mais certeza que vendo-as. Podemos obter um conhecimento mais absoluto do que os olhos podem perceber ou os ouvidos podem ouvir. O próprio Deus aprovou o Livro de Mórmon, dizendo: "Assim como vive o vosso Senhor e vosso Deus, a tradução é verdadeira." (D&C 17:6.)

Agora enxergo mais claramente com os olhos de meu próprio entendimento o que minha mãe via em seu precioso, gasto exemplar do Livro de Mórmon. Oro que consigamos viver de maneira que possamos merecer e alcançar um testemunho do Livro de Mórmon e acatar suas grandes verdades. Testifico que a pedra angular de nossa religião continua firme em seu lugar, suportanto o peso da verdade movendo-se por toda a terra. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

"Pai Nosso, Que Estás nos Céus"

Élder L. Tom Perry
do Quorum dos Doze Apóstolos

"Como pais, é claramente nosso dever e privilégio ensinar nossos filhos a orarem. E a oração familiar habitual estabelece o padrão."

Um dos privilégios especiais que temos como Autoridades Gerais, é o de visitar as estacas de Sião. De trinta a quarenta vezes por ano, hospedamo-nos na casa de diferentes presidentes de estaca. Temos o privilégio de sermos hóspedes nos melhores lares deste mundo.

Gostaria de contar-vos uma de minhas recentes experiências, quando fui designado para uma conferência de estaca, a fim de desobrigar um presidente que vinha servindo há vários anos. Tratava-se de uma estaca muito difícil de administrar. Localizada perto de um de nossos grandes centros urbanos, ela vinha perdendo muitos membros. A indústria havia chegado ali e, com seu crescimento, muitos membros haviam-se mudado para os subúrbios. Por causa de sua designação, o presidente permanecera na área, para cuidar do rebanho e guiá-lo. Ele não considerava a situação irremediável. Através de sua energia, esforço e grande entusiasmo, a estaca começava a se recuperar.

Ao aproximar-se o fim-de-semana, os filhos regressavam ao lar, de carro ou avião, para prestar tributo ao pai pelos anos de serviço fervoroso. Deparei-me com um espírito muito especial nesse lar. A família era bastante unida. Eles gostavam de estar juntos!

Ao ficar de pé para falar na sessão final da conferência, sentada à minha esquerda, encontrava-se toda a família com lágrimas escorrendo-lhes pelas faces, prestando homenagem ao pai naquela grandiosa ocasião.

Após o término da conferência, fui convidado para jantar com a família antes de ir ao aeroporto e voltar para casa. Assim que a família se reuniu ao redor da mesa, o pai pediu que todos se ajoelhassem, para fazerem a oração familiar. Foi ajoelhado em oração familiar que percebi o poder daquela família. Eles compreendiam o relacionamento que tinham com Deus, o Pai Eterno. Compreendiam o relacionamento que tinham com seus pais terrenos, com os irmãos e irmãs. Devido à irmandade existente na família, era-lhes fácil estender a mão da amizade a amigos e vizinhos.

Ser hóspede em tantos lares nos últimos anos, convenceu-me de que existe um espírito especial, quando a família ora unida.

Nossos profetas têm-nos aconselhado, repetidamente, a fazermos da oração familiar uma parte regular da nossa adoração diária. O Presidente John Taylor perguntava aos santos: "Vocês oram com seus familiares? E, quando oram, o fazem mecanicamente, como se estivessem operando uma máquina, ou ajoelham-se com humildade e desejo sincero de receber as bênçãos de Deus? É assim que deveríamos agir, cultivar um espírito de devoção e confiança em Deus, dedicando-nos a ele e procurando obter suas bênçãos." (*Journal of Discourses*, 21:118.)

O Presidente Heber J. Grant, referindo-se ao assunto, disse: "Tenho pouco ou nenhum receio pelo menino ou menina, o rapaz ou a jovem que, honesta e conscientemente, ora a Deus duas vezes por dia e suplica a orientação do seu Espírito. Sei que, quando a tentação surgir, eles terão força para sobrepujá-la por meio da inspiração que lhes será concedida." (*Gospel Standards*, p. 26.)

Como pais, é claramente nosso dever e privilégio ensinar nossos filhos a orarem, e a oração familiar habitual estabelece o padrão.

Orar é uma confraternização com Deus. Uma associação espiritual como essa traz bênçãos infindáveis. Acredito que as famílias

Élder Jacob de Jager, centro, do Primeiro Quorum dos Setenta, conversa com o Élder G. Homer Durham, à esquerda, membro da Presidência do Quorum, e com o Élder Angel Abrea, à direita, membro do mesmo Quorum.

que oram juntas entendem o significado e o alento que o Salvador tentava proporcionar aos seus seguidores, oferecendo-lhes sua inspirada oração, quando sua missão terrena estava prestes a findar.

"Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal.

"Não são do mundo, como eu do mundo não sou.

"Santifica-os na verdade: a tua palavra é a verdade.

"Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo.

"Eu não rogo somente por estes, mas também por aqueles que pela sua palavra hão de crer em mim;

"Para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste." (João 17:15-18, 20-21.)

O Presidente Heber J. Grant certa vez nos aconselhou, dizendo:

"No momento em que o homem deixa de suplicar a Deus por seu espírito e orientação, torna-se logo um estranho para com ele e sua obra. Quando o homem deixa de orar pelo espírito de Deus, começa a confiar na sua própria razão e gradualmente se afasta do espírito de Deus, assim como um amigo querido se torna um estranho por falta de correspondência e contato." (*Improvement Era,* agosto de 1944, p. 481.)

A oração reveste-nos do poder de nos achegarmos ao nosso Pai Celestial. Isto é tão importante, que um dos princípios fundamentais que ensinamos aos nossos filhos é o de como orar.

Posso incentivar-vos a considerardes a oração como assunto de debate nas reuniões familiares? Poderia dirigir vosso ensino sobre a oração para pelo menos quatro áreas principais?

Primeira. O modo de orar ao Nosso Pai Celestial. Ouço tantas pessoas proferindo orações e fico perguntando-me a quem se estão dirigindo.

A saudação é tão complicada, que acho difícil entender o ser a quem dirigem a oração. Penso agora na ocasião do primeiro Congresso dos Estados Unidos, quando procuraram decidir como deveriam dirigir-se à pessoa do presidente do nosso país. Sugeriu-se chamá-lo de "Sua Alteza, o Presidente dos Estados Unidos da América e Protetor da Sua Liberdade."

O Presidente Washington solicitou: "Simplesmente me chamem de Sr. Presidente." (*The American People*, West and West, 1948, Allyn and Bacon.)

Quando o Senhor ensinou a seus discípulos a maneira correta de orar, ele disse:

"E, quando orares, não sejas como os hipócritas; pois se comprazem em orar em pé nas sinagogas, e às esquinas das ruas para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão...

"Portanto, vós orareis assim: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome." (Mateus 6:5, 9.)

Em outras orações proferidas pelo Salvador, o termo "Pai" também é usado. "Ó Deus, Pai Eterno" é como o Senhor nos instruiu a abençoar o sacramento. (Ver D&C 20:77) usando o termo "*Pai*", compreendemos o relacionamento que temos com ele. Ele é nosso Pai Eterno, e nós somos seus filhos. Ensinemos aos nossos filhos como se dirigirem ao Senhor em oração.

Segunda. Usemos a linguagem sagrada da oração. Devemos sempre nos dirigir à Deidade, fazendo uso dos pronomes "tu, ti, teu, tuas e teus". O Presidente Stephen L. Richards deu-nos este sábio conselho:

"Temos constatado certa negligência no ensino quanto à maneira apropriada de orar. Eu próprio tenho ficado abismado no campo missionário ao ouvir missionários chamados para proferir uma oração. Eles parecem não ter tido nenhuma experiência ou instrução quanto à linguagem que devem usar.

"... Acho, meus irmãos, que seria uma boa prática ensinarmos nos quoruns e nas aulas, assim como nos lares, a linguagem da oração — 'teu, tua, teus, tuas', em vez de "você". Sinto-me sempre constrangido ouvindo nosso Pai Celestial, nosso Senhor sendo chamado, de "você". É surpreendente o número de vezes que isto acontece... Penso que devemos

observar isso e aproveitar toda oportunidade possível para ensinarmos a sagrada e reverente linguagem da oração." (Conference Report, outubro de 1951, p. 175.)

Ensinemos nossos filhos a usarem a linguagem da oração.

Terceira. Façamos orações que expressem gratidão. Semanas atrás, pediram-me que abençoasse um garoto que estava tendo problemas. Depois da bênção, enquanto me preparava para sair, a mãe do jovem disse-lhe: "Filho, agradeça a bênção que recebeu antes que ele se vá." Em vez de se dirigir a mim, ele abaixou a cabeça, cruzou os braços e agradeceu ao Pai Celestial. Quão observadoras são as crianças!

Ao ter a oportunidade de me ajoelhar em oração, com minha esposa, todas as noites e manhãs, meu coração está sempre repleto de gratidão pelas bênçãos e privilégios de desfrutar de sua companhia. Também sou grato pelas bênçãos que recebo através dos meus filhos, convivendo com eles e observando o seu crescimento e progresso.

Quando estamos ajoelhados em oração, somos tocados por um sentimento de gratidão ao Senhor pelas muitas bênçãos que dele recebemos diariamente.

Quão abençoados somos, sabendo quem ele é. Quão abençoados somos como povo pelo dom do evangelho. Fico assombrado com tudo o que ele criou para nosso uso e benefício e com o privilégio de usufruir desta experiência terrena. Meu coração é grato, especialmente nesta época de colheita, quando, ao revolver a terra, dela extraio muito mais batatas naquele pequeno naco que plantei há poucos meses, ou quando colho uma espiga de milho e vejo como aquelas duas ou três sementes colocadas no solo, agora produzem cem vezes mais. Ao viajar e observar as belezas da criação, as montanhas, as planícies férteis, os riachos cintilantes ou os poderosos oceanos, quão grato me sinto pelas bênçãos recebidas. Quando nos ajoelharmos em oração familiar, ensinemos nossos filhos a expressarem gratidão ao Senhor pelas muitas bênçãos que nos concede.

Quarta. Nossas súplicas ao Senhor. Certa ocasião, o Profeta Joseph Smith declarou:

"Gostaríamos de dizer aos irmãos que procurem achegar-se ao Senhor secretamente em seus aposentos, que o invoquem em seus campos. Segui as instruções do Livro de Mórmon e orai por vossas famílias, por vosso gado, vossos rebanhos, vossas manadas, vosso milho e por tudo quanto possuís; pedi as bênçãos de Deus sobre todo o vosso trabalho e sobre tudo a que vos dediqueis." (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, p. 241.)

O Presidente Brigham Young também nos aconselhou:

"Novamente, suponhamos que uma família deseje reunir-se para orar: O que seria ordeiro e apropriado? Chame o cabeça da família sua esposa e filhos, e quando ele orar em voz alta, todos os presentes que tenham idade suficiente para compreender, devem repetir, mentalmente, as palavras, à medida que forem proferidas. E por que isso? Para que todos sejam um.

"Se pedirem com fé, as pessoas recebe-

Junto aos Irmãos na sessão da conferência, a partir da esquerda, as presidências gerais da Sociedade de Socorro, Moças e Primária.

rão; e que todos peçam precisamente, em pensamento, como aquele que faz a oração. Que todos se esqueçam dos cuidados do mundo; que a cozinha cuide de si mesma, assim o celeiro, os rebanhos e manadas; e, se forem destruídos enquanto orais, sede capazes de dizer sinceramente: 'Eles são do Senhor; ele mos deu e eu o adorarei; reunirei minha família e invocarei o nome do meu Deus.'

"Deixando os negócios e seus cuidados de lado e atendendo estritamente à adoração na sua época, senão primeiro, logo estareis unidos e capazes de sujeitar qualquer princípio maligno. Se todos estiverem ligados desta maneira, não vedes que forma uma forte corrente de fé?" (*Journal of Discourses,* 3:53.)

Ensinemos nossos filhos a orarem em busca de coragem, oportunidades, consolo, paz, compreensão e não por coisas materiais. Ensinemo-los a orar: "Seja feita a tua vontade, assim na terra como nos céus." (Mateus 6:10.)

O Presidente Kimball nos aconselha: "*Sempre* haverá tempo para orar. *Sempre* haverá os momentos de abençoada solidão, de proximidade com nosso Pai Celestial, de liberdade das coisas e problemas do mundo.

"Quando nos ajoelhamos em oração familiar, os filhos ao nosso lado, também ajoelhados, estão adquirindo hábitos que permanecerão com eles por toda a vida. Se não reservamos tempo para nossas orações, o que estamos realmente dizendo a nossos filhos é: 'Bem, afinal de contas, isso não é tão importante assim. Se vocês já estão atrasados para a escola ou para o serviço, não há problema, oraremos quando for conveniente.' A menos que se faça um planejamento, nunca parecerá ser oportuno.

"Por outro lado, como é maravilhoso estabelecer esses costumes e hábitos no lar, de modo que, mais tarde, quando os pais visitarem os lares de seus filhos já casados, todos juntos se ajoelharão com naturalidade, para orar do mesmo modo que sempre fizeram." (*O Milagre do Perdão*, pp. 243-44.)

Sou grato pelos meus filhos que ensinam a meus netos as bênçãos que advêm da oração. Acho que a primeira palavra que ouvi dos lábios de Terry, Ester, Audrey e Tomas foi "Amém", repetidas com grande prazer e entusiasmo. Depois, foi "Pai Celestial". O início da instrução terrena deles tem sido ensinar-lhes quem são e como podem comunicar-se com seu Pai Celestial. Tenho certeza de que se dará o mesmo com Benjamim, Michael e Justin, assim que tiverem idade suficiente para aprenderem a se dirigir ao seu Pai Celestial em oração.

Não creio que haja maior ensinamento que possamos dar aos nossos filhos do que o do poder da oração. Devemos estabelecer o exemplo, e nos ajoelhar em companhia de nossos filhos perante o Senhor e proporcionar-lhes a paz e a certeza de saberem que são filhos de nosso Pai Celestial.

Comprometamo-nos, hoje, a viver de modo tal, que possamos dirigir-nos ao Senhor, de consciência tranqüila para suplicar-lhe que nos guie e oriente, e expressar-lhe gratidão pelas bênçãos que nos tem concedido.

Que o poder da oração abençoe os nossos lares, eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.

Entrevistas de Pais e Filhos

Élder Carlos E. Asay
da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta

Orientação para aprimoramento das entrevistas de pais e filhos, como meio de envolver, ensinar e abençoar nossos filhos.

Alguns anos atrás, falando com uma de minhas filhas, eu disse:

"Querida, está na hora de uma entrevista." Sua reação não demonstrou nenhum estusiasmo, e concluí que me tornara maçante. Então, em vez de submetê-la a uma conversa formal, convidei-a para sair de carro comigo e, parando num certo local, ambos nos deliciamos tomando um refresco com sorvete. Durante todo esse tempo, eu lhe fazia perguntas e ela respondia livremente. Ela nem percebeu que estava sendo entrevistada — pelo menos foi isto que pensei. Semanas mais tarde, falando com ela novamente, disse-lhe que precisava entrevistá-la. Dessa vez, ela prontamente perguntou: "Com refresco e sorvete ou a seco?"

Fico a pensar se nossa conduta ao aplicar princípios sãos — até mesmo entrevistando nossos filhos — não é, às vezes, um tanto seca e insensível. É possível que, na ânsia de fazermos ou cumprirmos o que espera a Igreja, entremos em conflito com o propósito? Não é possível que, obcecados pela forma, esqueçamos a família? Se este for o caso, talvez devamos perguntar a nós próprios se, dentro de nós, estamos "cheios de ossos de mortos". (Mateus 23:27.)

Quando penso em desempenho maçante, lembro-me dos antigos que modificaram a lei menor. Multiplicaram os rituais, as cerimônias e os símbolos, a ponto de adorar-se mais a lei em si do que ao Senhor. Na realidade, abusaram tanto da lei, que esta acabou

desviando o povo do Messias, em vez de encaminhá-lo a ele.

O desempenho aceitável, acho eu, é "refrescado" e "adoçado" pela água viva que flui de Jesus Cristo. É uma atuação que se baseia em ensinamentos inspirados, tais como:

"Nosso objetivo deve ser o de glorificar a Deus, e não ser influenciado por qualquer outro motivo senão o de construir seu reino." (Joseph Smith 2:46.)

"O maior dentre vós será vosso servo." (Mateus 23:11.)

"... Porque a letra mata e o espírito vivifica." (II Coríntios 3:6.)

"Mas, quando tu deres esmola, não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita." (Mateus 6:3.)

Todo desempenho vivificante é isento de formalismo, insensibilidade e tendências egoístas, sendo realizado por santos que falam e agem de acordo com os sentimentos de seu coração e do espírito do Senhor que neles há. (Ver 2 Néfi 4:12.)

A entrevista de Alma com Helamã é um exemplo clássico de desempenho estimulante e agradável. É um breve diálogo com três perguntas, entre pai e filho, que leva quarenta e cinco segundos. De acordo com o registro, Alma estava prestes a encerrar seu ministério. Ele sabia que precisava escolher alguém para assumir a responsabilidade de profeta e guardião dos registros.

Helamã foi o escolhido. Portanto, Alma dirigiu-se ao filho e perguntou-lhe: "Crês nas palavras que te falei a respeito daqueles registros que foram conservados?"

Sem hesitar, Helamã respondeu: "Sim, eu creio." Ele poderia muito bem ter dito: "Sim, acredito nas escrituras e sim, acredito em tudo o que me ensinaste."

A segunda pergunta de Alma foi simples: "Crês em Jesus Cristo, aquele que há de vir?" Outra vez, sem demora, Helamã responde: "Sim, creio em todas as coisas que falaste."

Que grande tributo ao pai! Ele falara de Cristo, regozijara-se em Cristo, pregara a Cristo, e ensinara o filho a conhecer em que fonte deveria procurar o perdão de seus pecados.

Até esse ponto da entrevista, as perguntas do pai verificavam a crença básica do filho. Agora, tornava-se essencial que fosse posta à prova e se revelasse mais que mera devoção da boca para fora.

A indagação decisiva de Alma foi: "Guardarás meus mandamentos?"

Desconheço o que passou pela mente de Helamã ao preparar-se para dar a resposta final. Ele tinha conhecimento da necessidade de honrar seus pais e respeitar a autoridade do sacerdócio. Suas ações anteriores comprovavam este fato. Quero crer que a resposta de Helamã partiu mais do desejo sincero de ser obediente, do que por temor à autoridade. Amor profundo a Deus e ao pai transparecem em suas palavras: "Sim, guardarei teus mandamentos de todo o meu coração." (Alma 45:2-7.)

É maravilhoso quando um pai é capaz de fazer com que seus preceitos concordem perfeitamente com a expectativa de Deus. Aparentemente, Alma havia alcançado essa condição, pois Helamã estava pronto e disposto a obedecer-lhe de todo o coração.

Essa entrevista breve, informativa e inspiradora deve ter agradado muitíssimo a Alma. Conseguira não apenas comunicar-se de coração para coração e de alma para alma com seu filho, como este lhe declarara abertamente sua fé e penhorara sua devoção.

Para culminar o diálogo, Alma, sob a inspiração do espírito, profetizou e concedeu esta bênção: "Bendito sejas; o Senhor far-te-á prosperar nesta terra." (Alma 45:8.)

Fico a pensar se as entrevistas que temos com nossos filhos são inspiradoras e edificantes como a de Alma e Helamã. Achei significativo como o pai se dirigiu ao filho; o filho não foi chamado para ser inspecionado ou fazer um relatório. Acho estimulante que a conversa tenha sido direta e sem nenhuma argumentação; não se tratava de algo forçado e ensaiado. Acho admirável que o comprometimento tenha sido obtido sem sondagem, artifício ou pressão. E acho belíssimo concluir o pai a entrevista dando uma bênção.

Não é este o desempenho ou padrão de comunicação que deveríamos seguir? Refiro-me aos princípios expostos, e não necessariamente à forma.

Uma ocasião, chegando tarde em casa após um compromisso, minha mulher externou certo receio com um de nossos filhos. Ela preocupava-se que na mente dele não se fixara a idéia de cumprir missão, e me falou a respeito. Seu cuidado certamente chamou minha atenção e perguntei-lhe onde ele estava. Disse-me que estava em seu quarto, pronto para se deitar. Dirigi-me imediatamente ao quarto dele e sentei à borda da cama. Quando lhe perguntei se poderíamos conversar por alguns momentos, ele respondeu: "Claro!"

Já era tarde. Ele estava cansado e eu também. Por isso, percebi que não conseguiríamos nada com uma conversa prolongada. Então, seguindo a técnica direta de Alma e Helamã, a conversa foi mais ou menos assim:

"— Filho, você ainda planeja cumprir missão?"

"— Sim," — respondeu ele. "— sempre planejei cumprir missão e não mudei de idéia."

"— Filho, você está a par do que qualifica um jovem para a missão? Você sabe o significado da palavra "dignidade"?"

"— Sim, papai, eu sei. Compreendo o que é requerido e os padrões de dignidade que precisam ser satisfeitos."

Então eu disse: "— Obrigado, filho. Tenho uma pergunta final: Você é puro e digno de servir? Se recebesse um chamado hoje, estaria em condições de aceitá-lo?"

Houve um silêncio profundo, e então ele respondeu: "— Não é fácil. A tentação é real e encontra-se em toda a parte. Mas, desde que o senhor me perguntou, eu sou puro e digno de servir."

Foi uma experiência maravilhosa, bela, espontânea e santificante. Agradeci a meu filho, dei-lhe um beijo, afirmei-lhe que o amava e dei-lhe boa-noite. Voltei ao meu quarto e disse à minha mulher que tudo estava em ordem e que ela agora poderia dormir.

Percebo a grande sabedoria que existe no conselho da Igreja de incentivar os pais no desempenho e prática de certas coisas. Há virtude em promover a noite familiar, em orar como família, conforme o Élder Perry mencionou, em dar uma bênção paterna e em entrevistar os filhos. Todas estas coisas são importantes e têm o seu lugar. No entanto, fazê-las e comunicá-las não deve tornar-se um fim em si. São meios de cativar, meios de ensinar e meios de abençoar. Todos devemos empenhar-nos em fazê-lo com o propósito de salvar e exaltar almas.

Élder Teddy E. Brewerton, do Primeiro Quorum dos Setenta.

Agradeço a Deus por minha mulher e filhos; eles fazem da minha vida algo muito significativo. Agradeço a Deus pela Igreja restaurada, pelos profetas vivos que me proporcionam programas inspirados para o benefício daqueles que me cercam. Sou grato pelo evangelho que provém da fonte de águas vivas — do próprio Jesus Cristo. Mas, oro humildemente para que seja abençoado, a fim de não confundir meios e fins ou me tornar obcecado pela atuação, à custa do espírito fundamental a todos os mandamentos. Que nossas entrevistas, nossas orações e toda nossa comunicação com os filhos sejam santificantes e livres de aridez e de "ossos de mortos", eu oro em nome Jesus Cristo. Amém.

O Mistério da Vida

Élder Boyd K. Packer
do Quorum dos Doze Apóstolos

"A vida não começa com o nascimento mortal. Antes de vir para a mortalidade, vivíamos numa forma espiritual. Somos espiritualmente filhos de Deus."

Gostaria de relatar-lhes um incidente ocorrido há muitos anos. Dois de nossos filhos, ainda pequenos, estavam brincando de lutar no tapete. Haviam chegado àquele ponto entre o riso e o choro, quando, cuidadoso, coloquei o pé entre eles e fiz o mais velho ficar sentado no tapete. enquanto o erguia, falei: "Ei, seus macaquinhos, acho bom vocês pararem."

Para minha surpresa, ele cruzou os bracinhos e, magoado, com olhos cheios de lágrimas, protestou: "Eu não sou macaco, papai. Eu sou *gente*!"

Os anos não apagaram o extraordinário sentimento de amor que tive por meus garotos. Meu filho ensinou-me uma profunda lição, e várias vezes, no decorrer dos anos, suas palavras voltaram-me à mente: "eu não sou macaco, papai. Eu sou *gente*!"

O tempo passou rapidamente e, hoje, ambos têm seus próprios filhos que lhes dão lições da vida. Hoje são eles que observam seus garotos crescerem, assim como nós os observávamos. Como pais, estão aprendendo algo que não lhes podia ser ensinado como filhos. Quem sabe agora compreendam o quanto seu pai os amava. Quem sabe agora também compreendam por que iniciamos as preces com: "Pai nosso, que estás no céus."

Muito em breve, seus filhos terão crescido e, por sua vez, terão seus próprios filhos, repetindo-se assim o infindável ciclo da vida.

Existe, na costa oeste do país, uma enorme estátua esculpida por Ernesto Gazzeri, que ilustra em mármore o ciclo da vida a que me refiro. Representados em mármore, estão crianças, adolescentes, namoradinhos, pessoas maduras e idosas, olhando um recém-

-nascido. Mais atrás, no entanto, estão duas figuras, dando as costas ao grupo. Um casal idoso, apoiado um no outro, abandona trôpego o círculo familiar.

Entramos nesta vida por meio do nascimento e, no devido tempo, desaparecemos atrás do véu da morte. A maioria jamais percebe a razão de estar aqui.

O que representa a estátua é perfeitamente óbvio; o escultor, porém, denominou-a "O Mistério da Vida".

Há épocas em que, como na ocasião de um nascimento, fazemos uma pausa contemplando com assombro o que a natureza nos tem a dizer. Vemos padrões de criação tão bem organizados, tão belos, que nos inspiram sentimentos profundos de reverência e humildade. Então, quando prestes a descobrir o significado da vida, somos interrompidos pelas coisas loucas, incontroláveis que a humanidade está fazendo a si mesma.

São tantas as perguntas sem respostas. Por que as injustiças da vida?

Alguns são tão ricos!

Outros tão miseráveis!

Alguns tão bonitos e outros com defeitos deploráveis.

Alguns são talentosos e outros retardados.

Por que a injustiça, a morte prematura? Por que a negligência, o pesar, a dor?

Por que o divórcio, o incesto, a perversão, o abuso e a crueldade?

Se existe ordem e sentido na vida, isto é raramente visível naquilo que os mortais fazem uns aos outros e a si mesmos.

Por outro lado, vemos devoção, sacrifício, fé, humildade; vemos humanidade na mais sublime expressão de coragem e heroísmo.

Quando finalmente o mistério da vida se desvendar, o que veremos?

Conheço um homem que estudou para o ministério. Então, pouco antes de sua ordenação, acabou desistindo, porque ainda havia tantas perguntas sem resposta. Ele ainda se considerava um cristão devoto, embora um tanto desiludido. Achou uma outra profissão, casou-se e estava criando sua família,

quando nossos missionários o conheceram.

Fez um estudo superficial das doutrinas da Igreja, achando-as toleráveis. Os fundamentos da cristandade eram evidentes. Estava mais interessado, porém, nos programas e atividades que trariam benefícios a sua família.

Foi só depois de batizado que fez a descoberta de sua vida. Para sua surpresa, constatou que os programas da Igreja se fundamentavam num alicerce sólido de doutrina. Ele não fazia idéia da profundidade, extensão e estatura de nossa teologia. Quando transferiu seu interesse dos programas para o estudo do Evangelho de Jesus Cristo, encontrou respostas que satisfizeram plenamente às perguntas que o haviam impedido de aceitar a ordenação como clérigo.

Uma doutrina lhe era completamente nova. Apesar de ser um estudioso da Bíblia, não a descobrira ali até haver lido as outras revelações. A Bíblia, então, tornou-se clara, e ele pôde entendê-la.

A doutrina é tão lógica, tão razoável, e explica tantas outras coisas, que sua rejeição por parte do mundo cristão nos espanta. É uma parte tão essencial da equação da existência, que, quando deixada de fora, o mistério da vida simplesmente não pode ser desvendado.

A doutrina é simplesmente esta: A vida não começa com o nascimento mortal. Antes de vir para a mortalidade, vivíamos numa forma espiritual. Somos espiritualmente filhos de Deus.

Os cristãos antigos tinham conhecimento dessa doutrina da vida pré-mortal. Durante quase 500 anos, assim foi ensinada. Mais tarde, porém, foi rejeitada como heresia por um clero que caíra em completa apostasia.

Uma vez rejeitadas, a doutrina da vida pré-mortal e a da redenção dos mortos, o mistério da vida jamais poderia ser desvendado. Tornaram-se como um homem tentando enfiar um punhado de pérolas num cordão curto demais. Não há meio de juntá-las todas.

Por que a idéia de tempos vividos como espíritos, antes da mortalidade, parece tão estranha? As doutrinas cristãs proclamam a ressurreição, no sentido de que voltaremos a viver após a morte. Se voltaremos a viver após a morte, por que é tão estranho que tenhamos vivido antes do nascimento?

O mundo cristão, em geral, aceita a idéia de que nossa condição na ressurreição será determinada por nossos atos nesta vida. Por que, então, não conseguem aceitar que certas condições nesta vida sejam determinadas por nossas ações anteriores à vida mortal?

As escrituras ensinam a doutrina da vida pré-mortal. Mas, por suas próprias razões, o Senhor nos responde a certas perguntas com fragmentos espalhados pelas escrituras. Cabe a nós encontrá-los e *merecê-los*. Deste modo, coisas sagradas ficam ocultas ao insincero.

Dentre os muitos versículos que revelam a referida doutrina, citarei duas frases curtas do testemunho de João, na Seção 93 de Doutrina & Convênios. A primeira, falando de Cristo, diz claramente:

"Ele era no princípio, antes de o mundo ser." (D&C 93:7.)

A outra, referindo-se a nós, fala com igual clareza:

"Vós também no princípio estáveis com o Pai." (D&C 93:23.)

Fatos essenciais sobre nossa vida pré-mortal foram revelados. Apesar de incompletos, desvendam o mistério da vida.

Quando compreendemos a doutrina da vida pré-mortal, sabemos que somos filhos de Deus.

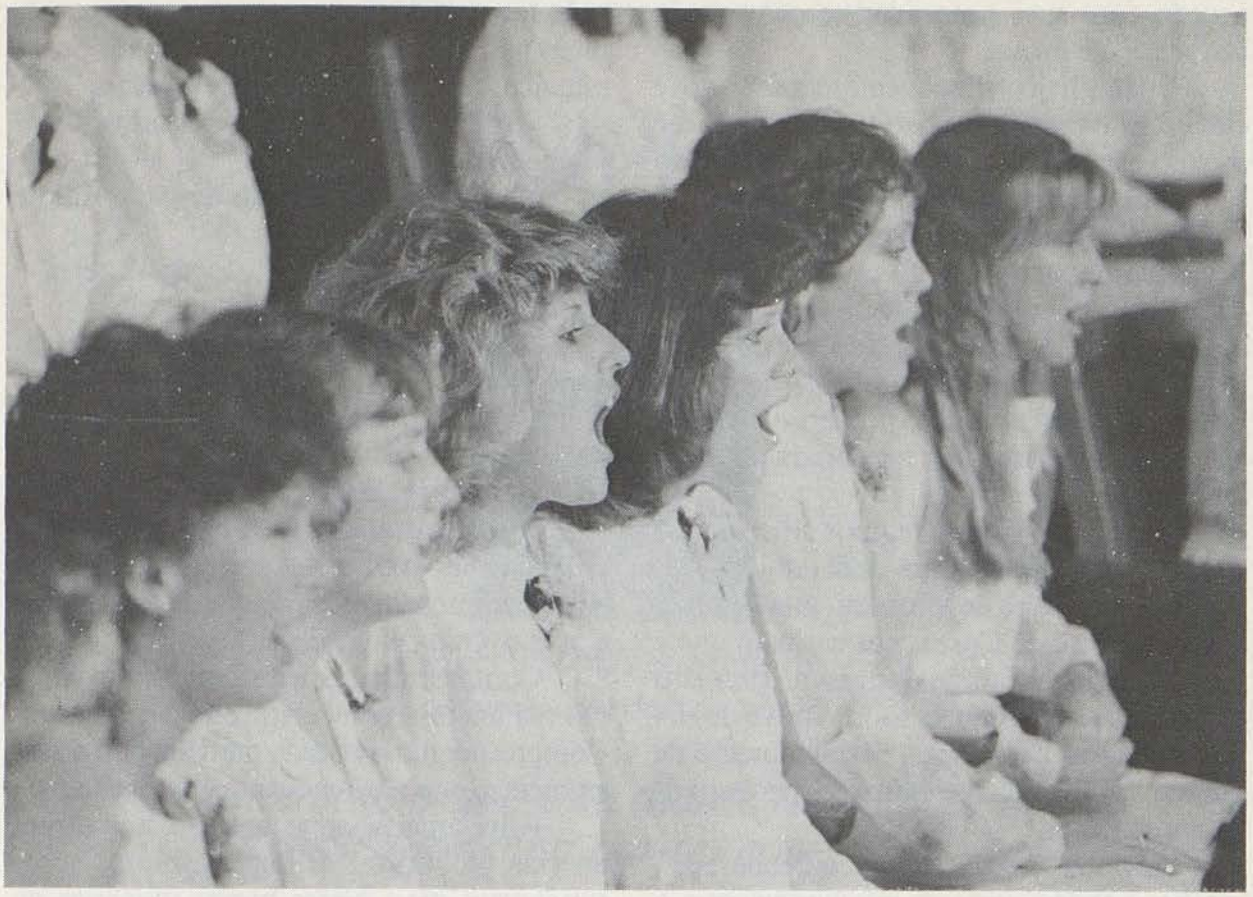
Que vivemos com ele em forma espiritual antes da mortalidade.

Sabemos que esta vida é uma prova, que a vida não começou com o nascimento e nem vai terminar com a morte.

Então, a vida começa a fazer sentido; a ter significado e propósito, mesmo em meio a toda confusão e caos que os homens criam para si próprios.

Imaginai-vos assistindo a um jogo de futebol de equipes do mesmo nível. Uma das equipes foi treinada a obedecer a todas as regras. A outra, a fazer exatamente o contrário. Estão decididas a roubar e desobedecer a qualquer regra de conduta desportiva no jogo.

O jogo termina empatado, mas tem de continuar, até que um dos lados ganhe definitivamente. Dentro de pouco tempo, o campo vira um lamaçal.



Jogadores de ambos os lados são lançados na lama. As trapaças da equipe adversária transformam-se em brutalidade.

Jogadores são carregados para fora do campo. Alguns estão seriamente machucados; outros, comenta-se em voz baixa, foram feridos mortalmente. Não é mais um jogo, e sim uma batalha.

A ira e a frustração chegam ao extremo. "Por que permitir isso? Nenhuma equipe pode vencer. Isso precisa parar."

Suponhamos que, num confronto com o patrocinador do jogo, vós exigis que essa batalha sem sentido e fútil termine, afirmando que é um despropósito. E perguntais se ele não tem um pouco de consideração pelos jogadores?

Ele responde calmamente que não vai interromper o jogo. Que vós estais enganados. Que existe um grande propósito nisso, que simplesmente não entendestes.

Ele vos explica que esse esporte não é para espectadores, mas para os participantes. É para o bem deles que permite que o jogo continue. Grandes benefícios poderão resultar dos desafios que enfrentam.

Ele aponta os jogadores sentados no banco, vestidos, ansiosos por entrar no jogo. "Quando cada um deles tiver entrado, quando tiver enfrentado o dia para o qual se preparou e treinou tão arduamente, então, e só então, darei fim ao jogo."

Até lá, pode não importar qual equipe pareça estar ganhando. A contagem do momento não é vital. Como sabeis, existe jogo dentro de jogo. Não importa o que está acontecendo à equipe, cada jogador terá sua vez.

Os jogadores da equipe que seguem as regras não ficarão eternamente em desvantagem, apesar de sua equipe parecer estar perdendo.

No campo do destino, nenhuma equipe estará em eterna desvantagem por obedecer às regras. Poderá ser encurralada, explorada e, temporariamente, até derrotada. Mas os jogadores individuais dessa equipe, independente da contagem, talvez já sejam vitoriosos.

Cada jogador será posto à prova de

acordo com suas necessidades; como cada um reage é a prova.

Quando o jogo finalmente terminar, vós e eles vereis o propósito disso tudo; e talvez até mesmo expressareis gratidão por estardes no campo durante a parte mais feia da disputa.

Não creio que o Senhor esteja tão desesperançado com a situação atual do mundo. Ele poderia pôr um fim a tudo isso, a qualquer momento. Mas não o fará! Não, até que todo jogador tenha uma oportunidade de passar pela prova para a qual se preparou antes de existir esse mundo, antes de vir para a mortalidade.

A mesma prova em tempos difíceis pode surtir efeitos opostos nos indivíduos. Três versículos do Livro de Mórmon, que é um outro testamento de Cristo, nos ensinam que:

"E assim terminou o trigésimo primeiro ano do reinado dos juízes sobre o povo de Néfi; e tinha havido guerras, derramamento de sangue, fome e aflições entre eles pelo espaço de muitos anos.

"E tinha havido crimes, contendas, dissensões e toda a sorte de iniqüidade entre o povo de Néfi; no entanto, por amor aos justos, sim, em virtude das orações dos justos, eles foram poupados.

"Mas eis que, por causa da longa duração da guerra entre os nefitas e lamanitas, muitos *endureceram* seus corações; e muitos se enterneceram, em virtude de suas aflições, de modo que se humilharam perante Deus com a mais profunda humildade." (Alma 62:39-41.)

Certamente conheceis pessoas cuja vida, repleta de adversidade, foi amadurecida, fortalecida e refinada por causa dela, enquanto outras, que passaram pela mesma provação, tornaram-se amargas calejadas e infelizes.

A vida não faz sentido sem o conhecimento da doutrina da vida pré-mortal.

A idéia de que a vida começa com o nascimento mortal é absurda. Se acreditamos nisso, a vida não tem explicação.

A noção de que a vida termina com a morte é ridícula. Não podemos enfrentar a vida, se pensamos assim.

Quando compreendemos a doutrina da vida pré-mortal, então as peças se encaixam e tudo faz sentido. Sabemos que garotas e meninas não são macacos, nem seus pais, e nem ninguém desde o princípio da geração.

Somos filhos de Deus, criados à sua imagem.

Nosso relacionamento de pai e filho é claro para Deus.

O propósito da criação desta terra é claro.

A prova por que passamos na mortalidade é clara.

A necessidade de um Redentor torna-se evidente.

Quando realmente compreendemos esse princípio do evangelho, vemos um Pai Celestial e um Filho, vemos a expiação e a redenção.

Compreendemos por que as ordenanças e os convênios são necessários.

Compreendemos a necessidade do batismo por imersão para a remissão dos pecados. Compreendemos por que, participando do sacramento, estamos renovando os convênios.

Falei superficialmente sobre a doutrina da vida pré-mortal. É impossível nos aprofundarmos mais nestes breves discursos de conferência. Oxalá tivéssemos um dia ou mesmo uma hora para falarmos sobre isso.

Asseguro-vos que os programas e atividades desta Igreja, estão alicerçados sobre doutrinas profundas e extensas que respondem às perguntas da vida.

O conhecimento do Evangelho de Jesus Cristo é motivo de regozijo.

As palavras *alegria* e *regozijo* aparecem nas escrituras repetidamente. Os santos dos últimos dias são um povo feliz. Quando conhecemos a doutrina, a paternidade e maternidade tornam-se uma obrigação sagrada, e a procriação da vida um sagrado privilégio. O aborto seria inconcebível. Ninguém pensaria em suicídio, e as fraquezas e problemas dos homens desapareceriam. Nós temos motivo para regozijar-nos e realmente o fazemos, até mesmo devemos celebrar.

"A glória de Deus é inteligência, ou em outras palavras, luz e verdade." (D&C 93:36.)

Que Deus nos abençoe e a todos os que ouvirem sua mensagem. Que possamos regozijar-nos em sua luz! Dele eu presto testemunho, em nome de Jesus Cristo, Amém.

SESSÃO VESPERTINA DE SÁBADO,
1º de outubro de 1983

Rótulos

Élder Thomas S. Monson
do Quorum dos Doze Apóstolos

"O homem vê o que está diante dos olhos, porém o Senhor olha para o coração."

A Galeria Nacional, na Praça Trafalgar em Londres, Inglaterra, é um dos maiores museus de arte do mundo inteiro. A galeria orgulhosamente anuncia sua Sala Rembrandt e Recanto Constable, e incentiva todos a admirarem as obras-primas de Turner. Os visitantes vêm de todas as partes do mundo, e saem de lá elevados e inspirados.

Durante uma recente visita à Galeria Nacional, surpreendeu-me encontrar expostos em local de destaque excelentes retratos pintados e paisagens sem indicação do autor. Depois, notei um placa que dizia:

"Esta mostra foi tirada do grande número de obras expostas numa área pública mas um pouco negligenciada da Galeria — o piso inferior. Destina-se a incentivar os visitantes a admirar as pinturas, sem muita preocupação com quem as pintou. Em alguns casos nem mesmo o sabemos com certeza.

"Os dados nas plaquetas muitas vezes influenciam, quase que inconscientemente, nosso julgamento; por isso, as informações foram deliberadamente deixadas de lado, na esperança de que os visitantes as leiam somente após haverem admirado as obras e feito sua própria avaliação."

As plaquetas informativas em quadros assemelham-se à aparência de certos homens — freqüentemente enganosa. Declarou o Mestre a certo grupo: "Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! pois que sois semelhantes aos sepulcros caiados que por fora realmente parecem formosos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda a imundícia.

"... exteriormente pareceis justos aos homens, mas interiormente estais cheios de hipocrisia e de iniqüidade." (Mateus 23:27-28.)

Existem igualmente aqueles que aparentam ser pobres, sem talentos e destinados à mediocridade. Uma clássica plaqueta aparecia abaixo de um quadro do garoto Abraão Lincoln, postado diante da humilde cabana em que nascera, uma simples cabana de troncos. As palavras eram: "Mal abrigado, mal vestido, mal alimentado." Por trás dela, escondia-se, sem ser expresso, o verdadeiro rótulo do rapaz: "Destinado à glória imortal."

Diz o poeta:
Ninguém conhece o valor de um rapaz,
É preciso esperar e ver.
Mas todo homem de alto renome,
Rapaz costumava ser.

Noutra época e lugar distante, Samuel deve ter-se parecido com outro garoto qualquer de sua idade, quando ministrava ao Senhor perante Eli. Ouvindo a voz do Senhor, chamando-o quando dormia, Samuel pensou que fosse o idoso Eli e respondeu: "Eis-me aqui." (I Samuel 3:4.) Todavia, depois de contar o fato a Eli e este informá-lo de que fora o Senhor quem chamara, Samuel seguiu o conselho de Eli e, na vez seguinte, respondeu com as memoráveis palavras: "Fala, porque o teu servo ouve." (I Samuel 3:10.) Em seguida, o registro informa que "crescia Samuel e o Senhor era com ele...

"E todo o Israel, desde Dã até Berseba, conheceu que Samuel estava confirmado por profeta do Senhor." (I Samuel 3:19-20.)

E os anos foram passando, inexoravelmente, e cumpriu-se a profecia com o recém-nascido deitado numa humilde manjedoura. Nada pôde descrever esse evento. Com o nascimento do infante em Belém, emergiu uma grande dádiva, um poder mais forte do que armas, um tesouro mais duradouro que as moedas de César. Aquela criança, nascida em condições tão precárias, seria o "Rei dos reis e Senhor dos senhores" (I Tim. 6:15), o prometido Messias — mesmo Jesus Cristo, o Filho de Deus.

Como menino, Jesus foi encontrado no templo "assentado no meio dos doutores, ouvindo-os e interrogando-os.

"E todos os que o ouviam admiravam a sua inteligência e respostas." E quando (José e sua mãe) o viram, "maravilharam-se". (Ver Lucas 2:46-48.) Aos doutores do templo, o rapaz deve ter parecido um menino intelectualmente brilhante, mas não o "Filho de Deus e futuro Redentor de toda a humanidade".

As palavras messiânicas do Profeta Isaías têm um sentido todo especial: "Não tinha parecer nem formosura; e, olhando nós para ele, nenhuma beleza víamos, para que o desejássemos." (Isaías 53:2.) Assim era a descrição profética do Senhor.

Mateus registra a aparente necessidade daquele punhado de pecadores iníquos que buscavam destruir o Senhor, de conspirar com o traidor Judas, para que lhes apontasse Jesus no meio dos discípulos. Esses versículos deprimentes dos escritos sagrados atormentam o leitor: "E o que o traía tinha-lhes dado um sinal, dizendo: O que eu beijar é esse, prendei-o.

"E logo, aproximando-se de Jesus: Eu te saúdo. Rabi. E Beijou-o.

"Jesus, porém, lhe disse: Amigo, a que vieste? Então, aproximando-se eles, lançaram mão de Jesus, e o prenderam." (Mateus 26:48-50.)

O beijo de um traidor identificara o Mestre. Agora Judas usava seu próprio rótulo de inevitável vergonha e opróbrio.

Às vezes, cidades e povos são identificados por rótulos especiais, tal como uma fria e velha cidade no oeste do Canadá que os missionários apelidaram de "Kingston de Pedra". Mesmo com missionários trabalhando o tempo todo, em seis anos haviam logra-

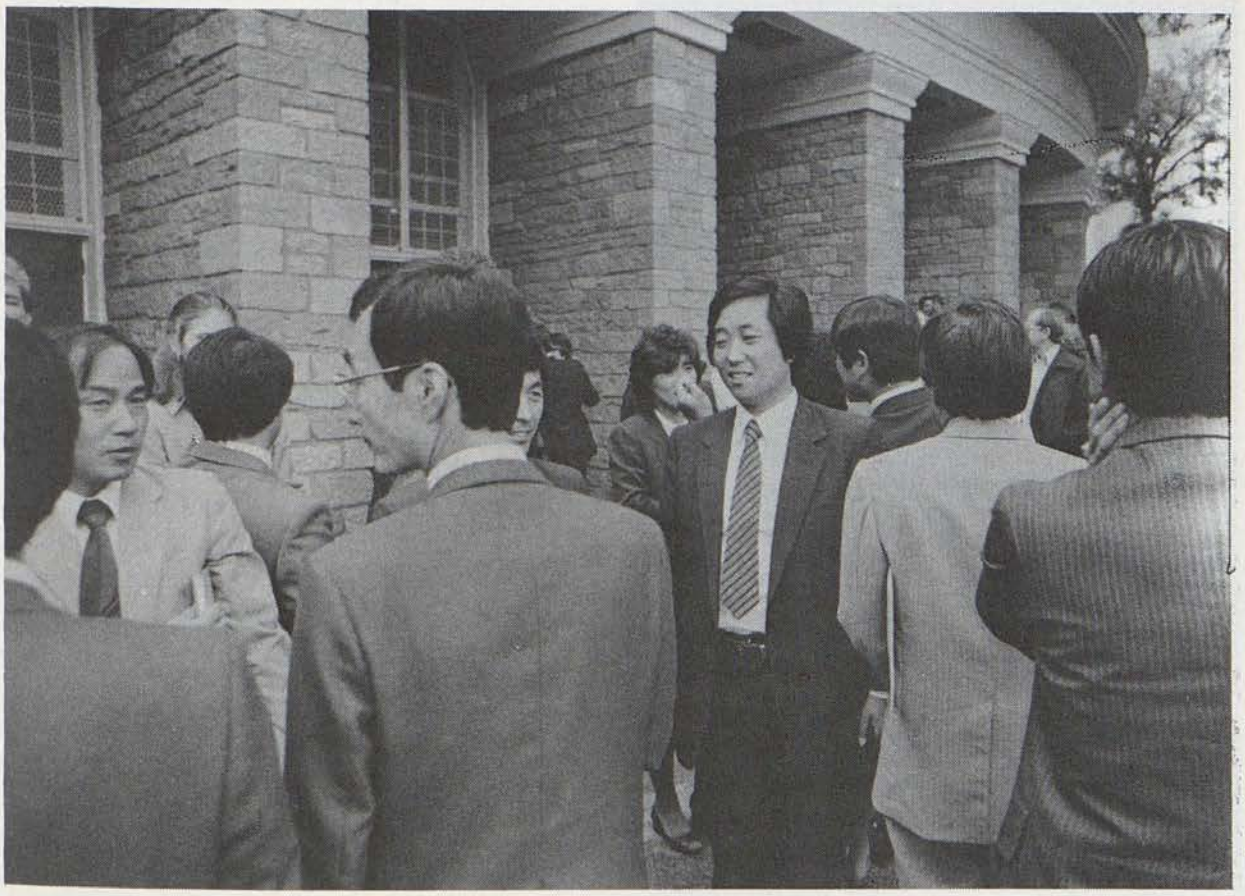
do apenas uma conversão. Ninguém se batizava em Kingston. Basta perguntar aos missionários que serviram lá. Em Kingston, os dias eram marcados na folhinha como numa prisão. A transferência para outro lugar — fosse qual fosse — era o sonho supremo dos missionários.

Enquanto eu orava a respeito e ponderava essa triste situação, pois minha responsabilidade como presidente de missão, na época, exigia que eu orasse e ponderasse essas coisas, minha mulher chamou-me a atenção para um trecho do livro *História do Profeta Brigham Young para Crianças* de Deta Petersen Neeley. Leu-me em voz alta como Brigham Young chegara a Kingston, Ontário, num dia frio e nevoso. Trabalhou ali cerca de trinta dias, batizando quarenta e cinco almas. (Salt Lake City: Deseret News Press, 1959, p. 36.) Eis a resposta. Se o missionário Brigham Young pôde batizar tanta gente, os missionários de hoje poderiam também.

Sem maiores explicações, retirei os missionários de Kingston, a fim de quebrar o círculo vicioso de derrota. Depois fiz circular a notícia: "Logo será aberta nova cidade para a obra de proselitismo. A mesma cidade em que Brigham Young converteu e batizou quarenta e cinco pessoas em trinta dias." Os missionários especulavam qual seria, e nas cartas semanais pediam-me que os transferisse para esse Shangri-lá. Deixei passar algum tempo. Então escolhi cuidadosamente quatro missionários — dois novos e dois experientes — para a grande aventura. Os membros do pequeno ramo prometeram apoiá-los, e os missionários empenharam sua vida. O Senhor honrou ambos os compromissos.

Dentro de três meses, Kingston tornara-se a mais produtiva cidade da Missão Canadense. Os prédios de pedra cinzentos continuavam de pé, a cidade não mudara em nada, a população continuava a mesma. O que mudara foi a atitude — o rótulo da dúvida cedera lugar ao rótulo da fé.

O presidente do Ramo de Kingston usa seu próprio rótulo de identificação. Gustav Wacker viera do Velho Mundo e falava inglês



com forte sotaque germânico. Jamais possuíra ou dirigira um carro. O ponto alto de seu dia de trabalho era quando aparecia um missionário para cortar cabelo. Nunca lhes cobrava um centavo. Pelo contrário, enfiava a mão no bolso e lhes dava todas as gorjetas do dia. E se estivesse chovendo, como acontece freqüentemente em Kingston, mandava os missionários para casa de táxi, enquanto ele próprio, no fim do dia, trancava a pequena barbearia e saía a pé — debaixo de chuva.

Quando me encontrei com Gustav Wacker pela primeira vez, percebi que seu dízimo era bem maior do que se poderia esperar dele. Minha explicação de que o Senhor não nos exige mais que dez por cento de dízimo caiu em ouvidos atentos, mas não consegui convencê-lo. Respondeu simplesmente que gostava de pagar ao Senhor tudo o que pudesse. Chegava mais ou menos à metade do que ganhava. Sua mulher era da mesma opinião. Essa maneira incomum de pagar o dízimo continuou enquanto pôde trabalhar.

Gustav e Margarete Wacker fizeram de seu lar um céu. Não sendo abençoados com filhos, cuidavam paternalmente dos muitos membros da Igreja que os visitavam. Um líder culto e sofisticado de Ottawa disse-me: "Gosto de visitar o Presidente Wacker. Saio de lá espiritualmente reanimado e decidido a viver sempre achegado ao Senhor."

Será que o Pai Celestial honrou tamanha fé? O ramo prosperou. A congregação já não cabia mais no prédio alugado e mudou-se para uma linda e moderna capela própria. As orações do Presidente Wacker e sua esposa foram atendidas, e puderam cumprir missão na Alemanha, sua terra natal, e mais tarde outra no belo Templo de Washington. Então, faz apenas três meses, Gustav Wacker concluiu sua missão mortal e faleceu tranqüilamente nos braços de sua companheira eterna. Somente um epitáfio me parece acertado para esse servo fiel e obediente: "Quem honra a Deus, por Deus será honrado." (Ver I Samuel 2:30.)

Um rótulo comum e suportado com relutância — "deficiente".

Anos atrás, o Presidente Spencer W. Kimball compartilhou com o Presidente Gordon B. Hinckley, Élder Bruce R. McConkie e comigo uma experiência sua por ocasião da escolha de um patriarca para a Estaca Shreveport Louisiana. Contou como entrevistara, buscara e orara para saber a vontade do Senhor quanto à escolha. Por alguma razão, nenhum dos candidatos sugeridos era o homem certo para esse cargo, na ocasião.

O dia foi passando. Começou a reunião da noite. Subitamente, o Presidente Kimball se voltou para o presidente da estaca e perguntou quem era determinado irmão sentado mais para o fundo da capela. O presidente da estaca respondeu que se chamava James Womack, ao que o Presidente Kimball retrucou: "Ele é o escolhido pelo Senhor como patriarca da estaca. Por favor, peça-lhe que me espere na sala do sumo conselho após a reunião."

O presidente da estaca, Charles Cagle, ficou assombrado, pois James Womack não era visto como homem normal. Sofrera ferimentos horríveis na II Guerra Mundial, perdendo ambas as mãos e um braço, além de grande parte da visão e audição. Ninguém queria admiti-lo no curso de Direito quando

voltou da guerra; mesmo assim, foi o terceiro de sua turma na Universidade Estadual de Louisiana. James Womack simplesmente se recusava a usar o rótulo de "deficiente".

Naquela noite, quando o Presidente Kimball informou ao Irmão Womack que fora escolhido pelo Senhor para ser o patriarca da estaca, houve um prolongado silêncio na sala. Depois ele disse: "Irmão Kimball, pelo que sei o patriarca deve colocar as mãos sobre a cabeça de quem abençoa. Como vê, não tenho mãos para pôr na cabeça de ninguém."

Bondosa e pacientemente, o Presidente Kimball pediu-lhe que se postasse atrás da cadeira dele. Depois, mandou: "Agora, Irmão Womack, incline-se para a frente e veja se consegue tocar o alto de minha cabeça com o que lhe resta dos braços."

Para grande alegria desse irmão, conseguiu tocar o Presidente Kimball e exclamou jubiloso: — Consegui tocá-lo! Consegui tocá-lo!

— Logico que consegue tocar-me, — rebateu o Presidente Kimball. — E se conseguiu comigo, conseguirá tocar igualmente qualquer um que abençoar. Garanto que serei a pessoa mais baixa que jamais se sentará diante de você.

O Presidente Kimball contou que, quando o nome de James Womack foi apresentado para apoio na conferência da estaca, "as mãos dos membros levantaram-se num entusiástico voto de aprovação."

A palavra do Senhor ao Profeta Samuel, quando Davi foi designado como futuro rei de Israel, era um rótulo adequado à ocasião. Sem dúvida ocorreu a todo membro fiel o pensamento: "O homem vê o que está diante dos olhos, porém o Senhor olha para o coração." (I Samuel 16:7.)

Qual fio de ouro percorrendo a tapeçaria da vida é a mensagem do rótulo de um coração humilde. Isto se deu com o menino Samuel, foi a experiência de Jesus, o testemunho de Gustav Wacker e, marcou o chamado de James Womack. Seja também este o rótulo que identifica cada um de nós: "Aqui estou, Senhor."

Em nome de Jesus Cristo. Amém.

Arbítrio e Amor

Élder Marion D. Hanks
do Primeiro Quorum dos Setenta

"Deus nos ama e acredita em nós, e sempre fez e fará tudo o que pode para nos ajudar, mas não interferirá em nosso livre arbítrio."

Gostaria de falar nesta manhã sobre o valor de nosso livre arbítrio e do amor que o preservou para nós e que deveria motivar e dirigir o uso que dele fazemos.

Muitos anos atrás, foi-me apresentada uma idéia que a princípio me pareceu mero exercício de imaginação ou, talvez, um bom pretexto para uma história. Mas desde aí, venho pensando nela vez por outra ao viajar pelo mundo, muitas vezes separado de meus familiares e entes queridos.

Suponhamos que todos no mundo recebessem simultaneamente a notícia da iminência do inconcebível — a civilização que conhecemos está por terminar.

O que aconteceria?

Bem, em primeiro lugar, as ruas virariam um turbilhão de pessoas frenéticas em busca de um telefone para conversar com alguém. Todas as linhas estariam ocupadas e todas as cabinas assediadas por gente querendo dizer a alguém: "Eu te amo", além de outras mensagens. "Sinto muito", seria uma delas, ou então: "Como tenho sido tolo."

A situação do mundo atual mostra que o impensável poderia acontecer; mas não é nesse tipo de cataclismo que estou pensando, e sim em nosso dia-a-dia e relações cotidianas. Aqueles que amam deveriam manifestar seu afeto enquanto há oportunidade de fazê-lo. Se esperamos pelo tempo em que todas as imperfeições foram corrigidas e todas as frustrações se foram, não estamos sendo sábios. Ressentimento, orgulho, egoísmo ou impaciência podem fazer-nos perder o que a vida deve e pode ser, e é para aqueles que amam e servem. Adiar o amor até uma época de perfeita ausência de sofrimento ou desconforto é um grande erro; ela não virá. Não é para este mundo.

Devemos, sim, procurar e esforçar-nos seriamente para corrigir e melhorar nossa própria atitude e conduta. Deus assim ordenou. Ele nos ama e acredita em nós, e sempre

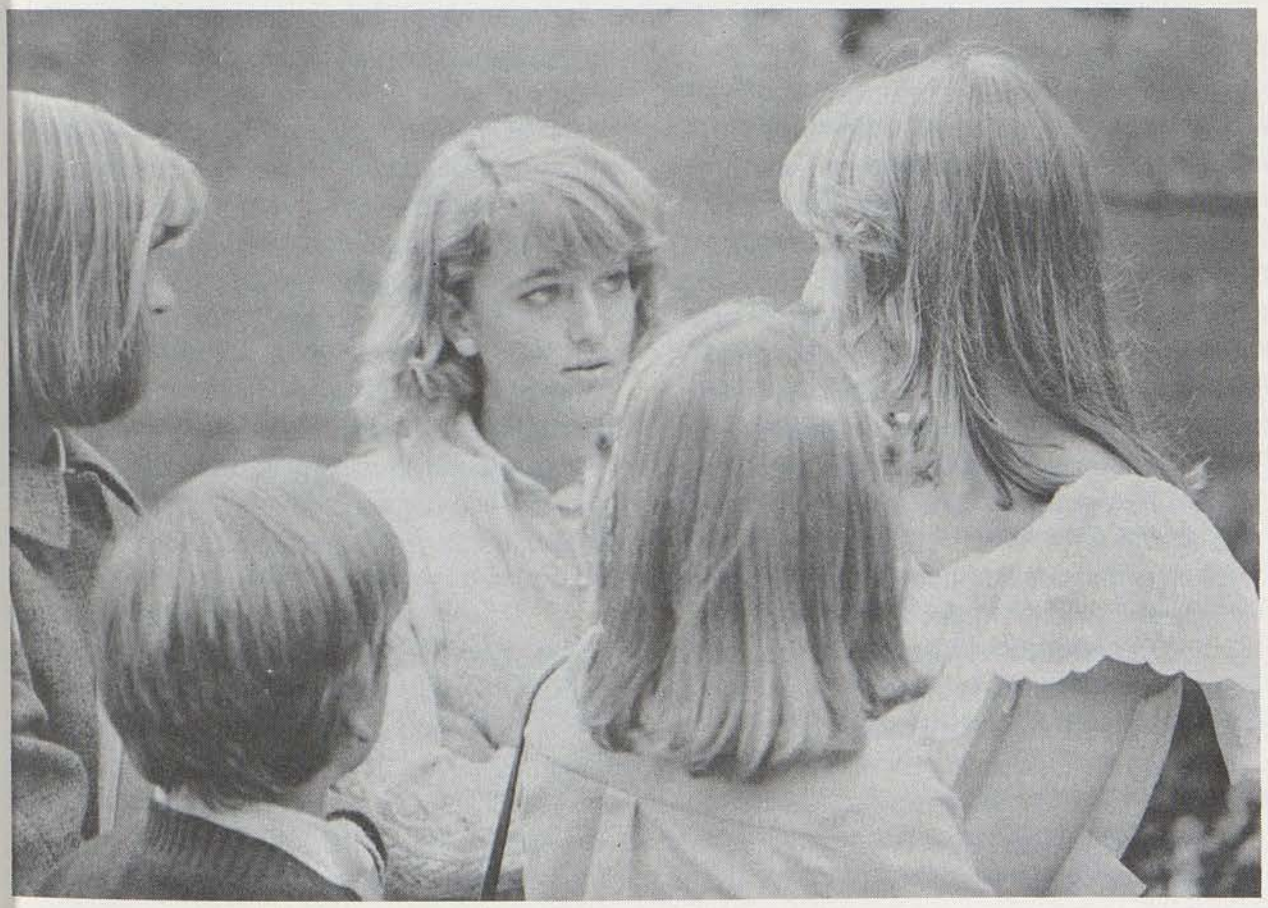
fez e fará tudo o que pode para nos ajudar, mas não interferirá em nosso livre arbítrio. "Nós o amamos a ele", diz a escritura "porque ele nos amou primeiro." (I João 4:19.) Ele não nos ama por nós o amarmos; ele nos ama incondicionalmente. Mas o amor dele não se propõe a nos negar ou limitar nosso privilégio de escolher, ou nossa responsabilidade de assumir nossa escolha e sofrer as conseqüências dela. Na verdade, está escrito que ele chora, vendo a insensatez de alguns de seus filhos obstinados e desobedientes:

"Eis teus irmãos; eles são a obra de minhas próprias mãos, e eu lhes dei sabedoria no dia em que os criei; e no Jardim do Éden dei ao homem o livre arbítrio." (Moisés 7:32.)

"E... o Deus do céu olhou o resto do povo e chorou." (Moisés 7:28.)

Possuímos esse arbítrio com Deus antes da existência do mundo. No conselho celeste do qual falam as escrituras, foi apresentado a Deus um outro plano: Foi permitido a Lúcifer expor o seu programa. É vital para nós em nossa liderança e em nossos relacionamentos, recordar que Deus nos amou a tal ponto, que não quis resguardar-nos dos perigos da liberdade, do direito e responsabilidade de optar. Tão profundo é seu amor e tão precioso esse princípio, que ele, consciente das conseqüências, exigiu que escolhêssemos. Lúcifer não tinha amor no coração, nenhum conceito real da liberdade ou respeito por ela. Não tinha confiança no princípio nem em nós. Defendia a salvação forçada, a sobrevivência imposta, uma estada na terra sem vontade própria. Ninguém se perderia, argumentava. Mas parecia não entender que ninguém tampouco se tornaria mais sábio, ou então mais forte, mais compassivo, mais humilde ou mais grato, mais criativo com seu plano.

Nós sabíamos, antes de deixar o estado pré-mortal, que a liberdade é precária, difícil. Sabíamos que o amor nos tornaria vulneráveis ao sofrimento, dor e desapontamento. Mas sabíamos também que as alternativas do amor e liberdade de escolha não podem prover o clima para o crescimento e capacidade criativa, capaz de, eventualmente, nos proporcionar uma mordomia semelhante à de nosso Pai. O amor abnegado do Primogênito



de nosso Pai em espírito ajudou-nos a entender quando ele se apresentou voluntariamente para nos redimir, ciente do preço que teria de pagar pessoalmente, mas também da importância eterna para todos nós.

Optamos então e, conseqüentemente, continuamos escolhendo nesta terra.

Recentemente, ouvi uma encantadora jovem, recém-saída da adolescência falar numa conferência de estaca. Era seu primeiro discurso. Jamais conhecera uma família realmente sua. Passara por muitos lares temporários, cometera muitos erros, sofrera muito, sem esperança. Então um casal de mais idade da Igreja a conheceu, deu-lhe amor e a ensinou. Seu discurso bem preparado, foi espirituoso e interessante, mas, quando pôs as notas de lado e prestou testemunho chorando, tornou-se mágico:

"Ninguém nunca me ajudou a entender que eu tinha algum valor, que eu era especial em algum sentido. Então os missionários me falaram de Jesus Cristo e do seu amor e de Deus, que o enviou. Ensinaram-me que Jesus morreu por mim — por *mim*. Eu tenho valor! Eu tenho valor! Ele morreu por mim."

A lição do grande amor e sabedoria de Deus parece perdida para muitos que estão nesta terra por causa de sua escolha, não sabemos por quê. Nossa responsabilidade é ajudá-los. Mas nós próprios precisamos orar e esforçar-nos seriamente para não obscurecermos seu sentido. Se não amarmos de verdade e não crermos realmente no livre arbítrio, tenderemos a impor nossa vontade aos outros no que acharmos melhor para eles. Se amarmos de verdade não o faremos, mesmo correndo o risco de insucesso. Instruções, regras, treinamento e disciplina são, logicamente, essenciais. O exemplo de amor e paciência divina de nosso Pai deve servir-nos de motivação para nos esforçarmos ao máximo ensinando, persuadindo, incentivando, ajudando.

Em questões de consciência e fé, porém, jamais procuraremos impor nossa vontade e privar os outros de seu arbítrio, se realmente os amamos. Este seria, afinal, o caminho de Satanás. Ele continua tendo neste mundo permissão para apregoar seu método rebelde. Desde seu encontro com a primeira família terrena, ele vem combatendo incessantemente os filhos de Deus.

Uma cena que nos faz hesitar é retratada no Livro de Moisés:

"Satanás... tinha uma grande corrente na mão que cobria toda a face da terra com um véu de escuridão; e ele olhou para cima e riu, e seus anjos se rejubilaram."

Mas também está escrito:

"E... anjos... (desceram) do céu, dando testemunho do Pai e do Filho; e o Espírito Santo desceu sobre muitos." (Moisés 7:26-27.)

A luta pelas almas dos homens continua. Nós continuamos escolhendo.

O Pai amoroso que pagou preço tão alto para preservar nosso arbítrio dentro e fora deste mundo, embora empenhado ao máximo em ajudar-nos a usá-lo bem, deixou claro a quem cabe a responsabilidade agora:

"Hoje te tenho proposto a vida e o bem, e a morte e o mal;

"Porquanto te ordeno hoje que ames ao Senhor teu Deus, que andes nos seus caminhos, e que guardes os seus mandamentos e os seus estatutos, e os seus juízos, para que vivas e te multipliques...

"Os céus e a terra tomo hoje por testemunhas contra vós, que te tenho proposto a vida e a morte, a bênção e a maldição: escolhe pois a vida, para que vivas, tu e a tua semente." (Deuteronômio 30:15-16, 19.)

Está escrito que "Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna." (João 3:16.) Esse santo Filho morreu por nós e deu-nos o maravilhoso exemplo de sua vida; e nada em sua vida toca meu coração com maior impacto, que a maneira escolhida por ele de viver entre nós:

"Visto como os filhos, (isto é, nós) participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas...

"Porque, na verdade, ele não tomou a natureza dos anjos, mas tomou a descendência de Abraão.

"Pelo que convinha que em tudo fosse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote naquilo que é de Deus, para expiar os pecados do povo.

"Porque naquilo que ele mesmo, sendo

tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados." (Hebreus 2:14, 16-18.)

É por causa desse amor que agora "não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado." (Hebreus 4:15.)

Ele conhece nossas fraquezas, compreende nossas tentações. Não veio como anjo, mas como ser de carne e sangue, para que pudesse ser um advogado misericordioso e fiel para nós diante do Pai.

Nossa atitude individual em relação aos outros seria mais condigna, se realmente "conhecêssemos suas fraquezas" e procurássemos de fato ser um fiel e misericordioso sumo sacerdote, ou professora da Sociedade de Socorro, ou amigo, ou esposa ou marido?

A intensidade e integridade do amor de Deus e de Cristo ultrapassam nosso entendimento, mas estamos aqui para aprender e precisamos tentar.

Neste mundo só Cristo foi sem pecado; é por isso que a fé precisa ser acompanhada sempre do arrependimento como primeiro princípio. O plano de Deus e sagrado dom de Cristo prepararam o caminho para melhorarmos, crescermos, mudarmos, aprendermos sabedoria, misericórdia e piedade. Do uso sábio do livre arbítrio procedem todas as outras qualidades boas e todas as bênçãos.

Estou plenamente convencido de que qualquer ato, programa ou regra planejado ou realizado sem o fundamento do amor, sem o espírito de amor ou que limite o arbítrio dos filhos de nosso Pai Celeste, não é digno do reino de Deus ou de seus líderes e povo.

Repetidamente ele tem protegido nosso arbítrio eterno, ajudando-nos, assim, a nos qualificar através da oposição e em face de alternativas, para a doce bênção de serviço criativo eterno. Entretanto, nós temos de optar — e arcar com a responsabilidade.

Isto tudo me afetou simultaneamente de maneira muito pessoal há pouco mais de um ano, em Manila, Filipinas, quando um telefonema de minha mulher informou, no meio da noite, num quarto de hotel, que nosso único filho sofrera grave acidente que lhe ameaçava a mobilidade e talvez a vida. Estava sendo

transportado de avião para casa, a fim de ser operado.

Por volta da hora prevista para sua chegada em casa, telefonei para lá. Houve uma breve demora; depois, minha mulher atendeu e falou em voz baixa e calma: "Seus quatro genros estão em torno dele para abençoá-lo. Paul o ungiu, e John está para proferir a bênção. Ele estava preocupado com sua ausência. Esta é a primeira administração que recebe sem ser de seu pai — mas agora está tranqüilo." Juntei-me a eles na oração da bênção, de joelhos, num solitário quarto de hotel do lado oposto do mundo, num quarto que subitamente me pareceu cálido e confortante.

Não importa o que aconteça ou não em nossa vida, num dia em que as linhas telefônicas estejam particularmente ocupadas; devemos sempre pensar no amor que temos e externá-lo, manifestá-lo aos que nos são mais caros e a todos os demais, e ao nosso santo Salvador e seu Pai.

Poderíamos muito bem cantar: "Assombro me causa o amor que me dá Jesus." Em nome de Jesus Cristo. Amém.

Amigo ou Inimigo

Élder Charles Didier
do Primeiro Quorum dos Setenta

"Precisamos qualificar-nos como amigos de Deus, ter o mesmo propósito, ser advogados e fortes defensores de sua causa."

Desde o princípio da humanidade, o homem tem dividido seu mundo em dois campos, amigos e inimigos, visando gratificar seu orgulho, ambição e exercer poder, domínio ou compulsão sobre os adversários.

Os líderes militares canonizaram a expressão "amigo ou inimigo", imaginando diversos meios de sua rápida identificação. Antigas histórias bíblicas nos falam desse processo seletivo. Ao terminar uma batalha, os efraimitas procuraram escapar por vaus do Jordão. Infelizmente, esses vaus já estavam ocupados pelos gileaditas, seus inimigos, que precisavam distingüir quem era amigo ou inimigo. Por isso perguntavam aos fugitivos: "És tu efraimita? E dizendo ele: Não;

"Então lhe diziam: Dize pois, Chibolete; porém ele dizia: Sibolete, porque o não podia pronunciar assim bem." (Juízes 12:5-6.)

E essa pronúncia errada significava a morte. Quarenta e dois mil pereceram naquele dia. Aparentemente era um processo muito efetivo, não deixando margem a enganos.

Não existem muitas alternativas para a pergunta: "Amigo ou inimigo?" Só existem duas possibilidades. Pode-se, é óbvio, fingir ser amigo com medo de perder a vida, mas no fim, o resultado é quase sempre o mesmo. Veremos que existe certa analogia entre o processo de seleção usado pelo homem natural e a maneira de encontrar o homem potencialmente divino.

Desde os primórdios da humanidade, a história mostra que um dos expedientes do homem tem sido e continua sendo criar divisões artificiais e desencadear guerras santas por causa de diferenças raciais, religiosas, culturais ou divergências políticas, e justificar tais crimes contra a humanidade em nome do Senhor.

Hoje, neste mundo tão complexo, convinha lembrarmo-nos da legítima mensagem do próprio Cristo contra as constantes lutas e

um holocausto final, quando declara: "Amai os vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei o bem aos que vos têm ódio e orai pelos que vos maltratam e perseguem." (3 Néfi 12:44.)

Entretanto, a questão pessoal mais incisiva que devemos considerar é se nossa relação com a Deidade é de amigo ou de inimigo. Se bem compreendida, devido a suas implicações eternas, essa relação poderá proporcionar vida eterna; se mal entendida, mal usada, mal aplicada, mal interpretada ou desvirtuada, pode trazer a morte temporal bem como a morte espiritual.

Tiago nos adverte:

"Donde vêm as guerras e pelejas entre vós? Porventura não vêm disto, a saber, dos vossos deleites, que nos vossos membros guerreiam?

"Cobiçais, e nada tendes: sois invejosos e cobiçosos, e não podeis alcançar; combateis e guerreais, e nada tendes, porque não pedis.

"Pedis e não recebeis, porque pedis mal, para o gastardes em vossos deleites.

"Adúlteros e adúlteras, não sabeis vós que a amizade do mundo é inimizade contra Deus? Portanto, qualquer que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus." (Tiago 4:1-4.)

Quem é inimigo de Deus? Uma escritura o define concisamente:

"Porque o homem natural é inimigo de Deus, tem-no sido desde a queda de Adão e se-lo-á para sempre." (Mosiah 3:19.)

Depois de ouvir essa grave declaração, ficamos imaginando se o homem consegue abandonar essa natureza carnal e a crença de que esta terra é seu supremo bem, fornecendo-lhe alimento, abrigo, conforto, prazer, jogos e até mesmo deuses. Conseguirá descobrir pela fé que é o nosso Pai Celeste que constitui o eterno bem, sabendo cultivar sua amizade?

"Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus." (Efésios 2:8.)

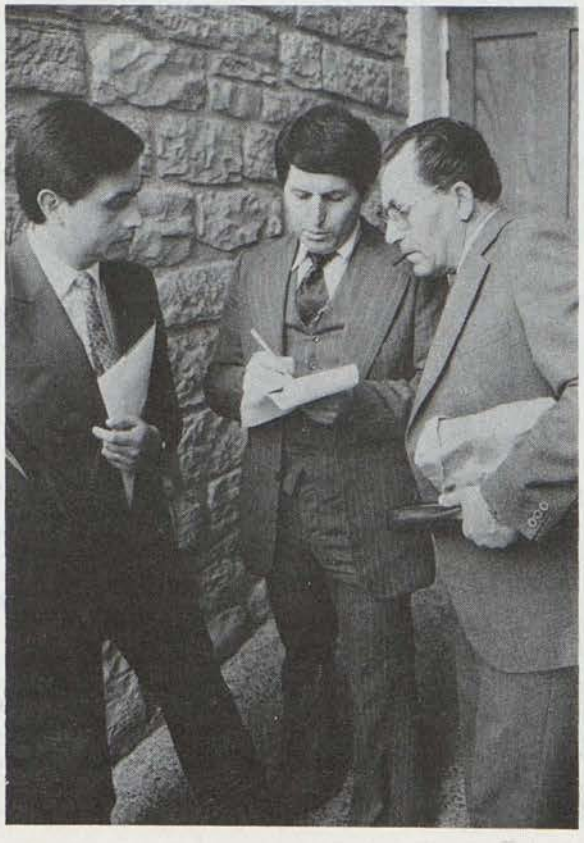
Quem é, pois, um verdadeiro amigo de Deus?

O Presidente David O. McKay explicou o processo: "O homem mais semelhante a Cristo é o verdadeiramente grande.

"O que pensais sinceramente de Cristo em vosso coração, determinará o que sois, determinará em grande parte quais serão os vossos atos." (Conference Report, abril de 1951, p. 93.)

"Escolhendo (Jesus Cristo) como nosso ideal, criamos em nós o desejo de ser como ele é, de ser solidários com ele." (Conference Report, abril de 1951, p. 98.)

Tornar-se amigo de Deus é possível devido ao Mediador, o Príncipe da Paz, Jesus Cristo, o Filho de Deus. Consideremos agora alguns ensinamentos adicionais do Profeta Benjamim: "Porque o homem natural é inimigo de Deus, tem-no sido desde a queda de Adão e se-lo-á para sempre *a não ser* que ceda ao influxo do Espírito Santo, se despoje do homem natural, tornando-se santo pela expiação de Cristo, o Senhor, chegando a ser como criança, submisso, manso, humilde, paciente, cheio de amor e disposto a se submeter a tudo quanto o Senhor achar que lhe deve infligir, assim como uma criança se submete a seu pai." (Mosiah 3:19; grifo nosso.)



Um dos reais propósitos da vida é tornarmo-nos amigos do Mediador, nosso Salvador e Redentor; não apenas entender sua missão mas também apoiá-la e depois qualificar-nos para sermos chamados de amigo, discípulo, e para entrar na presença do Pai.

"E vos dou estas palavras para que possais compreender e saber como adorar, e saber o que adorais, para que venhais ao Pai em meu nome, e no devido tempo recebais a sua plenitude." (D&C 93:19.)

Profetas e apóstolos testificam da importância de Cristo ser nosso amigo. O testemunho do Presidente Spencer W. Kimball, na conferência geral do ano passado, enterneceu meu coração, quando concluiu sua mensagem testificando:

"Sei que Jesus Cristo é o Filho de Deus vivente e que foi crucificado pelos pecados do mundo. Ele é meu amigo, meu Salvador, meu Senhor e meu Deus. Oro de todo o coração que os santos guardem seus mandamentos, tenham consigo o seu Espírito e ganhem uma herança eterna com ele na glória celestial." (*A Liahona*, janeiro de 1983, p. 10.)

Para podermos dizer "ele é nosso amigo", precisamos qualificar-nos como seus amigos, ter os mesmos propósitos, ser advogados e bravos defensores de sua causa.

A amizade de Davi e Jônatas, baseada no convênio de serem fiéis ao Senhor, pode-nos ensinar uma grande lição. Gostaria de compartilhar convosco algumas qualidades dessa amizade.

"A alma de Jônatas se ligou com a alma de Davi; e Jônatas o amou, como à sua própria alma." (I Samuel 18:1.)

"Então Jônatas falou bem de Davi a Saul, seu pai." (I Samuel 19:4.)

"E disse Jônatas a Davi: Vai-te em paz; o que nós temos jurado ambos em nome do Senhor dizendo: O Senhor seja entre mim e ti, e entre a minha semente e a tua semente, seja perpetuamente." (I Samuel 20:42.)

Como pessoas, particularmente quando adolescentes, que espécie de amigos escolhemos, adotamos, dedicamos confiança e convivemos? Somos suficientemente fortes para

recusar-nos a ser amigos do mundo e seus representantes? Temos força suficiente para aceitar a amizade de Cristo? Ser amigo é ser complacente e render-se a padrões inferiores ou ater-se aos padrões de Cristo e defendê-los? Consideramos a amizade mútua como um meio de manter e desenvolver nosso testemunho de Cristo?" Banqueteai-vos com as palavras de Cristo; sim, pois eis que as palavras de Cristo vos ensinarão todas as coisas que devereis fazer." (2 Néfi 32:3.) As condições estão estabelecidas; o modelo aí está. Então por que não se tornar seu discípulo sendo sua testemunha? Por que nutrir um constante dilema mental? Comprometei-vos a serdes um amigo dele!

O mesmo desafio se nos apresenta, ao ensinarmos nossos filhos a criar uma ligação eterna de amizade e amor. "Mas vos mandei que criásseis os vossos filhos em luz e verdade." (D&C 93:40.) Tratamos nossos filhos e filhas como filhos de Deus? Ensinamo-los pelo exemplo? Oramos com eles? Vamos à Igreja com eles? Realizamos regularmente a noite familiar? Nosso progresso espiritual e qualificação para sermos amigos de Cristo e seu Pai dependem de quão fielmente vivemos o evangelho no lar e quão diligentemente transmitimos seus ensinamentos a nossos filhos.

"Não permitireis que vossos filhos andem famintos ou desnudos, nem que transgridam as leis de Deus e briguem e disputem entre si e sirvam ao diabo, ... o inimigo de toda justiça." (Mosiah 4:14.)

Nosso desafio é escolher o certo, declarar que somos amigos de nosso Pai Celeste. O convênio que fizemos no batismo é um contrato de nos tornarmos amigos de Deus.

Abraão foi "chamado o amigo de Deus". (Tiago 2:23.) Profetas e apóstolos depois dele até a nossa dispensação têm sido amigos de Deus. Se ainda não o sois, agora é o momento de vos tornardes amigos de Deus. Temos conhecimento das escrituras, do testemunho dos profetas. Eu sei que meu Redentor vive. Quero poder chamá-lo de meu amigo, e ser chamado de amigo dele. Possamos todos ser dignos de ser seus discípulos, seus amigos, eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.

"Honra a Teu Pai e a Tua Mãe"

Élder Paul H. Dunn
do Primeiro Quorum dos Setenta

"Tratemos os idosos como gostaríamos de ser tratados."

São 15 horas na Cidade do Lago Salgado. Podeis imaginar a confusão que reina em muitas casas, com todos querendo decidir o canal ou estação que querem ouvir? Tendo eu próprio interesse por esportes, não pude deixar de pensar, sentado aqui, em alguns sábios conselhos de meu pai. Penso que este é um lugar apropriado.

"Paul," dizia ele, "lembre-se: Um dia para a Igreja, seis dias para divertir-se. Probabilidade de ir para o céu — seis a um."

Também comentou: "Sempre que passo por nossa pequena igreja, gosto de fazer-lhe uma visitinha, para que, quando eu for levado para lá, o Senhor não pergunte: 'Quem é ele?' "

Um dia, ao comemorarmos o aniversário de uma de minhas netas, ela estava no meu colo, como as netas costumam fazer, e estávamos conversando sobre idade, sabedoria e experiência, quando de repente ela me pespegou a pergunta: "Vovô, você nasceu antes de inventarem a água?" Que golpe!

Bem, falando de idade, alguém indagou: "Você sabe quando está ficando velho?" Respondi que não. Então ele explicou:

"A gente sabe quando está ficando velho:

- Quando, depois de tudo pronto, você percebe que seria melhor desmanchá-lo outra vez.
- Quando fica um pouco sem fôlego ao escovar os dentes.
- Quando sabe todas as respostas, mas ninguém lhe pergunta nada.
- Quando seus pés precisam de sapatos ortopédicos.
- Quando a cicatriz do apêndice toca seus joelhos.
- Quando, em lugar de cosméticos, você começa a pensar em tintura de cabelo.
- Quando, sentado numa cadeira de balanço, acha difícil pô-la em movimento.
- Quando, saindo do chuveiro, fica contente que o espelho esteja embaçado.

• Quando, ao levantar pela manhã e ter um pé calçado e o outro não, não sabe dizer se está saindo ou indo para a cama."

Bem, talvez, vossos sinais sejam diferentes, mas, a despeito de nossos melhores planos e esforços, não escaparemos de envelhecer. Como viveremos esses anos da terceira idade depende de cada um de nós.

Para os que se encontram na idade de ouro, ela só deveria ser odiosa, caso significasse a cessação de crescimento, o fenecimento de sonhos, a morte de sentimentos. E essas coisas, afinal, não têm nada a ver com cronologia e tudo com o coração. Douglas McArthur observou certa vez: "Vivam com entusiasmo! Ninguém fica velho desertando seus ideais. Os anos enrugam a pele, mas abandonar o entusiasmo enruga a alma. Somos tão moços quanto nossa fé, tão velhos quanto nossa dúvida, tão jovens quanto nossa autoconfiança, tão velhos quanto nosso medo, tão jovens quanto nossa esperança, tão velhos quanto nosso desespero."

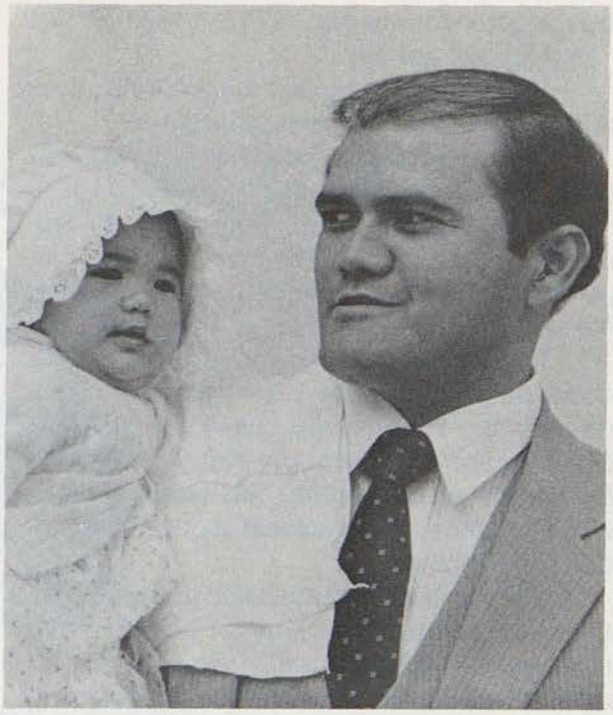
A história está repleta de pessoas que foram ficando melhores com a idade. Michelangelo só começou seu monumental afresco na Capela Sistina aos sessenta e nove anos de idade. Quando faleceu, aos noventa, continuava atarefado com suas poesias, pinturas e esculturas.

Goethe, gênio da literatura germânica, só terminou seu clássico *Fausto* aos oitenta e um. Começara-o quarenta anos antes, mas, quando retomou o trabalho, havia aprimorado seu discernimento e refrescado a imaginação pela vivência da vida.

Herbert Hoover empreende a tarefa de coordenar o fornecimento de víveres para trinta e oito países, aos setenta e dois anos. Foi o representante dos Estados Unidos na Bélgica, com oitenta e quatro.

Thomas Edison continuava seus inventos após os noventa anos. Benjamim Franklin era importante figura política e um excelente diplomata, com mais de setenta e cinco anos.

Minha própria mãe, com mais de oitenta e cinco, continua pintando e cuidando do jardim. Seus quadros são bastante requisitados. Moisés ultrapassava os oitenta quando dirigiu os israelitas. Pensai nas grandes contri-



buições espirituais de nossos profetas passados, e nas do Presidente Kimball, hoje.

Winston Churchill tinha sessenta e cinco anos, quando, durante a II Guerra Mundial, empenhou seu sangue, forças, lágrimas e suor ao povo britânico. Albert Schweitzer tinha mais de oitenta ao andar pela África Equatorial, cuidando de doentes, trabalhando em seus manuscritos e tocando Bach ao piano.

Bem, gostaríeis de dizer-me: "Mas essa gente era e é extraordinária, dotada além do comum." Eu, porém, vos digo que o maior talento de cada um deles era o entusiasmo, a capacidade de enfrentar cada novo dia com gosto e interesse e não permitir que a desolação da alma tomasse alento e sufocasse a vida. Ralph Waldo Emerson colocou-o dessa maneira: "Não contamos os anos de um homem até que ele não tenha mais nada para contar." (John Bartlett, *Familiar Quotations*, p. 609.)

Àqueles que têm o privilégio de terem vivendo consigo pais e avós idosos, aconselho que se lembrem das incontáveis bênçãos que nos trazem os idosos. Lembrai-vos das admoestações do Senhor. Primeiro em Provérbios:

"O ornato dos mancebos é a sua força; e a

beleza dos velhos as cãs." (Provérbios 20:29.)

Depois, em Jó:

"Com os idosos está a sabedoria, e na abundância de dias o entendimento.

"Com ele está a sabedoria e a força; conselho e entendimento tem." (Jó 12:12-13.)

E em seguida temos registrado em Salmos a preocupação: "Não me rejeites no tempo da velhice; não me desampares, quando se for acabando a minha força." (Salmo 71:9.)

Em minha atual posição, muitas pessoas de idade avançada me procuram, em busca de conselho sobre como fazer com que seus familiares se interessem por eles. Li numa velha revista um caso assim. Não mencionava o autor, apenas estas palavras de um observador entristecido:

"Meu vizinho é um ancião maravilhoso. Continua muito alerta e ativo. Naquela manhã especial acordou mais cedo que o costume, tomou banho, barbeou-se, enfiou suas melhores roupas. Hoje, sem dúvida, pensava, eles aparecerão.

"Não fez a caminhada diária até o posto de gasolina para conversar com os outros idosos da vizinhança, a fim de estar em casa quando chegassem.

"Ficou sentado na varanda donde se via a estrada, para vê-los chegando. Certamente não deixariam de aparecer.

"Desistiu da cochilada após o almoço, pois queria estar acordado quando chegassem.

"Tinha seis filhos. Duas filhas e seis netos casados viviam num raio de uns seis ou sete quilômetros. Fazia tanto tempo que não vinham visitá-lo. Mas hoje era uma data especial. Sem dúvida, hoje apareceriam.

"No jantar, recusou-se a cortar o bolo e pediu que deixassem o sorvete no congelador. Queria esperar e comer pelo menos a sobremesa com eles.

"Por volta das nove horas foi para o quarto e aprontou-se para dormir. Suas últimas palavras, antes de apagar a luz: 'Prometa chamar-me quando eles chegarem.'

"Sabe, era seu aniversário. Fazia noventa e um anos."

Em nossa moderna era de sofisticação e progresso, vemos, um pouco perturbados, que a velha máxima de "idade precede a beleza" parece ter sido invertida. Nunca antes se deu tamanha ênfase à juventude e beleza. Embora a mocidade e beleza sejam atributos desejáveis, a idade e experiência podem ser um bem precioso.

E embora nossa moderna tecnologia da era do computador haja prolongado e favorecido sobremaneira a vida dos mais idosos, não tenho certeza se conseguiu substituir ou melhorar o toque pessoal. Das escrituras que acabo de citar, podemos tirar três importantes conclusões:

Primeiro, há vantagens em ser velho.

Segundo, podemos aprender da sabedoria e discernimento que a idade avançada e a experiência oferecem; e

Terceiro, pessoas idosas são capazes, produtivas e úteis e não devem ser desprezadas.

Àqueles que perguntam se temos a obrigação de acatar essas conclusões, a resposta do Senhor à pergunta de Caim: "Sou eu guardador do meu irmão?" (Gênesis 4:9), é um retumbante *sim*! Disse ele: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo." (Mateus 19:19.)

A questão final, suponho, deve ser: "Como cumprir isso?" Por que vós e eu com relação aos amigos e familiares idosos, não começamos a:

1. Pedir-lhes conselhos.
2. Visitá-los ou telefonar-lhes regularmente.
3. Incluí-los em nossas atividades.
4. Deixá-los falar de suas experiências.
5. Cuidar de que sejam supridas suas necessidades básicas.
6. Providenciar que sejam devidamente atendidos, quando doentes.

Aproveitemos a convivência com pais, avós, bisavós, amigos e vizinhos idosos. Estendamo-lhes nossa mão amiga à nossa própria maneira, não com piedade, mas com amor. Consideremos mais uma vez, irmãos e irmãs, este conselho do Senhor: "*Honra* a teu pai e a tua mãe", para que os dias deles — e os nossos — se prolonguem sobre a terra. (Ver Êxodo 20:12; grifo nosso.)

Finalmente, tratemos os idosos como gostaríamos de ser tratados. Lembrai-vos de que o nosso dia está chegando. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

A Casa do Senhor

Élder Adney Y. Komatsu
do Primeiro Quorum dos Setenta

"Se não recebermos todas as ordenanças do templo e obedecermos aos mandamentos, não poderemos receber a plenitude das bênçãos do sacerdócio, e tampouco a exaltação."

Nos últimos meses, vimos o término e dedicação de vários templos da Igreja — um em Atlanta, Georgia; um em Apia, Samoa; um em Nuku'Alofa, Tonga; e outro em Santiago, Chile. Outros se encontram ainda em fase de projeto e construção, além dos muitos em funcionamento nas diversas partes do mundo.

Sou grato pelo meu atual chamado especial como presidente do Templo de Tóquio. É uma grande alegria e privilégio poder conversar com os santos que chegam a esse sagrado edifício, a fim de participar de suas bênçãos.

Por que a Igreja edifica e mantém templos?

Esta foi a pergunta do construtor do Templo de Tóquio, ao iniciar a obra uns cinco anos atrás. Observou que os budistas e xintoístas construíam muitos santuários e templos no Japão, mas era a primeira vez que via uma igreja cristã construindo um templo. As religiões cristãs são conhecidas como construtoras de lindas capelas e catedrais, mas nunca soubera da existência de um templo cristão. Das muitas igrejas que professam o cristianismo, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é a única que edifica templos.

O construtor foi informado de que o templo seria um edifício sagrado, uma casa santa para realização da gloriosa obra de salvação de vivos e mortos, na qual seriam realizados batismos e outras ordenanças pelos mortos, a fim de proporcionar a união eterna de marido e mulher, pais e filhos, tanto dos vivos como dos mortos, e onde famílias inteiras seriam seladas por todo o tempo e eternidade.

A instrução ao Profeta Joseph Smith foi muito clara, ao receber esta revelação no dia 2 de agosto de 1833, três anos apenas após a organização da Igreja, sobre a construção de um templo:

"Na verdade vos digo que é do meu desejo que a mim seja construída uma casa na terra de Sião, de conformidade com o modelo que vos dei.

"Sim, que seja construída rapidamente, com o dízimo do meu povo.

"Eis que este é o dízimo e o sacrifício que eu, o Senhor, exijo de suas mãos, que a mim se construa uma casa para a salvação de Sião —

"Para que seja para os santos um lugar de ações de graça, um lugar de instrução para todos aqueles que forem chamados à obra do ministério, nos seus diversos chamados e ofícios:

"Para que se aperfeiçoem na compreensão do seu ministério, em teoria, em princípio, e em doutrina, em todas as coisas concernentes ao reino de Deus na terra, as chaves do qual foram conferidas sobre vós.

"E se o meu povo a mim construir uma casa em nome do Senhor, e não permitir que nela entre coisa alguma impura para profaná-la, a minha glória sobre ela descansará;

"Sim, e a minha presença aí estará, pois entrarei nela, e todos os puros de coração que a ela vierem, verão a Deus.

"Mas, se ela for violada, eu não entrarei nela, e a minha glória aí não estará; pois eu não entrarei em templos impuros." (D&C 97:10-17.)

Embora na época a Igreja contasse com muito poucos membros, todos eles se sacrificaram grandemente, e o Templo de Kirtland foi terminado e dedicado. O Senhor apareceu em glória aceitando o templo. Moisés, Elias e Elaías apareceram igualmente, a fim de conferirem suas chaves e dispensações . (Ver D&C 110.)

Todavia, antes de dar realmente início às obras no Templo de Kirtland, os santos tiveram de fugir dos ataques da populaça. O templo caiu nas mãos de homens ímpios e, conforme foi dito na revelação, quando foi profanado o Senhor o rejeitou. Os santos procuraram construir um templo no Missouri, mas novamente foram forçados a fugir para salvar a vida.

Depois de aproximadamente cinco anos, o Profeta Joseph Smith recebeu mais esta revelação:

"Pois não há lugar nenhum na terra em que ele possa vir para vos restaurar outra vez aquilo que se perdeu, ou aquilo que ele levou, mesmo a plenitude do sacerdócio.

"Pois não existe na terra uma fonte batismal, onde os meus santos possam ser batizados pelos mortos —

"Pois essa ordenança pertence à minha casa, e não pode ser aceitável a mim a não ser em dias de penúria, quando não podeis construir uma casa a mim...

"E na verdade vos digo que seja esta casa construída em meu nome, para que nela eu possa revelar ao meu povo as minhas ordenanças;

"Pois à minha igreja me digno revelar coisas que têm sido conservadas ocultas desde antes da fundação do mundo, coisas que dizem respeito à dispensação da plenitude dos tempos." (D&C 124:28-30, 40-41.)

Nesta revelação, registrada na seção 124 de Doutrina & Convênios, há referência à "plenitude do sacerdócio". O que isto quer dizer e como se obtém? Ensina o Profeta Joseph Smith: "Se um homem recebe a plenitude do sacerdócio de Deus, deve obtê-la da mesma forma que Jesus Cristo a alcançou, isto é, guardando todos os mandamentos e obedecendo a todas as ordenanças da casa do Senhor." (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, p. 300.)

O Presidente Joseph Fielding Smith ensina mais: "Se quiserdes salvação em sua plenitude, isto é, exaltação no reino de Deus, de modo a vos tornardes seus filhos, tereis que ir ao templo do Senhor e receber essas sagradas ordenanças naquela casa, que não podem ser obtidas em nenhum outro lugar. *Nenhum homem receberá a plenitude da eternidade, da exaltação sozinho; nenhuma mulher receberá esta bênção sozinha; porém, homem e mulher, quando recebem o poder selador no templo do Senhor... passarão para a exaltação e hão de continuar e tornar-se como o Senhor.* E este é o destino dos homens, isto é o

que o Senhor deseja para seus filhos." (*Doutrinas de Salvação*, 2:44.)

Está claro, pois, que, se não formos ao templo do Senhor e recebermos todas as ordenanças e obedecermos aos mandamentos, não poderemos receber a plenitude das bênçãos do sacerdócio e tampouco a exaltação. Estas maravilhosas bênçãos estão ao nosso dispor através da obra do templo.

Sou membro da Igreja quase toda minha vida. Fui batizado aos dezessete anos e ordenado ao Sacerdócio de Melquisedeque aos vinte e um. Quando ainda moço, servi em muitos cargos e tive muitas boas experiências na Igreja que me ajudaram a conhecer muitos conceitos que promoveram minha fé e testemunho. Entretanto, nunca senti ser membro *pleno* da Igreja até haver levado minha noiva ao templo e lá recebido o novo e eterno convênio, e as bênçãos e conhecimento da obra que nele se realizam.

Fui o primeiro de minha família a batizar-se na Igreja, e assim, tenho a responsabilidade de realizar a obra vicária no templo por meus antepassados que não tiveram a oportunidade de ouvir o evangelho, enquanto vivos na terra. Tenho também a responsabilidade de ensinar o evangelho aos meus filhos e instilar em seu coração e mente a importância da obra do templo. Minha mulher e eu temos quatro filhos, o mais velho dos quais é casado e tem dois filhos — nossos netos, muito queridos por nós. Nossos filhos nasceram dentro do convênio, como também nossos netos. A coisa mais preciosa que poderia dar a meus filhos ou netos nesta vida, ou o mais valioso legado que poderia deixar-lhes é o testemunho da veracidade do evangelho e a importância da obra genealógica e do templo, que nos une a todos pelas gerações afora em amor e felicidade.

Muita gente no mundo empreende longas viagens com grande sacrifício pessoal para ir a um templo. Sei que nosso Pai Celeste está atento aos seus justos desejos e os abençoa abundantemente por seus esforços. Recentemente chegou ao templo de Tóquio um grupo de Okinawa — mil e quatrocentos quilômetros de avião — entre eles um casal de noivos para casar-se. Os dois tiveram de gastar todo dinheiro que conseguiram economizar, não restando nada para uma festa de casamento ou lua-de-mel. Quando seus acompanhantes souberam disso, deram do pouco que tinham para presentear o casal com uma deliciosa lua-de-mel de um dia em Tóquio. Estes jovens não só gozaram as bênçãos do templo, como também se deleitaram e apreciaram a generosidade de seus irmãos e irmãs. Sem dúvida se aplica a eles o ensinamento de Paulo aos efésios, quando diz: "Assim que já não sois estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos santos e da família de Deus." (Efésios 2:19.)

Élder Yoshihiko Kikuchi, do Primeiro Quorum dos Setenta.

Tenho o firme e permanente testemunho da importância desta obra e das bênçãos que pode proporcionar a nossa vida. Externo minha gratidão por esse testemunho e pela pequena parte que agora exerço no ensino da genealogia e obra do templo. Que todos sejam abençoados por receber a plenitude das bênçãos da Casa do Senhor, eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.

Veio o Anjo Morôni!

Élder Mark E. Petersen
do Quorum dos Doze Apóstolos

"O Livro de Mórmon foi restaurado nestes dias, por ministração angélica e por ordem do próprio Deus."

Faz mais ou menos duas semanas, comemoramos um dos mais importantes aniversários na história da Igreja. Foi no dia 21 de setembro de 1823 que o Anjo Morôni apareceu pela primeira vez ao jovem profeta Joseph Smith, em sua casa na zona rural de Palmyra, Nova York.

Lembrando-o hoje, declaramos nosso solene testemunho a toda a humanidade de que *Morôni realmente veio!* É um fato, verdade firme e inabalável. Morôni veio!

Como um anjo de Deus, um mensageiro dos céus, esse glorioso personagem visitou Joseph Smith de forma física. Não foi um sonho, nem qualquer espécie de acontecimento místico.

Foi uma visitação. Dois seres físicos se encontraram — com Morôni, pessoa ressurreta de carne e ossos, emergindo do véu eterno e realizando repetidas e inesquecíveis visitas ao rapaz do campo, Joseph Smith. (Ver Joseph Smith 30:54.)

Muita gente já não mais acredita no ministério dos anjos. Mas Deus sim! Ele vem usando esse meio de comunicação desde os dias de Adão. Haveria algum motivo para não continuar fazendo em nossos dias?

Anjos ministraram a numerosas pessoas, transmitindo mensagens do Senhor, tanto nos tempos do Velho como do Novo Testamento.

Abraão andou e conversou com anjos. Um anjo assistiu Israel por ocasião do Êxodo. (Ver Êxodo 14:19.) Um anjo combateu um exército invasor nos dias do Profeta Isaías. (Ver Isaías 37:36.) Quando Daniel foi lançado na cova dos leões, um anjo cerrou a boca deles, salvando-lhe a vida. (Ver Daniel 6:22.)

Gabriel, o anjo, anunciou à virgem Maria, em Nazaré, que ela seria a mãe do Salvador. (Ver Lucas 1:30-33.) O mesmo anjo informou ao pai de João Batista do nascimento iminente dele. (Ver Lucas 1:13.)

Quando José e Maria e o Infante divino

fugiram para o Egito, foram guiados por um anjo; depois da morte do iníquo Rei Herodes, foi ele quem lhes disse que poderiam voltar para casa. (Ver Mateus 2:13; 19-20.)

Falando da santidade das crianças pequenas, disse o Salvador: "Vede, não desprezeis algum destes pequeninos, porque eu vos digo que *os seus anjos* nos céus sempre vêem a face de meu Pai que está nos céus." (Mateus 18:10; grifo nosso.)

Na hora de sua crucificação, Jesus poderia ter chamado doze legiões de anjos para socorrê-lo, quisesse ele evitar a taça amarga. (Ver Mateus 26:53.) Então, existem ou não anjos? Jesus o teria dito, se não existissem?

Em sua ressurreição, um anjo afastou a pedra da entrada do sepulcro. As mulheres o viram e ouviram-no falar. (Ver Mateus 28:2, 5.)

Ao prestar seu último testemunho aos perseguidores, o rosto de Estêvão brilhava como o de um anjo. (Ver Atos 6:15.)

Um anjo libertou Pedro da prisão. (Ver Atos 5:19.) Paulo refere-se às línguas dos homens e dos anjos. (Ver I Cor. 13:1.)

As escrituras ensinam claramente que o propósito do ministério dos anjos é "chamar os homens ao arrependimento... declarando a palavra de Cristo aos vasos escolhidos do Senhor, para que dêem testemunho dele". (Morôni 7:31.) E isto é bastante pertinente no caso de Morôni.

O Senhor ensina ainda que, se os anjos deixaram de aparecer no decorrer dos tempos, é por causa da descrença e espírito de apostasia entre os homens. Mas, havendo fé, o ministério dos anjos prosseguirá, enquanto a terra existir ou "houver no mundo um homem para ser salvo". (Morôni 7:36.)

Como o Senhor desejava salvar a humanidade, mesmo até o fim, revelou a João, o Revelador, que, nos últimos dias, anjos voltariam a voar pelos céus como emissários do Onipotente. João viu que um desses anjos voaria dos céus para a terra, trazendo de volta a esta o evangelho eterno, que estivera perdido durante séculos para a humanidade. (Ver Apocalipse 14:6.)

Esse anjo era Morôni, o qual vivera na América uns mil e quinhentos anos antes e fora em sua época um profeta de Deus. Ele e seu pai, Mórmon, foram historiadores do povo que habitou esta terra em outros tempos. Eles escreveram a história do seu povo, gravando-a sobre placas de ouro, a fim de que resistisse aos rigores do tempo, pois teria suma importância nos últimos dias.

A fim de preservá-la em segurança, Morôni a encerrou numa caixa feita de pedra que enterrou. Alguns críticos consideram isso muito estranho, mas teria sido mais estranho se não o fizesse. Por quê?

Porque sua maneira de agir estava de pleno acordo com um tradicional costume de várias nações do mundo para preservar e proteger seus documentos preciosos.

Durante muitos séculos, gravaram-se registros em metal. Alguns deles foram recuperados até agora, como as preciosidades encontradas desde a Coréia até Sri Lanka, da antiga Assíria e Pérsia até a Índia, de Java a Bangkok, na Itália, na Grécia e nas cavernas de Qumram, na Palestina, onde foram encontrados os pergaminhos do Mar Morto.

Nem todos esses registros foram gravados sobre ouro. Os povos antigos usavam também placas de prata, bronze, cobre, chumbo e, em alguns casos, até mesmo estanho, que não se provou ser muito resistente, pois oxida com mais facilidade que alguns outros metais.

Uma das mais apregoadas dessas descobertas foi a do rolo de cobre encontrado com os outros pergaminhos do Mar Morto, na Palestina. Ele continha, igualmente, antigos escritos sagrados.

O Rei Dario, que lançou Daniel na cova dos leões (ver Daniel 6), escrevia seus registros em folhas de ouro ou prata que eram guardadas em caixas de pedra e enterradas no chão, exatamente como fez Morôni. Seus registros já foram traduzidos e publicados. Para assegurar que pudessem ser lidos algum dia, Dario escrevia em três idiomas diferentes.

O antigo rei assírio Sargão II teve a mesma idéia, só que usava metais diversos para seus livros — ouro, prata, bronze, cobre e mesmo estanho. Gravava também em alabastro. Desejava preservar seus registros a todo custo para a posteridade. Então, o que fez? Como Dario e Morôni, guardou-os em caixas de pedra muito bem feitas e enterrou-os nos alicerces de seu palácio. Esses registros foram, igualmente, traduzidos e publicados.

Um livro composto de dezenove finas folhas de ouro, encontrado na Coréia em 1965, contém parte da escritura budista escrita em chinês. As finas placas desse valioso registro medem aproximadamente vinte e cinco centímetros de lado, presas por argolas para que possam ser abertas e fechadas como um livro.

As placas descobertas em 1964, em Pyrgi, na Itália, tinham cerca de dezenove centímetros de altura, com aproximadamente metade de largura, e descreviam em caracteres fenícios a dedicação de um santuário da deusa Astarote. Datam aproximadamente de 500 A.C., mais ou menos a mesma época de Léhi.

É interessante que alguns desses antigos registros foram escondidos em caixas de pedra especialmente confeccionadas para isso, como a de Morôni, algumas talhadas em um único bloco, outras feitas de placas cimentadas juntas. Algumas foram feitas de obsidiana, apresentando lindos entalhes interna e externamente. Destinavam-se a guardar várias coisas preciosas. De caixas de pedras maiores que foram encontradas, sabe-se que se destinavam para estocagem de cereais.

Na América Central e no México, têm sido descobertas dezenas de caixas de pedra, grandes e pequenas, algumas igualmente belas, entalhadas por dentro e por fora.

Ninguém mais precisa continuar alimentando ceticismo acerca de registros antigos feitos sobre metal para maior durabilidade, nem quanto ao fato de serem guardados em caixas metálicas ou de pedra.

Certamente havia registros sobre metal nos tempos antigos. Certamente eram de ouro, prata, cobre e chumbo! Certamente muitos datam da época em que Léhi saiu de Jerusalém e, sem dúvida, esse costume foi levado por ele para a América!

O último dos antigos profetas americanos foi Morôni. Ele e Mórmon, seu pai, compilaram os anais sagrados de seu povo cobrindo mil anos e incluindo o registro de um povo mais antigo ainda, os jareditas, que chegaram a este continente vindos da Torre de Babel. Os registros jareditas estavam gravados em vinte e quatro placas de ouro sólido.

Após a destruição de seu povo, e sendo o único sobrevivente de terríveis batalhas que se travaram, Morôni também fez uma caixa de pedra, nela guardou o registro feito por ele e seu pai, e a enterrou no chão como medida de segurança, exatamente como haviam feito Dario e Sargão. Ali deveria ficar até o dia em que o Senhor decretasse sua retirada.

Nestes tempos modernos, a simples menção de anjos produz escárnio e risos de alguns ouvintes críticos, que afirmam serem as ministrações angélicas coisas do passado, se é que existiram.

Asseguram também que não existe mais revelação dos céus, tampouco apóstolos e profetas na terra, visto que pertenceram à época de Pedro e Paulo. Ensinam que a Bíblia contém o necessário para qualquer caso e é um guia perfeito para a salvação. Esquecem-se de que a escritura é objeto de tantas in-

terpretações quantas denominações e credos existem no mundo, e eles chegam às centenas.

Nós afirmamos que existe revelação hoje em dia! Que existem apóstolos e profetas na terra agora! São inspirados e falam de fato a palavra de Deus. Maravilhosas e repetidas visitações angélicas aconteceram nos tempos modernos, quando Deus voltou a estabelecer sua Igreja divina na terra, após um longo período de trevas.

Morôni cumpriu duas profecias bíblicas, ao visitar Joseph Smith. João, o Revelador, viu um anjo voando pelo céu, trazendo o evangelho eterno de volta à terra. (Ver Apocalipse 14:6-7.) Diz ainda que esse anjo voaria "na hora do juízo (de Deus)" (Apocalipse 14:7), o que só pode significar os últimos dias. Isto o torna um acontecimento estritamente moderno.

Ele veio como foi predito, e Morôni era esse anjo. Sua vinda deu início a uma nova dispensação do evangelho de Cristo, direto de Deus, sem nenhuma relação com qualquer outro movimento religioso. Era um novo e divino episódio, uma revelação moderna dos céus, um renovado esforço do Todo-Poderoso para apresentar o evangelho de seu Amado Filho às nações de hoje.

Só existe um único evangelho de Cristo. Estava de posse desse anjo voando no meio dos céus, e que o trouxe de volta à terra como restauração celeste de divinas verdades. E repetimos — esse anjo foi Morôni.

De que maneira ou forma ou por meio de que método Môroni restaurou o evangelho eterno? Foi por algum meio tangível?

Amós, o antigo e inspirado vidente do Senhor, ensinava que Deus opera através de profetas. Dizia, de fato, que Deus não faz nada sem antes revelar seu plano aos seus servos, os profetas. (Ver Amós 3:7.)

Então, como agiria Deus para trazer novamente à terra o evangelho nos tempos modernos? Nela não havia profetas aos quais pudesse falar. O mundo já nem mais cria nelas. Se o Senhor não fizesse alguma coisa — nem mesmo enviasse seu anjo à Terra para restaurar o evangelho — sem os serviços de

um profeta vivo, como conseguiria realizar seu divino propósito? Como poderia consumar-se a visitação angélica predita para os últimos dias, se não houvesse profeta para recebê-la?

Deus só podia fazer uma coisa, isto é, levantar um novo profeta para esse fim em particular, e isto ele o fez na pessoa do Profeta Joseph Smith Jr., que vivia nos arredores de Palmyra, Nova York, em 1823. Foi a este jovem que o Anjo Morôni veio.

E como o anjo entregou o evangelho a Joseph Smith, devolvendo-o, assim ao conhecimento público?

O profeta Isaías o explica. No capítulo vinte e nove de seu livro, ele fala de um antigo registro que seria revelado nos últimos dias, numa época que precederia a restauração da Palestina como campo fértil. (Vers. 17.) Esse registro se apresentaria em forma de livro, a respeito de um povo que fora destruído subitamente. (Veja Vers. 5.)

Certas palavras desse livro, prediz Isaías, seriam levadas a um homem erudito que as rejeitaria. Então, diz ele, o livro propriamente dito seria entregue a um homem inculto, que agora sabemos ser Joseph Smith, que se enquadra na descrição de Isaías, pois tinha pouquíssima instrução formal. Em suas mãos, afirma Isaías, esse livro seria publicado ao mundo pelo poder maravilhoso de Deus, tornando-se uma obra maravilhosa e um assombro. (Ver Isaías 29:11-12, 14; Joseph Smith 63-65.)

Esse livro era o mesmo volume preparado em outros tempos por Mórmon e Morôni, contendo as simples e maravilhosas verdades do evangelho em sua plenitude, conforme haviam sido ensinadas pelos antigos profetas americanos. Foi chamado de Livro de Mórmon. Foi este livro que Morôni colocou ao alcance do mundo através do Profeta Joseph Smith. Assim, esse registro contendo o evangelho eterno restaurou ao homem as verdades salvadoras necessárias à salvação, que só se alcançam através de Cristo.

Morôni ocultara esse registro debaixo do solo uns quatrocentos anos depois de Cristo, e sabia exatamente onde recuperá-lo. Enterrou-o depois de encerrado numa caixa de pedra, exatamente como fizeram o Rei Dario e o Imperador Sargão em seus dias.

Tendo ocultado o registro, Morôni foi agora chamado por Deus para recuperá-lo e entregá-lo ao novo profeta, a fim de que fosse publicado. Dessa maneira, devolveu o evangelho à terra, pois o registro continha o evangelho em sua simplicidade e plenitude. O registro estava ali, era a palavra de Deus e veio à luz por obra de Deus. Era um poderoso milagre de Deus.

Assim, pois, Morôni cumpriu, visitando Joseph Smith, duas profecias bíblicas: o capítulo 14 de Apocalipse e o capítulo 29 de Isaías. Ele veio à terra em forma de um anjo. Entregou a Joseph Smith as placas de ouro contendo o registro que havia preparado por ordem direta do Deus Onipotente. Ele é uma nova testemunha do Senhor Jesus Cristo; declara, como faz a Bíblia, que Jesus de Nazaré é de fato o Filho de Deus, nosso Salvador e Redentor. O livro está à disposição de toda a humanidade. Um milhão de exemplares são publicados anualmente em mais de uma vintena de línguas.

Assim, mais uma vez testificamos que o Livro de Mórmon é verdadeiro. É a palavra do Deus Todo-Poderoso, restaurado nestes dias por ministração angélica e por ordem do próprio Deus. Testificamos que Morôni veio como um anjo, em 21 de setembro de 1823, revelando seu antigo registro e que o fez como servo de Jesus Cristo. Antes de sua publicação, permitiu que doze cidadãos americanos modernos, de boa reputação, examinassem as placas de ouro, a fim de que pudessem testemunhar que as viram ou manusearam.

Testificamos que Joseph Smith foi de fato um profeta moderno de Deus, levantado especialmente para o propósito descrito.

E testificamos, com toda solenidade, que Jesus Cristo de Nazaré é o Filho de Deus, nosso Salvador, nosso Redentor, nosso Criador. Testificamos ainda que somos seus servos ordenados e falamos pelo poder que ele restaurou e nos conferiu nestes dias. E testificamos, com toda solenidade, que a obra em que estamos empenhados é realmente verdadeira, em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.

SESSÃO DO SACERDÓCIO,
1º de outubro de 1983.

Nossa Responsabilidade de Levar o Evangelho Até os Confins da Terra

Élder Jack H. Goaslind Jr.
do Primeiro Quorum dos Setenta

As instruções do Senhor continuam em vigor: "Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda a criatura." (Marcos 16:15.)

Poucos anos atrás, havia uma série popular de palestras intituladas a "Última Preleção". Conhecidos membros SUD eruditos eram convidados a escolher um assunto que consideravam tão importante que bem poderia ser o tema do último discurso que lhes fosse permitido fazer. A escolha dos assuntos proporcionou-nos certos pontos de vista muito interessantes. Ocorreu-me que nosso Senhor, depois da ressurreição, mas antes da ascensão, também fez uma "última preleção" profundamente significativa a seus discípulos. De todos os assuntos de seu vasto acervo de sabedoria eterna que poderia ter abordado, escolheu exatamente este: "Ide por todo mundo, pregai o evangelho a toda a criatura." (Marcos 16:15.) E os discípulos partiram e "pregaram por todas as partes, cooperando com eles o Senhor, e confirmando com os sinais que se seguiram". (Marcos 16:20.)

Oro nesta noite que eu seja capaz de comentar a última preleção do Senhor, ensinando-vos, portadores do sacerdócio, segundo os convênios, e motivando-vos a reagir como discípulos do Senhor, com fé e inabalável dedicação. Espero particularmente que os jovens do Sacerdócio Aarônico percebam a im-

portância do que vou falar, porque é a eles que caberá a principal responsabilidade de levar o evangelho aos confins da terra.

A vida de Deus — a vida eterna, exaltada que todos almejamos — é inerentemente dedicada à salvação das almas. "Proporcionar a imortalidade e vida eterna ao homem" é a "obra e... glória" de Deus. (Moisés 1:39.) E é proporcionando as condições necessárias para a salvação de seus filhos que Deus se glorifica, progride e expande seus domínios. (Ver D&C 132:31.)

Paulo diz que Deus "quer que todos os homens se salvem". (I Timóteo 2:4.) Para nosso Pai Celeste, "o valor das almas é grande" (D&C 18:10), e "a redenção da(s) sua(s) alma(s) é caríssima". (Salmo 49:8.) Por isso Deus enviou seu Filho, o Salvador e Redentor, para romper os laços da morte e expiar os pecados dos homens carnais e decaídos. O Senhor sofreu a dor de todos os homens para que todos eles pudessem vir a ele, desde que se arrependessem. (Ver D&C 18:11-12.)

Nosso encargo de proclamar arrependimento a todos os povos é conseqüência direta da expiação eterna e infinita. (Ver D&C 18:10-14.) É ensinando o evangelho e ministrando as ordenanças que a expiação se torna atuante na vida de uma pessoa. Conforme diz Paulo: "Como pois invocarão aquele em quem não creram? e como crerão naquele de quem não ouviram? e como ouvirão, se não há quem pregue?" (Romanos 10:14.)

Jesus Cristo exemplificou pessoalmente como devemos cumprir esse chamado. Anunciou o propósito de seu ministério, citando Isaías em seu primeiro sermão público na sinagoga de Nazaré.

"O Espírito do Senhor é sobre mim, pois que me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me a curar os quebrantados de coração, a apregoar liberdade aos cativos, e dar vista aos cegos; a pôr em liberdade os oprimidos; a anunciar o ano aceitável do Senhor." (Lucas 4:18-19.)

As condições de nosso discipulado impõem-nos missão idêntica, pois ele disse: "As obras que me vistes fazer, essas mesmas fareis." (3 Néfi 27:21.) Nós temos o necessário poder para fazer tudo o que fez o Salvador — excetuando a expiação propriamente dita — em nossa obra de salvar nossos semelhantes. Na verdade, foi-nos dito: "Se não forem salvadores dos homens, serão como o sal que perdeu o seu sabor." (D&C 103:10.)

O Senhor não deixou ao acaso a execução dessa obra sagrada. Por meio de convênios sagrados, ele impõe essa responsabilidade a todos os membros do seu reino, capacitando-nos simultaneamente a cumprir esse convênio. Até mesmo as crianças e jovens têm esse sagrado dever e igual poder de fazê-lo.

O Élder John A. Widtsoe ensinava que em nosso estado pré-mortal "nós concordamos ... em ser salvadores não só de nós mesmos como mensuravelmente, salvadores de toda a família humana... A execução do plano tornou-se assim não só a obra do Pai e do Salvador, mas também a nossa". (*Utah Genealogical and Historical Magazine*, outubro de 1934, p. 189.) Entendemos, como notou o Presidente George Albert Smith, que "não podemos receber o favor beneficente de nosso Pai Celeste que nos é concedido, o conhecimento da vida eterna, e retê-lo egoisticamente, pensando que assim seremos abençoados. Não é o que recebemos que enriquece nossa vida, mas o que damos". (*Conference Report*, abril de 1935, p. 46.) Portanto, "aqueles que recebem a mensagem estão obrigados," diz o Élder Widtsoe, "pelo imutável acordo celebrado antes da organização deste mundo... (a) fazerem tudo que puderem para levá-la à atenção de outros". (*Priesthood and Church Government*, pp. 318-19.)

Essas solenes promessas pré-mortais são renovadas e confirmadas sobre nós nas ordenanças de salvação. No batismo, por exemplo, fazemos convênio de "servir de testemunhas de Deus em qualquer tempo, em todas as coisas e em qualquer lugar em que (nos encontremos), mesmo até a morte". (Mosiah 18:9.) A promessa é que o Senhor derramará "seu Espírito com mais abundância sobre vós". (Mosiah 18:10.) E ao participar do sacramento renovamos esses convênios, com a promessa de que se formos fiéis, teremos sempre conosco o seu Espírito. (Ver D&C 20:77.)

Novamente, somos "dotados com o poder do alto" em lugares santos, o qual nos ca-

pacita a sairmos "entre as nações". (D&C 38:32-33.) Na dedicação do Templo de Kirtland, Joseph Smith orou: "Pai Santo, que os teus servos possam sair desta casa armados com o teu poder, e que teu nome esteja sobre eles, e toda glória ao redor deles, e que os teus anjos zelem por eles;

"E que deste lugar levem, em verdade, extremamente grandes e gloriosas novas aos confins da terra." (D&C 109:22-23.)

Obedecendo aos mandamentos e cumprindo esses convênios, somos santificados, purificados e nascemos do Espírito, tornando-nos vasos dignos de receber o Santo Espírito e os dons associados do Espírito que têm de acompanhar esta obra se quisermos ter sucesso. O cumprimento dos mandamentos, explica Morôni, "traz a remissão dos pecados."

"E a remissão dos pecados produz a humildade e a brandura de coração; e por causa da humildade e brandura de coração vem a visitação do Espírito Santo, o Consolador, que nos enche de esperança e perfeito amor." (Morôni 8:25-26.)

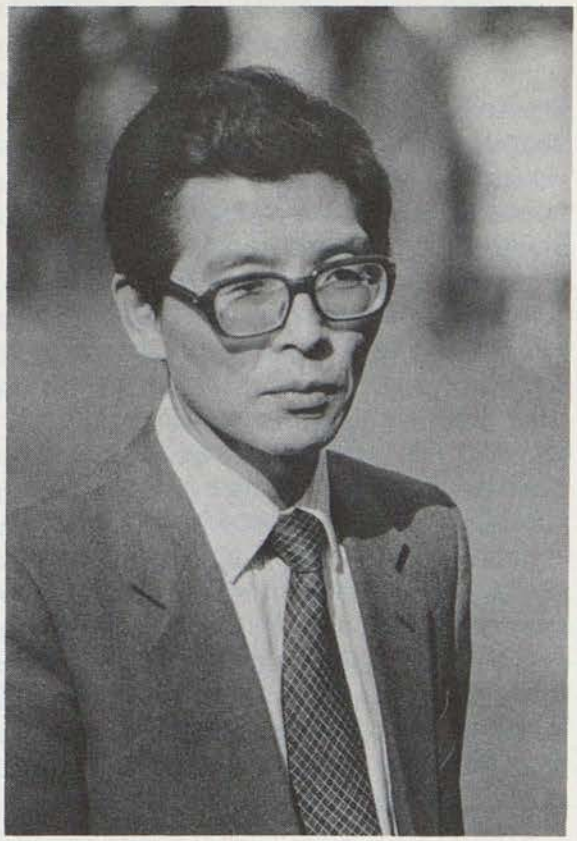
O amor, portanto, é prova de nossa própria conversão e se manifesta na preocupação com a salvação alheia. Dizia Jacó aos nefitas: "Desejo a felicidade de vossas almas. Sim, minha ansiedade por vós é grande." (2 Néfi 6:3.) Os filhos de Mosiah "desejavam que a salvação fosse declarada a toda criatura, porque não queriam que nenhuma alma perecesse". (Mosiah 28:3.)

Esse amor, ou caridade, é nosso maior trunfo. João reconhecia que "a caridade lança fora o temor" (I João 4:18). Esse temor e essa relutância são o maior obstáculo que nos impede de sentir a alegria do serviço missionário. É também exercendo aquela "fé que opera por caridade" (Gálatas 5:6) que podemos valer-nos do poder espiritual, porque Deus "obra com poder, de acordo com a fé dos filhos dos homens". (Morôni 10:7.)

Conforme sabia Morôni, esse perfeito amor é resultado direto da remissão dos pecados. Por isso é imperativo para "reter a remissão de vossos pecados de dia para dia" (Mosiah 4:26) que supramos as necessidades e carências de nossos irmãos, tanto temporal como espiritualmente.

Precisamos entender que recebemos uma comissão divina de Deus e que, negligenciando-a, pomos em risco nossa salvação. Disse o Presidente Spencer W. Kimball: "Se não fizermos nosso dever com respeito ao serviço missionário, estou certo de que Deus nos responsabilizará pelas pessoas que poderíamos ter salvo, tivéssemos cumprido nosso dever." (*Ensign*, outubro de 1977, p. 5.) Isto ecoa a grave doutrina de Jacó: "Nós magnificamos nosso ofício para o Senhor, tomando sobre nós a responsabilidade de responder pelos pecados do povo, se não lhe ensinássemos com diligência a palavra de Deus; e assim trabalhando com toda nossa força, seu sangue não mancharia nossas vestimentas; do contrário, o seu sangue cairia sobre nossas vestimentas e não teríamos sido achados sem mancha no último dia." (Jacó 1:19.)

Eis a advertência. Está em jogo nosso bem-estar eterno, como também o bem-estar eterno de nossos irmãos e irmãs não-membros. Por outro lado, as promessas para nossa diligência são gloriosas. Sabemos que:



* Trazer almas ao Senhor é "a coisa de maior valor para ti". (D&C 16:6.)

* Proclamando o evangelho, "farás o maior bem aos teus semelhantes, e promoverás a glória daquele que é o teu Senhor". (D&C 81:4.)

* Aqueles que procuram estabelecer Sião "terão o dom e o poder do Espírito Santo". (1 Néfi 13:37.)

* Os servos fiéis serão "coroados com honra, glória, imortalidade e vida eterna". (D&C 75:5.)

Irmãos, gostaria de dizê-lo clara e incisivamente. Trabalhar pela salvação dos outros é essencial para nossa própria salvação. Não podeis magnificar plenamente vosso chamado de acordo com o juramento e convênio do sacerdócio sem vos empenhardes ativamente nessa obra de salvação, pois o sacerdócio é-vos conferido como um instrumento de serviço.

Dizia certa vez o Élder Bruce R. McConkie: "Este chamado ao serviço missionário não nos deixa nenhuma opção ou escolha quanto ao rumo a seguir. Não é mero convite permissivo que nos faculta divulgar a mensagem do evangelho em caráter voluntário, ou se acharmos conveniente fazê-lo. O decreto é mandatório. Não temos nenhuma escolha se quisermos conservar as boas graças de Deus." (*Conference Report*, outubro de 1970, p. 54.)

Rapazes, entendeis agora por que o Presidente Spencer W. Kimball disse que "todo jovem deve cumprir missão"? (*Ensign*, outubro de 1974, p. 8.) Não é uma opção: é vossa obrigação. E vós, casais de mais idade, sabeis que o Presidente Kimball disse claramente que tendes igualmente essa responsabilidade? (Ver *Teachings of Spencer W. Kimball*, p. 551.) Diz ele: "Está na hora de partir." (*Go Ye into All the World*, texto do filme produzido pelo Departamento de Produção Cinematográfica da Universidade Brigham Young, p. 2.) Este serviço beneficia tanto a vós como a Igreja e os não-membros que recebem vossa mensagem. Somos gratos pelo crescente número de rapazes e casais que estão cumprindo missão. Asseguramo-vos que não existe coisa mais importante do que vos prepararmos para uma missão, estudando seriamente as escrituras, conservando-vos moralmente limpos e pautando vossa vida temporal e espiritual pelo firme propósito de cumprir missão.

Tenho procurado ensinar-vos de acordo com vossos convênios como membros da Igreja e portadores do sacerdócio. Exorto-vos a pedirdes ao Senhor, em oração, um testemunho do convênio que assumistes de pregar o evangelho. Então, à medida que guardardes "todos os mandamentos e convênios pelos quais estais ligados", o Senhor fará com que "os céus estremeçam a vosso favor". (D&C 35:24.)

Sei que a responsabilidade e oportunidade de prestar serviço missionário é a coisa mais valiosa que podemos fazer. As bênçãos precisam ser experimentadas para serem apreciadas.

Concluo com a indagação do Profeta Joseph Smith: "Irmãos, não prosseguiremos em tão grande causa?" (D&C 128:22.) Em nome de Jesus Cristo. Amém.

As Bênçãos da Obra Missionária

James M. Dunn
Ala XI Valley View, Estaca Holiday Norte

"Sentia-me, como missionário, com mais energia, mais entusiasta, mais otimista e mais confiante do que em qualquer outra coisa que tenho feito na vida."

Meus caros irmãos, repetindo um dito popular entre os missionários atualmente, esta é uma experiência "impressionante". Oro que a influência tranqüilizadora esteja comigo, para que consiga expressar o que penso.

Ao partir para minha primeira missão quando jovem, não sabia praticamente nada acerca da obra missionária. Tinha um frágil testemunho do evangelho, mas cria que estava fazendo o que é certo.

Chegando em Montevidéu, Uruguai, fui designado companheiro do Élder Wayne G. Scheiss, meu primeiro companheiro sênior. Percebi imediatamente que ele se importava comigo. Nos breves três meses que passamos juntos, ensinou-me tudo que fui capaz de aprender das palestras missionárias. Ensinou-me os rudimentos do idioma espanhol. E ensinou-me a colocar os pés no caminho apropriado do serviço missionário e a voltar meu coração para as coisas divinas.

Ele permitiu-me batizar nosso primeiro converso. Mário já ouvira quase todas as palestras missionárias quando cheguei, mas meu companheiro achou por bem que eu realizasse a ordenança. Dei duro para aprender a oração batismal em espanhol. Esforcei-me em corrigir minha pronúncia para que pudesse ser entendido durante a sagrada ordenança.

Jamais me esquecerei de quando finalmente me vi de pé na pia batismal no Ramo Deseret com Mário, com a mão erguida em ângulo reto e dizendo: "Habiendo sido comi-

sionado por Jesucristo..." "Tendo sido comissionado por Jesus Cristo, eu te batizo..." (D&C 20:73.)

Eu ouvira que pessoas eram comissionadas, a pintar quadros, ou a servir nas forças armadas. Mas quando compreendi que eu fora comissionado pelo Salvador a batizar em seu sagrado nome para a remissão de pecados, senti um assomo de testemunho e orgulho e gratidão apossar-se de toda minha alma. Sabia que estava a serviço do mais importante Mestre de todos. Sabia que estava autorizado a realizar aquela ordenança, e sabia que Mário saiu da pia batismal limpo e puro, e aceitável ao nosso Pai Celeste. Sou grato ao meu companheiro por essa experiência. E sou grato pela comissão recebida do Senhor.

Em agosto deste ano, os jovens do Sacerdócio Aarônico de nossa ala receberam a designação de administrar o sacramento aos residentes da casa de repouso local. Acompanhei-os para o caso de precisarem de alguma ajuda. Naturalmente, não precisaram. Tudo estava sob o mais perfeito controle. Minha estada ali, contudo, proporcionou-me uma grande experiência. Terminada a reunião, o presidente do ramo procurou-me dizendo:

— Por acaso é parente de Billy E. Dunn?

— Sou sim. É meu pai.

Ao que ele disse: — Seu pai foi um de meus companheiros missionários prediletos. Servimos juntos na junta da missão. E nunca esquecerei de quando o Presidente Murphy nos mandou percorrer as ilhas no velho Ford da missão.

E foi falando de suas reminiscências por algum tempo, contando-me algumas experiências missionárias com meu pai no Havaí cinqüenta anos atrás. Por sua maneira de falar, seus olhos brilhantes e expressão sorridente, parecia que aquilo tudo acontecera havia poucos dias.

O relacionamento pessoal entre os missionários é uma das maiores bênçãos que usufruimos em conseqüência desse serviço. A amizade e influência positiva de um sobre o outro podem ser eternas.

Uma das grandes emoções vividas pelo missionário é ver o evangelho modificar a vida de uma pessoa, de uma família inteira — observar u'a mãe infeliz, um pai confuso, um rapaz ou moça desorientados encontrarem o caminho que conduz à verdadeira felicidade e finalmente à vida eterna.

Nenhum missionário sem exceção, deixou de influenciar a vida de muitos positivamente, independente do número de conversões que haja feito.

Com respeito a seus desafios pessoais, todo missionário vos dirá, como eu agora, que à medida que prossegue e exerce fé surge a mais extraordinária sensação espiritual: Um assomo de coragem, confiança e poder para superar-se, o conhecimento de que Deus está com ele e de que não pode ser mal sucedido com Deus ao seu lado — seja qual for o problema ou até mesmo os resultados.

Tenho por experiência que enquanto servi como missionário de tempo integral, sentia-me com mais energia, mais entusiasmo, mais otimismo e mais confiante do que em qualquer outra coisa que tenho feito na vida. Particularmente em conexão com minha mais recente designação como presidente de missão,

sei que Deus me mandou realizar sua obra e sei que a obra dele seria feita. Sei igualmente que tive lá o melhor contingente de rapazes e moças da história do mundo para me ajudar e ajudaram-se mutuamente a realizar coisas extraordinárias no decorrer de nossa missão juntos. Amei a cada um deles cada dia que raiou, e acalento as experiências de cada dia.

Os missionários não só ensinam mas aprendem uns dos outros. Uma das coisas que aprendi como jovem missionário foi que a aptidão espiritual, exatamente como a aptidão física e mental, exige certo preço que inclui abnegação.

Depois de passar a companheiro sênior, conheci em Montevidéu, Carlos Garcia, então com cerca de quatorze anos. Conhecemo-nos quando foi ouvir as palestras missionárias na casa de seus vizinhos, os Carabajals. Carlos queria que ensinássemos também a sua família e arranjou um encontro nosso com seus pais e irmãos mais novos. Ensinamos a família Garcia e vimo-los tornarem-se membros da Igreja. Visitando a casa dos Garcia um dia, vimos coladas na parede da sala enormes letras vermelhas recortadas e que diziam: "Y Yo Tercero."

Perguntamos ao Carlos o que aquilo queria dizer e ele explicou: "Bem, eu imagino a coisa assim. Primeiro vem Deus. Depois vem minha família e os outros. Em terceiro lugar venho eu." Jamais me esqueci deste grande ensinamento.

Em minha mais recente missão que cumpri com minha esposa, Penny, e nossas seis filhas, viemos a amar e apreciar particularmente nossos missionários, tendo um apreço especial por nossos missionários colombianos.

Sei que o mesmo se pode dizer dos missionários que servem por toda a parte em sua própria terra natal. São extraordinários. Nossos missionários colombianos eram não só simpáticos, encantadores e inteligentes, mas também dedicados, capazes e eficientes. Com seu companheiro júnior norte-americano, um missionário colombiano particularmente bem dotado batizou cinqüenta e duas pessoas em um mês. Outra irmã colombiana

foi responsável pela conversão de quatorze pessoas antes de ser membro da Igreja um ano e receber seu chamado formal de missionária. Esses jovens voltavam da missão sem alarde. Muitos deles nem sabiam onde iriam viver, pois seus pais haviam deixado claro que não haveria mais lugar para eles em casa quando voltassem. Não obstante, serviram primeiro a Deus, crendo que ele cuidaria deles e de seu futuro. É impossível prestar o devido tributo a esses jovens. Meu único pesar com relação aos missionários colombianos é que não tivemos o triplo deles.

Às vezes, quando falamos de missão e obra missionária, alguns rapazes se retraiam por não se considerarem dignos. Lembrem-se de que ninguém lhes está apontando um dedo acusador. Seus líderes no sacerdócio — consultores e bispos — não desejam ser juízes críticos. Eles querem ajudar. Se acharem que precisam de ajuda quanto a dignidade, conversem com o consultor do quorum ou, se necessário, procurem o bispo e com ele decidam a maneira de colocarem as coisas em ordem com o Senhor. Que grande bênção será para vocês, para nós e para centenas de outros.

Certa vez, um jovem missionário que acabara de chegar a Bogotá para servir em nossa missão, comentou em nossa primeira entrevista:

— Bem, presidente, suponho que já sabe tudo sobre mim e meus problemas antes de receber o chamado missionário e todos os problemas que tive no CTM.

— Está enganado, élder, — respondi-lhe. — Não sei de nada e francamente, a menos que se trate de séria transgressão moral, nem quero saber. A única coisa que me importa e, acredito, a única coisa que importa ao Senhor é o que você fará daqui em diante. Sei que foi chamado por Deus para servir nesta missão e que é capaz de ser um poderoso e excelente defensor do Salvador. Aqui e agora é sua real oportunidade de mostrar ao Senhor e aos outros quem você realmente é e o que consegue fazer.

Penso que o missionário ficou um pouco surpreso com minha resposta, que efetivamente encerrou nossa entrevista.

Esse jovem trabalhou com entusiasmo e energia em algumas das áreas consideradas mais difíceis da missão. Ensinou, converteu, batizou; passou a líder de distrito e líder de zona. Deixou nossa missão merecedor de meu maior respeito pelo que fez e pelo homem que se tornou.

Acima de todos os benefícios e bênçãos do serviço missionário que acontecem na vida do missionário — e que proporcionam paz e consolo inigualáveis à alma — está o testemunho que adquire, talvez não repentinamente, mas linha sobre linha. (Veja Isaías 28:13.) Esse testemunho quero prestar-lhes agora como missionário recém-chegado. Eu sei que Deus vive. Sei que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, líder de toda a humanidade e a dimensão do gênero humano. Ele é o Rei, nosso Conselheiro e Amigo, merecedor de nossa mais pura e profunda adoração e digno de nossos melhores esforços. Como missionários ansiamos por servi-lo de todo o coração, poder, mente e força. (Veja D&C 4:2.) Em nome de Jesus Cristo. Amém.

Chamado Como por uma Voz do Céu

Élder Vaughn J. Featherstone
do Primeiro Quorum dos Setenta

"Vocês, maravilhosos irmãos que presidem o Sacerdócio Aarônico, vocês são mais importantes para a Igreja do que jamais ousariam imaginar."

Dizia Benjamim Franklin: "Penso que os talentos para a educação da juventude são dom de Deus; e aquele a quem são concedidos, sempre que houver oportunidade de usá-los, é chamado incisivamente como por uma voz do céu."

E o Presidente Harold B. Lee contava: "Alguém perguntou (a uma grande cantora lírica que tinha muitos filhos) qual deles era seu predileto. Sua resposta revelou a profundidade de seu verdadeiro senso maternal: 'Meu filho predileto é o que está doente até ficar bom, ou o que está ausente até voltar.' " (*Church News*, 13 de junho de 1964, p. 14.)

Este mesmo profundo interesse e carinho deve ser a força motivadora de todo bispo e todo consultor.

John Sonnenberg, um excelente representante regional, contou esta experiência de quando era um jovem dentista. O casal tinha sete filhos, todos pequenos, e somente um carro. Assim, quando a esposa ia à cidade, tinha de tomar ônibus. Certo dia, ela e os sete garotos esperavam o ônibus. Quando este chegou e parou, as crianças e sua mãe subiram, e a Irmã Sonnenberg depois de pagar a passagem, foi colocando na caixa uma moeda para cada um dos sete pequenos. Admirado, o motorista indagou: "Dona, são todos seus ou é um piquenique?"

"São todos meus; não é um piquenique", foi a resposta.

Nesta geração, tornar-se adulto não é nenhum piquenique para o jovem. Exige es-

tabilidade, padrões elevados, oração, e pais e consultores do Sacerdócio Aarônico que realmente se importam com ele.

Henry Eyring, renomado cientista e excelente mestre que faleceu recentemente, costumava competir com seus alunos. Com mais de sessenta anos ainda praticava salto em distância e desafiava estudantes universitários para corridas de curta distância.

Um dia, poucos anos antes de sua morte, ele encontrava-se no Edifício dos Escritórios da Igreja. Seu cunhado, o Presidente Spencer W. Kimball, saindo de seu escritório, viu Henry Eyring no corredor usando uma bengala e indagou:

— Henry, porque usa essa bengala?

— Classe, Presidente, classe.

Não admira que haja exercido tamanha influência na juventude de toda a Igreja. Ele tinha "classe".

No acampamento do Sacerdócio Aarônico de Nauvoo, no verão passado, houve oficinas especiais de preparação missionária, dirigidas pelos bispos. Cada rapaz recebeu seu próprio livro de preparação missionária. Dois mil jovens participaram dessas atividades.

Certo bispo contou que um dos seus rapazes não queria participar, ficando esticado preguiçosamente na grama a alguns metros do grupo. De vez em quando ria ou parecia caçoar. Era como se não tivesse a mínima intenção de cumprir missão. Naquela noite, durante a reunião de testemunho em torno da fogueira, esse jovem levantou-se e disse: "Hoje de manhã não participei das oficinas de preparação missionária, mas estava ouvindo, estava ouvindo. E tenho pensado, pensado bastante." Depois, com muita emoção acrescentou: "Tomei a decisão de sair em missão."

Um ano atrás em Flagstaff, Arizona, realizou-se um banquete especial para os Escoteiros da Pátria. Eram mil, cento e cinqüenta. Quando John Warnick, diretor de Relações Mórmons, solicitou que todos os que se comprometessem a cumprir missão ficassem de pé, os mil, cento e cinqüenta se levantaram.

Mais tarde, um dos rapazes que era católico procurou o bispo, e disse-lhe:

— Não sou mórmon, mas comprometi-me a cumprir missão. O que devo fazer?

Então o bispo propôs: — Vamos conversar com seus pais.

Durante a visita a essa família, ficou decidido que ela ouviria as palestras dos missionários. A família inteira, incluindo o Escoteiro da Pátria, é agora membro da Igreja.

A Organização das Moças e a dos Rapazes da ala estavam realizando uma festa de natação. O bispado compareceu de terno e gravata. Muitos dos jovens já haviam entrado na água. Tudo parou enquanto um idoso sumo sacerdote proferia a oração de abertura. Enquanto ele orava, ouviu-se um baque na água. Conta um conselheiro do bispado: "Como sempre sou um tanto prático, abri um olho para ver quem era o irreverente que nadava durante a oração. Um garoto latino de doze anos, que não sabia nadar, caíra não sei como na parte mais profunda da piscina e estava-se afogando. Pulei na água de terno, sapatos e tudo, agarrei o garoto e ajudei-o a sair. Ele ficou sentado na beirada e eu fiquei esperando dentro da piscina. E o sumo sacer-

dote continuava orando, orando."

O conselheiro prossegue: "Acho que o garoto estaria afogado se houvéssemos esperado terminar a oração para socorrê-lo." Depois concluiu: "Acho que devemos conservar um olho aberto e estar prontos para o que for necessário para salvar nossos jovens. E a propósito, o bispo não abriu os olhos, nem mesmo quando pulei na piscina."

Bispos, conservem os olhos abertos, com uma constante prece no coração para que o Senhor lhes permita saber quando seus jovens estão em apuros.

Um vendedor bateu à porta de uma casa. Lá dentro um rapaz martelava monotonamente o piano. O vendedor indagou-lhe:

— Sua mãe está em casa?

— O que o senhor acha? — foi a resposta.

Assim como essa mãe supervisionava o estudo de música do filho, somos gratos aos grandes homens que conscienciosamente supervisionam, cuidam e amam a juventude.

Faz alguns anos em Tracy Wigwan, Terry, um diácono, participava de um acampamento com pernoite. Era noite de lua cheia. Tomando Terry pelo braço, seu consultor convidou: "Vamos dar uma volta, Terry."

Depois de caminharem um pouco, afastando-se das cabanas, o consultor propôs: "Terry, vamo-nos ajoelhar e orar." Ajoelharam-se juntos e oraram. Terminada a prece, o consultor perguntou:

— Terry, você costuma orar?

— Não.

— Terry, quer prometer-me que orará todos os dias, pelo resto de sua vida?

O menino respondeu: — Nunca fiz uma promessa sem intenção de cumprí-la.

Ficou pensando a respeito e concluiu que orar estava certo. Era uma boa coisa. Então disse ao consultor: "Sim, vou orar pelo resto de minha vida."

Diz Terry, que cursou o colegial, depois

Élder Vaughn H. Featherstone, à esquerda, do Primeiro Quorum dos Setenta, cumprimenta visitantes da conferência.

foi zagueiro pela Universidade de Utah, onde foi reconhecido como um dos melhores jogadores da seleção, e posteriormente passou a jogar pelos Pittsburgh Steelers: "Mantive a promessa e venho orando todos os dias, de manhã e à noite." E Terry está aqui presente hoje.

Um dos atos mais nobres e cristãos que qualquer líder pode fazer é sair em busca das ovelhas. Dizia o Élder Harold B. Lee: "O amor de uma pessoa mede-se pelo que ela dá, não pelo que recebe." (Citação de um discurso proferido pelo Élder Harold B. Lee em 1968, no Departamento de Aventureiros-Exploradores.)

René de Chardan, cientista francês, diz: "Algum dia, depois de havermos dominado os ventos e as ondas, as marés e a gravidade, domaremos para Deus as energias do amor e então, pela segunda vez na história do mundo, o homem terá descoberto o fogo." Assim é o amor de um grande homem em minha vida, Bruford Reynolds.

Quando tinha uns onze anos, eu costumava todas as noites de terça-feira ficar espiando a reunião dos escoteiros pela janela do subsolo. Os escoteiros realizavam competições de patrulha, acendiam fogo com pederneira e fuzil, praticavam primeiros socorros, instrução e jogos. Mal conseguia esperar a época de me tornar um diácono e escoteiro.

Quando fui ordenado diácono, inscrevi-me também no escotismo. Bruford Reynolds era na época o consultor do quorum dos diáconos e também chefe dos escoteiros.

Dois meses depois de ingressar na tropa, fui à casa do Irmão Reynolds para cumprir os requisitos para passar à segunda classe. Terminada esta parte, o Irmão Reynolds comentou: "Vaughn, você tem bastante capacidade de liderança, mas não podemos aproveitá-la por você ser tão arruaceiro nas reuniões da tropa. Quando se emendar, precisaremos de você."

Pertencendo a uma família numerosa que além de pobre era inativa, eu recebia pouca atenção pessoal. Meu pai nunca me dissera que eu poderia ser alguém. Pensei bastante em minha maneira de comportar-me. Decidi mudar. Na terça-feira seguinte, mal ousava mexer os olhos. Fui quase tão perfeito quanto sabia ser.

Bruford Reynolds cumpriu sua palavra. Tornei-me monitor-assistente de patrulha, monitor de patrulha, assistente do monitor sênior de patrulha, depois monitor sênior de patrulha. Ele acreditou em mim e teve um profundo impacto em minha vida.

Faz uns cinco anos, telefonei a Bruford Reynolds, que na época era bispo e pedi:

— Será que poderia convidar-me a falar em sua reunião sacramental, num futuro próximo?

— Mas nós não devemos pedir isso a autoridades gerais, — respondeu.

— Mas o irmão não está pedindo; quem o faz sou eu, — retruquei. Então ele disse:

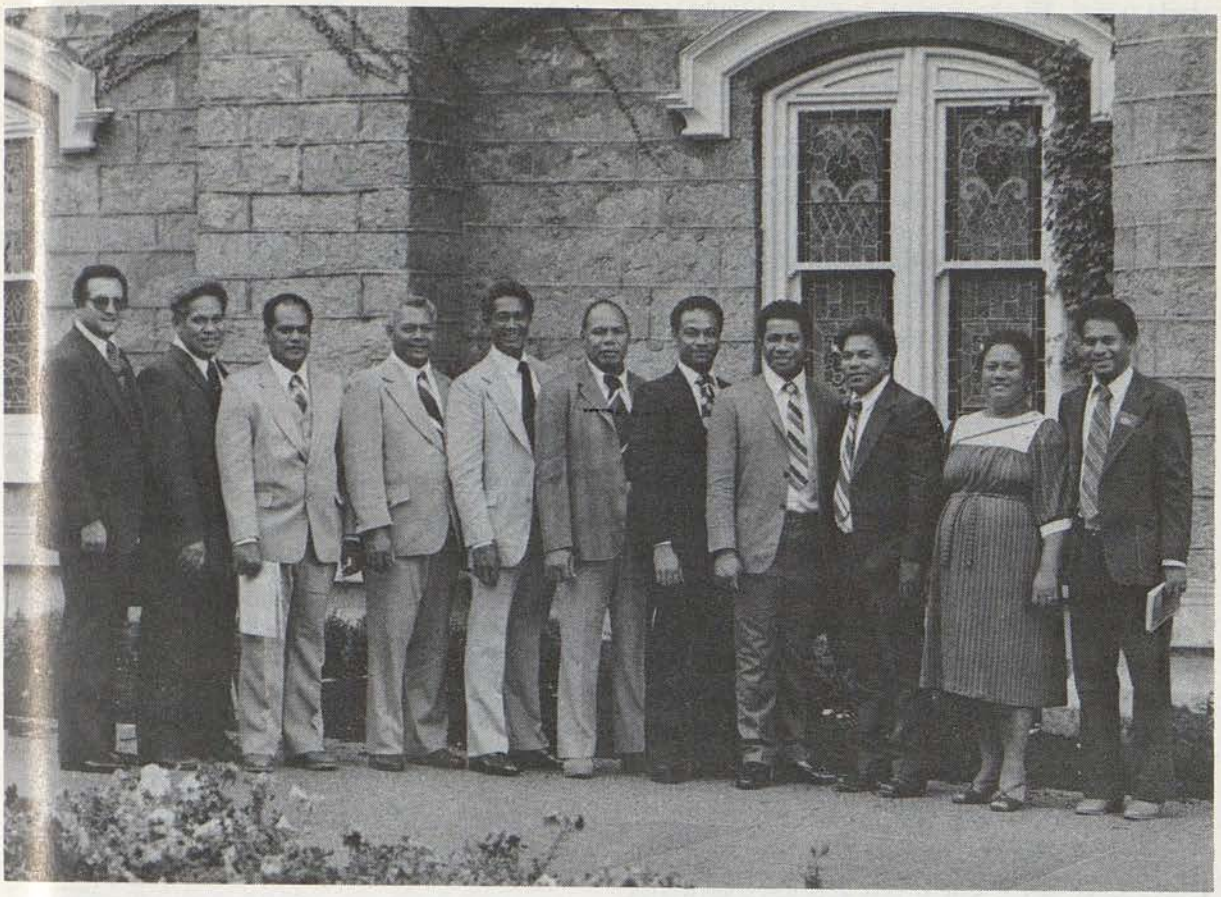
— Seria ótimo se pudesse falar na Páscoa.

Então preparei um discurso sobre a vida do Salvador. Começando a falar, contei primeiro aos membros da ala que homem maravilhoso o bispo tinha sido em minha vida; como eu costumava ficar deitado no chão espiando pela janela. Compartilhei com eles as grandes lições que me ensinou, a influência que teve em minha vida e como me fizera saber que eu tinha jeito para a liderança. Depois falei do quanto o amava. Depois passei a falar do Salvador.

Quando terminei meu discurso, levantou-se dizendo:

"Não é costume falarmos depois de uma autoridade geral, mas gostaria de contar a parte da história que o Élder Featherstone desconhece.

"Durante algum tempo de minha função como consultor dos diáconos e chefe de escoteiros, eu servia ainda em outro grupo de jovens. Ambos se reuniam às terças-feiras. Os escoteiros às 19h30 e o outro grupo às 20h00. Então eu dava início à reunião dos escoteiros e depois saía para ir até a Ala Lincoln onde se reunia o segundo grupo. Às 20h30 eu voltava para cuidar da última meia hora da reunião dos escoteiros. O Élder Featherstone era o meu monitor sênior e ficava encarregado do grupo. E ele não foi o único que se deitou no chão para espiar pela janela do subsolo! Eu costumava fazê-lo ao voltar da Ala Lincoln. Queria ver o que se passava na minha ausência.



"Uma noite houve um problema e consegui voltar para a reunião dos escoteiros só poucos minutos antes das 21h00. Não parei para espiar pela janela, dirigindo-me diretamente para a sala dos escoteiros. A gente pode descobrir muita coisa do que se passa na reunião de jovens escutando atrás da porta. Foi o que fiz. O Élder Featherstone havia reunido a tropa para o Minuto do Chefe de Escoteiros. Eu conseguia ouvir o que estava sendo falado.

"De repente, ouvi passos atrás de mim. Voltando-me, dei de frente com quatro comissários de distrito que vinham fazer uma visita à nossa tropa. Imaginei o que não estariam pensando vendo o chefe dos escoteiros fora da sala, escutando atrás da porta. Não sabendo o que dizer, simplesmente pus o dedo nos lábios em sinal de silêncio e depois acenei para que se aproximassem. Todos ficaram ouvindo, inclinados. Depois de alguns instantes, um deles disse: 'Esse rapaz será um excelente líder lá fora no mundo, algum dia.'

Ao que respondi: 'Não, algum dia ele ocupará postos importantes nesta Igreja.'"

Dois anos atrás, decidimos organizar uma reunião em homenagem a Bruford Reynolds e outros líderes de jovens que nos dirigiram na Ala Richards entre 1940 e 1950. A capela ficou repleta de homens que, quando meninos, pertenceram à ala. Coletamos contribuições para adquirir alguns bonitos presentes que lhes foram entregues e, usando um retroprojetor, mostramos fotos dos rapazes e de algumas atividades daqueles anos. Fizemos um rebuliço tanto em torno de Bruford Reynolds como daqueles outros grandes homens. Depois pedimos que falasse. Bruford Reynolds se pôs de pé e com os olhos marejados de lágrimas disse: "Acho que este é o melhor dia de minha vida."

Refletindo sobre suas palavras, dei uma olhada naquele grupo de ex-diáconos/escoteiros. Contei três que haviam sido presidentes de estaca, dois que foram presidentes de missão, diversos deles componentes de presidências de estaca, trinta e três que haviam sido bispos ou conselheiros e um que é autori-

dade geral. Então pensei, talvez seja isto no que a vida se resume, poder olhar para trás e ver os rapazes que se influenciou crescerem e se tornarem líderes no reino.

Pouco tempo após essa reunião, recebi um telefonema de Bruford Reynolds, o filho, que também era bispo e me dizia:

"Sabia que papai está no hospital? Ele teve um grave ataque cardíaco. Está internado no Hospital SUD e ficamos imaginando se o senhor saberia disso."

Eu não sabia. Respondi que gostaria de visitá-lo mas que tinha de tomar um avião dali a uma hora. Não via como ir ao hospital antes de partir. Então ele disse:

"Não faz mal. Papai vai ter alta e voltar para casa amanhã."

Disse-lhe então que lhe transmitisse meu afeto e que iria vê-lo assim que voltasse. Desliguei o telefone, pensei por um momento e resolvi que o resto poderia esperar. Apanhei minha pasta, minhas passagens e fui para o Hospital SUD. Quando entrei no quarto de Bruford Reynolds, nossos olhares se encontraram. O amor entre um grande homem e um garoto transpôs os anos. Aproximei-me dele, sentei e pusemo-nos a conversar. Depois eu disse:

"Sei muito bem que já foi administrado, mas gostaria que eu me ajoelhasse e fizesse uma oração?"

Ajoelhei-me e oramos juntos. Quando terminei,meus olhos nadavam em lágrimas, assim como os dele. Inclinei-me, beijei-o na testa e parti.

Bruford Reynolds faleceu uma hora depois. Eu fora um de seus garotos dizendo "adeus", pela última vez, a um grande consultor.

Meu testemunho a todos vocês, maravilhosos irmãos que presidem e dirigem o Sacerdócio Aarônico, é que vocês são mais importantes para a Igreja do que jamais ousariam imaginar.

Em Isaías, pergunta o profeta: "Guarda, que houve de noite?" (Isaías 21:11.) Esta geração de jovens serão os futuros archoteiros, possivelmente no mais negro período do mundo. Por isso, lembrem-se, irmãos:

O Deus dos grandes feitos deu-me um archote
Que alto ergui no ar espesso, tenebroso;
A multidão com júbilo o aclamava,
Seguindo-me pela noite escura, sem estrelas,
Até que doido de orgulho e ébrio de vaidade,
Que o archote é que seguiam, esqueci-me.
E meu braço se cansou de carregá-lo;
Meus pés, exaustos, nas pedras tropeçaram;
Caí, na queda apagando a tocha ardente.
Mas eis que salta à frente um jovem forte,
Bradando alto ergue a tocha sufocada
Até que, bafejada por celestes ventos
Volta a inflamar a humana alma.
Deitado só nas trevas, os pés da multidão
Passando sobre mim, deixaram-me para trás.
E ali, na solidão das trevas aprendi a grande verdade:
É a luz que o povo segue, seja quem for o archoteiro.
(Tradução livre a aproximada de "The Torchbearer", de autor anônimo.)

Uma grande verdade. Eles *serão* os archoteiros. Sejamos nós os guardas. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

Tornar-se um Arremessador de Estrelas

Élder David B. Haight
do Quorum dos Doze Apóstolos

"Existem dezenas de milhares de pessoas de bem que se foram afastando pouco a pouco e agora esperam que alguém lhes bata à porta."

Regozijo-me com cada um de vós, portadores do sacerdócio, congregados em centenas de capelas por este mundo afora, sabendo que o que é dito aqui, nesta noite, está em harmonia com a verdade e promoverá e apressará o cumprimento da antiga e moderna profecia do plano de nosso Senhor e Salvador de "proporcionar a imortalidade e vida eterna ao homem". (Moisés 1:39.)

Uma grande obra foi-nos confiada. Meus comentários de hoje prendem-se aos nossos esforços para encontrar e recuperar homens e famílias que se afastaram da participação ativa na Igreja. O coração devotado e mente disposta de cada homem e rapaz que nos ouve hoje, é instado a envolver-se vigorosamente em sua responsabilidade eclesiástica de trazer de volta à plena atividade e integração os homens e rapazes que classificamos como inativos, com isso levando a humanidade para um pouco mais perto da suprema paz e felicidade da vida eterna.

No mês que passou recebi duas mensagens totalmente opostas. Uma foi o convite formal para comparecer à cerimônia de juramento e investidura, em Washington, D.C., do mais novo e jovem membro do Tribunal de Impostos dos Estados Unidos — nomeação feita pelo presidente dos Estados Unidos e posto de prestígio e honra.

Horas após o recebimento desse convite, fui procurado por um oficial de polícia que me indagou se eu conhecia determinado moço. Respondi que sim, e quis saber por que mo perguntava. Esse moço dissera ao oficial que me conhecia. Então tomei conhecimento

de um caso sórdido de drogas, imoralidade, furtos para pagar o alto preço das drogas, compra de favores sexuais ilícitos e vida numa vulgar casa de cômodos. Quando expressei desejo de ver e ajudar esse infeliz jovem, o policial sugeriu que não o visitasse de imediato devido à sua condição emocional.

Eu conhecia muito bem as famílias dos dois. Quando garotos, eram membros da mesma ala. Ambos receberam o Sacerdócio Aarônico e tiveram os mesmos professores na Escola Dominical. Em casa, os dois dispunham das escrituras, revistas e livros da Igreja.

Um recebeu o Sacerdócio de Melquisedeque, cumpriu missão, casou-se no templo e serviu num bispado enquanto terminava o curso de Direito; e agora juiz, Stephen Jensen Swift estava sendo honrado pelo governo com um cargo na magistratura federal.

O outro jovem nunca mereceu ou obteve as prometidas bênçãos do Sacerdócio de Melquisedeque. Poder freqüentar renomadas escolas particulares eclipsou seu interesse pela missão. Não se casou, associou-se às pessoas erradas, era agora um escarnecedor dos princípios do evangelho por diferirem de seu modo de vida e, virtualmente, um proscrito da família, sociedade e palavra de Deus. O estilo de vida da sua família deixou de incentivá-lo espiritualmente, por falta de interesse pelas escrituras, noites familiares, oração familiar e pessoal, e testemunhos de cunho religioso no lar.

O nobre Juiz Stephen Swift está instalando sua família em Washington, D.C., e aprendendo a envergar a toga de juiz federal. Ele conta com nosso amor, admiração e elevado respeito.

O outro moço necessita ainda mais do nosso amor — um amor diferente. Tenho fé em que podemos recuperá-lo. Foi com respeito a pessoas como ele que o Salvador falou: "Que homem dentre vós, tendo cem ovelhas, e perdendo uma delas, não deixa no deserto as noventa e nove e não vai após a perdida até que venha a achá-la?" (Lucas 15:4.)

Paulo ensina, pois tinha experiência própria, que "Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará". (Gálatas 6:7.)

Os rapazes são semeadores. Vós, mulheres, sois semeadoras. Quem instrui e guia esses semeadores? Quem lhes mostra a semente certa para colocar na taleiga de semear? Quem os ensina a suspender a taleiga de semear no ombro? Quem ensina ao jovem semeador que vai ao campo pela primeira vez a época certa ou como lançar as sementes? Esperamos que seja um pai consciencioso, a mãe amorosa, professores e quoruns ou outros entes queridos que guiam seus primeiros passos.

"Quando não agimos preventivamente enquanto é tempo," disse o Presidente Kimball, "somos obrigados a agir redentoramente mais tarde, porém com... resultados menores e mais difíceis." (Conferência da AMM, 23 de junho de 1974, p. 7.) Salvando nossa juventude, salvamos gerações.

A Primeira Presidência e o Quorum dos Doze preocupam-se sobremaneira com o crescente número de homens e rapazes — que exercem tamanha influência sobre suas mulheres e famílias — que atualmente constam como inativos nos relatórios dos quoruns e alas.

Lembramos a vós todos que:

Todo homem inativo tem um bispo, presidente de quorum e mestres familiares.

Toda mulher inativa tem um bispo, uma presidente da Sociedade de Socorro e professoras visitantes.

Toda garota inativa tem um bispo e uma presidência das Moças.

Todo rapaz inativo tem um bispo e um presidente de quorum.

O Presidente Harold B. Lee ensinava: "Não há necessidade de nenhuma nova organização para cuidar das necessidades do povo. Basta pôr a funcionar o sacerdócio de Deus." (Conference Report, outubro de 1972, p. 124.)

Vossa atenção para com essa alarmante tendência para a inatividade precisa tornar-se agora uma de nossas mais prementes prioridades. O valor de todas as almas é grande a vista de Deus, seja de não-membros, membros inativos ou membros ativos.

O evangelho nos ensina que todo membro da Igreja tem por obrigação fortalecer os demais membros. O próprio Salvador instruiu assim o Apóstolo Pedro: "Mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; e tu, quando te converteres, confirma teus irmãos." (Lucas 22:32.)

Já foram fornecidas aos presidentes de estaca, com as instruções necessárias dos representantes regionais, diretrizes para os esforços de ativação dos quoruns do Sacerdócio de Melquisedeque.

A fim de esclarecer e ressaltar os conceitos fundamentais da participação do quorum do Sacerdócio de Melquisedeque, e ajudar os quoruns a se valer de seus recursos humanos, gostaria de ler-vos esta declaração da Primeira Presidência e do Quorum dos Doze. Ela orientará os presidentes de estaca, bispos e líderes de quorum do Sacerdócio de Melquisedeque na organização dos esforços locais para alcançar, efetivamente, seus membros:

"O Senhor deu instrução nas revelações que os portadores do sacerdócio fossem organizados em quoruns. A presidência do quorum é responsável pela participação ativa de cada membro do quorum. O ensino familiar, pelo qual os membros do quorum devem 'visitar a casa de cada membro' (D&C 20:51), é um dos melhores instrumentos para se cuidar dos membros do quorum e fortalecê-los.

"O bispo, como sumo sacerdote presidente e encarregado do comitê executivo do sacerdócio da ala, que é o comitê do ensino familiar, deve, em consulta com os presidentes de quorum e líderes de grupo do Sacerdócio de Melquisedeque, designar aos quoruns e grupos famílias para fins de ensino familiar. Em geral, os membros recebem mestres familiares de seu próprio quorum. Todavia, havendo necessidade especial, portadores inativos do Sacerdócio de Melquisedeque, élderes em perspectiva e suas famílias podem ser designados ao quorum ou grupo mais capacitado a integrar e ensiná-los. Os mestres familiares apresentarão relatório à sua própria presidência de quorum ou líder de grupo.

"Irmãos que tenham um dom especial para ensinar inativos devem ser designados pelo bispo como mestres familiares de famílias inativas escolhidas. Quando essas famílias houverem voltado à atividade, os mestres poderão ser encarregados de outras famílias inativas.

"Quando um élder inativo ou em perspectiva fica ao encargo de sumos sacerdotes e for levado à reunião do sacerdócio por seu mestre familiar, ele poderá ficar com o grupo de sumos sacerdotes ou com o quorum de élderes, dependendo de suas necessidades. O bispo toma esta decisão em consulta com os líderes de quorum e grupo do Sacerdócio de Melquisedeque.

"Quando for apropriado que um élder em perspectiva receba o Sacerdócio de Melquisedeque, deverá ser ordenado élder e tornar-se membro do quorum dos élderes. A idade não é fator determinante na ordenação desses irmãos ao Sacerdócio de Melquisedeque. Os homens são ordenados aos ofícios do sacerdócio quando seu chamado o requer e por inspiração e de acordo com seu merecimento."

Este bem ponderado pronunciamento sobre a participação dos quoruns e membros do Sacerdócio de Melquisedeque tem um propósito: Auxiliar os presidentes de estaca, bispos e líderes de quorum do Sacerdócio de Melquisedeque a organizarem suas forças eclesiásticas de forma a produzirem o máximo na recuperação dos que se desviaram.

Muitas estacas já iniciaram com entusiasmo esforços de ativação com resultados muito alentadores. Grande parte das alas e estacas da Igreja podem contar seus sucessos — que são muitos. Os líderes de estaca e ala sabem o que fazer: Ensino familiar inspirado, seminários de preparação para o templo, integração com amor genuíno, designações eclesiásticas apropriadas — são todos ingredientes imprescindíveis. Precisamo-nos organizar e "agir".

Existem dezenas de milhares de pessoas de bem que se foram afastando pouco a pouco e agora esperam alguém bater-lhes à porta. Os que se afastaram precisam sofrer uma conversão doutrinária e integração social por alguém que se importa com eles.

Loren Eiseley caminhava pela praia num entardecer tempestuoso, "com o vento uivando às suas costas e gaivotas gritando" acima dele. Os turistas que chegavam à praia costumavam coletar moluscos de concha lançados à costa, fervendo-os em grandes caldeirões para levar as conchas como lembrança. Eiseley contornou uma ponta da praia para afastar-se dos tais colecionadores e viu "um imenso arco-íris de incrível perfeição". Perto de seu extremo, "discerniu uma figura humana... observando... alguma coisa na areia."

"Numa depressão da areia... uma estrela-do-mar procurava com os tentáculos tesos, manter o corpo afastado do lodo sufocante... (— Ainda está viva? — perguntou Eiseley.)

"— Está, — (retrucou o homem envolto no arco-íris) e com um gesto rápido, delicado, apanhou a estrela-do-mar e arremessou-a... bem longe no mar.

"Talvez viva," comentou, "se a corrente que vai para fora for suficientemente forte..."

A princípio, Eiseley sentiu apenas a futilidade do esforço do homem, "arremessando uma estrela-do-mar de cada vez de volta ao mar, quando este durante a noite lança centenas à praia". Afastou-se, observando tristemente "os colecionadores de conchas... (e) os caldeirões fumegantes nos quais... criaturas sem voz eram cozidas em vida".

Na manhã seguinte Eiseley voltou à praia. E lá estava o arremessador de estrelas. "Calado (Eiseley)... apanhou uma estrela-do-mar ainda viva, arremessando-a lá longe nas ondas... 'Agora entendo' disse. 'Chame-me de arremessador (de estrelas) também."

E a respeito do arremessar estrelas-do-mar de volta às ondas, diz ele: "Era como semear — a semeadura de vida em escala gigantesca..." Viu o arremessador de estrelas abaixar-se e arremessar mais uma. Eiseley juntou-se a ele. E ficaram "arremessando, arremessando enquanto em torno deles bramiam as águas insaciáveis".

"Sozinhos e minúsculos naquela imensidão, lançavam de volta as estrelas vivas." Armando os ombros, "arremessavam... devagar, deliberadamente e bem. A tarefa não devia ser assumida levianamente". (Loren Eiseley, *The Star Thrower*, pp. 171-173, 184.) Cada momento contava como se devessem resgatar a estrela-do-mar que procuravam salvar.

Nós necessitamos de arremessadores de estrelas — arremessadores com visão e senso de discipulado com o Salvador, que sentem a necessidade de salvar onde ainda existe vida, esperança e valor, não permitindo que a vida se esvaia numa praia inóspita, mas arremessando-a de volta ao meio a que pertence.

Num mundo em que reinam o materialismo, cinismo e desesperança, nós compartilhamos a mensagem de maior esperança — o Evangelho de Jesus Cristo.

Sede arremessadores de estrelas! Então entendereis melhor o mandamento de nosso Senhor: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo." (Mateus 19:19)

Que Deus nos abençoe a todos em sua divina obra de recuperação de almas, que nossa resolução seja firme, nosso empenho imediato e nossos sucessos sejam doces. Em nome de Jesus Cristo, nosso Salvador. Amém.

Que Classe de Homens Deveremos Ser?

Presidente Ezra Taft Benson
do Quorum dos Doze Apóstolos

"É necessária uma mudança de atitude e conduta por parte de alguns que se dizem membros da Igreja do Senhor, mas agem de maneira anticristã."

Meus amados irmãos, dei aos meus comentários o título de "Que Classe de Homens Deveremos Ser?" Naturalmente o reconheceis como uma variação da pergunta que Jesus fez aos nefitas. (Ver 3 Néfi 27:27.) É uma pergunta oportuna e que merece a consideração de todos os membros do sacerdócio de Deus.

O tema foi induzido por relatórios que recentemente chegaram ao meu conhecimento sobre ações chocantes de alguns pais e maridos, envolvendo mesmo maus tratos à esposa e filhos.

Ouvindo tais relatórios, perguntei-me: "Como pode um membro da Igreja — qualquer portador do sacerdócio de Deus — ser culpado de crueldade para com sua própria esposa e filhos?"

Tais ações são inconcebíveis, quando praticadas por um portador do sacerdócio. São totalmente contrárias aos ensinamentos da Igreja e do Evangelho de Jesus Cristo. Como portadores do sacerdócio, devemos imitar o caráter do Salvador.

E como é o caráter dele?

Ele apontou as virtudes cardiais de seu divino caráter numa revelação a todos os portadores do sacerdócio que servem em seu ministério. Conheceis muito bem este versículo da seção 4 de Doutrina e Convênios, revelado um ano antes da organização da Igreja:

"Lembra-te da fé, virtude, conhecimento, temperança, paciência, bondade fraternal, piedade, caridade, humildade e diligência." (D&C 4:6.)

São estas as virtudes que devemos emu-

lar. Este é o caráter cristão.

Discutamos alguns desses traços de caráter.

O portador do sacerdócio é *virtuoso*, o que significa pensamentos puros e atos íntegros. Não abrigará luxúria em seu coração, pois fazê-lo seria "negar a fé" e perder o Espírito. (Ver D&C 43:23.)

Não cometerá adultério, "nem (fará) coisa alguma semelhante". (D&C 59:6.) Isto quer dizer fornicação, comportamento e atos homossexuais, masturbação, molestamento de crianças ou qualquer outra perversão sexual.

A virtude tem grandes afinidades com a santidade — é um atributo da divindade. Um portador do sacerdócio deve buscar ativamente as coisas virtuosas e admiráveis, não o sórdido, degradante. A virtude há de adornar seus pensamentos incessantemente. (Ver D&C 121:45.)

Sempre que um portador do sacerdócio abandona o caminho da virtude em qualquer sentido, perde o Espírito e cai sob o domínio de Satanás. Então recebe o soldo daquele a quem escolheu servir. Conseqüentemente, a Igreja às vezes é obrigada a tomar medidas disciplinares, pois não podemos tolerar nem perdoar ações ímpias e impenitentes.

Todo portador do sacerdócio tem de ser moralmente puro, para ser digno de portar a autoridade de Jesus Cristo.

O portador do sacerdócio é *comedido*, isto é, moderado em suas emoções e palavras. Faz as coisas com moderação e não é dado a exceder-se. Em suma, tem autodomínio. É senhor de suas emoções, e não o contrário.

O portador do sacerdócio que amaldiçoa sua mulher, maltrata-a com palavras ou atos, ou faz o mesmo a um de seus próprios filhos, é culpado de pecado hediondo. Na Bíblia revista por Joseph Smith, Paulo pergunta em Efésios 4:26, se é possível alguém irar-se sem pecar.

Se o homem não consegue controlar seu temperamento, é uma triste admissão de que não domina seus pensamentos. Torna-se vítima de suas próprias paixões e emoções, que o levam a ações totalmente contrárias à conduta civilizada, quanto mais ao comportamento de um portador do sacerdócio.

Disse certa vez o Presidente David O. McKay: "O homem incapaz de controlar seu temperamento provavelmente não conseguirá controlar suas paixões; e independentemente de suas pretensões religiosas, move-se na vida cotidiana muito próximo ao plano animal." (*Improvement Era*, junho de 1958, p. 407.)

O portador do sacerdócio deve ser *paciente*. A paciência é outra forma de autodomínio, a capacidade de postergar a gratificação e refrear as paixões. (Ver Alma 28:12.) O homem paciente não se permite uma conduta impetuosa para com seus entes queridos de que mais tarde se arrependerá. Paciência é compostura sob tensão. O homem paciente compreende as falhas alheias.

O paciente portador do sacerdócio será tolerante com os erros e falhas de seus entes queridos. Justamente por amá-los, não procurará neles defeitos, nem os criticará ou acusará.

O portador do sacerdócio é *bondoso*. A pessoa bondosa é simpática e gentil com os outros. Tem consideração pelos sentimentos alheios, é cortês e prestativa. A bondade perdoa as fraquezas e falhas alheias.

Percebeis como nos tornamos mais semelhantes a Cristo, ao sermos mais virtuosos, mais bondosos, mais pacientes e ao dominarmos melhor nossas emoções?

O Apóstolo Paulo utilizou algumas expressões fortes para ilustrar que o membro da Igreja tem de ser diferente do homem do mundo. Recomenda que nos "revistamos de Cristo", nos "despojemos do velho homem" e "enverguemos o novo homem". (Gálatas 3:27; Efésios 4:22, 24.)

O que isto significa para nós, irmãos do sacerdócio?

Significa que precisamos tornar-nos como Jesus Cristo é. Temos de emular sua maneira de viver. Precisamos, necessariamente, "nascer de novo" (João 3:3) e pôr de lado as concupiscências mundanas e antigo comportamento, incompatíveis com o caráter cristão. Devemos procurar que o Espírito Santo modere nossas ações.

Como?

Ponderando o grave pecado que alguns de nossos irmãos vêm cometendo, perguntei-me: "Será que pediram ao Senhor que os ajudasse a vencer suas explosões temperamentais? Recorreram ao jejum e oração? Solicitaram uma bênção do sacerdócio? Imploraram ao Pai Celeste que moderasse suas emoções pela influência do Espírito Santo?"

Jesus disse que devemos ter "fome e sede de justiça". (3 Néfi 12:6.) Para isto, precisamos desejar seriamente uma vida reta e virtuosa.

Cito-vos o exemplo de um homem cuja existência mudou para uma vida mais cristã depois de desejar ardentemente tal mudança e haver recorrido ao Senhor.

O pai de Lamôni era um rei que tinha uma inimizade mortal para com os nefitas. Um grande missionário de nome Aarão — um dos filhos de Mosiah — fora à nação lamanita, a fim de pregar-lhes o evangelho. Chegando ao palácio do rei, conseguiu envolvê-lo numa discussão sobre o propósito da vida. Depois que o rei se mostrou receptivo a sua mensagem, Aarão lhe falou de Cristo, do plano de salvação e da possibilidade de vida eterna.

Esta mensagem impressionou o rei de tal maneira, que perguntou a Aarão: "Que deverei fazer para conseguir essa vida eterna da qual falaste? Sim, que deverei fazer para poder nascer de Deus, arrancar este espírito iníquo de meu peito e receber o Espírito de Deus, enchendo-me assim de júbilo?" (Alma 22:15.)

Aarão instruiu-o a recorrer a Deus, com fé, para que o ajudasse a arrepender-se de todos os pecados. O rei, ansioso de salvar sua alma, fez como Aarão lhe ensinara:

"Ó Deus," orou, "Aarão explicou-me que existe um Deus e, se há um Deus, e se tu és Deus, faz-me-lo saber e *abandonarei todos os meus pecados para conhecer-te*." (Alma 22:18; grifo nosso.)

Quero meus irmãos, que atenteis novamente para as palavras desse homem humilde: "*Abandonarei todos os meus pecados para conhecer-te.*"

Irmãos, todos nós temos de abandonar nossos pecados, se quisermos realmente conhecer a Cristo, pois não o conheceremos até nos tornarmos como ele é. Algumas pessoas, como esse rei, precisam orar até que delas seja arrancado esse "espírito iníquo" para que possam encontrar a mesma alegria.

Alcançar uma vida reta e virtuosa está dentro da capacidade de cada um de nós, desde que realmente o desejemos. Se não tivermos esses traços de caráter, diz o Senhor: "Pedi, e recebereis; batei, e ser-vos-á aberto." (D&C 4:7.)

O Apóstolo Pedro nos diz que, possuindo essas qualidades, não seremos "estéreis no *conhecimento* de nosso Senhor Jesus Cristo". (II Pedro 1:8; grifo nosso.)

Conhecer o Salvador, pois, é ser *como* ele é.

Deus nos abençoará para que sejamos como é seu Filho, desde que nos esforcemos seriamente.

Ser semelhante a Cristo deveria constituir-se numa justa aspiração de todo portador do sacerdócio. Deveríamos agir como ele agiria em nosso trato com os outros.

Diz o Senhor:

"Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo", isto é, *livre-se de toda impiedade e toda concupiscência mundana, guarde os mandamentos.* (Ver Mateus 16:24.)

Ele espera que seus discípulos o sigam por suas ações.

Agora, gostaria de dizer uma palavrinha sobre nosso relacionamento com nossa esposa e familiares.

Vossa esposa é vossa mais preciosa e eterna adjutora — vossa companheira eterna, e que deve ser tratada com carinho e amor.

Há somente dois mandamentos nos quais o Senhor manda que amemos alguém de todo o coração. O primeiro conheceis como o Grande Mandamento: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento." (Mateus 22:37.)

O segundo desses mandamentos é: "Amarás a tua esposa de todo o teu coração, e a ela te apegarás e a nenhuma outra." (D&C 42:22.)

O que quer dizer amar alguém de todo o coração? Significa com toda nossa emoção e devotamento. Se amardes vossa esposa de todo o coração, sem dúvida não conseguireis humilhá-la, criticá-la, apontar-lhe os defeitos, nem maltratá-la com palavras, mau humor ou atos.

O que quer dizer "apegar-se a ela"? Estar junto dela, ser-lhe fiel, fortalecê-la, dialogar com ela e externar-lhe vosso afeto.

O mesmo se aplica a nossos familiares. Nosso lar deve ser um refúgio de paz e alegria para os filhos. Certamente nenhum filho deve temer o próprio pai — em especial sendo um portador do sacerdócio. O pai tem por dever tornar seu lar um local alegre e feliz. Isto é impossível quando há implicâncias, desavenças, contendas ou mau comportamento.

Como patriarca em vosso lar, tendes a séria responsabilidade de assumir a liderança dentro dele. Deveis criar um lar no qual possa habitar o Espírito do Senhor. Lembrai-vos sempre desta declaração do Salvador: "Aquele que tem o espírito de discórdia não é meu, mas é do demônio." (3 Néfi 11:29.) Não permitais nunca que o adversário tenha influência em vosso lar.

Bem, irmãos, falei claramente. Não quero ofender ninguém, mas é preciso que haja uma mudança de atitude e conduta por parte de alguns que se dizem membros da Igreja do Senhor mas agem de maneira anticristã.

Como portadores do sacerdócio de Deus, precisamos ser mais semelhantes a Cristo em nossas atitudes e conduta do que vemos no mundo. Precisamos ser caridosos e obsequiosos com os entes queridos, como Cristo é conosco. Ele é bondoso, amoroso e paciente com cada um de nós. Não deveríamos, pois, corresponder com o mesmo carinho para nossa esposa e filhos?

Comecei com uma indagação: "Que classe de homens deveremos ser?" Sem dúvida, conheceis a resposta do Senhor: "Devereis ser *como eu sou.*" (3 Néfi 27:27; grifo nosso.)

Ele espera que sejamos como ele é. Espera que demonstremos em nosso viver os frutos do Espírito, que são "caridade, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança". (Gálatas 5:22-23.)

Esses atributos cristãos devem caracterizar todo portador do sacerdócio e permear cada lar SUD. É possível conseguir e precisa ser conseguido, se quisermos ser dignos de levar honradamente o seu nome.

Jamais na história da humanidade houve maior premência de os homens se unirem em sua determinação e ações de serem semelhantes a Cristo.

Segui-lo é emular seu caráter.

Não saiamos desta reunião do sacerdócio sem o firme propósito de abandonar qualquer ação estranha à natureza de Cristo.

Resolvamos aplicar os atributos do Senhor e nosso Salvador em nossa própria vida.

Espelhemos em nossos semblantes, como irmãos no sacerdócio, a sua imagem. (Ver Alma 5:14, 19.)

"Revistamo-nos de Cristo"!

Ele é o nosso Salvador, nosso Redentor e nosso Grande Exemplo.

Este é meu fervoroso testemunho, ao invocar as bênçãos de Deus sobre cada um de vós, em nome de Jesus Cristo. Amém.

Não Vos Deixeis Enganar

Presidente Gordon B. Hinckley
Segundo conselheiro na Primeira Presidência

"Saí de entre os iníquos. Salvai-vos. Sede limpos, vós que portais os vasos do Senhor." (D&C 38:42.)

Meus irmãos, oro rogando a orientação do Santo Espírito.

Gostaria, primeiro, de dizer algumas palavras aos rapazes aqui presentes. Penso que cada um de vocês deseja ter sucesso na vida. O fato de comparecerem a esta reunião mostra seu interesse pelas coisas de valor. Li, recentemente, os resultados de um estudo sobre os estudantes do curso secundário nos Estados Unidos: "A religião exerce um papel preponderante na vida dos estudantes secundários que conseguem as melhores notas e participam das atividades extracurriculares, informa uma recente pesquisa. Essa pesquisa... abrangeu 55.000 alunos de 22.000 escolas públicas, particulares e religiosas em todo o país... Mostra que 85% dos melhores alunos provêm de lares em que vivem ambos os pais naturais e onde se pratica uma religião formal. Quase 45% vivem em comunidades rurais. Em 84% dos casos, os alunos que se destacam são a favor do casamento tradicional e rejeitam o uso de cigarros e drogas ilegais. Apenas 4% já usaram maconha e 89% jamais fumaram um cigarro." (*Christianity Today,* 18 de fevereiro de 1983, P. 35.)

Como vêem, vocês que são membros da Igreja não estão sós. Aqueles que consomem cigarros, bebibas alcoólicas e drogas procuram fazer com que se considerem "quadrados" por não aderirem. Mas o fato é que existem dezemas de milhares iguais a vocês. A maioria da juventude da Igreja se abstém dessas coisas. E além deles há os milhares de estudantes que tiram notas máximas e participam de atividades extracurriculares em suas escolas, 85% dos quais provêm de lares religiosos e 89% dos quais jamais fumaram um cigarro. O fato é que vocês estão em companhia da maioria dos melhores alunos que deixam essas coisas de lado.

Congratulo-me calorosamente com vocês, rapazes, aqui presentes em tão grande número — diáconos, mestres e sacerdotes — pela vida virtuosa que estão levando. Congratulo-me com vocês por sua força, sua cora-

gem de defender suas convicções. Congratulo-me com vocês pela ambição justa de educarem seu intelecto e suas mãos, de servirem ao Senhor como missionários, de levarem uma vida que será um crédito para vocês, sua família e para a Igreja da qual são membros.

E enquanto me congratulo com vocês por sua força de se absterem de bebidas alcoólicas, cigarros e drogas, nenhum dos quais lhes traria qualquer benefício, mas só prejuízos, quero advertí-los quanto a um outro insidioso e crescente mal — o sedutor chamariz da imoralidade. Vou falar claramente. Hoje em dia, ouve-se falar muito de má conduta sexual entre os adolescentes. É demasiado o que existe nesse sentido entre a nossa própria juventude.

Qualquer rapaz que se entrega a atos sexuais ilícitos, conforme definição nas doutrinas e padrões desta Igreja — e penso que todos entendem o que quero dizer — causa a si próprio um dano irreparável e rouba à parceira aquilo que ela jamais poderá recuperar. Não há nada de esperto nesse tipo de pretensa conquista. Não traz prêmios, vitórias nem satisfação duradoura. Traz somente vergonha, pesar e remorso. Quem o faz engana a si próprio e rouba a jovem. E, roubando-a, afronta o Pai Celeste, pois ela é uma filha de Deus.

Bem sei que estou usando uma linguagem forte e muito clara. Mas acho que a tendência de nossos tempos exige linguaguem forte e palavras claras. Jeová não falou ambiguamente, quando disse: "Não adulterarás." (Êxodo 20:14.) Tampouco o Senhor, quando diz na revelação moderna: "Não furtarás, nem cometerás adultério, nem matarás, nem farás coisa alguma semelhante." (D&C 59:6.)

Antes de concluir este assunto, gostaria de acrescentar que, se houver aqui alguém que pecou nesse sentido, existe o arrependimento e existe perdão, desde que haja "tristeza segundo Deus". (II coríntios 7:10.) Nem tudo está perdido. Todos vocês têm um bispo, ordenado e designado pela autoridade do santo sacerdócio que, no exercício de seu ofício, tem direito à inspiração do Senhor. Ele é um homem experiente, um homem compreensivo, um homem que tem no coração um profundo amor à juventude de sua ala. É um servo de Deus que conhece sua obrigação de manter sigilo e que os ajudará com seu problema. Não tenham receio de conversar com ele.

Agora, enquanto falo ainda dos jovens, gostaria de abrir um parênteses e dizer uma palavra sobre educação. Sinto um grande respeito e apreço pelos professores. Noto com agrado que existe um despertar público para a urgência de dar prioridade aos nossos recursos e programas educacionais. Nós vivemos num mundo competitivo e os que agora se preparam, necessitarão da melhor instrução, se quiserem estar qualificados para a sociedade na qual ingressarão em muito pouco tempo.

Na Igreja, temos uma forte tradição com referência à qualidade da cultura. No decorrer dos anos, temos dedicado uma parcela substancial do orçamento da Igreja à educação, tanto secular como religiosa. Como povo, temos apoiado o ensino público. Onde existe uma necessidade comprovada, devemos dar nosso apoio. Este pode representar um investimento na vida de nossos filhos, nossa comunidade e nossa nação. Contudo, não devemos presumir que maiores recursos são um remédio universal. É preciso analisar-se muito bem as prioridades e avaliar cuidadosamente os custos. Sejamos liberais com nosso apoio, mas também prudentes com respeito aos recursos do povo.

Dirigindo-me agora a vós, irmãos mais velhos, gostaria de tocar num assunto que talvez diga respeito a alguns de vós e ao qual se referiu tão eloqüentemente o Presidente Benson. É a responsabilidade de nos mantermos isentos do que um autor chamou de "lento desdouro do mundo". Refiro-me às influências das quais falei aos rapazes, dos enganosos e sedutores chamarizes que nos levam em direção da imoralidade e anulam nossa eficácia como líderes do sacerdócio.

Em 1831, declarava o Senhor: "Saí de entre os iníquos, Salvai-vos. Sede limpos, vós que portais os vasos do Senhor." (D&C 38:42.)

Em torno de nós revoluteia a constante e crescente praga da pornografia. Os produtores e fornecedores de obscenidades exploram diligentemente uma mina que lhes garante lucros milionários. Alguns de seus produtos são

ardilosamente enganadores, destinados a excitar e estimular os mais baixos instintos. Muitos homens que provaram do fruto proibido, descobrindo depois que isto destruiu seu casamento, fez perder o respeito próprio e partiu o coração de sua companheira, chegaram à conclusão de que o caminho estúpido que seguiram teve início com a leitura ou interesse por coisas pornográficas. Alguns que não cogitariam sequer de tomar um só trago de bebida ou fumar um cigarro são bem menos criteriosos quanto à pornografia, vergando-se a valores totalmente impróprios a alguém que foi ordenado ao sacerdócio de Deus.

Representações de perversão sexual, violência e bestialidade tornam-se cada vez mais acessíveis aos que sucumbem aos seus engodos. Quando isso acontece, as atividades religiosas vão perdendo sua atração, porque as duas não se misturam, assim como água e óleo.

Um estudo merecedor de reflexão foi recentemente publicado na revista *Public Opinion*, comentado por diversos autores. John Dart, editor de assuntos religiosos do *Los Angeles Times*, escreveu uma coluna em fevereiro passado na qual diz:

"Uma pesquisa sobre influentes autores e executivos de televisão em Hollywood mostrou que são muito menos religiosos que o público em geral e 'divergem profundamente dos valores tradicionais' em assuntos como aborto, direitos dos homossexuais e sexo extramarital... Embora quase todos os cento e quatro profissionais de Hollywood entrevistados tivessem formação religiosa, quarenta e cinco por cento deles dizem agora que não têm religião, e dos restantes cinqüenta e cinco por cento, apenas sete por cento confessam freqüentar algum serviço religioso possivelmente uma vez ao mês.

" 'Esse grupo tem sido o maior responsável pela produção dos espetáculos cujos temas e astros se tornaram o prato forte de nossa cultura popular'...

"Oitenta por cento dos entrevistados não vêem nada de mal nas relações homossexuais, e cinqüenta e um por cento não consi-

deram errado o adultério. Dos quarenta e nove por cento que acham errado as relações extramaritais, apenas dezessete por cento o consideram grave, diz a pesquisa. Quase todos — noventa e sete por cento — são a favor do direito da mulher ao aborto, sendo que noventa e um por cento o defendem com vigor.

"Em comparação, outras pesquisas indicam que oitenta e cinco por cento dos americanos condenam o adultério, setenta e um por cento acham errado o homossexualismo e praticamente 75 por cento do público consideram que o aborto deve ser limitado a casos excepcionais ou totalmente proibido." (*Los Angeles Times,* 19 de fevereiro de 1983, parte 2, página 5.)

Eis as pessoas que, através dos veículos de entretenimento nos estão educando segundo seus próprios padrões, que, em muitos casos, são diametralmente opostos aos do evangelho. Além ainda destes que produzem programas para a televisão estão os produtores de pornografia pesada que procuram ardilosamente seduzir os suficientemente simplórios ou carentes de autodisciplina a gastar dinheiro com seus produtos lascivos.

Nós não somos imunes a tais influências. Séculos atrás, Néfi previu nossos dias e disse a respeito deles:

"Porque o reino do diabo deve ser sacudido, e os que a ele pertencem devem ser aconselhados a se arrependerem, ou ele os agarrará com suas eternas correntes, e serão movidos à cólera e perecerão;

"Pois que, nesse dia, ele assolará os corações dos filhos dos homens e os excitará a se encolerizarem contra o que é bom.

"E a outros pacificará, e os adormecerá em segurança carnal, de modo que dirão: Tudo vai bem em Sião; sim, Sião prospera. Tudo vai bem. Assim o diabo engana suas almas e os conduz cuidadosamente ao inferno.

"E a outros ele lisonjeia, dizendo que não há inferno; e diz-lhes: Eu não sou o diabo; ele não existe; e isso ele lhes sussurra aos ouvidos, até os agarrar com suas terríveis correntes, das quais não há libertação." (2 Néfi 28:19-22.)

Que palavras interessantes e descritivas — "os conduz cuidadosamente ao inferno" e "lhes sussurra aos ouvidos". Como descrevem bem os meios sedutores e enganosos dos promotores da imundícia, violência e mal.

Irmãos, não estou sugerindo um boicote público, mas, sim, que evitemos pessoalmente essas coisas. Existe tanta coisa boa, bela e edificante na literatura, nas artes e na própria vida que não deve restar tempo para o portador do sacerdócio de Deus prestigiar, assistir ou adquirir aquilo que só serve para conduzi-lo "cuidadosamente ao inferno".

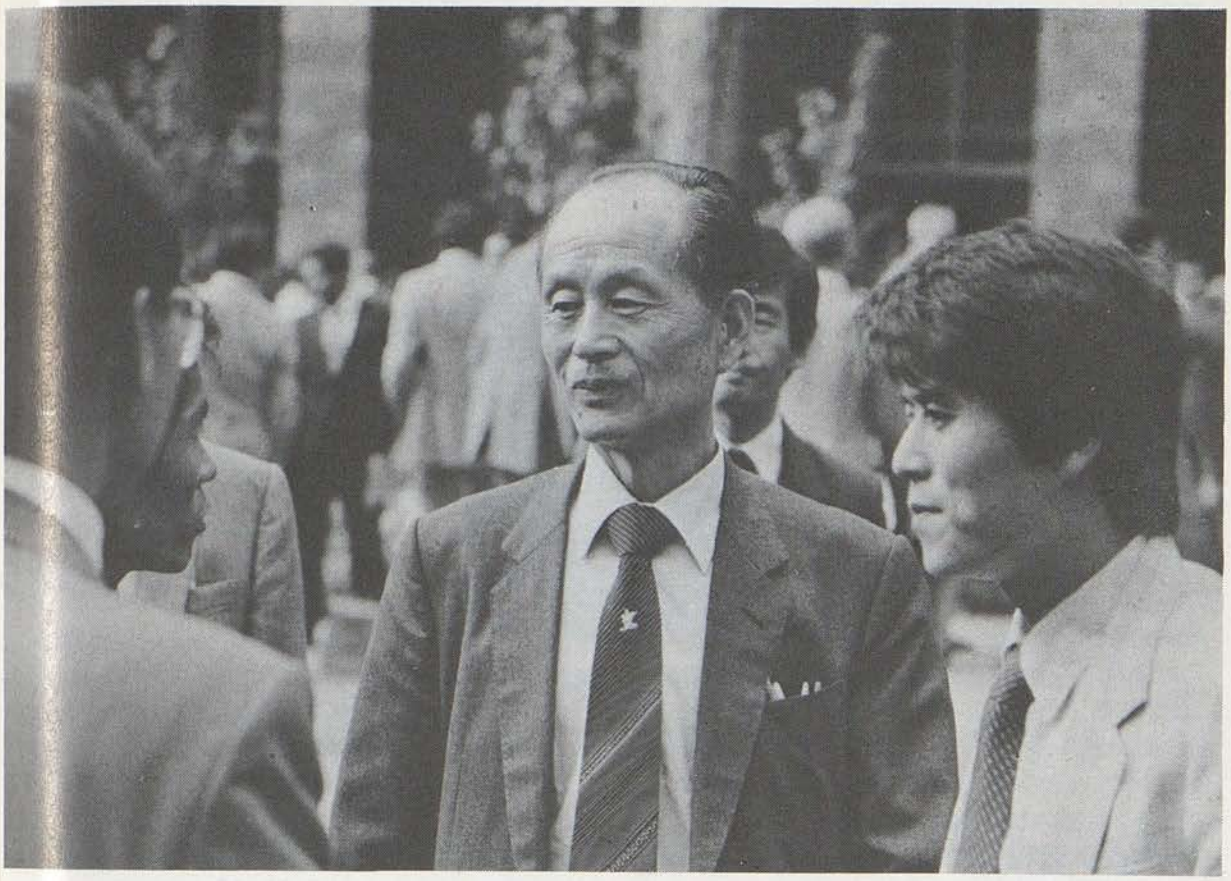
Agora, gostaria de mencionar outro ponto. E talvez possa repetir umas poucas linhas que falei noutra ocasião:

Parece-me que atualmente temos uma grande hoste de críticos. Alguns parecem querer destruir-nos. Menosprezam o que consideramos divino.

Cultivando a descoberta de defeitos, não vêem o majestoso avanço desta grande causa. Perderam a visão da centelha que, ateada em Palmyra, agora inflama chamas de fé por toda a terra, em muitos países e numerosos idiomas. Usando os óculos do humanismo, deixam de enxergar que influxos espirituais, com reconhecimento da influência do Espírito Santo, tiveram tanto a ver com os atos de nossos antepassados como os processos da mente. Não se dão conta de que a religião concerne tanto ao coração como ao intelecto.

Temos críticos que parecem querer "catar", numa imensa quantidade de informações, aqueles pontos que humilham e diminuem alguns homens e mulheres do passado que tanto trabalharam no estabelecimento desta grande causa. Eles encontram para suas obras leitores que se deleitam em apanhar essas ninharias, remoer e saboreá-las. Assim fazendo, estão saboreando um picles, em lugar de deleitar-se com uma refeição deliciosa e nutritiva de diversos pratos.

Reconhecemos que nossos antepassados eram humanos. Sem dúvida, cometeram erros... Mas foram erros pequenos, comparados com a maravilhosa obra que realizaram. Destacar os enganos e encobrir o bem maior é fazer uma caricatura. Caricaturas são divertidas, mas também muitas vezes feias e desonestas. Apesar de ter um sinal no rosto, um homem pode ter traços bonitos e vigorosos;



mas, se o sinal for indevidamente ressaltado em relação ás demais feições, o retrato deixa de ser autêntico.

Somente um único homem perfeito já andou por esta terra. O Senhor vem usando pessoas imperfeitas para edificar sua sociedade perfeita. Se alguma delas tropeça ocasionalmente, ou se seu caráter apresenta alguma leve falha, é mais maravilhoso ainda que hajam logrado tantos feitos...

Eu não temo a verdade. Aceito-a de bom grado. Mas quero que todos os fatos se situem no devido contexto, com destaque para os elementos que explicam o grande progresso e poder desta organização.

Existe a promessa, dada sob inspiração do Onipotente, expressa nestas belas palavras:

"Pelo seu Santo Espírito, sim, pelo inexprimível dom do Espírito Santo, Deus vos dará conhecimento." (D&C 121:26.)

Os humanistas que nos criticam, os pretensos intelectuais que nos humilham, só falam por ignorarem essa manifestação... Não a conhecem, porque não a buscaram e não se prepararam para a merecerem...

Não vos deixes enredar pelos sofismas do mundo, que em sua maior parte são negativos e raramente, ou nunca, produzem bons frutos... Antes, confiai em Deus e vivei. (Ver Alma 37:47.)

Irmãos, a Igreja é verdadeira. Aqueles que a dirigem têm um único desejo, e este é o de fazer a vontade do Senhor. Eles buscam sua orientação em todas as coisas. Não existe uma decisão significativa que afete a Igreja e seu povo que seja tomada sem piedosa consideração, buscando diretrizes na fonte de toda a sabedoria. Segui a liderança da Igreja. Deus não permitirá que sua obra seja desencaminhada.

Irmãos, se vivermos merecedores de sua inspiração, jamais haverá em nossa mente dúvida a respeito da veracidade desta obra e da grande missão deste reino. Deus vos abençoe, rapazes e homens portadores do sacerdócio. Possa vosso exemplo despertar o interesse e admiração de todos os que convivem convosco, eu oro humildemente ao deixar-vos meu testemunho da divindade desta obra. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

SESSÃO MATUTINA DE DOMINGO,
2 de outubro de 1983.

Deus Conceda-nos Fé

Presidente Gordon B. Hinckley
Segundo conselheiro na Primeira Presidência

"Não existe obstáculo tão grande, nem desafio tão difícil, que não possamos vencer com a fé."

O Coro do Tabernáculo cantou "A Alva Rompe em Sião" e gostaria de usar a maravilhosa letra escrita por Parley P. Pratt à guisa do tema:

A alva rompe em Sião e a verdade faz volver;
Depois da longa escuridão, depois da longa escuridão
Bendito dia vai nascer!

No céu refulge um sinal eis o Milênio do Senhor!
Jesus em glória celestial, Jesus em glória celestial
Ao mundo desce com fulgor.
(*Hinos*, nº 179.)

Saúdo-vos com apreço por vossa dedicação ao Senhor e vossa lealdade a esta grande causa.

Vejo os frutos da vossa fé e sinto gratidão. Agradeço-vos pela energia que dedicais a esta obra. Sei que, às vezes, parece pesada e parte dela até desnecessária. Mas o esforço e labor produzem a força, e o serviço traz alegria.

Agradeço-vos por vossa fé no pagamento do dízimo e ofertas, possibilitando, assim, o crescimento e progresso desta obra pelo mundo afora. Vós, entretanto, não necessitais de agradecimentos. Pois todo aquele que paga honestamente o dízimo, tem testemunho das bênçãos decorrentes, e pode testificar que o Senhor abre as janelas dos céus, derramando as bênçãos prometidas. (Ver Malaquias 3:10.)

Asseguro-vos, irmãos e irmãs, que a obra está progredindo. Nos mais de oitenta países em que se estabeleceu, está-se fortalecendo. A fé do povo cresce, conforme comprova sua crescente participação. A obra missionária continua a florescer. Nossos rapazes e moças continuam a sair de casa, indo pelo mundo prestando testemunho do Salvador e

da restauração de seu Evangelho eterno nesta dispensação da plenitude dos tempos. (Ver D&C 124:41.) A obra de salvação pelos mortos, através do imenso programa genealógico da Igreja e a abnegada obra de amor que se realiza nos templos, prossegue num passo nunca antes visto.

Nosso povo está sendo mais fiel na freqüência às reuniões, e desde a última conferência, um número bastante substancial deles teve oportunidade de demonstrar seu amor ao próximo, bem como a Deus. Nas enchentes que tivemos nesta área, houve demonstrações sem precedentes de solidariedade e serviço cristão. Um senhora que não é membro da Igreja declarou ao ser entrevistada na televisão: "Não sou mórmon, mas aprendi a conhecer quem é o meu bispo." Falou com irrestrito apreço de seus vizinhos que, sendo quase todos mórmons, a ajudaram tão generosamente quanto uns aos outros. Não muito longe daqui, há uma estaca na qual os membros de cada ala se encarregaram de reparar ou reconstruir as casas danificadas ou destruídas pela enchente. Centenas de milhares de sacos de areia foram enchidos e empilhados. Não foram, logicamente, só membros da Igreja que trabalharam, mas todos os envolvidos elogiaram muito a organização da Igreja que foi capaz de arregimentar suas forças com tanta rapidez e eficiência.

Um montante substancial de auxílio foi enviado ao povo de Tonga, após forte tufão que destruiu casas e plantações. Membros e não-membros foram beneficiados com esse auxílio.

Os santos dos últimos dias brasileiros socorreram seus compatriotas, mórmons e não-mórmons, que perderam casas e colheitas, quando enchentes devastaram grandes áreas do sul do país.

Através do Programa de Bem-estar e com a cooperação da Kaiser Aluminum Company, que forneceu o transporte, pudemos mandar suprimentos substanciais de mantimentos e remédios para socorrer famintos em Gana, na África. Vidas, e não poucas, foram literalmente salvas com esse auxílio.

Não menciono esses esforços num sentido de vanglória, mas apenas para externar gratidão ao Senhor pelos meios, recursos e vontade de nosso povo de ajudar em épocas de crise.

Essas obras de misericórdia foram financiadas, em grande parte, pelo fundo de jejum. A despeito da necessidade crescente de enfrentar desastres assim, além dos problemas provocados pela atual situação econômica, as contribuições para o fundo de jejum acompanharam as necessidades. Grato por essa maravilhosa demonstração de fé, privando-vos de comer para ajudar os necessitados.

Comunico também a dedicação de quatro novos templos desde junho deste ano. Para informação do ouvinte não-membro da Igreja, gostaria de explicar que o templo ocupa um lugar único e peculiar em nossa teologia. Não é um local de culto público, dos quais temos milhares espalhados pelo mundo. Os templos são dedicados como casas especiais de Deus, nas quais se realizam algumas das mais sagradas e edificantes ordenanças associadas com o Evangelho de Jesus Cristo.

Em junho, dedicamos um novo templo em Atlanta, na Georgia. foi a realização de um sonho que começou há mais de um século, quando, nos dias de miséria de nosso povo, foram enviados os primeiros missionários aos estados sulinos. Uns poucos aceitaram seu testemunho, enquanto muitos se levantaram acerbamente contra eles. Esses primeiros missionários sofreram muita perseguição. Alguns foram despidos e espancados; outros mortos por inimigos cheios de ódio. Mas eles perseveraram com fé. Com o tempo, milhares e mais milhares filiaram-se à Igreja. Hoje, a obra está forte e florescente nessa bela parte de nosso país, onde contamos agora com centenas de fiéis congregações SUD.

Na época da dedicação do Templo de Atlanta, os testemunhos do povo — expressos em palavras ou apenas em lágrimas de gratidão — aliados a seus cantos de louvor e graças, testificaram do vigor de sua fé e seu amor a Deus.

Em agosto, estivemos dedicando templos em Samoa e Tonga. Novamente, nossos

corações se regozijaram com o transbordar de amor cristão que sentimos e observamos entre os maravilhosos santos polinésios. Através de profetas antigos, o Senhor prometeu que, nos últimos dias, se lembraria do seu povo nas ilhas do mar. Temos testemunhado o maravilhoso cumprimento dessas promessas. Hoje, temos entre esse povo gentil e bondoso, dezenas de congregações, escolas fortes e florescentes abençoando-os com os benefícios da educação e, agora, belos templos do Senhor, para que possam receber as bênçãos só neles encontradas.

Faz apenas duas semanas, estivemos em Santiago, no Chile, para a dedicação de outro lindo templo. Para mim foi um milagre poder estar com mais de quinze mil santos, reunidos para os serviços dedicatórios que se prolongaram por três dias. O território do Chile estende-se por milhares de quilômetros ao longo do Pacífico, e nossos fiéis membros acorreram de cidades tão distantes como Arica, no extremo norte, e Punta Arenas, no extremo sul, a fim de se regozijarem com a maravilhosa bênção recebida — o erguimento e dedicação dessa sagrada casa de Deus.

Entre eles, estavam o Irmão Ricardo Garcia e sua esposa, o primeiro casal a batizar-se, quando missionários foram mandados ao Chile, em 1956. Passados apenas vinte e sete anos, temos ali mais de cento e quarenta mil membros da Igreja.

Nós, que tivemos o privilégio de participar desses serviços dedicatórios, sentimos nossa fé revigorada e maior afeição por nossos irmãos e irmãs que amam ao Senhor e são leais a ele e seus mandamentos.

Recentemente tive oportunidade de encontrar-me com quatorze mil alunos de seminário e instituto, no Centro de Convenções de Long Beach. Eles vieram de diversas áreas do sul da Califórnia, simpáticos rapazes e belas mocinhas, na maioria estudantes do curso secundário, que, cinco dias por semana, se reúnem para uma aula de seminário às 6h15min. da manhã, realizada em prédio da Igreja perto da escola por um dedicado e eficiente professor. Voltando do Chile, reuni-me com outro grupo desses estudantes, às 6h15min. da manhã. São jovens brilhantes, bem dotados e atraentes. Observando-os, não se pode ter dúvida alguma quanto ao futuro desta obra. Fazem parte de uma maravilhosa geração, cujo número aumenta constantemente e cuja fé é contagiante.

São encontrados não só nas áreas que acabo de mencionar, mas por toda a parte em que nossa obra se encontra estabelecida. São a promessa segura do futuro da Igreja e de sua crescente força, e o cumprimento da sua missão. Além disso, serão uma bênção para o país e povo ao qual pertencem, pois são todos jovens que ambicionam instruir-se. Acreditam no cultivo do intelecto, desenvolvimento de seus dotes, na necessidade de dominar novas tecnologias, em servir no mundo de trabalho no qual viverão.

São rapazes e moças virtuosos e sóbrios que aprenderam que seu corpo é um templo do espírito de Deus e que não podemos conspurcá-lo sem ofender a seu Criador.

São rapazes e moças de fé que têm conhecimento das escrituras. Conhecem o Velho Testamento e os grandes personagens que marcam suas páginas. Estão familiarizados com o Novo Testamento e desenvolveram amor ao Filho de Deus, o Senhor Jesus Cristo. Sua fé em Cristo se confirma e fortalece, ao estudarem o maravilhoso testamento do Novo Mundo, o Livro de Mórmon. São conhecedores da palavra de Deus, dada através da revelação moderna. São estudantes que procuram adquirir instrução secular e religiosa, aprendendo pelo estudo e também pela fé. São exemplos do poder do grande primeiro princípio — a fé no Senhor Jesus Cristo.

A história desta Igreja é a história da expressão dessa fé. Iniciou-se com um rapaz do campo, em 1820, quando leu esta grande promessa na Epístola de Tiago:

"Se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e o não lança em rosto, e ser-lhe-á dada.

"Peça-a, porém, com fé, não duvidando; porque o que duvida é semelhante à onda do mar, que é levada pelo vento e lançada de uma para outra parte." (Tiago 1:5-6.)

Foi fé, a fé singela de um rapaz de quatorze anos que o conduziu ao bosque naquela manhã de primavera. Foi fé que o fez ajoelhar-se, implorando entendimento. O fruto maravilhoso dessa fé foi uma visão gloriosa e bela, da qual esta grande obra não passa de conseqüência.

Foi pela fé que se conservou digno das extraordinárias manifestações que se seguiram, trazendo de volta à terra as chaves, a autoridade, o poder de restabelecer a Igreja de Jesus Cristo nestes últimos dias. Foi pela fé que esses maravilhosos anais de povos antigos, esse testamento que chamamos de Livro de Mórmon foi trazido à luz pelo dom e poder de Deus "para convencer ao judeu e ao gentio que Jesus é o Cristo". Foi pela fé que o pequeno bando dos primeiros conversos, arrostando os próprios poderes do inferno, que contra eles se levantaram, fortaleceram-se uns aos outros, abandonaram o lar e a família para divulgar a palavra, mudaram-se de Nova York para Ohio, de Ohio para o Missouri, e do Missouri para Illinois, em busca de paz e liberdade para adorar a Deus de acordo com os ditames de sua consciência.

Foi com os olhos da fé que viram a bela cidade, quando atravessaram os alagados de Commerce, Illinois. Convencidos de que a fé sem obras é morta, drenaram os brejos, traçaram a cidade, construíram sólidas casas e prédios para o culto e escolas e, coroando tudo isso, um magnífico templo, o mais belo edifício de toda Illinois.

Renasceu a perseguição, movida por turbas profanas e assassinas. Seu profeta foi morto, seus sonhos desfeitos. Mais uma vez, pela fé, congregaram-se segundo os padrões por ele traçados e se organizaram para outro êxodo.

Com lágrimas e o coração partido, abandonaram suas casas confortáveis e suas oficinas. Depois de um último olhar ao templo sagrado, voltaram os olhos com fé para o oeste, para o desconhecido, ainda não explorado; e com as neves do inverno caindo sobre eles, cruzaram o Mississipi naquele fevereiro de 1846, abrindo caminho pelos prados lamacentos de Iowa.

Com fé, estabeleceram Winter Quarters junto ao Missouri. Doenças, disenteria e gangrena causaram centenas de mortes. Mas a fé susteve os sobreviventes. Enterraram os entes queridos na ribanceira acima do rio, partindo na primavera de 1847 para o oeste, e com a força da fé conseguiram subir pelo Elkhon e vadear o Rio Platte, rumo às Montanhas Rochosas.

Foi pela fé que Brigham Young, contemplando este vale, então estéril sob a inclemência do sol, declarou: "Este é o lugar." E novamente pela fé, quatro dias mais tarde fincou a bengala no chão e disse: "Aqui será o templo de nosso Deus." A magnífica e sagrada casa do Senhor, situada ao lado deste Tabernáculo, é um testemunho de fé, não só da fé dos que a construíram, mas também daqueles que agora a utilizam numa grande e abnegada obra de amor.

Dizia Paulo aos hebreus: "Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não vêem." (Hebreus 11:1.) Todos os grandes feitos dos quais falei, foram a princípio somente o "funda-

mento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não vêem". Entretanto, com visão, esforço e confiança no poder de Deus operando através deles, transformaram a fé em realidade.

Temos atrás de nós uma história gloriosa, ornamentada com heroísmo, tenacidade, apego a princípios e inabalável fidelidade — um produto da fé. À nossa frente, temos um grandioso futuro que começa hoje. Não podemos parar; não podemos retardar o passo ou diminuir a marcha.

Num período tenebroso de nossa história, quando inimigos assacavam acusações contra a Igreja, a Primeira Presidência emitiu uma proclamação ao mundo na qual expôs as dimensões desta obra, dizendo: "Nossos motivos não são egoístas, nem nossos propósitos fúteis e materialistas; consideramos a raça humana — passada, presente e vindoura — como seres imortais, cuja salvação é a nossa obra; e é a este trabalho, imenso como a eternidade e profundo como o amor de Deus, que nos devotamos agora e sempre." (*A Primeira Presidência*, 26 de março de 1907.)

Com fé temos de seguir avante no cumprimento desse compromisso, tendo sempre em mente o quadro geral, sem, contudo, negligenciar os detalhes. Esse grande quadro é o retrato de toda a imensa missão da Igreja, mas pintado pincelada por pincelada pela vida de todos os membros, cuja atuação conjunta se torna a obra da Igreja.

Por isso, cada um de nós é importante. Cada um de nós é como que uma pincelada no mural desse vasto panorama do reino de Deus. Se houver espaços vazios, se houver distorções, se houver áreas de colorido impróprio, então o quadro parecerá defeituoso a todos os que o contemplam.

Algum de nós ousará dizer que, com fé, não poderemos atuar melhor do que estamos agindo agora?

Não existe obstáculo tão grande, nem desafio tão difícil que não possamos vencer com a fé. Vivemos num mundo que desafia os padrões do evangelho, os ridiculariza e faz pouco das coisas sagradas. Haveremos de transigir? Haveremos de injuriar aqueles que falam mal de nós?

Numa época mais conturbada, o Senhor disse a Thomas B. Marsh:

"Sê paciente nas aflições, não injuries aos que te injuriarem. Governa a tua casa com brandura e sê constante...

"Vai onde quer que eu te mande e ser-te-á dado saber pelo Consolador o que deverás fazer e onde deverás ir...

"Sê fiel até o fim, e eis que estou contigo. Estas palavras não são de homem nem de homens, mas são minhas, mesmo Jesus Cristo, teu Redendor, pela vontade do Pai." (D&C 31:9, 11, 13.)

Disse o Salvador a seus discípulos:

"Sede vós pois perfeitos como é perfeito o vosso Pai que está nos céus." (Mateus 5:48.)

Este é o nosso mandamento. Infelizmente não alcançamos a perfeição. Ainda estamos longe dela. Precisamos cultivar a fé para reformar nossa vida, começando por onde somos fracos e dali partindo para nossa obra de autocorreção, adquirindo, assim, gradual e consistentemente mais força para viver como deveríamos.

Com fé somos capazes de superar os aspectos negativos da vida que constantemente procuram derrubar-nos. Com esforço, conseguiremos desenvolver a capacidade de dominar os impulsos que nos induzem a atos degradantes e maus.

Com fé podemos disciplinar nossos apetites. Podemos alcançar aqueles cuja fé esmoreceu e reanimá-la com a nossa própria fé.

Jamais nos esqueçamos, irmãos e irmãs, que cada um de nós é parte de um todo e que nossas ações maculam ou embelezam o magnífico panorama do reino de Deus.

Como nossos pais labutaram com fé, movidos pela visão do destino desta obra, nós também o podemos. Há tanto o que fazer, tantos melhoramentos a realizar, mas nós somos capazes de consegui-lo, se andarmos na fé.

"Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá — e há de passar; *e nada vos será impossível.*" (Mateus 17:20; grifo nosso.)

Assim declarou o Senhor.

Deus nos conceda fé, eu oro humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.

Joseph, o Vidente

Élder Neal A. Maxwell
do Quorum dos Doze Apóstolos

"Sou grato ao meu Senhor e Salvador, Jesus Cristo, por haver chamado, dirigido e instruído Joseph..."

Durante toda a extensão da história humana, nenhum profeta tem sido pesquisado com tamanha insistência, profundidade e por mais tempo que Joseph Smith Jr. E isto devido aos meios avançados de comunicação de hoje e o impacto global de sua obra.

Quando ainda jovem, foi-lhe dito que "seu nome seria conhecido por bem ou por mal" no mundo inteiro. (Joseph Smith 2:33.) Se não fosse proveniente de fonte divina, que afirmação audaciosa! No entanto, os líderes religiosos contemporâneos dele, então muito mais conhecidos do que Joseph Smith, foram esquecidos pela história, enquanto o nome dele cresce constante e globalmente.

Contudo, não hesitamos em concordar que, pelos padrões do mundo, Joseph não tinha instrução. Isaías o previu. (Ver Isaías 29:11-12.) Joseph não teve o ensino hábil e formal recebido pelo jovem Saulo aos pés de Gamaliel. (Ver Atos 22:3.)

Emma Smith declarou que Joseph, na época da tradução do Livro de Mórmon, não sabia "redigir bem uma carta, quanto mais ditar um livro como o Livro de Mórmon... (que era) maravilhoso para mim, uma maravilha e um assombro, tanto quanto para qualquer outra pessoa". (Preston Nibley, *The Witnesses of the Book of Mormon,* p. 28.)

Esse obscuro moço aparentemente se interrompeu enquanto traduzia e ditava para Emma — provavelmente no capítulo 4 de 1 Néfi, onde fala das "muralhas de Jerusalém" — e disse-lhe: "Emma, eu não sabia que Jerusalém tinha muralhas."

Mas a profunda inteligência de Joseph estava sendo despertada e ampliada pelas palavras instruidoras do Senhor e dos profetas antigos, fluindo por sua consciência estimulada. Na verdade, ele era o próprio vidente previsto em outras eras por José do Egito! (Ver 2 Néfi 3:6-7, 16-18.)

Na profética bênção paterna dada a Joseph Smith Jr., em dezembro de 1834, Pai Smith confirmava as promessas feitas ao an-

tigo José, proferindo mais outras bênçãos sobre o jovem filho, incluindo estas: "Teu Deus te chamou dos céus pelo nome... para fazer nesta geração uma obra que nenhum outro homem senão tu poderia fazer." O antigo José "cuidou de sua posteridade nos últimos dias... E procurou diligentemente saber... quem lhes levaria a palavra do Senhor, e seus olhos viram a ti, meu filho: (Joseph Smith Jr.) seu coração regozijou-se e sua alma ficou satisfeita".

O jovem Joseph ouviu ainda seu pai prometer: "Hás de gostar do trabalho que o Senhor te mandará fazer." (Ver 2 Néfi 3:8.)

Anteriormente, durante cerca de noventa dias, Joseph traduzira — e com extraordinária rapidez — verdades e conceitos de imenso significado e muito além de seu entendimento na época. Apenas algumas preciosidades desse tesouro:

Joseph, por exemplo, tinha condições de apreciar devidamente que, através dele, seria dado o único esclarecimento significativo de uma das mais fundamentais e exigentes declarações de Jesus?

"Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no reino dos céus." (Mateus 18:3.)

Pela tradução de Joseph Smith, recebemos estas assombrosas, esclarecedoras palavras, definindo o sentido real da submissão santa e infantil:

"Tornando-se santo pela expiação de Cristo, o Senhor, chegando a ser como criança, submisso, manso, humilde, paciente, cheio de amor e disposto a se submeter a tudo quanto o Senhor achar que lhe deve infligir, assim como uma criança se submete a seu pai". (Mosiah 3:19.)

Paulo diz, igualmente, que desde haver sido tentado, Jesus compreendia como socorrer-nos quando somos tentados. (Ver Hebreus 2:18; 4:15.) Foi por intermédio de Joseph Smith, no entanto, que nos vieram estas palavras esclarecedoras de Alma:

"E (Jesus) sofrerá penas, angústias e tentações de toda espécie... ele tomará sobre si as dores e enfermidades de seu povo... para que suas entranhas se encham de misericórdia, segundo a carne, e para que possa conhecer, segundo a carne, como socorrer o seu povo, de acordo com suas enfermidades." (Alma 7:11-12.)

Iluminada foi também a prece implorativa: "E tudo o que pedirdes na oração, crendo, o recebereis." (Mateus 21:22.) Luz clara, preciosa e necessária foi acrescentada a estas palavras através de Joseph:

"E tudo quanto pedirdes ao Pai, em meu nome, se pedirdes *o que é direito* e com fé, eis que recebereis." (3 Néfi 18:20; grifo nosso.)

"Aquele que pede em Espírito, pede de acordo com a vontade de Deus; portanto, é feito de acordo com o que pedir." (D&C 46:30.)

Não só verdades confirmadoras e explicativas fluíram através de Joseph, mas também rica linguagem e conceitos profundos.

De Amon:

"Quão cegos e impenetráveis são os entendimentos dos filhos dos homens, pois que não procuram sabedoria nem desejam que ela os governe!

"Sim, são como um rebanho selvagem, que foge do pastor, que se espalha e é perseguido." (Mosiah 8:20-21.)

De Jacó:

"Haveis quebrantado os corações de vossas ternas esposas e perdido a confiança de vossos filhos, por causa de vossos maus exemplos diante deles;... muitos corações pereceram, transpassados por profundas feridas." (Jacó 2:35.)

De Amuleque, que acaba triunfando sobre a ambivalência:

"Não obstante, endureci meu coração, pois fui chamado muitas vezes e não quis ouvir; portanto eu sabia a respeito destas coisas, embora não o quisesse saber." (Alma 10:6.)

Teologia e beleza combinam-se, constantemente nas páginas através de Joseph, como quando o Cristo ressurreto apareceu no Hemisfério Ocidental:

"E após (Jesus) haver dito estas palavras, ajoelhou-se também por terra; e eis que orou ao Pai, sendo que as coisas que disse em sua oração não podem ser escritas...

"E não há língua que possa falar, nem homem que possa escrever, nem podem os corações dos homens conceber tão grandes e

maravilhosas coisas como as que vimos e ouvimos Jesus dizer; e ninguém pode calcular a extraordinária alegria que encheu nossas almas na ocasião em que o vimos orar por nós ao Pai." (3 Néfi 17:15, 17.)

Estudando seriamente o Livro de Mórmon, somos admitidos a um maravilhoso mundo de complexidade e beleza, mesmo nos refrões mais simples, embora poderosos, espirituais do livro. Recebemos aquilo de que mais necessitamos — embora continuando sedentos por mais!

Concedamos que sempre que as palavras celestes são filtradas por mentes e línguas mortais, elas sofrem certa diminuição. No entanto, como aconteceu com Néfi em outros tempos, o mesmo se deu com Joseph Smith:

"Se acreditardes em Cristo, acreditareis nestas palavras, porque são as palavras de Cristo; ele mas deu." (2 Néfi 33:10.)

Posteriormente, Joseph aprendeu a externar seus próprios pensamentos de forma inspiradora, como em sua carta de perdão, a um irmão arrependido, em 1840, W. W. Phelps:

"É verdade que sofremos muito em conseqüência de sua conduta — a amarga taça, já cheia demais para um mortal tomar, transbordou, quando você se virou contra nós. Alguém com quem nos aconselhamos tantas vezes e gozamos muitas horas agradáveis proporcionadas pelo Senhor — fosse um inimigo, nós o suportaríamos...

"Entretanto, a taça foi esvaziada, a vontade de nosso Pai foi cumprida, e continuamos vivos, pelo que somos gratos ao Senhor...

"Ficarei feliz, mais uma vez... regozijando-me com o pródigo que retorna...

"Venha, querido irmão, a guerra acabou. Amigos a princípio, amigos novamente por fim." (*History of the Church*, 4:163-64.)

Joseph Smith era imperfeito como os outros profetas? Certamente! Sem dúvida podia identificar-se com estas palavras de um profeta antigo que traduziu: "Não me condeneis em virtude de minha imperfeição, nem a meu pai por causa da sua... antes, dai graças a Deus por vos ter manifestado nossas imper-

Élder Angel Abrea, à direita, do Primeiro Quorum dos Setenta, e visitantes da conferência.

feições, para que possais aprender a ser mais sábios do que nós fomos." (Mórmon 9:31; ver também D&C 67:5.)

Ele que traduziu as palavras instrutivas de que existe "oposição em todas as coisas" (2 Néfi 2:11), entendeu, por experiência própria, que o processo de crescimento espiritual envolve princípios isométricos, a pressão do eu emergente contra a firme resistência do antigo eu.

Terá Joseph Smith experimentado as mesmas ansiedades no cumprimento de sua missão como outros profetas? Sem dúvida! Ele compreendia como se sentia Paulo, ao escrever:

"Porque, mesmo quando chegamos à Macedônia, a nossa carne não teve repouso algum; antes em tudo fomos atribulados; por fora combates, temores por dentro." (II Coríntios 7:5; ver também II Coríntios 4:8.)

Foi injustamente acusado como outros profetas? Sim! Ainda hoje fragmentos de fatos são assacados contra sua memória. Paulo foi acusado de louco e perturbado. (Ver Atos 26:24.) O próprio Jesus foi acusado de bebedor de vinho, possuído pelo demônio e de estar louco. (Ver Mateus 11:19; João 10:20.)

Contudo, apesar de todas essas coisas, Joseph Smith adorava a obra para a qual fora chamado. E amava seus companheiros! Ao fazer designações individuais aos Doze, percebemos seu afeto e humor gentilmente entrelaçados:

"John Taylor, acredito que podes produzir mais no departamento editorial que pregando. Podes escrever o que milhares vão ler; enquanto que pregarás somente a uns poucos, de cada vez. Não temos ninguém mais a quem confiar o jornal, e mesmo dificilmente a ti, pois permites que saia com tantos erros." (*History of the Church*, 5:367.)

Joseph Smith estava cheio de misericórdia, como prova a cura de muitos doentes com febre às margens de um rio, e onde suas mãos não podiam chegar, ele mandou um lenço curador! (Ver *History of the Church*, 4:3-5.)

Chorando a morte de um filho recém-nascido, recebeu permissão para cuidar durante o dia do bebê de uma vizinha, o qual lhe devolvia à noite. Uma irmã mais velha do bebê, Margareth McIntire, contou mais tarde:

"Uma noite, como ele não voltasse na hora habitual, mamãe desceu até a Mansão para ver qual o problema. Ali estava sentado o Profeta com o bebê envolto num pequeno acolchoado de seda, embalando-o nos joelhos e cantando para ele, a fim de que se acalmasse, antes de sair." (*Ensign*, janeiro de 1971, pp. 36-37.)

Era Joseph Smith um líder prestativo? Comprovadamente! Uma garota e seu irmãozinho lutavam contra a lama, a caminho da escola. O Profeta "abaixou-se, raspou o barro pesado de nossos pequenos sapatos e, tirando o lenço do bolso, limpou nossas faces manchadas de lágrimas. Depois de falar conosco com palavras gentis e animadoras, mandou-nos para a escola radiantes." (*Juvenile Instructor*, 15 de janeiro de 1892, p. 67.)

Ao fugir com Joseph de uma turba enfurecida, um jovem conta: "Doença e medo haviam-me roubado as forças. Joseph teve de decidir entre deixar-me para trás para ser capturado pela turba, ou ajudar-me, pondo em risco a própria vida. Escolhendo a segunda opção, ergueu-me sobre os ombros vigorosos e carregou-me pela escuridão através do brejo, descansando um pouco de vez em quando. Horas mais tarde, alcançamos a única estrada e logo estávamos em segurança. Sua força hercúlea permitiu-lhe salvar-me a vida." (*New Era*, dezembro de 1973, p. 19.)

Sendo ele próprio uma vítima da intolerância, ficou profundamente magoado, quando queimaram um convento católico na Nova Inglaterra, e documentou: "Sim, à vista do próprio lugar onde se acendeu a chama da Independência Americana." (*History of the Church*, 2:465.) Difamado até hoje, Joseph declarou certa vez: "Estou pronto a morrer igualmente para defender os direitos de um presbiteriano, um batista ou... qualquer outra denominação." (*History of the Church*, 5:498.)

Enquanto a maioria dos mortais não se dava conta da importância do ministério de Joseph, o adversário seguramente sim!

Não surpreende que, ao ser assassina-

do, Joseph Smith Jr. continuava crescendo espiritual e intelectualmente. Todavia, Joseph viveu o suficiente para "traçar o plano de toda a obra que Deus te deu a fazer", conforme é prometido na bênção de seu pai moribundo, em 1840. Agora, os confins da terra perguntam por seu nome. Não admira que as últimas palavras de Brigham Young, ao morrer, fossem: "Joseph, Joseph, Joseph" (Joseph Fielding Smith, *Essentials in Church History*, p. 459.)

Assim, aqueles que injuriam Joseph Smith não mudarão seu conceito perante o Senhor (ver 2 Néfi 3:8) — apenas o próprio! Pelo contrário — conforme foi prometido a Joseph Smith em 1834, na bênção paterna:

"Milhares e dezenas de milhares virão a conhecer a verdade por meio do teu ministério, e tu te regozijarás com eles no Reino Celestial; (e) estarás postado no Monte Sião, quando as tribos de Jacó vierem clamando em alta voz do norte, e com teus irmãos, os filhos de Efraim, os coroares em nome de Jesus Cristo."

Alguns talvez procurem explicar Joseph, adjetivando-o de *extraordinário*. Ele foi extraordinário, sim; porém, muito mais importante que isso, ele foi um instrumento!

Ainda agora se ouve o débil rufo distante, mas que se aproxima, dos tambores da história anunciando num crescendo o reconhecimento mortal, quando todos haverão de ver as "coisas como realmente são". (Jacó 4:13.)

Enquanto isso, os antigos anais traduzidos pelo jovem Joseph estarão conosco "de geração em geração, enquanto durar a terra", (2 Néfi 25:22; ver também D&C 5:10.) Esses anais definem vidente como alguém que consegue traduzir registros antigos, é um revelador, e conhece as coisas passadas e futuras. (Ver Mosiah 8:15-17.)

Por isso, irmãos e irmãs, não hesito — apenas regozijo — em declarar minha admiração infinita por Joseph, o Vidente! Sou grato ao Pai por providenciar um vidente assim! Sou grato ao meu Senhor e Salvador, Jesus Cristo, por haver chamado, dirigido e instruído Joseph!

Humildemente, presto apostólico "louvor ao homem que comungou com Jeová", em nome de Jesus Cristo. Amém!

Sede Pacificadores

Élder Franklin D. Richards
da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta

"Precisamos assumir no dia-a-dia o papel de pacificadores, para podermos gozar a paz que ultrapassa todo entendimento."

Meus caros irmãos e irmãs — sim, sois todos irmãos e irmãs — o conselho de meus Irmãos, bem como a bela música e oração inicial, tornaram esta sessão sumamente edificante.

Quando fui chamado como autoridade geral há vinte e três anos, minha resposta neste lindo Tabernáculo foi: "Nesta manhã, Presidente McKay, tenho amor no coração ao senhor e aos irmãos que presidem os negócios do reino de Deus, e tenho amor no coração a meus semelhantes. Posso dizer sinceramente que não tenho inimizade nem ódio contra homem algum, e oro que o Senhor me sustenha nesta posição." (Conference Report, outubro de 1960, p. 47.)

Sim, o Senhor realmente me susteve nessa posição, pelo que lhe sou muito grato.

Na conferência geral de outubro de 1976, a Primeira Presidência e o Quorum dos Doze reestruturaram o Primeiro Quorum dos Setenta, na presidência do qual venho servindo nos últimos sete anos. Esta tem sido uma experiência extraordinária; os quarenta e sete componentes do nosso quorum serviram nos mais diversos cargos, tanto na sede da Igreja como pelo mundo afora, e eu os elogio por sua dedicação e bons serviços.

Conforme foi anunciado, fui chamado a servir como presidente do Templo de Washington, D.C., e minha esposa, Helen, como superintendente.

Somos gratos pela confiança que o Pai Celestial, a Primeira Presidência e as autoridades gerais nos demonstram. Aceitamos essa designação com coração humilde e compromisso pleno de dedicarmos os melhores esforços à edificação do reino de Deus.

Estamos vivendo num período cheio de guerras e rumores de guerras, de ódio, confli-

tos e contendas entre os povos. Parece-me que a necessidade mais premente no mundo, hoje, é paz — não só entre as nações, mas também entre as famílias, na sociedade e no mundo dos negócios.

Da festa da Páscoa de mil e novecentos anos atrás, vem-nos esta grande mensagem de promessa e exortação de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo: "Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize." (João 14:27.)

Jesus Cristo é chamado de o Príncipe da Paz (ver Isaías 9:6), e sua mensagem é uma mensagem de paz ao indivíduo e ao mundo. O Evangelho de Jesus Cristo é o plano de vida que devolve a paz ao mundo, remove tensões interiores e traz felicidade à alma humana. É a maior filosofia de vida já dada ao homem.

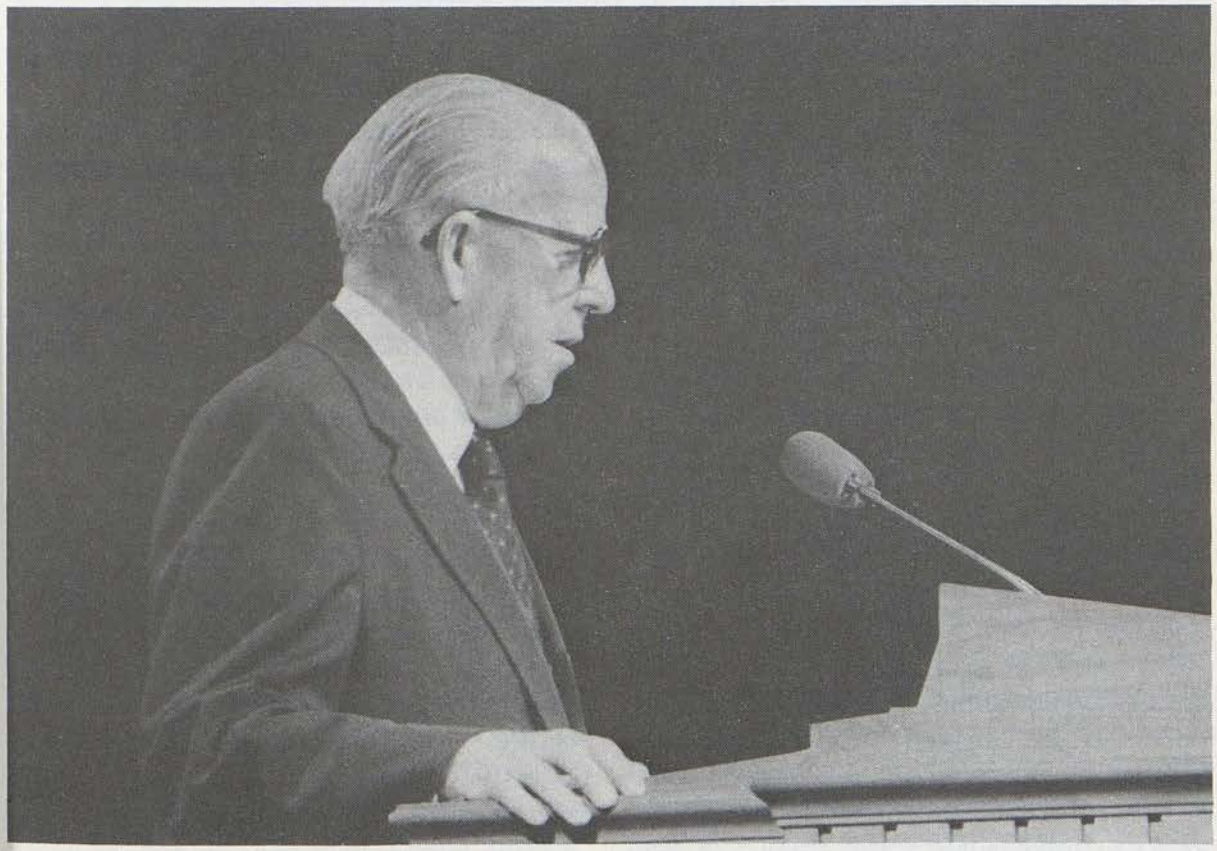
A missão de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é estabelecer essa paz e felicidade no coração e no lar das pessoas.

Sem dúvida, uma das maiores mensagens dadas ao homem por Jesus Cristo é reconhecida como o Sermão da Montanha, que contém praticamente todos os princípios básicos do relacionamento humano.

Parte desse sermão é designada como as bem-aventuranças, que começam com a palavra bem-aventurados. Essas bem-aventuranças estabelecem as condições que proporcionam paz e felicidade. Nesse grande sermão, o Salvador admoesta todos a serem pacificadores, dizendo: "Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus." (Mateus 5:9.) *Bem-aventurado* quer dizer feliz, estimado e glorificado.

Nunca houve uma época em que mais precisássemos de pacificadores do que hoje. Por isso, parece-me apropriado discutir como poderíamos contribuir para o estabelecimento de paz, pelo menos entre nosso círculo.

Já pensastes como podeis ser pacificadores? Gostaria de mencionar algumas possibilidades. Na verdade, nossas oportunidades são ilimitadas.



Élder Franklin D. Richards foi desobrigado, na conferência, da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta, para cumprir seu novo chamado como presidente do Templo de Washington D.C.

Certamente podemos todos ser pacificadores em toda parte, principalmente no lar, demonstrando amor e boa vontade e contrabalançando assim o mal da contenda, inveja e ciúmes. Havendo mal-entendidos entre pais e filhos, podemos incentivar ajustes de ambos os lados. Podemos orar juntos em busca do espírito de paz.

Divergências familiares podem causar sérios danos ao lar. Às vezes, marido e mulher destroem num clima de contenda sua própria felicidade, além da dos filhos. Os divórcios parecem estar sempre aumentando. Muitos deles, sem dúvida, poderiam ter sido evitados, se houvesse um pacificador presente nas horas de crise.

Há um exemplo que já mencionei e que me fala muito de perto, no qual diversos jovens se tornaram pacificadores no lar.

Um bispo muito sábio reuniu em seu escritório diversos jovens e lhes propôs: "Gostaria de que me ajudassem numa experiência, provando o impacto e influência de uma pessoa sobre a atmosfera familiar. Gostaria de que, durante um mês, cada um de vocês fizesse o papel de pacificador em sua casa. Não comentem nada sobre isso com seus familiares; sejam apenas gentis, amáveis e obsequiosos. Sejam um bom exemplo. Quando houver divergências ou implicâncias entre seus familiares, procurem amenizar a situação, criando um clima de amor, harmonia e prestimosidade.

"Quando estiverem irritados — e irritações acontecem em quase toda família — controlem-se e ajudem os outros a se controlarem. Gostaria de que todo lar em nossa ala fosse 'um pedacinho do céu na terra'. No fim do mês, gostaria de que nos reuníssemos novamente para ouvir o relatório de vocês."

Foi um desafio real para esses jovens, e eles o venceram galhardamente. Por ocasião do relatório ao bispo, ouviram-se comentários como este. Um rapaz disse: "Eu não fazia idéia de exercer tamanha influência em casa. A vida foi realmente diferente neste último mês. Fico imaginando se grande parte da confusão e problemas que costumava haver não eram causados por mim e minhas atitudes."

Uma das moças observou: "Acho que éramos apenas uma família normal com pequenos conflitos diários causados por nosso egoísmo. Mas, ao me esforçar com meus irmãos e irmãs, muitos problemas foram eliminados, e lá em casa tem reinado um espírito bem melhor. Acredito que preciso continuar trabalhando nesse sentido, para que haja um clima de paz em nosso lar."

Outra moça informou: "De fato, o clima em nosso lar vem sendo bem mais agradável, cooperativo e desprendido, desde que iniciei a experiência, mas a diferença maior se deu em mim. Esforcei-me bastante para ser um bom exemplo e uma pacificadora, e julgo-me melhor a respeito de mim do que antes da experiência. Fui tomada de uma maravilhosa sensação de paz."

Irmãos e irmãs, não gostaríeis de tentar a experiência do bispo em vosso lar, sendo pacificadores por um mês? Conforme dizia o bispo: "Quando houver divergências ou implicâncias entre os familiares, procurai amenizar a situação, criando um clima de amor, harmonia e prestimosidade. Quando estiverdes irritados, controlai-vos e ajudai os outros a se controlarem."

Eu vos prometo que as recompensas serão sumamente gratificantes, se tentardes essa experiência.

Outra maneira de sermos pacificadores tanto em casa como em nosso círculo social e profissional, é evitar críticas. Já vos destes conta de que toda vez que criticais, estais julgando?

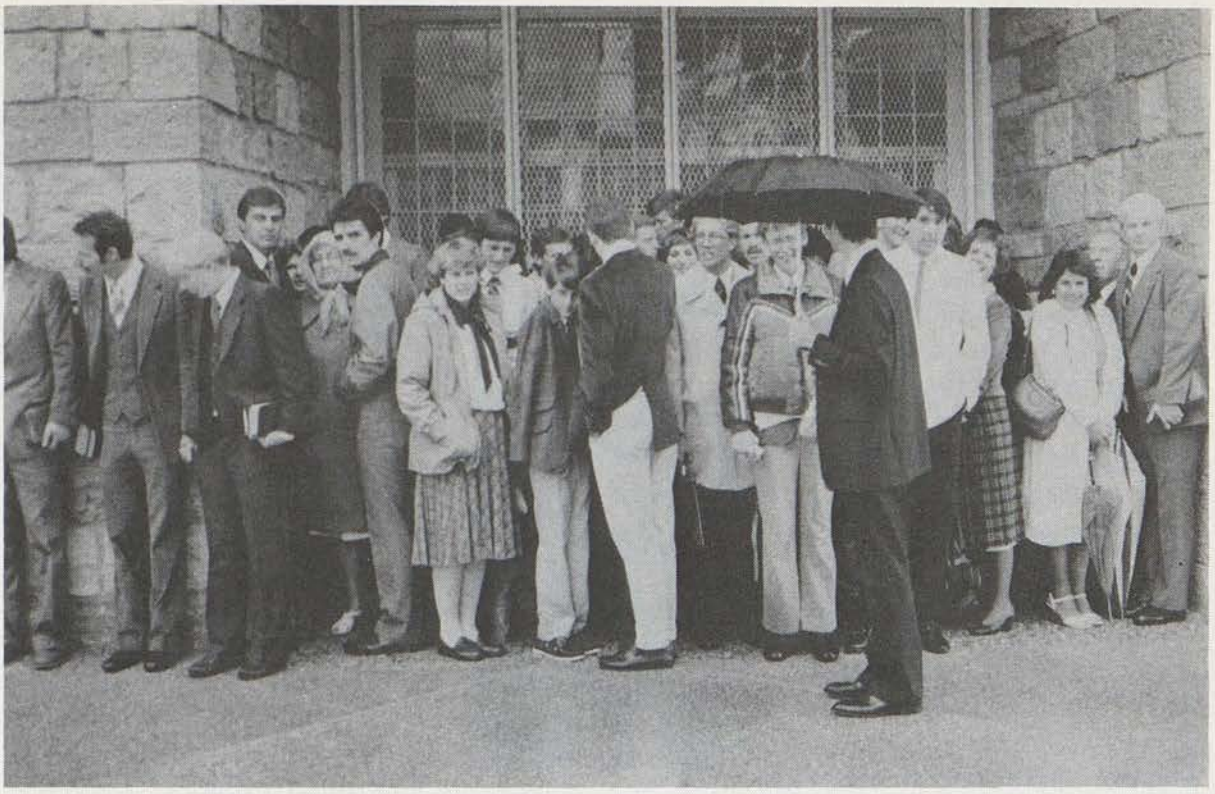
Dizia Jesus, no Sermão da Montanha:

"Não julgueis para que não sejais julgados.

"Porque com o juízo com que julgardes sereis julgados." (Mateus 7:1-2.)

Podemos ser igualmente pacificadores, praticando e ensinando o perdão. Perguntaram a Jesus quantas vezes se deve perdoar, ao que ele respondeu que devemos perdoar sempre — perdoar "setenta vezes sete". (Mateus 18:22.)

Diz o Senhor nas revelações modernas: "Como tendes perdoado mutuamente as vossas ofensas, assim também eu, o Senhor, vos perdôo." (D&C 82:1.)



Uma parte do perdão é esquecer. De certa forma, saber esquecer tem quase o mesmo valor de conseguir lembrar-se.

Novamente, ao considerarmos as várias áreas de atividades humanas e apreciarmos as muitas insuficiências do homem, perceberemos o grande valor da paciência como parte importante de ser um pacificador.

Às vezes somos mal compreendidos, mesmo pelas pessoas mais chegadas. Nesses casos, a paciência nos permitirá aceitar as críticas, merecidas ou não. A capacidade de ser paciente quando provocado, mostra que somos seguidores dos ensinamentos do Salvador de fazermos o bem e oferecermos a outra face. (Ver Mateus 5:39, 44.)

A paciência é, de fato, uma poderosa virtude, e pode ser desenvolvida à medida que nos tornamos pacificadores e decidimos ser pacientes em nossa própria vida como na dos outros.

Sou grato que o evangelho restaurado de Jesus Cristo incorpore o extraordinário princípio da paciência. Sou imensamente grato pela paciência que meu Pai Celeste tem tido comigo.

Ao dedicar a capela de Hyde Park, em Londres, disse o Presidente McKay: "Se quereis paz, é vossa a responsabilidade de obtê-la." (*Church News*, 11 de março de 1961, p. 15.)

Irmãos e irmãs, é importante sabermos que o evangelho tem de ser vivido para ser plenamente compreendido e desfrutado o seu poder.

Presto-vos testemunho de que, vivendo os princípios do evangelho restaurado de Jesus Cristo, indivíduos, famílias, a sociedade, bem como as nações, podem gozar paz.

Regozijo-me no conhecimento de que Deus, o Pai, e seu Filho, Jesus Cristo, vivem e apareceram ao Profeta Joseph Smith, e que através deste foi restaurada a plenitude do Evangelho de Jesus Cristo e o poder de agir em nome de Deus, e restabelecida na terra a Igreja; e mais, que o Presidente Spencer W. Kimball é um profeta vivo. Que possa ele gozar das bênçãos mais escolhidas do Senhor e possamos nós ter a coragem e o bom senso de seguir seus conselhos e admoestação.

Possa cada um de nós assumir o papel de pacificadores, para podermos gozar a paz que ultrapassa todo entendimento, eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.

Remover o Veneno do Ressentimento

Bispo H. Burke Peterson
Primeiro conselheiro no Bispado Presidente

"A menos que seja removido, o veneno da vingança ou de pensamentos ou atitudes de ressentimento destruirá a alma que o abriga."

Meus caros irmãos e irmãs, nesta manhã gostaria de expressar alguns pensamentos que me vêm passando pela mente há algum tempo. Tenho orado para que o Espírito me faça entender e ser entendido.

Quero falar de uma fraqueza que tem obstado o progresso espiritual dos homens em todas as épocas. Ela afeta jovens e velhos, ricos e pobres. Sua incidência não é limitada por fronteiras geográficas, nem por raça, credo ou condição social. Afeta alguns que parecem fortes, e muitos dos que são fracos. Envenena o espírito de uma pessoa, a ponto de fazê-la fraquejar com seu poder debilitante. Tem a capacidade de arrastar as criaturas para as profundidades do inferno; contudo, quando conseguem livrar-se de suas garras, podem subir às alturas celestiais. Tem impedido muitos de alcançarem seu pleno potencial; tem sido pedra de tropeço dos talentosos e favorecidos. É um dos instrumentos mais eficazes de Satanás. Estamos falando do não saber perdoar e não esquecer.

Existem muitos hoje que abrigam, no mais profundo recesso do coração, um cancro, uma mágoa, um ressentimento ou desgosto, ou até mesmo ódio por causa de experiências dolorosas com pessoas conhecidas. Alguns foram prejudicados nos negócios. Outros foram magoados por vizinhos, parentes ou amigos. Outros tantos foram engana-

dos ou traídos por alguém em quem confiavam há muito. Algumas crianças, agora já crescidas, sentiram-se ofendidas por pais duros e ditatoriais. Existe um profundo abismo entre alguns casais, causado por criticismo e conseqüente ressentimento. A lista de experiências penosas é longa, sim, longa demais. Àqueles dentre vós que vêm cultivando mágoas ou ressentimentos do passado, mesmo que pequenos, gostaria de contar um caso acontecido há algum tempo.

Durante a maior parte de nossa vida, vivemos no centro do Arizona. Faz alguns anos, um grupo de adolescentes da escola secundária local foi fazer um piquenique no deserto, nas imediações da cidade de Phoenix. Como sabeis, a vegetação é muito escassa no deserto — composta quase só de alfarrobeiras, espinheiros, com alguns cactos espalhados aqui e ali. No calor do verão, encontram-se nessas moitas cascavéis como hóspedes indesejáveis. Durante o piquenique e brincadeiras daquele grupo de jovens, uma das garotas foi picada por uma cascavel que, como se sabe, injeta veneno no corpo da vítima.

Houve então o momento de decisão crítica: começar imediatamente a extrair o veneno da perna da moça, ou perseguir a cobra para matá-la. Tomada a decisão, a vítima e seus companheiros saíram em perseguição ao animal, que, esquivando-se habilmente, conseguiu iludi-los durante uns quinze a vinte minutos. Finalmente a descobriram e dela se vingaram com pedradas.

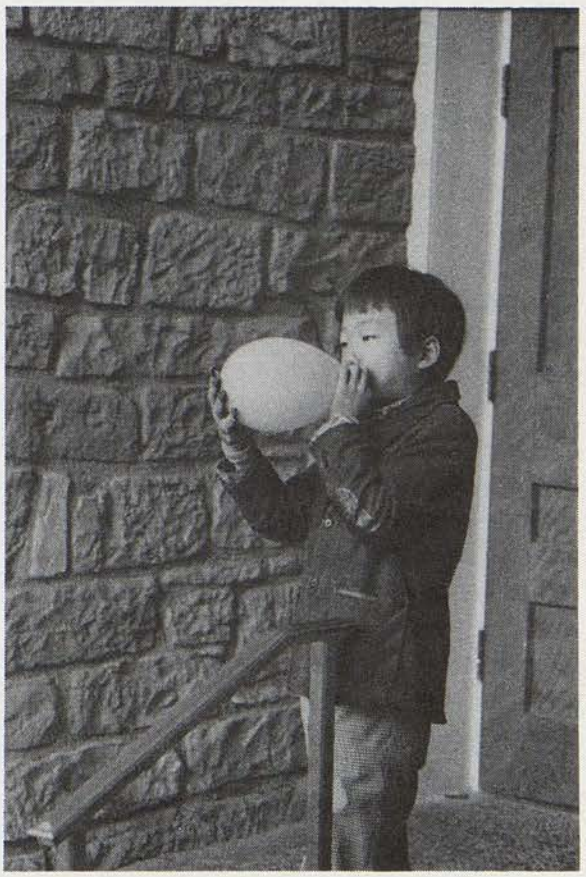
Só então se lembraram da colega ferida! Nessas alturas, o veneno tivera tempo de se espalhar da superfície para as partes mais profundas do pé e perna. Dentro de mais trinta minutos, chegaram com ela no pronto-socorro do hospital.

Dias mais tarde, fui informado do acidente e pediram-me que fosse visitá-la no hospital. Entrando no quarto, deparei-me com uma visão patética. Seu pé e perna eram mantidos em posição elevada, totalmente deformados pelo inchaço. Os tecidos haviam sido destruídos pelo veneno e, poucos dias mais tarde, houve necessidade de amputar-lhe a perna abaixo do joelho.

Foi um sacrifício inútil, esse preço da vingança. Não teria sido muito melhor cuidarem imediatamente da extração de parte do veneno da perna com um processo conhecido de todos os habitantes da região?

Conforme já disse, existem muitos outros hoje que foram "mordidos" — ou ofendidos, se preferis — por outros. O que fazer? O que fareis, quando alguém vos magoar? A atitude segura, a atitude certa é olhar para dentro e iniciar imediatamente o processo de purificação. A pessoa sábia e feliz remove primeiro as impurezas de dentro de si. Quanto mais tempo o veneno do ressentimento e rancor permanecer no organismo, tanto maior e pior seu efeito maléfico. Enquanto culpamos os outros por nossa condição ou situação, e edificamos um muro de autojustificativas em torno de nós, diminui nossa resistência e capacidade de superarmos o problema. A menos que seja removido, o veneno da vingança ou de pensamentos ou atitudes de ressentimento destruirá a alma que o abriga.

Dizia Henry Home: "Nenhum homem



que deliberadamente feriu um outro, deixou de, ao mesmo tempo, infligir-se ferimento muito pior." (*The New Dictionary of Thoughts,* p. 309.)

A II Guerra Mundial testemunhou exemplos terríveis de desumanidades contra o homem. Quando a guerra terminou e se abriram os campos de concentração, havia muito ódio entre os sobreviventes trôpegos e esqueléticos. Em um dos campos, chamou a atenção um polonês que parecia tão robusto e tranqüilo, que os observadores acharam que deveria ter sido preso havia pouco tempo. Ficaram muito surpresos, ao verificarem que estava ali havia mais de seis anos! Então, pensaram, de certo não vira seus familiares sofrerem as terríveis atrocidades tão comuns na época. Interrogando-o, porém, souberam que, chegando a sua cidade, os soldados haviam alinhado contra uma parede sua mulher, duas filhas e três filhos pequenos, metralhando-os a seguir. Embora implorasse que o matasse também, mantiveram-no vivo por causa de seus conhecimentos e capacidade como tradutor.

Aquele pai polonês contou: "Tive de decidir naquela hora... se iria ou não odiar aqueles soldados. Foi uma decisão realmente fácil. Eu era advogado. Em minha profissão... observara o que o ódio consegue fazer ao corpo e à mente do homem. O ódio acabara de matar as seis pessoas mais importantes para mim neste mundo. Decidi então que passaria o resto de minha vida — fossem uns poucos dias ou muitos anos — amando cada pessoa com quem tivesse contato." (George G. Ritchie e Elizabeth Sherrill, *Return from Tomorrow*, p. 116.)

Diz o Senhor: "Se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai Celestial vos perdoará a vós;

"Se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai vos não perdoará as vossas ofensas." (Mateus 6:14-15.)

E acrescentou: "Pois aquele que não perdoa a seu irmão as suas ofensas, está em condenação diante do Senhor; pois nele permanece o pecado maior." (D&C 64:9.)

Em outras escrituras, o Senhor diz que perdoaria e esqueceria os pecados daqueles que se arrependessem sinceramente. Muitas vezes, *nós* é que queremos decidir quando a pessoa se arrependeu e quando a perdoaremos. Foi-nos dito que a humanidade será julgada segundo o intento de seu coração. Nenhum mortal consegue discernir o que vai no íntimo de outro. Existe somente Um que o pode. O papel de juiz é dele — não nosso. Se sois propensos a criticar ou julgar, lembrai-vos de que nunca vemos o alvo que o homem persegue na vida. Nós vemos apenas onde ele acerta.

Em Morôni, lemos:

"E agora, meus irmãos, vendo que conheceis a luz pela qual podeis julgar, luz essa que é a de Cristo, tende cuidado para que não julgueis erradamente; pois da mesma forma que julgardes, assim sereis julgados." (Morôni 7:18.)

Perdoar os erros alheios — imaginários ou reais — muitas vezes beneficia mais a quem perdoa do que ao perdoado. Quem ainda não perdoou uma maldade ou injustiça, ainda não provou uma das sublimes satisfações da vida. A alma humana raramente atinge tamanho auge de força ou nobreza, como quando elimina qualquer ressentimento e perdoa erros ou maldades. Ninguém pode ser classificado como verdadeiro seguidor do Salvador, se não se encontra em vias de eliminar do coração e da mente todo resquício de má vontade, amargura, ódio, inveja ou ciúme para com o próximo.

O maior exemplo de alguém disposto a perdoar pisava as praias da Galiléia há dois mil anos. Ninguém foi mais injuriado e maltratado do que ele. Diz o Presidente Spencer W. Kimball a respeito do Salvador:

"Durante toda a vida foi vítima de vilezas. Como recém-nascido, teve que fugir para salvar a vida, sendo avisado por um anjo... No final de uma existência agitada, continuou exibindo uma dignidade tranqüila, discreta e divina...

"Eles lhes deram empurrões e bofetadas. E nem uma só palavra amarga escapou

de seus lábios... Bateram-lhe no rosto e no corpo... Não obstante, permaneceu resoluto, imperturbável. Ao oferecer a outra face aos algozes, seguiu literalmente a admoestação que ele mesmo fizera...

"As palavras, também, são difíceis de serem suportadas. As acusações e recriminações e as blasfêmias lançadas sobre as coisas, pessoas, lugares e situações sagrados para ele, devem ter sido difíceis de suportar... no entanto, continuou calmo, imperturbável. Não bajulou, não negou, não refutou. Quando testemunhas falsas e mercenários foram pagos para mentir a seu respeito, não pareceu condená-los. Torceram-lhe as palavras e interpretaram erroneamente seus significados; no entanto, não reclamou. Ele não fora ensinado a orar por aqueles "que vos maltratam e vos perseguem"? (Mateus 5:44.)

"Bateram-lhe e açoitaram-no. Puseram-lhe uma coroa de espinhos... Foi escarnecido e zombaram dele. Sofreu toda sorte de indignidades nas mãos de seu próprio povo... Fizeram-no carregar a própria cruz... Finalmente, pregado na cruz e olhando para os soldados e os acusadores, disse estas palavras imortais: '*Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.*' (Lucas 23:34.)" (*O Milagre do Perdão*, pp. 267-68.)

Bem, irmãos e irmãs, eliminemos de nosso ser e purguemos de nossa alma — o veneno de qualquer ressentimento ou amargura, seja contra quem for. Arranquemos de nosso coração a relutância de perdoar e esquecer; e em vez disso, aproximai-vos dos homens no espírito do Mestre, mesmo aqueles "que vos maltratam". (Mateus 5:44.) Oremos — antes, imploremos o espírito do perdão. Procuremos o lado bom nos outros — não as falhas.

O Mestre sabia que a vida do homem se transformava mais depressa e seguramente pelo amor que pelas críticas. Em I João 4:19, está escrito: "Nós o amamos a ele, porque ele nos amou primeiro."

Testifico-vos da importância deste princípio de salvação, o princípio de perdoar e esquecer. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

Compromisso

Élder Marvin J. Ashton
do Quorum dos Doze Apóstolos

"Para colher os benefícios plenos da vida, temos de encher nossos dias com compromisso a metas e ideais meritórios. Não existe outra maneira."

Recentemente, tive oportunidade de congratular-me com uma jovem muito especial por sua formatura na faculdade. Sabendo que alcançara essa meta com extrema dificuldade, perguntei: "Você se importaria em me dizer, numa só palavra, como o conseguiu?" Enquanto ela pensava um pouco, passaram-me pela mente palavras como *coragem, determinação* e *fé*. Então, sem hesitar, ela respondeu: "Élder Ashton, a palavra é *compromisso*."

Quase todos os que já ouviram falar do grande líder norte-americano Abraão Lincoln, lembram-se do que disse a respeito de sua mãe: "Tudo o que sou, tudo o que espero ser, eu devo ao meu anjo, minha mãe." (*Abraham Lincoln's Philosophy of Common Sense,* p. 60.) Mas, quantos de nós sabemos quais foram as últimas palavras da mãe dele? Ela lhe disse: "Seja alguém, Abe."

Não só é um sábio conselho, mas expressa os anseios de praticamente todo coração de pai e mãe — que seus filhos sejam alguém. Palavras simples, mas, oh! quão poderosas: "Ser alguém." Fico tão contente que ela não tenha dito: "Seja algo, Abe", pois existe uma diferença significativa. O dicionário define *alguém* como "pessoa de relevo", enquanto *algo* é definido como "aquele que possui, que é rico".

A mãe de Abraão Lincoln conhecia o filho, seu potencial e o caminho árduo que tinha pela frente; por isso, queria que se comprometesse consigo mesmo a ser perseverante, imutável em sua vida, e na promoção de atos de coragem e fé na vida de toda a humanidade.

Uma palavra de esperança é derramada sobre cada geração por aqueles que advogam uma vida exemplar, o cultivo de seus dotes e o cumprimento de seus compromissos.

A verdadeira felicidade não é ter alguma coisa. A verdadeira felicidade é tornar-se alguém. E isto só se consegue assumindo compromisso com ideais sublimes. Não podemos ser uma pessoa de valor sem compromisso.

Compromisso é um termo que não consegue ficar só. É sempre preciso perguntar: "Compromisso com quê?" Quando nos integramos nos programas da Igreja, convém que estabeleçamos metas pessoais, a fim de podermos colher as bênçãos do auto-aprimoramento e de desempenho excelente nas designações recebidas.

"Na verdade digo que os homens devem-se ocupar zelosamente numa boa causa, e fazer muito de sua própria e livre vontade, e realizar muito bem;

"Pois neles está o poder para assim fazer, no que são seus próprios árbitros. Se os homens fizerem o bem, de modo nenhum deixarão de receber a sua recompensa.

"Mas, o que não faz nada sem ser mandado, e recebe mandamento com coração duvidoso, e indolentemente o observa, é condenado." (D&C 58:27-29.)

Ao buscarmos boas causas, precisamos levar em consideração nossas próprias necessidades, mas igualmente viver de acordo com os ensinamentos do evangelho.

Dizia o Presidente Spencer W. Kimball, no Seminário de Representantes Regionais, em 3 de abril de 1975: "Acredito nas metas, mas creio que o indivíduo deve estabelecer suas próprias. As metas devem sempre nos obrigar a fazer um esforço. O sucesso não deve ser necessariamente medido em termos de alcance ou não da meta, mas pelo progresso e conquistas."

Membros do Quorum dos Doze trocam idéias antes de uma sessão da conferência. A partir da esquerda: Élder James E. Faust, Élder David B. Haight, e Élder Neal A. Maxwell (de costas).

Ao estabelecermos as próprias metas, temos de examinar nossas necessidades e capacidade. O rumo que seguimos é muito mais importante do que o ponto em que estamos no momento. As metas devem-nos exigir o esforço máximo durante o processo de alcançá-las.

Examinar-se a si mesmo é muito difícil. Pesquisas mostram que a maioria das pessoas creditam a si próprias os sucessos, mas lançam a culpa por seus malogros sobre causas externas ou outras pessoas. Quando enfrentarmos problemas, seria muito bom fazermos a mesma pergunta feita pelos apóstolos durante a Última Ceia:

"E chegada a tarde, assentou-se à mesa com os doze.

"E, comendo com eles, disse: Em verdade vos digo que um de vós me há de trair.

"E eles, entristecendo-se muito, começaram cada um a dizer-lhe: Porventura sou eu, Senhor?" (Mateus 26:20-22.)

Quando nosso progresso parece imobilizar-se, seria bom indagarmos quem é o culpado. Serei eu? Estou suficientemente comprometido com metas de valor? Tenho a necessária coragem, fortaleza e sabedoria para um auto-exame — ou me inclino a verificar as falhas alheias?

William Clement Stone, um milionário de Chicago, disse numa entrevista: "Somente se alguém tiver energia, resolução, 'a necessidade de vencer', terá sucesso em qualquer campo." E prosseguiu, dizendo: "Seja qual for a religião de vocês, leiam a Bíblia, o livro mais inspirador de todos os tempos. E aprendam a utilizar o poder da oração." Esse homem aprendera o valor do compromisso, tinha a "necessidade de vencer". Aprendera igualmente a recorrer a Deus em busca de orientação e ajuda.

Muitas pessoas são motivadas por metas espirituais. A questão é: "Por quê?" É porque as faz sentir-se bem e por causa das prometidas recompensas, ou por medo de não viverem os mandamentos? A melhor motivação é sempre a positiva. Compromisso total com princípios evangélicos corretos proporciona alegria, satisfação e vida abundante.

Dale Carnegie comentou certa vez: "Se não estiver em vias de tornar-se a pessoa que quer ser, você está automaticamente em vias de tornar-se a pessoa que não quer ser."

Todavia, precisamos compreender que não se podem resolver todos os problemas da vida de uma só vez. O compromisso de satisfazer nossas necessidades cotidianas e de alcançar as metas imediatas nos proporcionará sucessos significativos. Lembrai-vos de que Deus vos julgará pelo que fizerdes com todas as vossas possibilidades. É sábio e certo querer tirar o máximo de cada oportunidade, mas nem por isso devemos desanimar ou chorar por causa de um insucesso ou desapontamento. Procurai decompor as metas grandes em metas menores, mais fáceis de serem atingidas. Então a auto-estima crescerá, possibilitando compromisso com metas de maior magnitude. O caminho do sucesso é longo e pontilhado de numerosos compromissos com metas dignas. A pessoa não se compromete com metas de valor apenas falando ou tomando a decisão. Implica num progresso diário na direção dos objetivos estabelecidos.

Quando alguém está plenamente comprometido, tornam-se evidentes novas forças e talentos. Surge auxílio de fontes inesperadas. Qual de nós ainda não aceitou uma designação, tremendo de medo, totalmente incapaz de assumir tamanha responsabilidade? Mas, com interesse, esforço e obediência seguimos avante — trabalhando duro e orando freqüentemente. Terminada a tarefa, para nossa surpresa nos saímos bem, e reconhecemos humildemente que nossa própria capacidade foi acrescida.

Dizia Goethe: "O que podes fazer ou sonhar, comece-o. O arrojo tem em si capacidade, poder e magia." (*Fausto*.) Nós acrescentaríamos que o compromisso tem capacidade, poder e magia em si.

As escrituras o dizem assim: "Pois sei que o Senhor nunca dá ordens aos filhos dos homens sem antes preparar um caminho pelo qual suas ordens poderão ser cumpridas." (1 Néfi 3:7.)

A pessoa realmente comprometida não vacila em face da adversidade. Até que ela se comprometa, é possível hesitar, desviar-se para outros caminhos ou ser ineficiente. Os membros de nossa Igreja que estão compro-

metidos a viver o Evangelho de Jesus Cristo não se deixam afetar pelos argumentos de nossos detratores.

A cada semana que passa, nossos inimigos estão-se tornando mais agressivos. Parecem decididos a não só iludir os não comprometidos entre nós como também desviar até mesmo os eleitos. Eles criticam nossos líderes; zombam do que consideramos sacro; ridicularizam ordenanças e convênios que sabemos serem verdadeiros e sagrados; deleitam-se em descobrir e divulgar as eventuais falhas e fraquezas entre nossos líderes passados e atuais, em lugar de reconhecerem e aproveitarem as verdades que ensinam. Em vez de se deleitarem com os frutos da árvore, apontam apenas as cicatrizes em seu tronco.

Não vos enganeis. Deus não se deixa escarnecer. (Ver Gálatas 6:7.) Não temos a mínima intenção de contender com eles ou exigir tempo igual para refutá-los. Convidamos todos os dissidentes, bem como todos os outros a abrirem os olhos e contemplarem as belezas e emoções disponíveis aos que buscam o que é bom seguindo o seu caminho.

Triste seria o dia em que, por exemplo, uma pessoa ou grupo por educação, atitude e desígnio fosse a uma partida de futebol e julgasse os participantes pela sujeira e manchas em seus uniformes, em lugar de pelas jogadas e gols conquistados. Ou que, em lugar de aplaudirem o artilheiro, ficassem remoendo o fato de que, quando no ginásio, ele ficou de castigo por mau comportamento. Ai daqueles que se deleitam com sujeira e o desagradável, em lugar de saborear os frutos.

Comparai tais atitudes com a demonstrada por uma viúva idosa, conhecida nossa, que, todas as manhãs vai ao templo, passa o dia participando das sessões e volta para casa de ônibus, exausta, só porque, diz ela: "Eu amo a todos, mesmo aqueles que não posso ver." Sua freqüência? "Costumo ir todos os dias em que funciona. Às vezes, quando não estou muito bem, é difícil, mas vou assim mesmo." A palavra é *compromisso*.

Todos temos olhos, ouvidos e mentes para elevar, guiar e amar. O compromisso to-

tal com Deus e seus caminhos não nos permitirá participar de críticas destrutivas, retaliação ou desgosto indevido. Devemos comprometer-nos a marchar ombro a ombro na batalha para salvar almas — sem destruir, condenar ou menosprezar.

A conversão de Paulo foi acompanhada de compromisso. Joseph Smith colocou seu compromisso acima da própria vida. Desde o momento de sua primeira visão até o martírio, foi alvo de rancorosa perseguição, insultos e ridículo; jamais, porém, vacilou diante de tamanhas adversidades. Diz ele em sua história:

"Contudo, era um fato ter tido eu uma visão. Pensei desde aí, que me sentia como Paulo, quando fez sua defesa perante o Rei Agripa e relatou... (a) visão que tivera, quando viu uma luz e ouviu uma voz; mas, no entanto, poucos acreditaram nele; alguns diziam que ele era desonesto, outros que estava louco... Mas tudo isso não destruiu a realidade de sua visão. Ele tivera uma visão, sabia que a tivera...

"Assim era comigo. Eu tinha realmente visto uma luz, e no meio da luz vi dois Personagens, e eles em realidade falaram comigo; e ainda que perseguido e odiado por dizer que tivera uma visão, entretanto era a verdade;... Porque havia visto uma visão; eu o sabia, e compreendia que Deus o sabia, e não podia negá-lo, nem ousaria fazê-lo; pelo menos eu sabia que, procedendo assim, ofenderia a Deus, e estaria sujeito à condenação." (Joseph Smith 2:24-25.)

Certamente, nem o Apóstolo Paulo, nem Joseph Smith vacilaram, embora enfrentassem duras provações. Conforme já mencionei, na atualidade temos muitos lançando sementes de dissensão e discórdia. Procuram, com meias-verdades e calúnias, levar os membros da Igreja de Jesus Cristo a apostatarem. Às vezes fico imaginando quão cristão será chamar alguém de anticristão, referindo-se à sua conduta. Aqueles firmemente comprometidos a viver o Evangelho de Jesus Cristo, não se deixarão confundir, iludir ou transviar.

[illegible] professamos ser santos dos últimos [illegible]nprometamo-nos a viver como santos d[illegible]últimos dias, seguindo Jesus Cristo com[illegible]osso Mestre dos mestres.

[illegible]unca é tarde demais para nos comprometermos a viver plenamente o evangelho, enquanto estivermos aqui na terra. Todo dia devemos comprometer-nos ao sublime desempenho cristão, porque o comprometimento com as verdades do Evangelho de Jesus Cristo é essencial para nossa alegria e felicidade eternas. A hora de comprometer-nos e renovar nosso compromisso é agora.

Lembro-me do garotinho que, caindo da cama durante a noite, foi chorando para o quarto da mãe. Quando ela perguntou: — Por que você caiu da cama? — a resposta foi: — Porque estava muito perto da beirada!

Falando em termos gerais, tenho por experiência nestes anos todos, que aqueles que caem fora da Igreja, é porque ficaram muito na beirada dela.

Resumindo, a diferença entre os comprometidos e os não-comprometidos é a mesma que entre as palavras *quero* e *vou*. Por exemplo: "Eu quero pagar o dízimo, mas o dinheiro é tão pouco", ou "Eu vou pagar o dízimo". "Eu quero ir à reunião sacramental, mas me falta tempo", ou "Eu vou à reunião sacramental". "Eu gostaria de ser um bom professor, mas as crianças são tão irrequietas" ou "Eu serei um bom professor".

Para colher os benefícios plenos da vida, temos de encher nossos dias com compromisso a metas e ideais meritórios. Não existe outra maneira. Induzidos a agir por esses compromissos, encontraremos maior progresso e dimensão que por sua vez, nos levarão a uma vida produtiva aqui na terra e nos abrirão a porta para a vida eterna com nosso Pai que está nos céus.

A palavra é *compromisso*. Para sermos alguém, precisamos estar comprometidos. Deus é nosso Pai. Jesus é nosso Salvador e esta é sua Igreja. Comprometamo-nos a viver uma vida cristã, apesar do ambiente ou oposição, eu oro no santo nome de Jesus Cristo, nosso Redentor. Amém.

SESSÃO VESPERTINA DE DOMINGO
2 de outubro de 1983

A Preocupação dos Pais com os Filhos

Élder Howard Hunter
do Quorum dos Doze Apóstolos

"Existem pais que se estão julgando com excessivo rigor, permitindo que tais sentimentos destruam sua vida, quando, na verdade, fizeram o melhor que podiam e assim devem continuar fazendo, com fé."

As Autoridades Gerais têm o privilégio de conhecer e conviver com membros da Igreja em toda parte que sempre viveram corretamente e criaram a família sob a influência do evangelho. Esses membros têm usufruído as grandiosas bênçãos e consolação que advêm, quando, como pais, avós e bisavós, revivem um longo e bem sucedido esforço paternal. Isso, sem dúvida, é uma coisa que todos almejamos.

No entanto, muitos há na Igreja e no mundo que se consideram culpados e indignos, porque alguns de seus filhos se desviaram do rebanho. Minhas palavras, hoje, são dirigidas especialmente a esses pais e mães.

Para começar, sabemos que os pais conscienciosos procuram fazer o melhor que podem, mas, mesmo assim, quase todos cometem erros. Ninguém se aventura a ser pai sem logo descobrir que haverá muitos erros pelo caminho. Nosso Pai Celestial sabe, sem dúvida, que, ao confiar seus filhos espirituais aos cuidados de pais jovens e inexperientes, haverá enganos e erros de julgamento.

Todo casal passa por muitas "primeiras" experiências que o ajudarão a crescer em sabedoria e entendimento; mas, a cada uma dessas experiências, decorrem novas situações, existindo a possibilidade de se cometer erros. Com a chegada do primeiro filho, os

pais precisam decidir como ensinar e treinar, como corrigir e discipliná-lo. Logo chega o primeiro dia de escola e a primeira bicicleta. Em seguida, o primeiro namoro do primeiro adolescente. O primeiro problema com o desempenho escolar e, talvez, o primeiro pedido de chegar em casa mais tarde à noite ou permissão para comprar um carro.

Na verdade, raro o pai ou a mãe que não comete erros ao trilhar o árduo caminho da criação dos filhos, especialmente durante os primeiros anos, quando ainda não têm muita experiência e conhecimento. Mesmo depois de adquirida certa vivência, a repetição dos acontecimentos às vezes não os torna mais fáceis de solucionar, nem diminui a possibilidade de erros.

Haverá maior responsabilidade do que lidar eficazmente com o jovem? As variáveis que determinam o caráter e a personalidade da criança são numerosas. Talvez seja verdade que os pais, na maioria dos casos, exerçam maior influência na formação da vida da criança; mas, freqüentemente, existem outras influências muito significativas. Ninguém sabe até que ponto a hereditariedade influencia a vida, mas, sem dúvida, irmãos e irmãs, amigos e professores, vizinhos e chefes de tropa de escoteiros exercem um efeito significativo.

Sabemos, também, que as influências sobre uma criança não se restringem à hereditariedade ou pessoas; os aspectos ambientais também influenciam — como o lar e os brinquedos, o quintal e a vizinhança. Pátios de recreio e a bola de futebol, roupas e carros — ou a ausência dessas coisas — tudo isso exerce influência sobre a criança.

Face às diversas influências e incontáveis decisões, cada qual com tantas alternativas a serem consideradas e avaliadas, é normal que os pais às vezes façam uma opção errada, apesar de seu esforço em acertar. É quase impossível sempre dizer e fazer a coisa certa. Acho que todos nós concordamos em que, como pais, cometemos erros que tiveram efeitos negativos na atitude ou no progresso da criança. Por outro lado, embora os pais geralmente façam as coisas certas ou tomem as decisões certas, dadas as circunstâncias, os filhos, freqüentemente, reagem de modo negativo.

Se um dos pais comete o que se poderia considerar errado, ou se, por outro lado, jamais cometeu um erro — mas ainda assim o filho se afasta da família — em ambos os casos, há várias idéias que eu gostaria de compartilhar convosco.

Primeiro, esse pai não está sozinho. Nossos primeiros pais sentiram a dor e o sofrimento de verem alguns de seus filhos rejeitarem os ensinamentos de vida eterna. (Moisés 5:27.) Séculos mais tarde, Jacó conheceu o ciúme e os sentimentos hostis de seus filhos mais velhos para com seu amado José. (Gênesis 37:1-8.) O grande profeta Alma, cujo filho também se chamava Alma, orou muito ao Senhor a respeito da rebeldia de seu filho e, sem dúvida ficou muito preocupado com a discórdia e iniqüidade que seu filho estava provocando entre os membros da Igreja. (Mosiah 27:14.) Nosso Pai Celestial também perdeu muitos de seus filhos espirituais para o mundo; ele compreende o que sentis no coração.

Segundo, devemo-nos lembrar de que erros de julgamento são geralmente menos sérios do que os erros intencionais.

Terceiro, mesmo que o erro tivesse sido cometido com pleno conhecimento e compreensão, existe o princípio do arrependimento para nos libertar e dar consolo. Em vez de ficarmos pensando sempre naquilo que consideramos um erro, pecado, ou insucesso, o que prejudica nosso progresso no evangelho e nosso relacionamento com a família e amigos, seria melhor esquecermos. Como com qualquer erro, podemos arrepender-nos, sentindo-nos pesarosos e tentando corrigir ou minimizar as conseqüências, até onde pudermos. Devemos olhar o futuro com fé renovada.

Quarto, não perder as esperanças quanto ao rapaz ou moça que se desviou. Muitos que pareciam completamente perdidos, voltaram. Devemos orar sempre e, se possível, demonstrar aos filhos nosso amor e cuidado.

Quinto, lembremo-nos de que nossa influência não foi a única que contribuiu para as ações de nossos filhos, sejam elas boas ou más.

Sexto, saber que nosso Pai Celestial reconhece nosso amor e sacrifício, nossa preocupação e cuidado, ainda que não tenhamos êxito.

Muitas vezes os pais ficam angustiados. Mesmo assim, devem compreender que, depois de lhes haverem ensinado os princípios corretos, a responsabilidade final cabe aos filhos.

Sétimo, seja qual for a tristeza, a preocupação, a dor e a angústia, procurar transformá-la em algo proveitoso — talvez ajudando os outros a evitarem os mesmos problemas ou, quem sabe, desenvolvendo melhor empatia pelos que enfrentam uma luta semelhante. Por certo adquirimos uma visão mais profunda do amor de nosso Pai Celestial, quando, por meio da oração, descobrimos que ele nos compreende e quer que tenhamos esperança no futuro.

O oitavo e último ponto de que nos devemos lembrar é que todo indivíduo é diferente. Cada um de nós é único. Cada criança é única. Assim como cada um de nós inicia o curso da vida num ponto diferente, e possui diferentes forças, fraquezas e talentos, toda criança é dotada de suas próprias características individuais. Não devemos supor que o Senhor julgará o êxito de cada um, pela mesma medida de outros. Como pais, freqüentemente presumimos que, se nosso filho não se sobressai em tudo, fomos um insucesso. É preciso ter cautela ao julgar.

Não nos equivoquemos; a responsabilidade da paternidade é de grande importância. Os resultados de nossos esforços terão conseqüências eternas para nós e para aqueles a quem criamos. Todo aquele que se torna pai ou mãe, tem a estrita obrigação de proteger, amar e ajudar seus filhos a retornarem ao Pai Celestial. Todos os pais devem entender que o Senhor não considerará inocentes aqueles que negligenciarem essas responsabilidades.

Depois do êxodo, enquanto Israel estava no deserto, ao instruir o povo, Moisés disse-lhes que os mandamentos do Senhor deviam ser ensinados pelos pais a seus filhos, no lar:

"Estas palavras, que hoje te ordeno, estarão no teu coração:

"E as intimarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te e levantando-te." (Deuteronômio 6:6-7.)

Jamais deveremos deixar que Satanás nos iluda, fazendo-nos pensar que tudo está

perdido. Tenhamos orgulho das coisas boas e corretas que fizemos; rejeitemos e abandonemos aquilo que é errado em nossa vida; dirijamo-nos ao Senhor para obter perdão, força e consolo; depois, prossigamos.

O bom pai é aquele que ama, aquele que se sacrifica, aquele que cuida, ensina e supre ao filho com aquilo de que ele precisa. Se, apesar disso, o filho ainda desobedecer, causar problemas ou for mundano, é bem possível que, apesar dos pesares, o pai possa ser considerado um sucesso. Talvez existam filhos que desafiariam qualquer tipo de pais, independente das circunstâncias. Do mesmo modo talvez existam outros que sejam uma bênção, uma alegria para praticamente qualquer pai ou mãe.

Minha preocupação, hoje, é que existem pais que se julgam com excessivo rigor, permitindo que tais sentimentos destruam sua vida, quando, na verdade, fizeram o melhor que podiam e assim devem continuar fazendo, com fé. Que todos os pais encontrem alegria em seus esforços com os filhos, é minha oração em nome de Jesus Cristo. Amém.

SESSÃO VESPERTINA DE DOMINGO

"A Vossa Tristeza se Converterá em Alegria"

Élder Robert D. Hales
do Primeiro Quorum dos Setenta

"O propósito do sofrimento é fortalecer e edificar-nos. Pelo sofrimento aprendemos obediência."

Existem muitos tipos de pesar e sofrimento: o sofrimento que causamos a nós próprios; o sofrimento proveniente das enfermidades do corpo mortal e a aflição causada pela morte; o sofrimento que nos prova e testa; o sofrimento que desenvolve nossa força espiritual; o sofrimento que nos torna humildes e leva ao arrependimento; o sacrifício expiatório do Salvador, o evento mais importante da história do mundo.

Mas, se o pesar e sofrimento fortalecem nossa fé no Salvador Jesus Cristo, nossa "tristeza se converterá em alegria". (João 16:20.)

Trinta anos atrás, como recém-designado presidente de ramo, estava entrevistando um homem e sua esposa. A esposa simplesmente arrasou o marido: Ele não estava sustentando a família como era esperado; não era o companheiro com o qual sonhara antes do casamento; não conseguiam comunicar-se sem discutir e atacar-se um ao outro.

Seu marido a amava, mas ela o magoava. Ele tinha lágrimas nos olhos ouvindo o ataque verbal da esposa. Como presidente de ramo de apenas vinte e um anos, não agüentei mais e a interrompi: "Por que você magoa tanto a pessoa que mais a ama? Por que magoa um marido que faria qualquer coisa por você?"

Fiquei abismado com a resposta: "Oh, acho que discutimos e magoamos aqueles a quem amamos, por serem justamente quem mais podemos ferir."

Nunca me esqueci desse incidente. Há verdade, muita verdade nisso. Somos incapazes de magoar um estranho tanto quanto a um ente querido. Sabemos exatamente o que dizer e fazer para magoar nosso cônjuge, pais, irmãos ou irmãs. Sabemos onde são mais vulneráveis. Sabemos como nossas ações podem feri-los ao máximo.

Para muitos, parece ser uma prova de fé na vida ser ferido por aqueles que nos são mais achegados. Em Zacarias, está escrito que, quando perguntarem a Jesus onde recebeu os ferimentos em suas mãos, ele dirá que foi "ferido na casa de (seus) amigos". (Zacarias 13:6.) Não é verdade que Deus, nosso Pai, e seu Filho sofrem quando pecamos? Quando não somos obedientes e não aceitamos o sacrifício expiatório do Senhor, não estamos ferindo aquele que mais nos ama? Certa vez, o Élder LeGrand Richards, que estava sendo ajudado, muito a contragosto, a sentar numa cadeira de rodas, virou-se para uma autoridade geral mais jovem e disse: "Você também ficará velho, se conseguir viver bastante." Observo minha mãe de oitenta e dois anos, paralítica nos últimos oito anos, e meu pai, de oitenta e quatro anos, um artista, cuja provação é sua vista fraca, e penso na alegria que terão, quando receberem corpos imortais perfeitos. O sofrimento na mortalidade produzirá um apreço maior pelas bênçãos de um corpo ressurreto perfeito. Também, a alegria de servir nossos pais nessa ocasião em que precisam, traz-nos mais apreço um pelo outro.

Foi-nos dito que, do nosso sofrimento, pesar e tristeza, surgirá a alegria. Às vezes não conseguimos compreender como o sofrimento mortal possa trazer bênçãos eternas. Jesus disse aos seus apóstolos: "Um pouco, e não me vereis... na verdade, na verdade vos digo que chorareis e vos lamentareis, e o mundo se alegrará, e vós estareis tristes; mas a vossa tristeza se converterá em alegria." (João 16:16, 20.) Jesus comparou isso às dores e ao sofrimento do parto da mulher.

"Mas, depois de ter dado à luz, já se não lembra da aflição." (João 16:21.) Após a crucificação, a terra sofreu terremotos, erupções que causaram morte e destruição. (Ver Mateus 27:51.) Como é que aqueles que passaram por semelhante sofrimento poderiam ter compreendido a cena de alegria descrita pela visão do Presidente Joseph F. Smith, quando o Salvador visitou os espíritos dos mortos no mundo espiritual, enquanto seu corpo jazia na sepultura?

"Todos esses partiram da vida mortal, na esperança de uma gloriosa ressurreição através da graça de Deus, o Pai, e seu Filho Unigênito, Jesus Cristo.

"Vi que estavam cheios de alegria e júbilo e regozijavam, porque o dia da sua libertação estava próximo.

"Estavam reunidos, aguardando o advento do Filho de Deus no mundo espiritual, para trazer-lhe a redenção das cadeias da morte.

"Seus restos mortais seriam restaurados à sua forma perfeita, osso com osso, e os tendões e a carne voltariam a cobrí-los, o espírito e o corpo seriam reunidos para nunca mais se separarem, a fim de que pudessem receber a plenitude da alegria.

"Enquanto aquela vasta multidão esperava e conversava, regozijando-se por saber que estava próxima a hora em que seriam libertados das cadeias da morte, o Filho de Deus apareceu, declarando liberdade aos cativos que tinham sido fiéis.

"E pregou-lhes o evangelho eterno, a doutrina da ressurreição e a redenção da humanidade da queda e dos pecados individuais, desde que houvesse arrependimento." (D&C 138:14-19.)

Sim, existe o sofrimento que nos prova e testa. Jó, um homem perfeito, foi testado e provado por Satanás. Seus amigos pensaram que seu sofrimento era resultado do pecado. Mas as escrituras nos ensinam que: "Jó não pecou nem atribuiu a Deus falta alguma." (Jó 1:22.) Nem devemos nós atribuir a Deus falta alguma por nossos próprios sofrimentos, ou presumir a razão do sofrimento alheio. O sofrimento que nos fortalece não excederá a nossa capacidade de perseverar até o fim.

Quando Joseph Smith se encontrava na prisão de Liberty, clamou ao Senhor para receber consolo, e o Senhor lhe disse: "Se as próprias mandíbulas do inferno escancararem a sua boca contra ti, saibas tu, meu filho, que todas estas coisas te servirão de experiência e serão para teu bem." (D&C 122:7.) Tais provações nos ajudam a desenvolver a espiritualidade que possivelmente jamais obteríamos, se as próprias mandíbulas do inferno não escancarassem a boca contra nós. Preci-

samos não somente sobreviver, mas desenvolver a capacidade de nos preocuparmos com os outros, enquanto nós próprios sofremos. É um elemento-chave em nosso crescimento espiritual. À medida que nos perdermos a serviço do próximo, nos encontraremos.

Jesus deu-nos o exemplo perfeito no Getsêmani, quando perdoou seus apóstolos que dormiam, enquanto ele suava sangue por todos os poros por nossos pecados. Apenas perguntou: "Então nem uma hora pudeste velar comigo?" (Mateus 26:40.) Jesus também expressou cuidado por sua mãe, enquanto sofria na cruz. E, mesmo sofrendo ensinou o evangelho àqueles que sofriam ao seu lado. (João 19:26-27.)

Em minha primeira designação como autoridade geral recém-chamada, recebi uma de minhas maiores lições na vida. A esposa de uma das autoridades gerais havia falecido alguns dias antes. Ao entrar no avião, vi-o sentado bem na frente. Que grande lição! Comovido, disse a mim próprio: "Como pode uma pessoa que está sofrendo, sair para ajudar os outros?" Ele me falou quão difícil era cumprir aquele compromisso; mas foi, socorreu e ajudou os outros enquanto ele próprio sofria.

O sofrimento é universal; a maneira de reagir a ele é que é individual. Pode causar duas coisas: ser uma experiência fortalecedora e purificante ligada à fé, ou tornar-se uma força destrutiva na vida, se não tivermos fé no sacrifício expiatório do Senhor. O propósito do sofrimento, no entanto, é fortalecer e edificar-nos. Pelo sofrimento, aprendemos obediência. Ele nos deve tornar humildes e nos achegar a Deus como no caso do filho pródigo, que passou a dar apreço ao lar somente depois de sair pelo mundo e sofrer por ter-se afastado de seus entes queridos. (Ver Lucas 15:11-32.) No caso dele, o sofrimento foi um elemento vital para o seu arrependimento.

Quando o sofrimento é conseqüência do pecado, ele deve produzir o arrependimento. Alma testemunhou a seu filho Helamã: "E aconteceu que, enquanto eu estava sendo assim atormentado e perturbado pela lembrança de tantos pecados, eis que me lembrei também de ter ouvido meu pai profetizar ao povo sobre a vinda de Jesus Cristo, um Filho de Deus, que viria expiar os pecados do mundo. "E tendo fixado minha mente nesse pensamento, clamei em meu coração: Ó Jesus, Filho de Deus, tem misericórdia de mim, pois que sinto o fel da amargura e estou rodeado com as eternas correntes da morte.

"E eis que, tendo assim pensado, não senti mais dores; e também não fui mais atormentado pela lembrança de meus pecados.

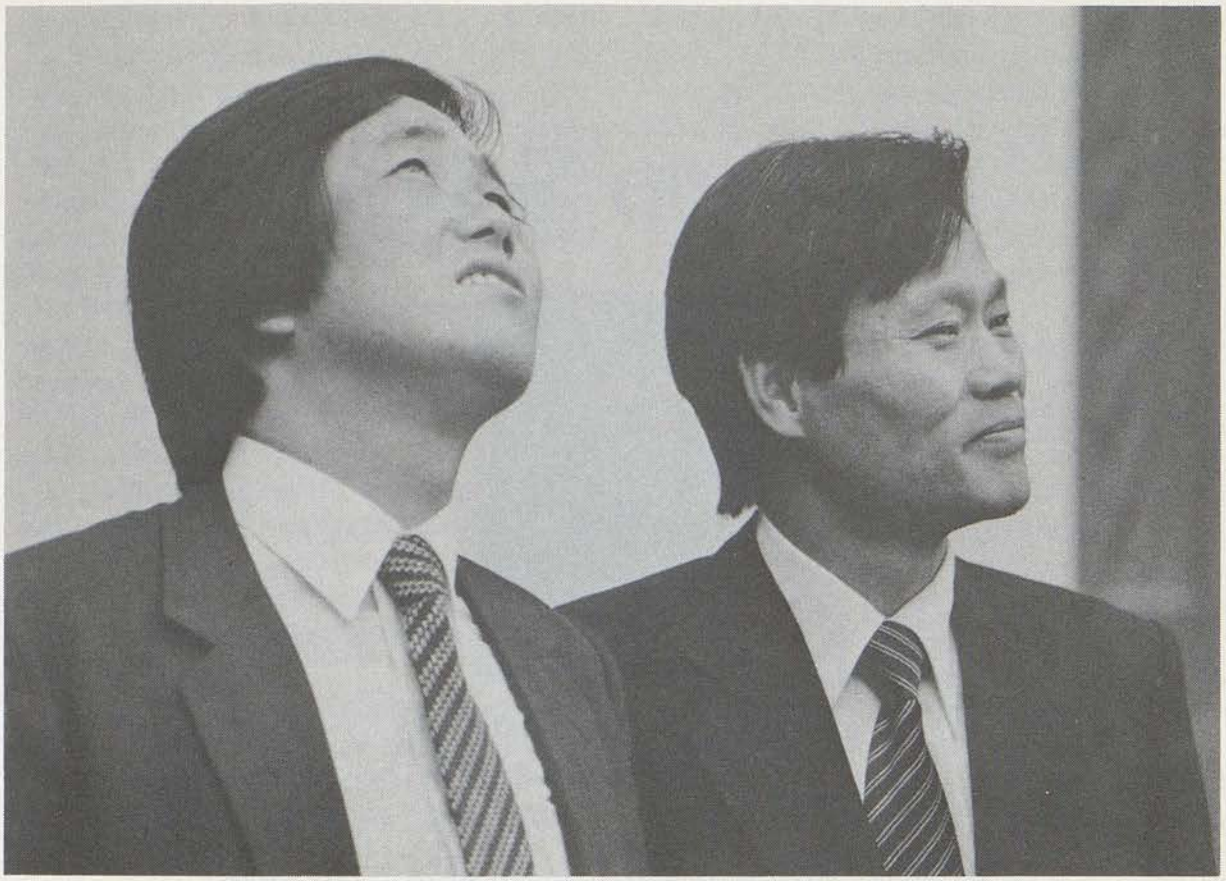
"E oh, que alegria e que luz maravilhosa vi então! Sim, minha alma se encheu de tanta alegria quanta havia sido a minha dor." (Alma 36:17-20.)

É possível que, depois de cometer uma série de erros, percamos a confiança em nós próprios e tenhamos uma péssima auto-imagem do que somos e do que nos podemos tornar. Talvez esqueçamos que somos filhos de Deus e temos o potencial para viver com ele e seu filho, se aceitarmos o sacrifício expiatório e obedecermos aos mandamentos. O primeiro mandamento a que precisamos obedecer é ter fé. Primeiro precisamos ter fé no Senhor Jesus Cristo, fé em que ele vive, fé em que ouve e responde às orações, fé em que nos perdoará as transgressões, fé no sacrifício expiatório de Cristo.

Por que a expiação do Salvador é tão importante como princípio fundamental do evangelho na Igreja e em nossa vida?

Jesus nasceu de pais celestes num mundo pré-mortal. Ele foi o primogênito do Pai Celestial. Na mortalidade, seu nascimento em Belém, e sua vida que findou com o sacrifício supremo, foram profetizados por profetas antigos em todas as dispensações. Apenas ele poderia realizar o sacrifício expiatório — tendo recebido do Pai poder sobre a morte, ele sobrepujou-a. O poder do sepulcro foi anulado, e ele se tornou nosso Salvador, Mediador, Mestre da Ressurreição — um meio de salvação e imortalidade para todos nós. Todos seremos ressuscitados e nos tornaremos imortais por causa do sacrifício expiatório de Jesus Cristo.

No estudo do sacrifício expiatório, quase todos nós talvez tenhamos feito a seguinte pergunta: "Por que é tão fácil para o mundo acreditar que todos os homens morrem em Adão e foram expulsos da presença de nosso



Pai Celestial e tão difícil entender como Jesus Cristo pode levar-nos de volta a ele?" As escrituras são bem claras nesse sentido. "Porque, como pela desobediência de um só homem (Adão), muitos foram feitos pecadores, assim pela obediência de um, muitos serão feitos justos... para que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo nosso Senhor." (Romanos 5:19-21.)

"E tomará sobre si a morte, para poder soltar as cadeias da morte que prendem o seu povo; e tomará sobre si as suas enfermidades, para que suas entranhas se encham de misericórdia... para que possa conhecer, segundo a carne... para poder tomar sobre si os pecados de seu povo e apagar suas transgressões, de acordo com o poder do seu livramento." (Alma 7:12-13.)

"Pois eis que eu, Deus, sofri estas coisas por todos, para que, arrependendo-se, não precisassem sofrer;

"Mas, se não se arrependessem, deveriam sofrer assim como eu sofri." (D&C 19:16-17.)

Assombro me causa o amor que me dá Jesus;
Confuso estou pela graça de sua luz
E temo ao ver que por mim sua vida deu;
Por mim, tão humilde, seu sangue Jesus verteu.

Surpreso estou que quisesse Jesus baixar
Do trono divino e minha alma resgatar
Que desse meu Mestre perdão a tal pecador,
Pra justificar minha vida com seu amor.

Relembro que Cristo na cruz se deixou pregar;
Pagou minha dívida posso eu olvidar?
Não! Não! E por isso ao seu trono orarei
A vida e tudo o que tenho eu lhe darei.

Que assombroso é; Oh! Ele me amou
E assim me resgatou.
Que assombroso é! Assombroso sim!
("Assombro Me Causa", *Hinos* nº 62.)

É minha oração que nosso pesar e sofrimento fortaleçam nossa fé no Senhor Jesus Cristo, e que nossas tristezas se convertam em alegria, em nome de Jesus Cristo. Amém.

Como Saber

Élder William R. Bradford
do Primeiro Quorum dos Setenta

O Livro de Mórmon esclarece "do que precisamos ser salvos; dá-nos plena compreensão do papel e necessidade de um Salvador".

Presto testemunho de que Deus existe. Ele é o nosso Pai. Somos seus filhos, criados à sua semelhança. Somos sua semente, e possuimos o potencial de nos tornarmos como ele é.

Para que isso ocorra, nosso Pai Celestial elaborou um plano: Criar uma Terra na qual nossos espíritos nasceriam dentro de um corpo físico; um lugar onde poderíamos ter experiências que nos ensinariam e poriam à prova; um lugar para desenvolvermos o potencial divino que possuimos. Aqui, nós, a semente de Deus, podemos amadurecer e nos tornar os frutos da colheita da obra do Pai, a qual é: "Proporcionar a imortalidade e a vida eterna ao homem." (Moisés 1:39.)

O plano proporciona os meios necessários e as instruções para nos tornarmos como ele é. Pela obediência podemos tornar-nos legítimos herdeiros da qualidade de vida que ele vive e a plenitude daquilo que ele possui.

Nosso Pai nos ensinou esse plano em nossa vida pré-mortal. Concedeu-nos o livre arbítrio, para que pudéssemos optar livremente pela aceitação ou não do seu plano. O fato de estarmos aqui na terra, dotados de um corpo físico, é evidência de que o aceitamos.

No entanto, outros filhos de Deus decidiram não aceitar o plano. Liderados por Lúcifer, rebelaram-se contra nosso Pai, procurando obter poder e glória por meio da força. Foram derrotados nessa tentativa e expulsos da presença do Pai. Encontram-se agora sobre a terra destituídos de corpos físicos. São ainda liderados por Lúcifer, que se tornou Satanás, o Diabo. Não têm interesse em desenvolver o potencial divino; pelo contrário, empenham-se em influenciar o homem a fa-

zer uso indevido de seus recursos e a desobedecer às instruções de nosso Pai. Ainda mais insidiosa é a implacável influência que exercem para induzir o homem a não fazer nada com seus recursos e a ignorar instruções. Pela influência dele surgiram o pecado e a transgressão: os pecados de comissão e os pecados de omissão.

Referimo-nos às instruções que nos concedeu o Pai como mandamentos. É devido ao pecado e à transgressão desses mandamentos que o homem se torna sensual, diabólico e decaído. (Ver D&C 20:20.)

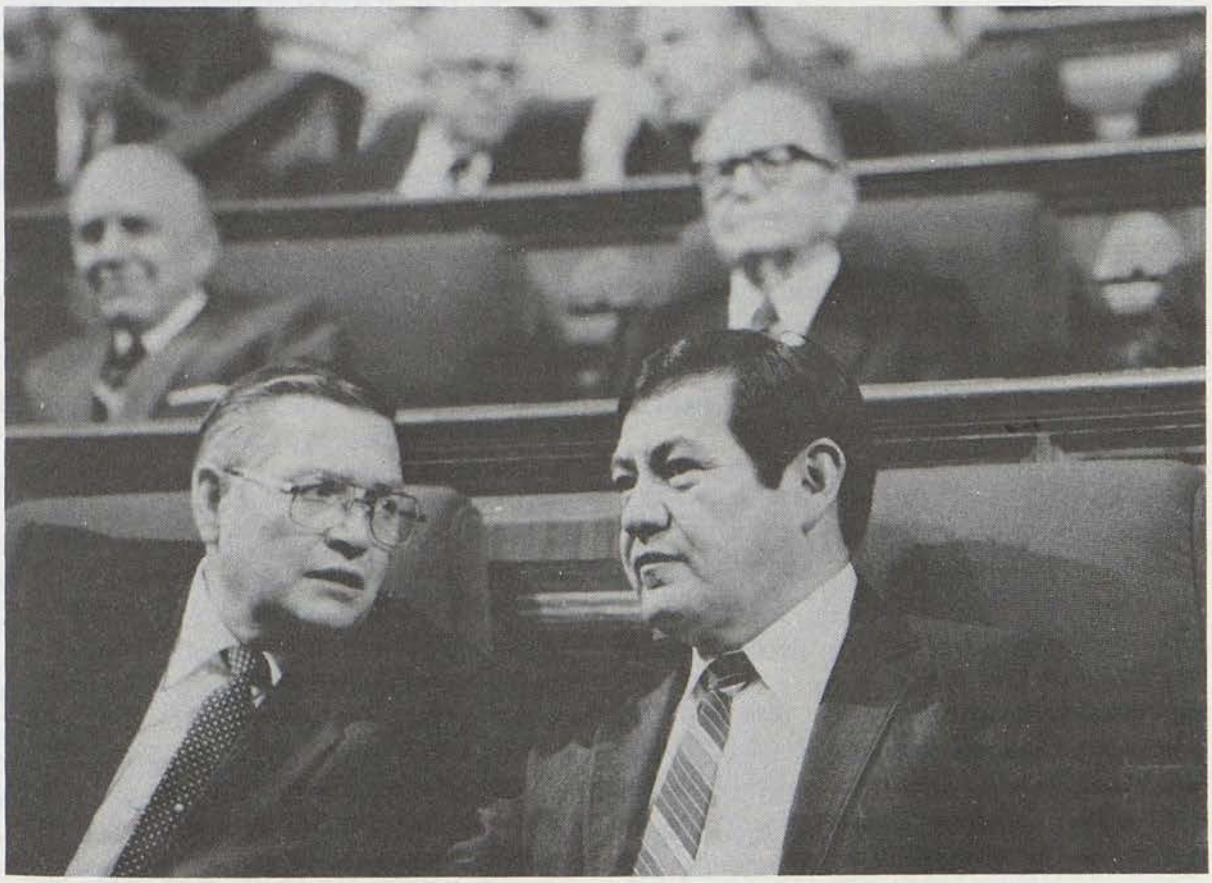
"Homem decaído" significa que está sujeito à morte e à separação de Deus. Quando o corpo físico morre, o corpo espiritual continua a viver apartado da presença de Deus. Assim, a condição do homem decaído é morte e separação.

Declaro com toda sobriedade que isso que falei é verdade. Afirmo ao que deseja ouvir, àqueles que também sabem ser verdade. Declaro-o também, sem reservas, ao ouvido duvidoso, àqueles que fazem pouco caso e deboche, como imaginamos possa ter acontecido quando a mesma declaração veio dos lábios de Noé, ocasião em que lhe exigiram uma resposta: "Como sabes? Como Sabes?" Declaro-a ao duvidoso que em sua ignorância do plano de Deus e escuridão de sua mente pode somente pensar: "Como sabes? Como sabes?"

Aqui tenho o Livro de Mórmon, um outro testamento de Jesus Cristo. Este livro custou o sacrifício, até mesmo a vida de milhares, para chegar às nossas mãos. Seu aparecimento é parte da maravilhosa restauração de Deus de seus recursos e instruções a seus filhos.

Agora que temos o Livro de Mórmon, que foi inspirado, protegido e entregue pelo poder divino às nossas mãos — agora que podemos lê-lo — constatamos, para nossa surpresa, que uma de suas duas mensagens principais para nós é o registro de um povo decaído.

Neste livro, página após página, história após história, personagem após personagem,



Élder William R. Bradford e Élder George P. Lee, do Primeiro Quorum dos Setenta.

somos ensinados que Deus existe; que ele organizou os céus e a terra; que nós somos seus filhos e que ele é nosso Pai; que somos gerados à sua imagem e semelhança; que existe um plano para nos tornarmos como ele é; que aquele que se rebelou contra o Pai foi lançado à terra, tornando-se Satanás, o demônio, o pai das mentiras e transgressões; que o nosso Pai permitiu que nosso corpo de espírito viesse à terra para adquirir um corpo físico; que aqui na terra, se desejarmos, podemos obedecer aos mandamentos do Pai que nos qualificarão para retornarmos à sua presença e viver a vida gloriosa que ele vive. "Mas pela transgressão destas santas leis, o homem tornou-se sensual, diabólico e decaído." (D&C 20:20.)

Deveras, é com surpresa que descobrimos que uma das duas principais mensagens do Livro de Mórmon é o registro de um povo decaído; mas essa surpresa transforma-se em gratidão ao compreendermos a verdade que Deus nos está explicando: "Não podemos encontrar a solução sem primeiro entendermos o problema."

O problema é que o homem transgrediu os mandamentos sagrados de Deus e tornou-se homem decaído e sujeito a sofrer a morte e a separação eterna da presença de Deus.

Mas o Livro de Mórmon contém uma segunda mensagem. Contém a solução. Contém a plenitude do evangelho de Jesus Cristo. Assim como a doutrina do homem decaído expõe nossa condição de total decadência, o Evangelho de Jesus Cristo nos apresenta plenamente como sobrepujar tal condição. É a solução.

O plano de redenção é a parte central do Evangelho de Jesus Cristo. Deus deu a seus filhos mandamentos de que "deveriam amá-lo e servi-lo, o único Deus vivo e verdadeiro, e que ele deveria ser o único ser a quem deveriam adorar". (D&C 20:19.)

Pela transgressão dessas leis sagradas veio a queda. "Portanto, o Deus-Poderoso deu o seu Filho Unigênito..." (D&C 20:21.)

Ele veio à terra e cumpriu sua missão; cumpriu os requerimentos do plano de redenção. A obra que ele realizou trouxe a ressurreição, isto é, a reunião do nosso corpo espiritual com um corpo físico renovado.

Sua obra foi um sacrifício expiatório que nos abre de novo o caminho para alcançarmos nosso potencial como a semente de Deus. Agora, ainda que nos tornemos decaídos, se nos arrependermos e obedecermos aos mandamentos, podemos voltar à presença de Deus.

"E tendo o homem caído, por si mesmo nada pode merecer; mas os sofrimentos e a morte de Cristo expiam seus pecados por meio da fé, do arrependimento etc.; ele quebranta os laços da morte para que a sepultura não seja vitoriosa e para que o aguilhão da morte seja desfeito pela esperança da glória;..." (Alma 22:14.)

Se tivésseis um filho, vossa própria semente, não desejaríeis que ele alcançasse a plenitude de seu potencial? Quando ainda jovem, não lhe daríeis ensinamentos, instruções, e mesmo mandamentos? Não seriam esses mandamentos destinados a protegê-lo do mal, e mesmo da morte?

Se, por desobediência a vossos ensinamentos e mandamentos, esse filho caísse numa situação da qual não tivesse poder para livrar-se, — uma situação na qual certamente morreria, da qual sem ajuda não pudesse voltar a vossa presença — não faríeis tudo em vosso poder para salvá-lo?

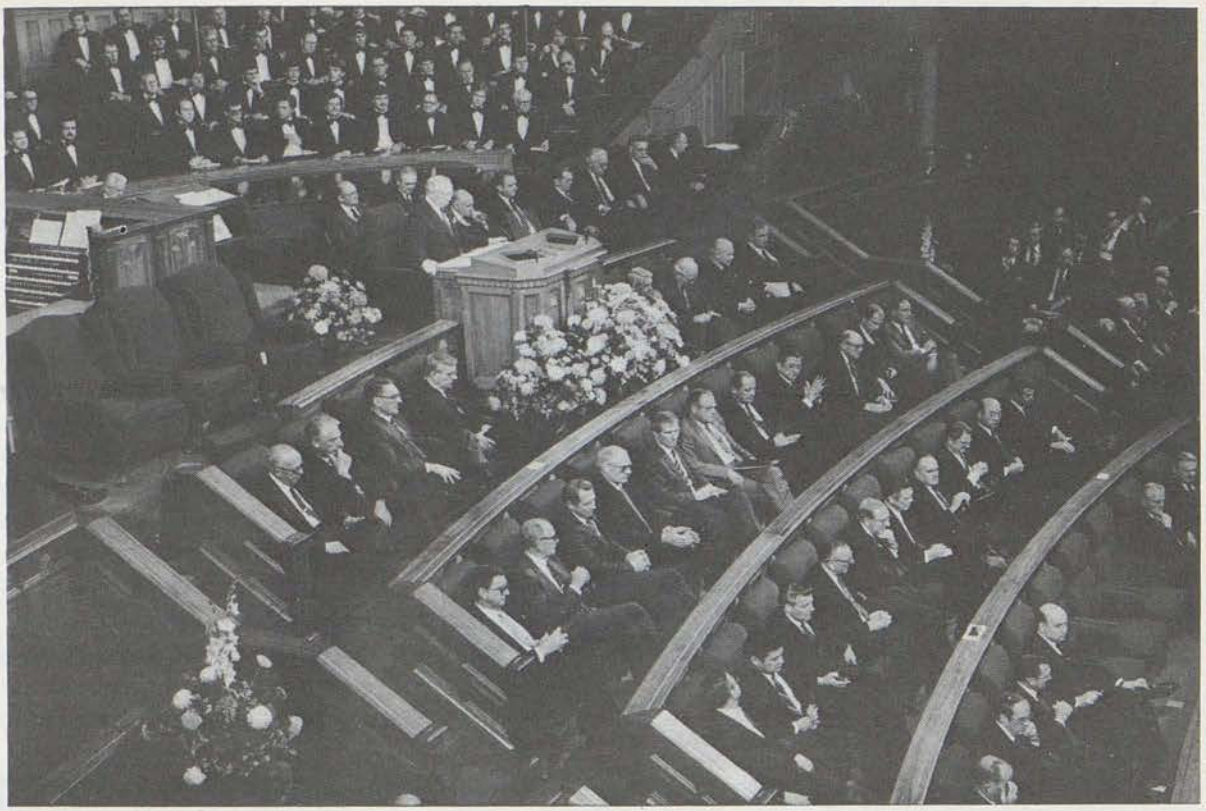
Deus é o nosso Pai. Somos seus filhos. Em nosso estado de homens decaídos, enviou-nos um Salvador — Jesus Cristo.

Desde que todos pecam, não há ninguém que possa voltar ao Pai, exceto através de Jesus Cristo. Ele é o único dos filhos de Deus que não transgrediu as santas leis. Se tivesse, ele também se teria tornado um homem decaído. Neste caso, quem seria o nosso Salvador? Cristo, porém é sem pecado e nos redimiu sob condição de arrependimento e obediência.

Sua própria declaração nos chega em forma de mandamento rígido:

"Portanto, ordeno que te arrependas e guardes os mandamentos que recebeste pela mão de Joseph Smith,...

"E é pelo meu poder onipotente que o recebeste;" (D&C 19:13-14).



Não recebemos nós o Livro de Mórmon de Deus pelas mãos de Joseph Smith, seu poderoso profeta da restauração?

Cristo, falando à nação nefita conforme revelado no Livro de Mórmon, instrui-nos a respeito dos passos que devemos tomar para sobrepujar nossa condição de homem decaído. Ele disse: "...E eu dou testemunho de que o Pai ordena a todos os homens, em todo lugar, que se arrependam e creiam em mim.

"E os que crerem em mim, e forem batizados, se salvarão; e são estes os que herdarão o reino de Deus.

"E os que não crerem em mim, e não forem batizados serão condenados." (3 Néfi 11:32-34.)

Ser condenado, significa simplesmente parar de progredir, permanecer na condição de homem decaído.

Cristo continua: "Em verdade, em verdade, vos digo que esta é a minha doutrina, e dela vos dou testemunho pelo Pai; e todo aquele que crê em mim, crê também no Pai, e a todo aquele que crer em mim, o Pai dará testemunho de mim, porque ele o visitará com o Espírito Santo." (3 Néfi 11:35.)

Peço-vos que pondereis esta pergunta: "Como pode alguém entender o papel ou a necessidade de um Salvador, sem antes compreender do que precisa ser salvo?"

O Livro de Mórmon contém o registro de um povo decaído. Explica como o homem chegou a essa condição que o sujeita à morte e separação de Deus.

O Livro de Mórmon contém também a plenitude do Evangelho de Jesus Cristo. Explica claramente o que foi feito por nós e o que nós precisamos fazer para sobrepujar essa condição decaída e retornar à presença de Deus.

Agora, ó homem decaído, diante de tamanha prova, ainda ousas perguntar: "Como sabes? Como sabes?"

O Livro de Mórmon esclarece do que precisamos ser salvos; dá-nos plena compreensão do papel e necessidade de um Salvador. É mais um testemunho de Jesus Cristo, o que eu proclamo e testemunho no sagrado nome de Jesus Cristo. Amém.

O Poder que Faz a Diferença

Élder Richard G. Scott
da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta

"Estou convencido de que quando amamos incondicionalmente, quando nosso interesse primordial é servir, o milagre do poder do evangelho se tornará realidade em nossa vida."

Causou-me profunda humildade o chamado que recebi para servir como um dos presidentes do Primeiro Quorum dos Setenta. Conversei com o Senhor a respeito e prometi-lhe que dedicaria tudo que tenho a esse serviço. Roguei-lhe que me ajudasse a qualificar-me para receber sua inspiração e apoio, para que possa fazer sua vontade bem como a de seus servos.

Orei fervorosamente ao Senhor, para que me orientasse e fizesse falar algo que beneficie alguns de seus filhos aqui na terra. Após considerável esforço pessoal, tive várias impressões e um sentimento sagrado de que em algum lugar existem pessoas a quem posso prestar a ajuda do Senhor de que tanto precisam. Oro para que consiga transmitir fielmente essas impressões a fim de que penetrem profundamente na consciência daqueles a quem se destinam e lá se enraizarem permanentemente. Que elas possam transmitir o amor do Senhor e seu desejo de vos mostrar como obter a ajuda de que tão urgentemente necessitais para terdes propósito e felicidade na vida.

Não sei quem sois; talvez já tendes idade avançada e por causa de longo sofrimento físico ou um crescente sentimento de solidão começastes a vos sentir amargurados e a ter pena de vós mesmos. Talvez sejais um rapaz ou moça enfrentando sérios desentendimentos dentro da família. Ou então um marido separado da esposa, ou uma mãe enfrentando a difícil tarefa de criar os filhos sem o

amor, compreensão e apoio de um companheiro. Ou talvez uma filha especial, obediente, que se preocupa porque seus sonhos de ter um companheiro eterno parecem mais difíceis de se concretizarem a cada dia que passa. Independentemente de quem sois, presto testemunho solene de que o Salvador vos conhece, que ele vos ama, e é sabedor de vossas necessidades específicas.

Ele permite que outros o auxiliem em sua obra. E possa, hoje, eu ser esse instrumento em sua mão.

Compartilharei convosco um princípio de verdade, o qual, se aplicado, pode abrir a porta a todos os outros necessários para edificar o vosso espírito. É um princípio que vos dará o poder de fazer a diferença na qualidade de vossa própria vida.

É o princípio do serviço, do auto-sacrifício em benefício de outros necessitados. Bem sei que é difícil ajudar os outros quando estamos magoados, injustiçados. Sei que é difícil dar o primeiro passo quando nosso próprio coração anseia por companhia e compreensão. Tais atos de serviço ao próximo, porém, nos trazem a misericórdia e o amor de Jesus Cristo, nosso Mestre.

O livre arbítrio é uma dádiva divina, e Deus não o violará. É por causa do livre arbítrio que devemos dar o primeiro passo. Nossos atos iniciais de bondade ou serviço ao próximo nos abrem os canais de inspiração e poder. Por outro lado, as trevas e o desespero avançam quando a luz do amor e serviço enfraquece ou se apaga dentro de nós. Sentimentos de amargura e insatisfação se apossam de nós, dando lugar a pensamentos e ações pouco amáveis, críticas destrutivas e até mesmo odiosas.

Lembro-me de um casal que me procurou em busca de conselho. Ela estava na etapa final de um divórcio e ele amargurado e ofendido. A magia do amor que dera tanto significado e propósito ao namoro deles ha-

Élder Richard G. Scott, à esquerda, recém-chamado como membro da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta, com um membro do mesmo quorum, Élder Franklin D. Richards, à direita, e Élder James A. Cullimore, centro, Autoridade Geral Emérita.

via desaparecido. Estava destruída a confiança que um dia servira como um laço sagrado para os unir. O feio emaranhado do egoísmo estragulava aos poucos o pouco que restava do respeito mútuo.

Eu os ouvi separadamente. Primeiro um e depois o outro. A história deles já era bem conhecida. "Eu a amo, mas não quero ser pisado." "Sou grata por aquilo que ele faz, mas se mostro o mínimo de gratidão, ele pensa que todos os nossos problemas estão resolvidos. E eu fico outra vez por baixo." Seus problemas eram ainda agravados por pressões econômicas. Mesmo assim, ao ouvir cada um, pude ver que os recursos aos quais se agarravam tenazmente, poderiam ter resolvido suas dificuldades financeiras, se os compartilhassem abnegadamente. Percebi em ambos qualidades admiráveis. Tinham um sincero testemunho da verdade, o desejo de fazer o que é certo e uma vontade imensa de sentir-se em paz com o Senhor quanto às decisões que estavam para tomar.

Ele sempre tentara honestamente demonstrar amor e afeição, ajudando-a em tudo o que podia; mas esses gestos justos eram sempre destruídos pela expressão de sentimentos egocêntricos. Em suas próprias palavras: "Eu não quero que ela se aproveite de mim." Ela retinha em seu coração os sentimentos sinceros de gratidão pela ajuda dele com os filhos e no lar, e ficava calada. Faltava-lhes a coragem e a visão para se edificarem um ao outro. Dois seres encurralados no fogo cruzado de emoções intensas raramente conseguem pensar com clareza ou serem motivados de uma forma adequada. Necessitam de ajuda. A melhor fonte de ajuda é o Salvador. Oh, como eu oro para que façam uso dos princípios discutidos, para atingir, erguer, edificar e perdoar um ao outro.

Três coisas são necessárias para reparar as linhas de comunicação e curar os corações que outrora expressavam tão profundo e puro amor, respeito e confiança.

Primeiro, compreender os princípios que trazem felicidade ao casamento. Esses foram eloqüentemente expostos pelo presidente Spencer W. Kimball em muitas de suas mensagens. Dois desses exemplos estão contidos no livro intitulado: *Marriage*. (Ainda não traduzido para o português. Nota do Tradutor.)

Segundo, disposição de viver dignamente e procurar diligentemente obedecer aos mandamentos de Deus. Isto permite que nosso coração e mente sejam tocados pela orientação divina, e nosso esforço seja magnificado pelo poder que vem do alto.

Terceiro, o desejo sincero, desprendido de edificar o outro. Isto requer uma análise de nossa vida pessoal, a fim de identificarmos e mudarmos as coisas que devem ser mudadas para que o amor e a confiança possam crescer e amadurecer e florescerem os sentimentos de perdão.

Isto também requer uma disposição de reconhecer tudo o que é bom e edificante no cônjuge, e deixar de lado a concentração microscópica nas falhas e defeitos. O criticismo é muitas vezes motivado pelo desejo de racionalizar nossas próprias imperfeições e justificar o rompimento dos sagrados convênios do casamento.

Se quereis ser amados, amai os outros. Se quereis ser compreendidos, mostrai com-

preensão aos outros. Se quereis encontrar paz, harmonia e felicidade, edificai os outros.

No entanto, se edificarmos o outro por motivos egoístas, nossos atos não podem produzir bons frutos. Não disse Jesus: "Guardai-vos de fazer a vossa esmola diante dos homens, para serdes vistos por eles: aliás não tereis galardão junto de vosso Pai, que está nos céus." (Esmolas são atos justos.) "Quando pois deres esmola, não faças tocar trombetas diante de ti, como fazem os hipócritas... para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão.

"Mas quando tu deres esmola, não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita.

"Para que a tua esmola seja dada ocultamente; e teu Pai, que vê em segredo, te recompensará publicamente." (Mateus 6:1-4.)

Estou convencido de que quando amamos incondicionalmente, quando nosso interesse primordial é servir, edificar, construir, fortalecer sem pensar em si próprio, sem esperar recompensa por todo ato de bondade, generosidade e sincero esforço em ajudar; quando não estamos preocupados com o que vamos receber ou o que os outros vão dizer, ou se nossa própria carga será diminuída, mas sim procurarmos edificar o outro desinteressadamente, o milagre do poder do evangelho se tornará realidade em nossa vida. Quando permitimos que o Senhor opere através de nós em favor de outros, essa experiência sagrada liberta poder em nossa própria vida e milagres acontecem. Bem disse o Senhor: "Pois, se o fazeis ao menor destes, a mim o fazeis." (D&C 42:38.)

Respeito e amor devem ser conquistados e não há melhor meio de os conquistar do que edificar alguém.

Começai agora empregando vossos melhores esforços. Procurai estender a mão a alguém. Então sentireis o poder do Senhor fluindo dentro de vós. O respeito próprio retornará, e podereis amar-vos novamente. Vossa vida voltará a ter propósito e será enriquecida, e recebereis poder para fazer a diferença em tudo que vos cerca.

Disso presto testemunho solene, em nome de Jesus Cristo. Amém.

O Que Pensais do Livro de Mórmon?

Élder Bruce R. McConkie
do Conselho dos Doze Apóstolos

"É a evidência divina, a prova de que Deus se manifestou em nossos dias."

Dois ministros de uma das maiores e mais poderosas denominações protestantes compareceram a uma conferência de nossa Igreja, a fim de me ouvirem pregar.

Após a reunião, em conversa particular com eles, eu lhes disse que poderiam obter um testemunho de que o Profeta Joseph Smith era o profeta por meio do qual o Senhor havia restaurado a plenitude do evangelho em nossa época e para nossos dias.

Disse-lhes que deveriam ler o Livro de Mórmon, ponderar suas eternas e grandiosas verdades e orar ao Pai em nome de Cristo, com fé, e que ele lhes revelaria a verdade do livro pelo poder do Espírito Santo.

Como é do conhecimento de toda pessoa versada no evangelho, o Livro de Mórmon prova que Joseph Smith foi chamado por Deus para ser um profeta e restaurar as verdades de salvação, de modo claro e perfeito.

O Livro de Mórmon é um livro de escrituras sagradas, comparável à Bíblia. Contém um registro dos feitos de Deus com os antigos habitantes das Américas. É um outro testamento de Jesus Cristo.

Contém a plenitude do evangelho, isto é, é um registro dos assuntos do Senhor com um povo que possuía a plenitude do evangelho, significando que no mesmo também se encontra um sumário e enumeração do que todos os homens devem saber e fazer para obter um galardão no reino celestial reservado aos santos.

Assim como os ensinamentos e testemunhos de Moisés, Isaías e Pedro se encontram na Bíblia, paralelamente, as pregações e os mesmos testemunhos inspirados de Néfi, Al-

ma e Morôni chegaram até nós pelo Livro de Mórmon.

Este testemunho de Cristo na América foi escrito em placas de ouro, entregues a Joseph Smith por um ministrador angélico. Esse registro antigo foi então traduzido pelo dom e poder de Deus e hoje é publicado e conhecido no mundo como o Livro de Mórmon.

Se este livro é o que alega ser — se o registro original foi revelado por um santo anjo; se a tradução foi feita pelo poder de Deus e não do homem; se Joseph Smith conversou com anjos, teve visões e recebeu revelações — o que é uma verdade estabelecida; se o Livro de Mórmon é verdadeiro — então a veracidade e divindade do Livro de Mórmon comprova a veracidade dessa obra grandiosa dos últimos dias, na qual estamos empenhados.

Tudo isso eu expliquei aos meus amigos protestantes. Um deles, uma pessoa acessível e simpática disse, um tanto indiferente, que leria o Livro de Mórmon. O outro ministro, manifestando um espírito virulento, disse: "Não o lerei. Temos pessoas entendidas que já leram o Livro de Mórmon, e eu já li o que eles pensam dele."

Este relato ilustra um dos problemas que encontramos ao apresentar a mensagem do Livro de Mórmon ao mundo. Existem pessoas sinceras e devotas em toda parte que ouviram o que outras pessoas dizem sobre este livro de escrituras sagradas e, por isso, não o lêem pessoalmente.

Em vez de beberem da fonte de onde fluem ribeiros límpidos de água viva, preferem descer e abeberar-se nos turvos, enlamaçados e envenenados ribeiros do mundo.

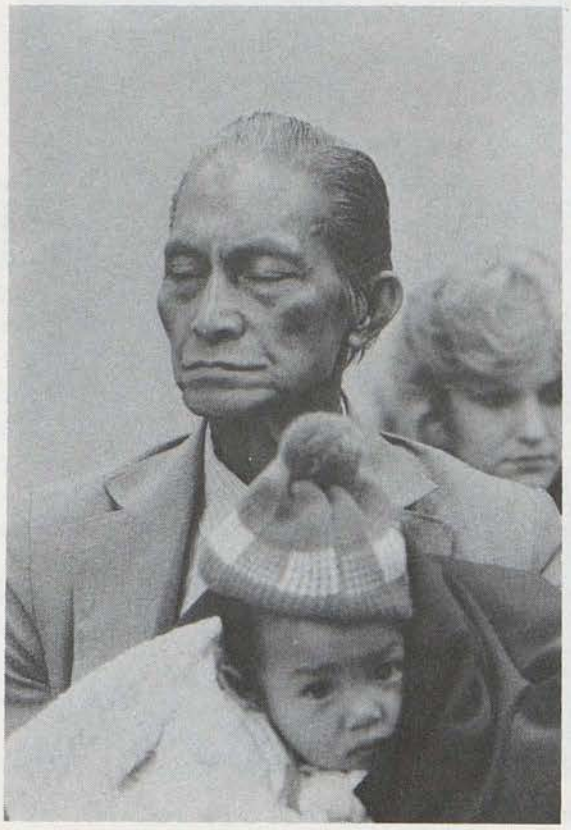
O fato evidente é que a própria salvação está em jogo neste caso. Se o Livro de Mórmon é verdadeiro — se se trata de um livro de escrituras sagradas: se contém o pensamento, a vontade e a voz de Deus para todos os homens; se é um testamento divino do chamado profético de Joseph Smith — então aceitá-lo e crer em suas doutrinas significa salvação, e rejeitá-lo e seguir um caminho contrário aos seus ensinamentos é condenação.

Élder Ronald E. Poelman, à esquerda, do Primeiro Quorum dos Setenta, e visitantes da conferência.

Que esta mensagem soe em todo ouvido anunciada por trombeta angélica; que ecoe sobre toda a terra num infindável ressoar de trovões sem fim; que penetre todo coração por meio daquela voz suave e mansa — aqueles que acreditarem no Livro de Mórmon e aceitarem Joseph Smith como um profeta, abrem assim a porta para a salvação; aqueles que de todo rejeitarem o livro ou simplesmente deixarem de captar sua mensagem e aceitar os ensinamentos que contém, nem mesmo começaram a trilhar aquele caminho estreito e apertado que conduz à vida eterna.

Pouco depois da experiência com aqueles dois ministros, outros dois clérigos da mesma denominação compareceram a uma outra de nossas conferências, para me ouvirem pregar. E, novamente, após a reunião, tive um encontro particular com eles.

A mensagem que dei foi a mesma. Usando o Livro de Mórmon como guia, eles deveriam ler, ponderar e orar para obterem um testemunho do Espírito quanto à veracidade e divindade dessa grandiosa obra dos últimos dias.



Contei-lhes a experiência anterior que tivera com dois dos seus colegas e de como um deles se recusara a ler o Livro de Mórmon, dizendo que já fora lido por entendidos no assunto e que ele havia lido suas conclusões.

Então eu disse: "O que será preciso fazer para que os senhores leiam o Livro de Mórmon e verifiquem por si próprios do que se trata em vez de confiarem na conclusão de seus entendidos?"

Um dos ministros, tomando meu exemplar do Livro de Mórmon, deixou as páginas correrem entre os dedos, dizendo: "Ah, sim, eu já li o Livro de Mórmon."

Num vislumbre espiritual momentâneo foi-me dado saber que sua leitura não fora mais extensa do que acabara de fazer com as páginas. Sem dúvida, se limitara a correr os olhos sobre alguns títulos e ler um ou dois versículos isolados.

Uma jovem atraente, convertida à Igreja, cujo pai era ministro da mesma denominação a que pertenciam meus quatro amigos protestantes, escutava minha conversa com os dois últimos. Num dado momento, exclamou: "Mas Reverendo, o sr. tem que orar a respeito."

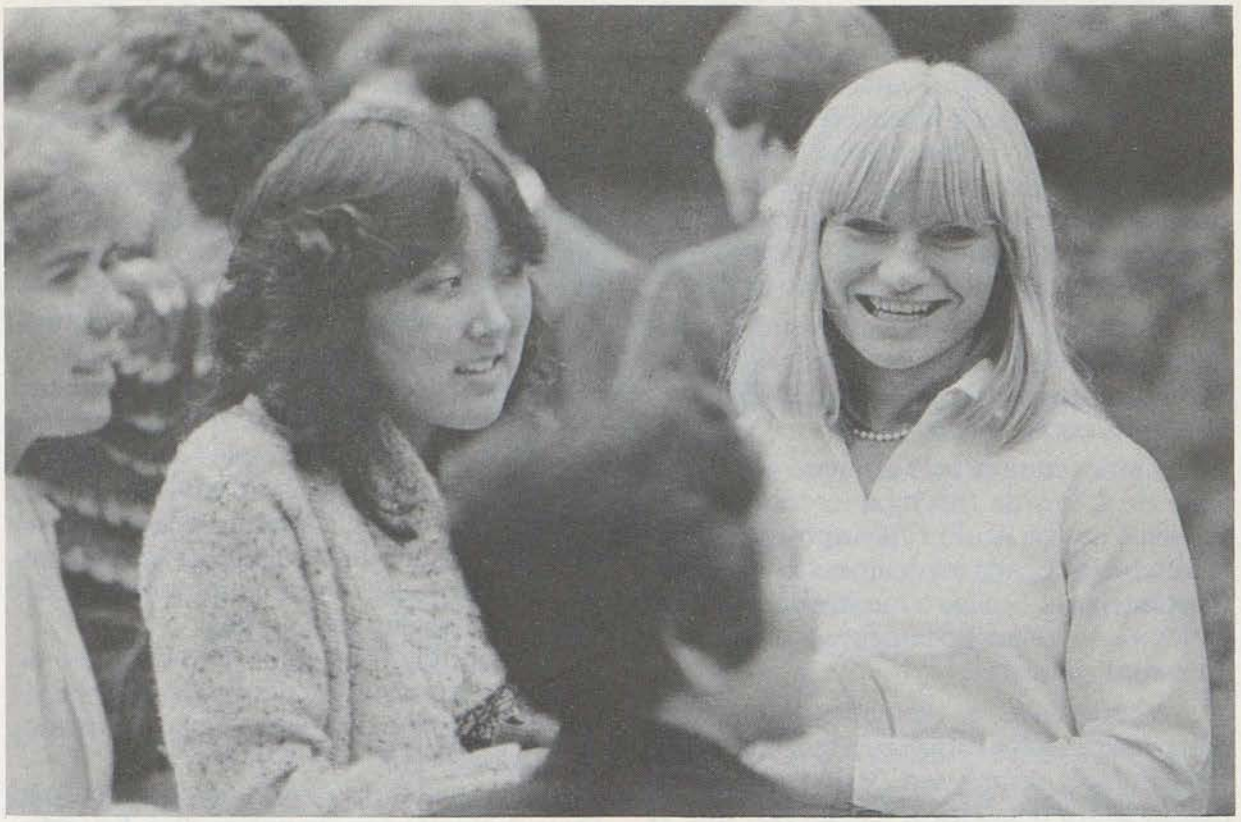
Ele respondeu: "Ora, e eu orei. Pedi: 'Ó Deus, se o Livro de Mórmon for verdadeiro, mate-me'; mas ainda estou vivo."

Meu impulso oculto foi retrucar: "Mas reverendo, o sr. tem que orar com fé!"

Este relato é outro exemplo do nosso problema ao querer ensinar os que lêem o Livro de Mórmon a fazê-lo, para que obtenham o testemunho prometido pelo poder do Espírito Santo.

O modelo encontramo-lo na experiência de Oliver Cowdery. Ele desejava servir não só como escrevente de Joseph Smith, mas também traduzir diretamente das placas. Depois de muito importuná-lo o Senhor permitiu ao Irmão Cowdery que tentasse.

A autorização divina continha estas condições: "Lembra-te de que sem fé nada podes fazer; portanto, pede com fé. Não brinques com estas coisas; não peças o que não deves... e de acordo com a tua fé, receberás." (D&C 8:10-11.)



Oliver tentou traduzir mas não conseguiu. Então veio a palavra divina: "Eis que não compreendeste; tu supuseste que eu to daria quando não fizeste outra coisa senão pedir." Isto é, ele não fizera tudo o que estava a seu alcance; pensara que o Senhor o atenderia somente por haver pedido.

"Mas, eis que eu te digo," prossegue a palavra divina, "deves ponderar em tua mente; depois me deves perguntar se é correto e, se for, eu farei arder dentro de ti o teu peito; hás de sentir assim, que é certo." (D&C 9:7-8.)

Portanto, se o Livro de Mórmon é verdadeiro, aceitá-lo nos levará à salvação no céu mais elevado. Por outro lado, se dissermos que é verdadeiro quando na verdade não é, estamos com isso desviando homens do caminho certo e certamente mereceremos ir para o pior dos infernos.

Há muito já se foi o tempo para brincar com subterfúgios ou assacar epítetos ofensivos contra os santos dos últimos dias. Esses são assuntos profundos, solenes e que merecem consideração. Não devemos pensar que podemos brincar com coisas sagradas e escapar à ira de um Deus justo.

Das duas uma, o Livro de Mórmon é verdadeiro ou falso; veio de Deus ou foi concebido no inferno. Ele próprio declara simplesmente que todos os homens devem aceitá-lo como escritura pura ou perderão a sua alma. Não é nem pode ser mais outro tratado sobre religião; ou veio dos céus ou do inferno. E está na hora de todos os que buscam a salvação saberem por si próprios se o mesmo é do Senhor ou de Lúcifer.

Gostaria, com vossa permissão, de propor-vos uma prova e lançar um desafio. Espera-se que todos os que se propõem a fazer esta prova tenham conhecimento das Escrituras Sagradas, porque quanto mais soubermos a respeito da Bíblia, maior será nosso apreço pelo Livro de Mórmon.

Trata-se de uma prova tanto para o santo como para o pecador; é para o judeu e gentio, para o cativo e o liberto, para o branco e o preto, para todos os filhos de nosso Pai Celestial. Fomos todos instruídos a estudar as es-

crituras, a fim de entesourarmos a palavra do Senhor, e vivermos de toda a palavra que sai da boca de Deus. Esta, então, é a prova:

Que toda pessoa faça uma lista de cem a duzentos assuntos doutrinários, procurando conscienciosamente abranger todo o campo de conhecimento do evangelho. O número de assuntos escolhidos dependerá da inclinação pessoal e por extensão de cada assunto a tratar.

Em seguida, escreva cada assunto numa folha de papel, dividida em duas colunas; no alto de uma delas escreva: Livro de Mórmon, e no alto da outra: Bíblia.

Então, comece pelo primeiro versículo e frase do Livro de Mórmon e, continuando versículo por versículo e idéia após idéia, anote a essência de cada versículo sob o título correspondente. Localize a mesma doutrina em o Novo e no Velho Testamentos, anotando-a na coluna paralela.

Ponderando as verdades aprendidas, não passará muito tempo até perceberdes que Léhi e Jacó ultrapassam Paulo no ensinamento sobre o sacrifício expiatório; que os sermões de Alma sobre a fé e o nascer de novo ultrapassam qualquer coisa que se encontra na Bíblia; que Néfi dá uma explicação melhor da dispersão e coligação de Israel do que fazem Isaías, Jeremias e Ezequiel juntos; que as palavras de Mórmon sobre a fé, esperança e caridade possuem uma clareza, extensão e impacto que até mesmo Paulo não conseguiu alcançar; e assim por diante.

Existe outra prova mais simples ainda que todos aqueles que procuram conhecer a verdade podem fazer. Ela requer simplesmente que leiamos, ponderemos e oremos — tudo no espírito de fé e de mente aberta. Para nos mantermos vigilantes quanto à questão em pauta — ao lermos, ponderarmos e orarmos — devemo-nos perguntar mil vezes: "poderia homem algum ter escrito este livro?"

Garanto, absolutamente, que entre a primeira e a milésima vez que fizer essa pergunta, todo aquele que, sincera e genuinamente procura a verdade, saberá pelo poder do Espírito que o Livro de Mórmon é verdadeiro, isto é, o pensamento, a vontade e a voz do Senhor ao mundo todo em nossa época.

Perguntamos: que pensais, então, do Livro de Mórmon? Quem poderá determinar seu efeito ou valor? Quantos mártires sofreram a morte para trazê-lo à luz e levar a sua mensagem a um mundo iníquo?

Respondemos: é um livro, um livro sagrado, um livro de escrituras sagradas e salvadoras. É a voz que clama do pó, a voz que sussurra mansamente da terra, falando de um povo decaído que desapareceu num infindável esquecimento, por abandonar o seu Deus.

É a verdade que jorra da terra enquanto a retidão observa dos céus. É a vara de José nas mãos de Efraim, que guiará toda Israel — as dez tribos inclusive — de volta àquele que seus pais adoraram. Contém a palavra que há de coligar toda a casa de Israel e torná-la outra vez uma nação sobre os montes de Israel como foi nos dias de seus pais.

É um relato do ministério do Filho de Deus às outras ovelhas no dia em que eles viram a sua face e ouviram a sua voz e creram em sua palavra.

E a evidência divina, a prova de que Deus se manifestou em nossos dias. Seu principal propósito é convencer a todos os homens, ao judeu e ao gentio igualmente de que Jesus é o Cristo, o Deus Eterno, que se manifestou, pela fé, em todas as épocas e entre todos os povos.

Surgiu em nossa época provando ao mundo que a Bíblia é verdadeira; que Jesus, o autor do sacrifício expiatório, é o Senhor de todos; que Joseph Smith foi chamado por Deus como o foram os profetas da antigüidade; que A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é o lugar na terra onde podemos encontrar a salvação.

É o livro que trará a salvação ao mundo e preparará os filhos dos homens para a alegria e paz agora e aqui, e para a vida eterna.

Como sói acontecer, sou um dos muitos que souberam, por revelação do Espírito Santo à minha alma, que o Livro de Mórmon é verdadeiro. E, sabendo que serei responsável por este testemunho perante o grande Jeová quando ele julgar todos os homens, testifico que assim como ele vive, o Livro de Mórmon é verdadeiro.

Em nome de Jesus Cristo. Amém.

Sigamos Avante!

Presidente Gordon B. Hinckley
Segundo conselheiro na Primeira Presidência

"Tomemos a resolução de 'tentar mais arduamente viver os padrões do evangelho... e cultivar em nossos corações sincero amor ao próximo, tanto dentro como fora da Igreja'."

Meus irmãos e irmãs. É costume ouvirmos o presidente Kimball falar no final da conferência. Mas devido à sua idade e saúde debilitada, isto não vai ser possível. Sei que gostaríeis de poder ouvi-lo falar. Sei, também, que sou um substituto fraco. Foi maravilhoso que ele e o Presidente Romney puderam estar aqui conosco. E só o fato de vê-los, causou júbilo a muitos e muitos corações.

Durante o almoço, estivemos sentados ao lado de um irmão que agora é avô e nos contou que seu netinho de quatro anos lhe havia perguntado dias atrás: "Vovô, sabe por que o beija-flor faz zumbido?" E o avô respondeu: Não sei. Por que?" E o menino então disse: "É porque ele não conhece palavras."

É bem provável que não nos lembremos de muitas palavras que foram ditas no decorrer das reuniões desta conferência. Mas espero que sejamos capazes de nos lembrar do seu "zumbido", do seu espírito. E que levemos conosco a forte sensação edificante de havermos participado dela juntos. Foram dias gloriosos. O espírito do Senhor esteve conosco. Temos todo motivo para nos sentirmos gratos. Tanto o nosso testemunho como a nossa fé foram fortalecidos.

Ouvimos conselhos sábios daqueles que nos dirigiram a palavra. Assim, espero que as leiamos quando esses discursos forem publicados, e saboreemos novamente, para o nosso benefício, aquilo que foi dito.

Eles prestaram testemunho de nosso Pai Celestial e de seu Amado Filho, e o fizeram pelo poder do Espírito Santo; e pelo mesmo poder falaram do Profeta Joseph Smith e dos frutos provenientes de sua fé, seu trabalho e chamado como servo do Senhor.

Deram-nos conselhos sobre a vida, a família, os afazeres. Todos nós nos fortaleceremos praticando na vida e no lar as coisas que ouvimos.

Não temais pela Igreja. Falamos nesta

conferência sobre aqueles que nos criticam. Eles zombam do que nos é mais sagrado. Desprezam e ridicularizam aquilo que nos foi concedido por revelação do Todo-Poderoso. Todo homem que procura divertir-se às custas do que é sagrado a outrem possui um caráter profundamente falho. É lamentável que alguém se rebaixe a esse ponto e outros o ouçam e achem graça. A simples cortesia exige que se respeite aquilo que é sagrado para nosso vizinho e concidadãos.

O próprio Senhor declarou: "Lembrai-vos de que aquilo que vem do alto é sagrado e deve ser mencionado com cuidado e por constrangimento do Espírito." (D&C 63:64.)

Conforme foi mencionado, existem alguns que se arrogam a missão de menosprezar, diminuir e destruir a fé dos fracos, com o péssimo argumento de que não somos cristãos.

Para todos esses temos uma resposta dupla, e tranqüila. Em primeiro lugar: "Será que um verdadeiro seguidor de Cristo, um seguidor daquele que foi o epítome do amor, misericórdia e consideração, procuraria injuriar seu próximo?"

E depois: "Pedimos apenas que nos julgem por nossos frutos."

O Mestre disse:

"Por seus frutos os conhecereis. Porventura colhem-se uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos?

"Assim, toda a árvore boa produz bons frutos, e toda árvore má produz frutos maus.

"Não pode a árvore boa dar maus frutos; nem a árvore má dar frutos bons.

"Portanto, pelos seus frutos os conhecereis." (Mateus 7:16, 17, 18, 20.)

Estamos dispostos a nos deixar julgar por esse padrão.

Certa ocasião, quando estávamos sob ataque ainda mais intenso que hoje, o Presidente Joseph F. Smith disse deste mesmo púlpito:

"Agradecemos a Deus por sua misericórdia e bênçãos; e de certa forma devemos gratidão àqueles que com tanto empenho se têm oposto à obra do Senhor; pois graças a toda essa oposição e lutas amargas contra o nosso povo, o Senhor tem desenvolvido o seu poder e sabedoria, e trouxe o seu povo mais ao conhecimento e favor das pessoas inteligentes da terra. Através dos próprios meios usados por aqueles que se têm oposto à obra de Deus, ele trouxe o bem a Sião.

Está escrito, porém, e acredito que seja verdade, que é mister que venham escândalos, mais ai daquele homem por quem o escândalo vem! (Mateus 18:7); mas eles estão na mão do Senhor, como nós estamos. Não trazemos nenhuma acusação grave contra eles. Estamos dispostos a deixá-los nas mãos do Todo-Poderoso para que trate deles, como lhe parecer melhor. Nossa tarefa é trabalhar com retidão na terra, procurar conhecer a vontade do Senhor e seus caminhos e as grandes e gloriosas verdades que ele revelou por instrumentalidade do Profeta Joseph Smith não somente para a salvação dos vivos, mas para a redenção e salvação dos mortos." (*Doutrina do Evangelho*, p. 308.)

E assim, deixemos de lado este assunto.

Agora, vós que viajastes para assistir a esta conferência, retornai a vossos lares com a resolução em vossos corações, e vós que parti-

cipastes da conferência por meio da transmissão via satélite, televisão e rádio resolvei também tentar mais arduamente viver os padrões do evangelho do qual ouvimos falar nesses dias; diminuir nossa voz crítica e atitudes negativas; buscar aquilo que há de bom no mundo; como empregados, ser honestos para com os empregadores na dedicação do nosso tempo e talentos; cultivar em nosso coração sincero amor ao próximo, tanto dentro como fora da Igreja; ser mais leais, como marido e mulher, um para com o outro em todos os sentidos. Que todo marido e portador do sacerdócio trate sua companheira e filhos com amor e deferência; que cultivemos em nossos lares a oração em família, fazendo da mesma o hábito em nossa vida; que sejamos honestos para com todos os homens e caminhemos humilde e obedientemente com Deus nosso Pai Celestial. Por isso oro humildemente.

Lembro-me de, quando garoto, aqui no Tabernáculo, ouvir o Presidente Heber J. Grant ler estas palavras, de Doutrina e Convênios, com a voz vibrante de convicção:

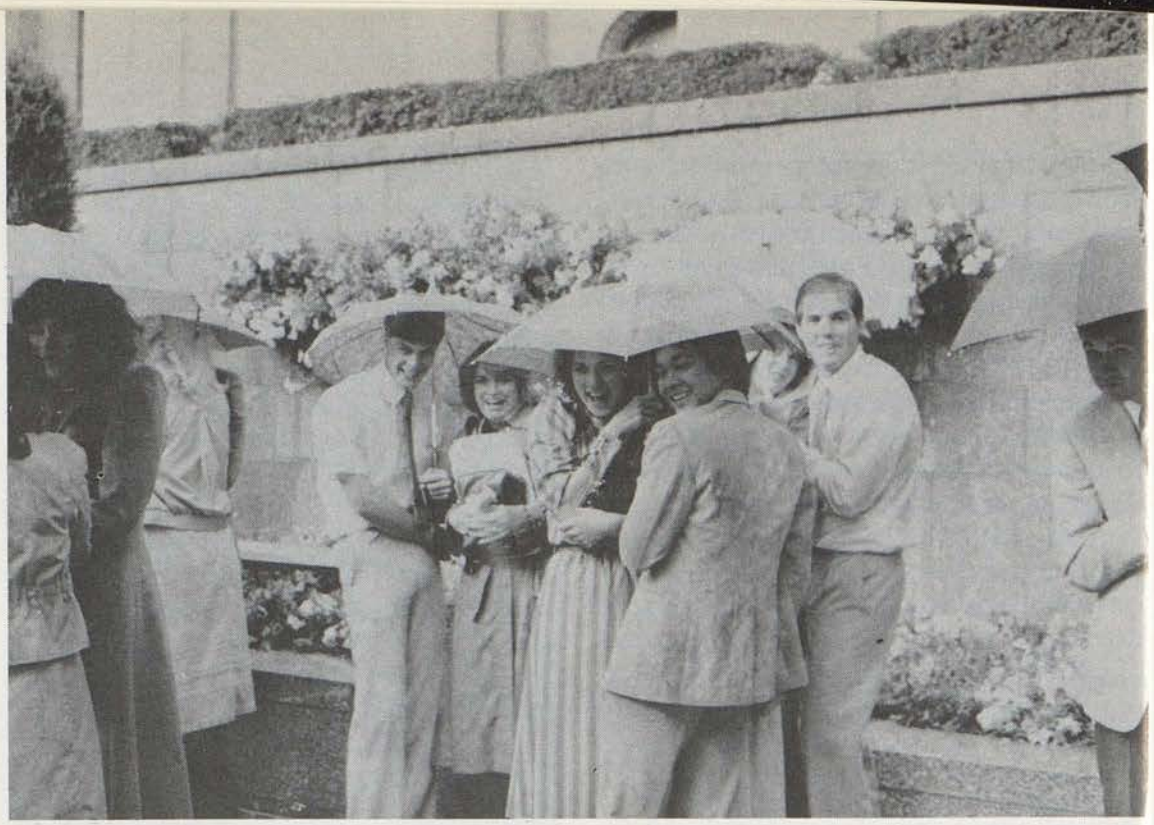
"Quanto tempo podem permanecer impuras as águas que correm? Que poder deterá os céus? Seria inútil querer o homem estender seu débil braço para desviar do seu curso o rio Missouri, ou fazê-lo ir correnteza acima, como evitar que o Todo-Poderoso derrame os seus conhecimentos dos céus sobre as cabeças dos santos dos últimos dias." (121:33.)

Eu acreditei nestas palavras quando ouvi o Presidente Grant lê-las. Acredito nelas agora também.

Acredito sem qualquer dúvida meus irmãos e irmãs que esta é a obra de Deus e que ele está derramando suas bênçãos de maneira maravilhosa e miraculosa sobre seu povo.

Uma semana atrás, neste recinto, realizamos uma grande reunião para as mulheres da Igreja. E, além das aqui reunidas, havia milhares e milhares congregadas em mais de seiscentos outros locais, para os quais os procedimentos dessa reunião foram transmitidos via satélite. Pensei no milagre, na maravilha dessa grandiosa irmandade de mais de um milhão de mulheres extraordinárias, devotadas ao

Membros do Primeiro Quorum dos Setenta, Élder Gene R. Cook e Élder Charles Didier.



Evangelho de Jesus Cristo que andam com fé no coração; mães, cujo mais elevado desejo é criar uma outra geração fiel de filhos e filhas que amem ao Senhor e estejam dispostos a obedecer aos mandamentos do Mestre.

Ontem à noite, reuniram-se aqui os homens, o sacerdócio da Igreja, centenas de milhares aqui e pelo mundo. Em mais de 1153 outros locais, bem como em 600 sedes de estaca, aos quais os procedimentos daquela reunião foram transmitidos. E de novo disse a mim próprio: "Que coisa gloriosa elaborou o Deus dos céus em benefício de seu povo." Sejamos gratos. Não temamos.

Vêm-me à mente estas grandiosas palavras de uma das epístolas de Paulo a Timóteo:

"Porque Deus não nos deu o espírito de temor. Mas de fortaleza, e de amor, e de moderação.

"Portanto, não te envergonhes do testemunho de nosso Senhor." (II Timóteo 1:7-8.)

Gostaria de recomendar-vos estas palavras extraordinárias: "Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação. Portanto, não te envergonhes do testemunho de nosso Senhor." Gostaria de ler, ao concluir esta grandiosa conferência, este desafio de Morôni, a nós. Encontra-se entre as últimas palavras que escreveu depois de vaguear na solidão por um longo período e contemplar esta época em que seu registro deveria aparecer:

"Desperta e levanta-te do pó, ó Jerusalém; sim, e veste-te com tuas belas roupagens, ó filha de Sião; fortalece tuas estacas, alarga tuas fronteiras para sempre, para que não mais sejas confundida e sejam cumpridos os convênios que o Pai Eterno fez contigo, ó Casa de Israel! Sim, vinde a Cristo, sede perfeitos nele e negai-vos a todas as impurezas." (Morôni 10:31-32.)

Quando, hoje, cantamos todos juntos o emocionante hino "Que Firme Alicerce", sua letra fez meu coração emocionar e regozijar-se com a fé deste povo.

Presto-vos testemunho e invoco as bênçãos do céu sobre todos. Eu sei que Deus, nosso Pai Eterno vive. Sei que Jesus é o Cristo, o Salvador e Redentor da humanidade. Sei que esta é a obra do Senhor, que sua Igreja está estabelecida sobre o alicerce de apóstolos e profetas, tendo Jesus Cristo por pedra angular (ver Efésios 2:20). Eu sei estas coisas, e sei que vós também sabeis e, munidos desse conhecimento, sigamos avante com nossa vida, andando íntegros, alegres e com fé, eu oro humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.

REUNIÃO GERAL DAS MULHERES

Vivei à Altura de Vossa Herança

Presidente Gordon B. Hinckley
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

"Deus confiou às mulheres desta Igreja uma responsabilidade na edificação do seu reino."

Minhas queridas irmãs, é um privilégio e honra estar convosco.

Suponho que esta seja a maior reunião de mulheres que já houve na história da Igreja. Além de o Tabernáculo estar superlotado, temos irmãs reunidas em mais de seiscentas sedes de estaca, e muitas outras nos acompanham de casa pela televisão. Contemplando esta enorme congregação, pensei de mim para mim: "Que dia proveitoso para os cabeleireiros!"

Sei que muitas de vós, aí fora, ficais solitárias de vez em quando. Algumas moças descobrem que há apenas duas ou três garotas SUD nas grandes escolas que freqüentam. Quem trabalha, possivelmente seja o único membro da Igreja em sua empresa. E vós, viúvas e algumas irmãs divorciadas, podeis pensar que estais sozinhas. O número de participantes nesta reunião por certo dar-vos-á a certeza de que não estais sós. Sois parte da maior agremiação ou irmandade que existe na terra. Ela provavelmente inclui dois milhões de mulheres.

Esta imensa congregação abrange meninas e mulheres a partir dos dez anos. Estou contente que as garotas de dez anos tenham sido incluídas. Dez anos é uma idade importante, uma idade muito bonita em que a menina que antes parecia ter apenas braços, pernas e um enorme apetite, passa a participar de uma influência refinadora que traz consigo beleza e graça. É como a flor que desabrocha com o calor do sol; uma época em que despertam os poderes físicos e mentais; a ponte entre a infância e juventude.

Vocês sabiam que o grande historiador-profeta Mórmon foi encarregado dos registros sagrados quando tinha apenas dez anos de idade? O livro que temos hoje, esse sagra-

do e maravilhoso testamento de Cristo, é um resultado da fidelidade com que Mórmon se desincumbiu de seu encargo. Jamais menosprezem a importância de alguém de dez anos.

Diz uma velha quadrinha popular que meninas são feitas de doçura, aromas e coisas bonitas. Muito mais importante, porém, é que são a promessa do futuro. Através delas, acabam-se filtrando as qualidade de todas as gerações anteriores que devem tornar-se os ossos e tecidos, o intelecto e espírito das gerações vindouras.

A vocês, garotas, digo com toda força e convicção: Sejam gentis, sejam fortes, sejam bondosas, virtuosas e maravilhosas. Sinto que de alguma forma o Senhor se referia também a vocês, quando disse: "Se... não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no reino dos céus." (Mateus 18:3.) Channing Pollock, o talentoso escritor e teatrólogo, desejou certa vez, através de um seu personagem, que todos pudéssemos nascer velhos para depois irmos ficando mais moços e cada vez mais inocentes até que, ao morrer, fôssemos como criancinhas.

Gostaria, agora, de dizer algumas palavras a vós, moças, que já passastes da infância e adolescência para a maturidade dos vinte anos. Para vós, esta deve ser uma época de fortaleza; é um tempo que exige disciplina da mente e do corpo; é o tempo de preparação e o Senhor disse: "Se estiverdes preparados, não temereis." (D&C 38:30.)

É o tempo certo para estudar e educar-se. O mundo que vos espera será impiedosamente competitivo. Agora é o tempo de vos prepararde para possíveis futuras responsabilidades.

A educação, entre nós, é uma tradição que se vem transmitindo desde os primórdios de nossa história. Acreditamos que nossa juventude deve instruir-se, tanto as moças quanto os rapazes. Brigham Young disse certa vez: "Temos irmãs aqui que, tivessem elas o privilégio de estudar, dariam tão boas matemáticas ou contadoras como qualquer homem." (*Journal of Discourses*, 13:61.)

Vós dispondes de enormes oportunidades de treinar vosso intelecto bem como vossas mãos. Certamente almejais casar-vos e ter a companhia de um bom marido. Mas ninguém pode prever o futuro. Preparai-vos para qualquer eventualidade. Não será preciso freqüentar uma universidade, se não for do vosso gosto. Existem maravilhosas escolas técnicas por este país afora capazes de aprimorar vossos dotes e preparar-vos para futuras responsabilidades.

É provável que a maioria de vós se case. Mas a instrução que tiverdes adquirido não será em vão, mas uma bênção para vós, não importa se casadas ou solteiras.

Conservai-vos dignas para o casamento. Estais numa idade que exige força para conservar essa dignidade. Nunca na história do mundo estivemos tão expostos às influências sedutoras que conduzem à degradação, pecado e remorso. Os mercadores de pornografia e certos produtores de entretenimentos são tão astuciosos quanto o próprio inferno com suas mercadorias enganadoras. Sua intenção é levar-vos a cair numa armadilha que só vos trará tristeza, remorso e sofrimento.

Diz o Senhor: "Que a virtude adorne os teus pensamentos incessantemente," e depois promete: "Então tua confiança se tornará forte na presença de Deus...

"O Espírito Santo será teu companheiro...; e o teu domínio um domínio eterno sem medidas compulsórias que fluirá a ti para todo o sempre." (D&C 121:45-46.)

Gostaria de parafrasear um pronunciamento da Primeira Presidência mais de quarenta anos atrás:

"Quão gloriosa é aquela que leva uma vida casta. Ela caminha sem medo em plena luz do meio-dia, pois está isenta de enfermidade moral. Nenhum dardo de torpe calúnia consegue feri-la, pois sua couraça não tem falha. Sua virtude não pode ser contestada por nenhum justo acusador, pois leva uma vida irrepreensível. Suas faces nunca coram de vergonha, pois não oculta nenhum pecado. É honrada e respeitada por todos, pois está acima de qualquer censura. É amada pelo Senhor, pois não tem mancha. As exaltações da eternidade aguardam sua chegada." (Ver Message of the First Presidency, 3 de outubro de 1942.)

Se, porém, houver aqui alguém que tropeçou, asseguro-vos que há perdão para a pessoa sinceramente arrependida. Deus perdoará aquelas que reconhecem seus erros e demonstram pela retidão de sua vida a sinceridade de seu arrependimento.

Gostaria de dirigir algumas palavras a vós, casadas. Gostaria que todas vós vos tivesseis casado na casa do Senhor. Nosso Pai nos céus, que ama seus filhos, concedeu-lhes um privilégio inestimável, isto é, o selamento eterno do mais precioso de todos os relacionamentos.

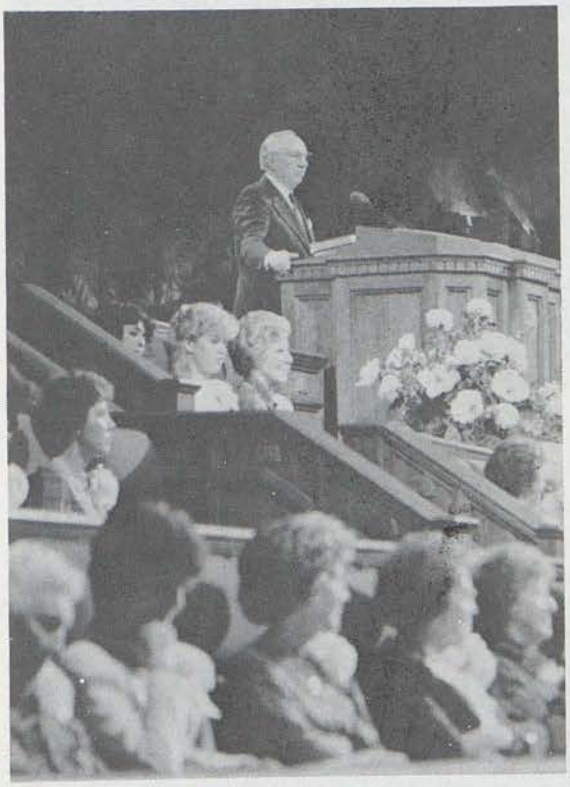
Vós que contais com essa bênção inestimável, vivei à altura dela. Lealdade é a própria essência de vossos votos e convênios feitos no templo — lealdade ao companheiro, lealdade para com os filhos, lealdade a Deus com quem fizestes solene convênio. Gloriosas e maravilhosas são as promessas àquelas que guardarem seus convênios e andarem em obediência aos mandamentos divinos. O senso de respon-

Irmã Camilla Kimball, à esquerda, esposa do Presidente Spencer W. Kimball, com o Presidente Gordon B. Hinckley e sua esposa.

sabilidade que os acompanha ameniza o casamento, proporciona uma influência santificante ao lar, tornam mais preciosos os filhos que nascem dessa união e dão paz durante a vida e conforto na hora da morte.

Reconheço que muitas irmãs nesta imensa congregação não tiveram possibilidade de casar-se no templo, ou porque o marido não é membro da Igreja ou ainda não se qualificou para entrar na casa do Senhor. A vós, gostaria de dizer, sede pacientes, orai sempre; reprimi vossa tendência a criticar; vivei de modo a que vosso companheiro veja em vós a bondade, a virtude e a força que vêm do evangelho.

Lembro-me de uma família que conheci há uns cinqüenta anos. A esposa era um membro dedicado da Igreja. O marido não era membro, fumava e bebia. Ela esperava e orava. Vivia à espera do dia em que o coração dele fosse tocado pelo Espírito do Senhor. Os anos foram-se somando, chegando a mais de uma década. Ela era um exemplo de bondade, alegria e fé. Passados muitos anos, o coração dele começou a abrandar-se. Viu o que a Igreja fazia por ela e pelos filhos. Mudou de vida. Humilhou-se. Foi batizado. Desde então já serviu como presidente de quorum, bispo, missionário e oficiante no templo.



Presidente Gordon B. Hinckley, Segundo conselheiro na Primeira Presidência, estava entre os oradores na reunião geral das mulheres.

Ninguém falhou até parar de tentar. E não vos esqueçais de que o vosso exemplo no lar será um sermão muito mais persuasivo do que qualquer outra pregação.

Eu vos saúdo com todo calor e sinceridade, vós dedicadas e maravilhosas donas de casa. Só tenho respeito pelo título "dona de casa".

Recortei do *Wall Street Journal* este artigo intitulado "O Mais Criativo Emprego do Mundo":

"Ele envolve bom gosto, moda, decoração, recreação, educação, transporte, psicologia, romantismo, arte culinária, desenho, literatura, medicina, artesanato, arte, horticultura, economia, governo, relações comunitárias, pediatria, geriatria, lazer, manutenção, compras, mala direta, legislação, contabilidade, religião, energia e administração. Qualquer pessoa capaz de manejar tudo isso tem de ser alguém muito especial. E é. É a dona de casa." (Junho de 1983.)

Agora uma palavra a vós, as não casadas. Seria uma maravilha se toda moça tivesse oportunidade de casar-se com um homem de bem para o qual pudesse olhar com orgulho e prazer como seu companheiro para o tempo e eternidade; só dela, para amar e cuidar, respeitar e ajudar.

Mas nem sempre é assim. Algumas moças, por razões inexplicáveis não têm oportunidade de casar-se. A vós, eu gostaria de dizer, não desperdiceis vosso tempo e amargureis vossa vida cultivando a estéril autopiedade. Deus vos deu talentos. Deu-vos a capacidade de servir e preencher necessidades alheias, abençoando a vida do próximo com vossa bondade e interesse. Estendei vossa mão a alguém em necessidade. Existem tantos por aí.

Acrescentai conhecimento a conhecimento. Aprimorai vosso intelecto e aptidões em algum campo de atividade. Inúmeras são as oportunidades à vossa espera, se estiverdes preparadas para aproveitá-las. Praticamente todas as profissões honradas do mundo estão

agora abertas à mulher. Não penseis que por serdes solteiras Deus vos abandonou. O mundo necessita de vós. A Igreja precisa de vós. Tanta gente e tantas causas necessitam de vosso vigor, sabedoria e talentos.

Orai sempre e não percais a esperança. Mas não vos deixeis obcecar pela ambição de encontrar um companheiro. Essa obsessão só servirá para tornar-vos menos cativantes ou então fará com que rebaixeis vossos padrões. Levai a melhor vida de que fordes capazes e o Senhor em sua grande sabedoria e no devido tempo vos dará uma resposta a vossas orações.

Dirijo-me brevemente a vós, mulheres, obrigadas a trabalhar quando preferirieis ficar em casa. Sei que muitas de vós vos encontrais nessa situação. Algumas foram abandonadas e estão divorciadas, com filhos para criar. Outras são viúvas com filhos ainda dependentes. Eu vos honro e respeito por vossa integridade e espírito de independência. Oro que Deus vos abençoe com forças e grande capacidade, pois necessitais de ambas. Vós acumulais os encargos de provedoras da família e donas de casa. Sei que é difícil e muitas vezes desanimador. Oro que o Senhor vos abençoe com especial sabedoria e o notável talento necessário para satisfazer a necessidade de vossos filhos em termos de tempo, companheirismo, amor e aquela orientação especial que só a mãe pode dar. Rogo também que vos abençoe com assistência irrestrita de vossos familiares, amigos e da Igreja, aliviando-vos de parte do vosso fardo e ajudando-vos nas horas extremas.

Sentimos, pelo menos um pouco, a solidão que ocasionalmente vos abate e as frustrações que certamente enfrentais ao ter de lidar com problemas que às vezes ultrapassam vossas forças. Às vezes necessitais de mantimentos para vossa mesa e confiamos em que os bispos estejam presentes para fornecer-vos essas coisas e outros serviços previstos pelo grandioso programa instituído pelo Senhor em sua Igreja. Mas sabemos que muitas vezes, vossa maior necessidade é de compreensão, apreço e companhia. Tentaremos cultivar com mais empenho estas virtudes e exorto as irmãs que estejam em posição de fazê-lo, que cuidem com mais carinho das irmãs que se encontram nessas condições.

Agora, vós outras que trabalhais quando não é necessário, deixando os filhos aos cuidados de pessoas nem sempre bem qualificadas, ofereço uma palavra de advertência. Não acompanheis essa tendência que mais

tarde vos trará remorsos. Se o objetivo de vosso emprego é simplesmente conseguir dinheiro para comprar um barco ou um carro de luxo ou alguma outra coisa desejável porém desnecessária, e com isto estais perdendo a convivência com vossos filhos e perdendo a oportunidade de criá-los, podereis acabar descobrindo que perdestes algo substancial em troca de uma sombra.

Concluindo, gostaria de dizer uma palavra a todas as mulheres da Igreja. Não sei de nenhuma doutrina que diga que nós escolhemos, quando viemos para a terra, se queríamos vir como homem ou mulher. Essa escolha foi feita pelo Pai Celeste em sua infinita sabedoria. Estou convencido de que ele ama suas filhas tanto quanto seus filhos. O Presidente Harold B. Lee observou certa vez que o sacerdócio é o poder pelo qual Deus opera através de nós, homens. Eu gostaria de acrescentar que a maternidade é o meio pelo qual Deus concretiza seu grandioso desígnio de perpetuar a espécie. Tanto o sacerdócio como a maternidade são essenciais para o plano do Senhor. Cada qual complementa o outro. Um necessita do outro. Deus nos criou homens e mulheres, cada qual com seu potencial e atributos individuais. A mulher é a geradora e criadora dos filhos. O homem é o provedor e protetor. Nenhuma legislação consegue alterar os sexos. Ela deve assegurar igualdade de oportunidades, igualdade de remuneração, igualdade de direitos políticos. Mas qualquer legislação que procurar criar um sexo neutro daqueles que Deus fez homem e mulher, trará mais problemas que benefícios. Disto estou convencido.

Desejaria de todo coração que gastássemos menos tempo falando de direitos e mais sobre responsabilidades. Deus confiou às mulheres desta Igreja uma responsabilidade na edificação do seu reino. E isto concernente a todos os aspectos de nossa grande e tripla responsabilidade, que é: ensinar o evangelho ao mundo; fortalecer a fé e promover a felicidade dos membros da Igreja; e, levar avante a grande obra de salvação para os mortos.

Este é um tempo que requer vigor. Concluo com estas palavras estimulantes de Morôni, escritas ao selar seu registro para ressurgir na dispensação da plenitude dos tempos:

"Desperta e levanta-te do pó, ó Jerusalém; sim, e veste-te com tuas belas roupagens, ó filha de Sião; fortalece tuas estacas, alarga tuas fronteiras para sempre, para que não mais sejas confundida e sejam cumpridos os convênios que o Pai Eterno fez contigo, ó casa de Israel!

"Sim, vinde a Cristo, sede perfeitos nele e negai-vos a todas as impurezas." (Morôni 10:31-32.)

Vesti vossas belas roupagens, ó filhas de Sião. Vivei à altura de vossa grandiosa e magnífica herança que o Senhor Deus, vosso Pai Celeste, vos reservou. Elevai-vos acima do pó do mundo. Sabei que sois filhas de Deus, filhas com direito divino inato. Andai no sol de cabeça erguida, sabendo que sois amadas e honradas, e fazeis parte do reino e que vos espera um grande trabalho que não pode ser feito por ninguém mais.

Graças sejam a Deus pelas maravilhosas mulheres da Igreja. Plante ele em vossos corações o senso de orgulho por vossas capacidades e a convicção da verdade, que será como um leme para vos dirigir seguros através de qualquer tormenta, eu oro humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.

Uma Época de Poder

Barbara B. Smith
Presidente Geral da Sociedade de Socorro

"Os princípios do evangelho são eternos e apropriados, fornecendo respostas precisas às nossas necessidades atuais."

Presidente Hinckley, Élder Maxwell, Élder Larsen, Presidente Young, Presidente Cannon, lindas garotas da Primária e Moças, e minhas queridas irmãs da Sociedade de Socorro: Estamos reunidas para falar de coisas que possuímos em comum. Ainda que nossas idades, etapas da vida e circunstâncias possam criar desafios diferentes, as palavras bíblicas do belo hino que o coro acabou de cantar devem ser uma afirmação para todos nós, jovens ou mais idosos: "O Senhor é a força da minha vida." (Salmos 27:1.)

Espero que, através desta mensagem, tenhamos manifestado e afirmado em nossos corações a realidade de que os princípios do evangelho são eternos e adequados e que as verdades eternas fornecem respostas precisas às nossas necessidades atuais. Tais necessidades são notáveis em sua diversidade e exigentes em sua premência; todavia, ao procurarmos as respostas de modo inseguro, às vezes omitimos o que está evidente. Porque, freqüentemente, as boas soluções não se encontram tanto no desconhecido como naquilo que conhecemos, mas não praticamos.

Quando o Senhor restaurou o evangelho à terra em sua plenitude e pureza, organizou também a Igreja como uma forma de transformar os preceitos em princípios vivos, a fim de ajudar os que crêem a se tornarem santos. E isso aconteceu quando, como conversos, foram levados pela fé a pôr o preceito à prova; e no poder do Senhor viram metas serem atingidas, esperanças tornarem-se realidade, e seu próprio poder se desenvolver.

Num relato pungente da Companhia de

Carrinhos de Mão Martin, surpreendida pelas neves de um inverno antecipado, no caminho da cidade de Iowa para o Vale do Lago Salgado, lemos o seguinte, escrito por Margaret Dalglish: "uma robusta garota escocesa ficou pele e osso, mas ainda assim não desaninou." Após passar, com dificuldade, por rios de lama e neve, sofrendo nevascas, fome, e perda de entes queridos, ela estava entre aqueles que ainda "puxavam seus carros danificados, andando desafiadoramente com suas próprias pernas" quando finalmente entraram no vale.

Embora as exigências feitas às mulheres pioneiras possam ter proporções mais heróicas do que as comumente enfrentadas pelas mulheres de hoje, de certo modo compartilhamos todas as mesmas variações de problemas: doença, divórcio, drogas, morte, imoralidade, insegurança econômica, corrupção, solidão, depressão, o problema da mãe solteira e assim por diante. Obstáculos com os quais as mulheres sempre batalharam contra o que agora precisam contender.

Vivemos numa época em que as rápidas modificações de nossa estrutura social estão impelindo sobre nós enormes desafios. Devemos lembrar que o trabalho das mulheres é importante e ainda deve ser feito. Os filhos espirituais de Deus devem provar a experiência da mortalidade, e isto quer dizer que os bebês devem ser desejados, nutridos, amados e cuidados. O Senhor deu às mulheres a principal responsabilidade de estabelecer bons lares e famílias bem cuidadas. Não importa quais sejam os desafios, devemos encontrar os meios de realizar esta obra inspiradora e eterna. "A boa vida familiar nunca é um acaso; é sempre uma realização". Foi assim para as mulheres do passado, e é assim para nós hoje em dia. Nossa vida requer disciplina, lutar sem concessões e conversão dos preceitos em princípios vivos que nos tornarão puros. Podemos verificar exemplos ao nosso redor nos dias de hoje.

Considere a irmã, recém-batizada, que aceitou o chamado de dar aula na Sociedade de Socorro. Certo domingo de manhã, quando ela não conseguiu condução, andou mais de dezessete quilômetros até a capela e deu a lição, honrando dessa forma seu compromisso.

Uma presidente da Sociedade de Socorro visitou uma irmã surda que era inativa e descobriu que tal irmã ficava muito magoada de ir às reuniões, mas nunca poder participar dos debates. Quando a presidente saiu daquele lar, prometeu à irmã que, se ela freqüentasse as reuniões da Sociedade de Socorro, seria incluída nos debates. A presidente e toda a junta aprenderam a fazer os sinais pelos quais os surdos se comunicam. Gratidão, satisfação e aperfeiçoamento pessoal foi o que resultou, quando as irmãs empregaram esta nova habilitação para suprir a necessidade daquela irmã em especial.

O marido de uma irmã da Sociedade de Socorro morreu num terrível acidente automobilístico, deixando a esposa e três crianças pequenas sem meios de subsistência ou muita segurança econômica. Avaliando as circunstâncias, recursos pessoais e talentos, a corajosa esposa elaborou um plano pelo qual pudesse completar os estudos e prover amparo financeiro para a família nas horas em que as

crianças estivessem na escola. Através de economia, disciplina e confiança no Senhor, as necessidades da família foram satisfeitas. Também se deu gentil atenção aos pais idosos desta irmã.

Exatamente como o Senhor organizou a Igreja, nós, que possuímos o evangelho, precisamos organizar nossa vida de modo que possamos fazer o que deve ser feito, para nos tornarmos "cumpridores da palavra" (Tiago 1:22) e, conhecermos o poder do Senhor. Este poder surge quando nos preparamos para suas bênçãos, reconhecemo-las e utilizamos seus dons para fazer de seus caminhos os nossos caminhos.

No querido hino "Ó Meu Pai", Eliza R. Snow celebra em palavras a continuidade das relações familiares além-morte e relembra-nos de uma gloriosa reunião com nosso Pai e mãe celestiais. Escritas para consolar uma querida amiga, Zina Huntington, que perdeu o pai e a mãe de maneira trágica, as conhecidas linhas deste hino dão uma afirmação poética a uma grande verdade revelada pelo Profeta Joseph Smith.

Considerando minuciosamente, podemos encontrar naquele simples incidente da história da Igreja, alguns dos dons que Deus tem dado para fortalecer as mulheres SUD: revelação da verdade, liderança do sacerdócio, talentos individuais e oportunidades de servir. Estes dons se encontram disponíveis a todas as mulheres e podem dar-nos a força de triunfar sobre as mais difíceis circunstâncias e seguir avante em poder.

Ao prestar serviço de solidariedade a uma amiga, Eliza R. Snow usou seus talentos, correspondeu à liderança do sacerdócio, e deu expressão memorável a uma verdade revelada.

Num sentido bastante real, quando Joseph Smith se ajoelhou no Bosque Sagrado e formulou a pergunta ao Pai, o fez para cada um de nós. A resposta recebida por ele proporciona um alicerce seguro das verdades fundamentais sobre as quais devemos estruturar nossa vida. Ele demonstrou também que, através da oração pessoal, as verdades eternas atendem às necessidades individuais. O poder eterno pode ajudar-nos a compreender e relacionar o infinito às nossas preocupações imediatas.

Presidente Geral da Sociedade de Socorro, Barbara B. Smith.

Quaisquer que forem suas circunstâncias, esta pode ser sua época de poder, pois um dos conceitos mais propulsores do evangelho é o de que o Salvador voltará novamente. E ele adverte: "Eis que venho sem demora." (Apocalipse 3:11.) Devemos viver com a constante expectativa de sua vinda. Estar preparadas para recebê-lo é a atitude de nosso maior poder. Permitamos que este seja nosso baluarte contra a tentação e a indolência. Que seja a causa de lermos as palavras do Salvador, de buscarmos nossos corações, e de tentarmos viver cada princípio de retidão ensinado por ele. Isto exigirá que amemos como ele ama. Então, é-nos dito que, quando ele chegar, nós o reconheceremos, pois seremos semelhantes a ele. (Ver 1 João 3:2.)

Que o Senhor seja nossa luz e nossa salvação, eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.

Preparar-se para Ensinar os Filhos do Senhor

Dwan J. Young
Presidente Geral da Primária

"É somente através de ouvir a palavra e observá-la manifestar-se em nossa vida que os filhos se familiarizam com a voz do Bom Pastor."

Quero contar-lhes sobre uma menina que era uma pianista bastante promissora. Quando ela ainda era muito pequena, sua mãe sentava-se em sua companhia no banco do piano todos os dias, ensinava-lhe as notas e encorajava-a a estudar, enquanto a menina aprendia aquelas primeiras composições musicais.

Logo esta sábia mãe decidiu que já havia ensinado tudo o que sabia, e que sua filha deveria começar a receber instruções de um professor habilitado. A jovem foi constantemente encorajada, e quando estava no ginásio, teve a oportunidade de tocar parte de um concerto para piano, juntamente com uma orquestra sinfônica.

Ao entrar na sala de espetáculos, na noite do concerto, estava emocionada, confiante e apta, pois sua preparação fora perfeita. O maestro ergeu a batuta, e ela levantou os olhos para prestar atenção ao seu sinal.

Subitamente, deparou com o rosto de alguém que conhecia. Desviou sua atenção de modo que, quando o maestro lhe deu o sinal para começar, ela não correspondeu. Sua mente ficou vazia; a memória desvaneceu-se; os dedos gelaram; não era capaz de pensar nas notas iniciais. O maestro deu-lhe o sinal mais uma vez; nenhuma resposta. Finalmente depois de uma pausa angustiante, alguém lhe passou a música para que ela pudesse começar.

Quando terminou a apresentação correu para fora do palco, completamente arrasada pelo que havia acontecido. Ela gostaria de que a terra se abrisse e a engolisse. Faria qualquer coisa para não ter que encarar seus

pais, amigos, membros da orquestra, ou qualquer pessoa da audiência. De repente, num breve momento, toda sua vida parou, pensou ela. Mas, obviamente, não foi assim. Ela teve que levantar-se e sair daquela sala de espetáculos.

Não havia morrido; o mundo não havia parado. Na verdade, não há registro de que nem mesmo um compasso tenha sido omitido naquele dia tão significativo. Sei porque estava lá; eu era aquela garota. Toquei outras composições e apresentei-me ante outras audiências, porque minha professora me disse que eu conseguiria. E meus pais lembraram-me de que eu deveria ir em frente. A humilhação ainda percorre meu ser, quando penso naquele dia. Todavia, vim a compreender que minha vida não terminou naquela noite, porque, embora tivesse sido preparada para uma apresentação de piano, tinha sido também preparada de outras maneiras. Talvez mais significativamente, os outros tenham-me ensinado e preparado para reerguer-me e tentar de novo.

Minha época de preparação foi cuidadosamente guiada por pessoas que me amavam o bastante para incluir experiências com princípios do evangelho. Estes ensinamentos foram bem cultivados dentro de mim, de modo que, quando chegou a época de sofrimento e dificuldades, eu sabia que não estava sozinha. Sabia que valia mais a experiência da vida do que o fato de tocar piano.

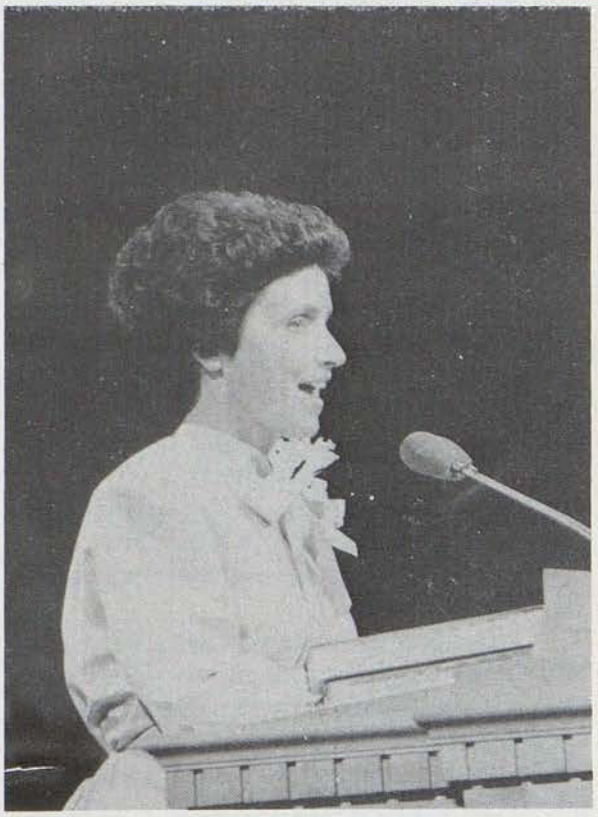
As escrituras nos dizem: "Instrui ao menino no caminho em que deve andar, e... não se desviará dele." (Provérbios 22:6.) Uma das maiores designações dadas aos pais é ensinar o evangelho aos filhos. Isto provê o que tem sido chamado de "um plano valioso".

Este plano delineado pelo Senhor destina-se a impressionar-nos com o valor da vida humana e a profunda importância do indivíduo. Revelou que existe um propósito na vida. Tal propósito é que cada um de nós aprenda aqueles atributos semelhantes aos de Cristo, os quais nos tornarão dignos da vida eterna.

A mortalidade é a época de aprender a andar pela fé. (Ver II Cor. 5:7.) É a época de aprendermos a ser cumpridores da palavra e não somente ouvintes. (Ver Tiago 1:22.) É a época de ganhar conhecimento e obter alguma sabedoria. É a época de compreendermos que não é suficiente apenas conhecer; devemos também influenciar o conhecimento com sabedoria. E, finalmente, de acordo com a definição do Senhor, é a época de aprender como amar-nos mutuamente.

O Presidente Kimball diz que o Senhor nos envia para realizarmos suas tarefas, pois é a melhor maneira de aprendermos sobre caridade, ou seja, o perfeito amor de Cristo, o amor que estimula e renova. A caridade é o poder que transforma a vida humana. É o poder que alivia o coração dolorido e renova a alma. A caridade chega até nós através do Senhor e daqueles que percebem nossas necessidades. Entra em nossa vida, quando prestamos serviço afetuoso a alguém necessitado.

Ter fé e compreender que cada um de nós é verdadeiramente um filho de Deus, dá certeza de nosso senso de valor. Estas são as coisas importantes que ele nos pediu que ensinássemos a nossos filhos.



Dwan J. Young, Presidente Geral da Primária.

Antes, porém, de podermos ensinar nossos filhos, nós mesmos devemos compreender e viver os princípios. É vital que a criança aprenda através de nosso exemplo que o que dizemos é o mesmo que vivemos.

As mães e os pais devem ler as palavras do Senhor com seus filhos e debater as escrituras constantemente. É apenas através de ouvir a palavra e observá-la manifestar-se em nossa vida que os filhos se familiarizam com a voz do Bom Pastor. Ao acariciarmos estas criancinhas, cantamos canções de ninar e conversamos sobre coisas importantes. Nos braços gentis e macios do amor de uma mãe, os filhos podem vir a conhecer a voz do Senhor. Então, anos mais tarde, quando surgem as pressões da vida, a alma tem ao seu dispor os ensinamentos e meios para sobrepujar tudo.

Nós aprendemos e nos desenvolvemos; ensinamos e preparamos nossos filhos; mas uma responsabilidade extra dada a todos nós é a de apascentar as ovelhas. Vocês lembrar-se-ão de que, quando Pedro recorreu ao Senhor com suas declarações de fé e lealdade, Jesus virou-se para ele e disse: "Apascenta os meus cordeiros", "Apascenta as minhas ovelhas". (João 21:15-17.)

Nossa responsabilidade excede a nós mesmos e a nossos círculos familiares. Devemo-nos esforçar para dar aos outros o mesmo testemunho que temos cultivado em nossa própria alma e oferecido a nossos filhos. Aonde quer que sejamos chamados para servir, devemos lembrar-nos da responsabilidade de apascentar suas ovelhas e dar-lhes um entendimento de seu real valor e potencial eterno.

Em nossa vida diária, travaremos conhecimento com vizinhos, lojistas, encanadores e construtores. Nossa vida cruza-se com um número quase interminável de tipos de pessoas. Como nosso comportamento afetará estas pessoas na busca do propósito e da fé? Espero que nosso exemplo seja parte do que o Senhor chamou nossa atenção, ou seja, apascentar suas ovelhas.

A época de preparar-se é agora. Na parábola das virgens sábias e néscias,o Senhor nos lembra de que precisamos estar preparados para quando o Noivo chegar. (Ver Mateus 25:1-13.) Precisamos renovar-nos para as tarefas diárias de viver o evangelho. Precisamos aprender a orar, orando todos os dias. Precisamos aprender a ouvir a palavra do Senhor, estudando diariamente as escrituras.

Afinal de contas, preparar-se para viver realmente o evangelho é muito semelhante a aprender piano. Não podemos aprender as notas de longe. Nossas dedos devem tocar as teclas repetidas vezes. Nossos professores devem dirigir nossa experiência de aprendizado. Devemos dar às crianças as oportunidades de tomarem decisões, de dar amor e prestar serviço, até que elas saibam como fazê-lo por si mesmas. Devemos mostrar-lhes como buscar a ajuda do Senhor para suportar a tristeza e a dor, buscando sua orientação e força confortadora.

Agora é o tempo de cada um de nós preparar-se, a fim de ganhar a força necessária para cumprir nossos desafios individuais. Eu sei que o Senhor está ansioso de nos auxiliar, basta apenas nos voltarmos para ele. Oro para que todos nós tenhamos a fé necessária para sermos receptivos às suas inspirações, em nome de Jesus Cristo. Amém.

Arbítrio e Responsabilidade

Elaine Cannon
Presidente Geral das Moças

"Maturidade espiritual é o entendimento de que não podemos culpar nenhuma outra pessoa pelas nossas ações."

Um bom homem recebeu uma designação de sua ala para preparar o banquete escoteiro. Trabalhou bastante, fez suas escolhas e levou-as a cabo. As mesas foram arrumadas, a comida estava preparada e aproximava-se a hora do evento.

Sua esposa chegou mais cedo para verificar todas as coisas. Tudo parecia em ordem, mas, com sua experiência, achou que o ambiente estava muito sem vida. Virou-se para o marido e disse: "Tudo bem, querido, mas o que você vai usar como arranjos de mesa?"

Surpreso, ele olhou para todo o ambiente e considerou gravemente o assunto por um momento. Depois, então, com ânimo total, replicou: "Manteiga, quadradinhos de manteiga!"

Eis o que se pode chamar de liberdade de escolha: livre arbítrio. E é sobre isso que vamos falar por alguns minutos, arbítrio e responsabilidade. Devo acrescentar que, se chegarmos a escolher manteiga para arranjos de mesa, não podemos esperar elogios pela decoração. Possuímos o livre arbítrio, porém, também temos que aceitar as conseqüências de nossas escolhas. Não é um assunto tão sério no caso de arranjos de mesa, mas tratando-se de vida, e vida após a morte, torna-se crítico.

O arbítrio é um princípio eterno e está implícito no processo da vida. Constantemente precisamos escolher entre os opostos: bem ou mal. Satanás procurou destruir o livre

Irmã Camilla Kimball, esposa do Presidente Spencer W. Kimball.

arbítrio do homem, e continua trabalhando aqui na terra para envolver o homem no pecado. (Ver Moisés 4:3-4.)

A fim de usarmos sabiamente nosso arbítrio, precisamos de informações para podermos agir de acordo com elas. Necessitamos de conhecer as leis da vida, com as bênçãos que as acompanham e as punições que as protegem. Quando conhecemos o evangelho, os elementos do que podemos e não podemos fazer, efetuaremos melhores escolhas.

As escrituras nos relembram: "E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará." (João 8:32.) Nosso dever é buscar a verdade plena e aplicá-la em nossa vida. Embora sejamos livres para agir, não somos livres para decidir o que é certo ou errado. Isto foi determinado há várias eras. Podemos ridicularizar as coisas sagradas, desculpar nosso comportamento, expor nossas próprias idéias, concordar ou discordar, porém isto não muda nada. Não podemos alterar as leis de Deus, a sua verdade. Podemos escolher usar sabiamente a verdade e atingir nossa meta, ou podemos recusar a aprender a verdade, rejeitar vivê-la, e então pagar a penalidade inevitável.

Responsabilidade é o produto natural do arbítrio e o alicerce do plano de vida. Somos responsáveis por nossas próprias ações e devemos explicações a Deus pelo que escolhemos fazer com nossa vida. A vida é um dom de Deus para nós, e o que fazemos com ela é o nosso dom para ele.

Em Gálatas, lemos: "Não erreis: Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará." (Gálatas 6:7.) Irmãs, traduzido em simples palavras, isto significa que, se você pegar a extremidade de uma vara, automaticamente pega a outra também. Quando você escolhe um caminho, escolhe o lugar ao qual esse caminho conduz.

Recordo-me muito bem de uma cena impressionante que me proporcionou uma perspectiva comovente de livre arbítrio e responsabilidade. Encontrava-me num dos andares mais elevados de um hotel num vilarejo da Tailândia, olhando pela janela um grande número de belas crianças dirigirem-se para a escola. Do meu privilegiado lugar, podia ver a escola a uma certa distância. As crianças sabiam que a escola estava lá, ainda que não pudessem vê-la e, obviamente, não estavam cientes de minha presença. Elas estavam graciosas em seus uniformes escolares: saia ou calça curta marinho; camisa branca limpa e engomada; e, naquele dia chuvoso, uma capa impermeável amarelo-canário. Assim sendo, algumas crianças arrastavam negligentemente as capas atrás de si; algumas poucas deixavam-nas abertas; e outras vestiam-nas totalmente abotoadas, como uma armadura de Deus.

O caminho que elas seguiam por entre os campos de arroz era bem calcado, mas existiam grandes poças de lama, excelentes locais para se esconder entre os altos juncos, além das tentações atrás de uma pequena loja ao lado do caminho.

As crianças viravam a esquina do hotel, grupo após grupo destes pequeninos da família do Pai Celestial e, de acordo com seu arbítrio, elas vadiavam, eram desviadas pela menor distração, ou então empurradas em direção à escola mais adiante. Agora o problema era exclusivamente delas; os pais não estavam por perto.

Estava fascinada, observando as crian-

ças lidarem com seu ambiente. Alguns deliberadamente pisoteavam as profundas poças de lama repetidas vezes e surgiam imundos. Outros desviavam-se automaticamente da poça, como se nem reparassem nela. Muitos não podiam absolutamente resistir à tentação de, devagarinho, tocar a lama com o dedão do pé.

Mais tarde, uma garotinha abaixou-se e tentou tirar a lama do sapato, depois tentou limpar a mão, e então esfregou a mancha de suas roupas onde havia limpado a mão. *É difícil limpar a lama.*

Não é interessante? A vida vista de uma janela. Arbítrio e responsabilidade. As crianças fizeram suas escolhas, e assim fazemos nós.

Somos semelhantes às crianças andando por um caminho num dia de chuva. Podemos pisar ou desviar-nos da lama da vida conforme desejarmos; todavia, com nossas escolhas vêm as conseqüências. E rapidamente nos tornamos naquilo que estamos escolhendo ser para toda a eternidade.

Maturidade espiritual é o entendimento de que não podemos culpar nenhuma outra pessoa por nossas ações. Alguns fatores podem tornar mais difícil o nosso desempenho, de acordo com o plano de Deus para nós, mas ser responsáveis pela maneira como usamos nosso arbítrio significa ser responsáveis por nosso próprio comportamento.

Uma das coisas que mais admiro em nossa mãe Eva é seu poder absoluto de responsabilidade pessoal. Quando foi chamada por Deus no florido jardim, ela explicou que Lúcifer a havia tentado com o fruto. Mas, então, admitiu: "E eu comi." (Moisés 4:19.)

Jesus venceu graças à estrita obediência. Ele não cedeu às tentações de Satanás. E se fizermos o que o Senhor diz, não precisaremos temer as conseqüências. "Faça-se a tua vontade e não a minha, ó Senhor" pode ser confortante em horas de provas ou decisões. Irmãs, Deus vive e nos ama. Ele vos ama! Sua vontade, quando obedecida, significa sua máxima alegria para vocês.

Todavia eu me preocupo, Irmãs. Algumas vezes imagino se conhecemos a vontade de Deus, se sabemos o que é pernicioso e pe-

Elaine Cannon, Presidente Geral das Moças.

A Presidência Geral da Sociedade de Socorro, a partir da esquerda: Marian R. Boyer, primeira conselheira; Presidente Barbara B. Smith; e Ann Stoddard Reese, segunda conselheira. A Irmã Reese substitui a Irmã Shirley W. Thomas, desobrigada para acompanhar seu marido, Robert K. Thomas, recém-chamado como presidente da missão da Austrália.

caminoso e por quê. Por outro lado, imagino se temos a mais pálida noção das glórias que ele tem armazenadas para nos recompensar, tanto aqui, como na vida futura, se formos obedientes. Pergunto-me se as mães têm realmente ensinado suas filhas a respeito da verdade, arbítrio e responsabilidade. As filhas estão compartilhando com as mães o seu próprio saber? Os indivíduos e as famílias fortalecem-se, quando nos ajudamos mutuamente a crescer no evangelho de Jesus Cristo.

O tema escriturístico de 1984, aprovado pelas Autoridades Gerais para as moças recitarem na classe todas as semanas, é: "Eu irei e cumprirei as ordens do Senhor, pois sei que o Senhor nunca dá ordens aos filhos dos homens *sem antes preparar um caminho* pelo qual suas ordens poderão ser cumpridas." (1 Néfi 3:7; grifo nosso.)

Podemos fazer o que se espera que façamos.

Nós não estamos sozinhas. Podemos sentir a força encorajadora do Salvador. Ele ajudar-nos-á, à medida que nos esforçarmos em efetuar escolhas certas ao longo do caminho.

Assim sendo, Irmãs, vamos amá-lo o suficiente para sermos obedientes. Esta é a época de fortalecimento. Esta é a época de colocarmo-nos como pessoas que fizeram convênios através do batismo e também no templo, de sermos valentes e de sermos o esteio daqueles que não são tão abençoados quanto nós.

Recentemente eu ponderava fervorosamente esta grande responsabilidade que tenho agora — as moças necessitam de tantas diretrizes, proteção e amor. Nesta ocasião, senti-me incapaz, e ao comparar minhas fraquezas com todas as pessoas maldosamente espertas existentes no mundo, confesso que me abati por um tempo. Porém, depois de orar com sinceridade, examinei profundamente o âmago de meu ser, onde o Espírito nos pode tocar, e eu soube, então, que não desistiria. Seja eu quem for, seja o que eu tiver de sobrepujar, serei alguém em quem o Senhor possa confiar. Todos podemos usar nosso arbítrio desta maneira: ser alguém em quem o Senhor possa confiar.

Ajamos assim! Em nome de Jesus Cristo, amém.

Nomeação de Conselheira da Sociedade de Socorro

Ann Stoddard Reese, membro da junta geral da Sociedade de Socorro há quase trinta anos, foi apoiada segunda conselheira na presidência geral da Sociedade de Socorro, durante a sessão de abertura da 153ª Conferência Geral Semi-anual da Igreja.

Ela é sucessora da Irmã Shirley Ann Wilkes Thomas, que está servindo com seu marido, Robert K. Thomas, designado presidente da Missão Austrália Melbourne.

A Irmã Reese forma com Barbara B. Smith, presidente geral, e sua primeira conselheira, Marian R. Boyer, a presidência geral da Sociedade de Socorro.

A nova conselheira diz que aguarda ansiosamente as ricas recompensas proporcionadas pela convivência com as mulheres SUD em todo o mundo. "É muito gratificante ver-se mulheres dedicadas ajudando suas irmãs," dizia. "Com as pressões e problemas de hoje, nossas mulheres precisam de fortalecimento. Na Sociedade de Socorro fortalecemo-nos mutuamente."

A Irmã Reese serviu na junta geral da Sociedade de Socorro na gestão da sua ex-presidente geral Belle S. Spafford e agora na da Irmã Smith. É filha de Blanche Stoddard, que serviu na junta geral da Sociedade de Socorro por vinte e quatro anos. Ela era encarregada do comitê de professoras visitantes da junta geral ao ser chamada para um novo cargo. Anteriormente, servira por vários anos no comitê de Educação Maternal.

Conta com a experiência de quinze anos como presidente da Sociedade de Socorro em três diferentes alas ou distritos de missão. Serviu ainda em diversas outras funções de ensino e liderança na Igreja, enquanto sua família vivia no Texas, Kansas, Colorado e Utah.

Nasceu em LeGrande, Oregon, onde seu pai, A. Lester Stoddard e sua família se dedicavam aos negócios madeireiros. Quando menina, a serraria da família pegou fogo e seu pai transferiu-se para Utah, onde começou novo negócio nas Montanhas Uinta. A família vivia na Cidade do Lago Salgado e a Irmã Reese freqüentou a Universidade de Utah antes de casar-se com Lester G. Reese. O casal têm três filhos casados e nove netos.

Pronunciamento da Primeira Presidência e do Quorum dos Doze sobre Ensino Familiar e Reativação

A Primeira Presidência e o Quorum dos Doze emitiram um comunicado normativo com respeito ao ensino familiar do sacerdócio e esforços de reativação nas alas e ramos da Igreja.

Alguns dos assuntos abordados no pronunciamento foram lidos pelo Élder David B. Haight, do Quorum dos Doze, durante a conferência geral: (1) a designação de mestres familiares a portadores do Sacerdócio de Melquisedeque inativos e élderes em perspectiva e suas famílias; e (2) como fazer essas designações.

Diz o comunicado:

"O Senhor deu instrução nas revelações que os portadores do sacerdócio fossem organizados em quoruns. A presidência do quorum é responsável pela participação ativa de cada membro do quorum. O ensino familiar, pelo qual os membros do quorum devem 'visitar a casa de cada membro' (D&C 20:51), é um dos melhores instrumentos para se cuidar dos membros do quorum e fortalecê-los.

"O bispo, como sumo sacerdote presidente e encarregado do comitê executivo do sacerdócio da ala, que é o comitê do ensino familiar, deve, em consulta com os presidentes de quorum e líderes de grupo do Sacerdócio de Melquisedeque, designar aos quoruns e grupos famílias para fins de ensino familiar. Em geral, os membros recebem mestres familiares de seu próprio quorum. Todavia, havendo necessidade especial, portadores inativos do Sacerdócio de Melquisedeque, élderes em perspectiva e suas famílias podem ser designados ao quorum ou grupo mais capacitado a integrar e ensiná-los. Os mestres familiares apresentarão relatório à sua própria presidência de quorum ou líder de grupo.

"Irmãos que tenham um dom especial para ensinar inativos devem ser designados pelo bispo como mestres familiares de famílias inativas escolhidas. Quando essas famílias houverem voltado à atividade, os mestres poderão ser encarregados de trabalhar com outras famílias inativas.

Quando um élder inativo ou em perspectiva ficar ao encargo de sumos sacerdotes e for levado à reunião do sacerdócio por seu mestre familiar, ele poderá ficar com o grupo de sumos sacerdotes ou com o quorum de élderes, dependendo de suas necessidades. O bispo toma esta decisão em consulta com os líderes de quorum e grupo do Sacerdócio de Melquisedeque.

"Quando for apropriado que um élder em perspectiva receba o Sacerdócio de Melquisedeque, deverá ser ordenado élder e tornar-se membro do quorum dos élderes. A idade não é fator determinante na ordenação desses irmãos ao Sacerdócio de Melquisedeque. Os homens são ordenados aos ofícios do sacerdócio quando seu chamado o requer e por inspiração e de acordo com o seu merecimento."

Élder Richard G. Scott – Apoiado para a Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta

O Élder Richard G. Scott, do Primeiro Quorum dos Setenta, foi apoiado membro da presidência desse quorum na sessão de abertura da conferência geral semi-anual da Igreja.

Sua designação preenche a vaga criada pela desobrigação do Élder Franklin D. Richards como presidente do quorum. O Élder Richards foi chamado para presidente do Templo de Washington, D. C.

O Élder Scott integra a presidência com os élderes J. Thomas Fyans, Carlos E. Asay, M. Russel Ballard, Dean L. Larsen, Royden G. Derrick e G. Homer Durham.

Falando na última sessão da conferência, o Élder Scott disse que o novo chamado o deixara "profundamente humilde".

"Conversei com o Senhor a respeito e prometi-lhe que daria tudo que tenho a esse serviço. Roguei-lhe que me ajudasse a qualificar-me para receber sua inspiração e apoio para que possa fazer sua vontade bem como a de seus servos."

O Élder Scott foi apoiado membro do Primeiro Quorum dos Setenta a 2 de abril de 1977. Antes de ser chamado a dedicar seus serviços integralmente à Igreja, era representante regional na área de Washington, D.C. e servira como presidente da Missão Argentina Norte. Quando moço, cumpriu uma missão de trinta e um meses no Uruguai.

Atualmente é diretor administrativo do Departamento Genealógico e administrador executivo da Igreja para o sul do México e América Central. Graduou-se pela Universidade George Washington em 1950 em engenharia mecânica. Posteriormente completou curso de pós-graduação equivalente ao doutorado em engenharia nuclear em Oak Ridge, Tennessee.

Tem usado seus profundos conhecimentos de engenharia mecânica e nuclear como consultor de empresas de serviços públicos e energéticos que estudam o possível uso de reatores nucleares.

Durante doze anos integrou a equipe do Almirante Hyman G. Rickover, da Marinha dos Estados Unidos, assessorando-o no projeto de submarinos nucleares. Participou da instalação da primeira usina elétrica nuclear e é co-editor de dois livros sobre a construção e uso dessas usinas.

Natural de Pocatello, Idaho, nasceu a 7 de novembro de 1928, filho do casal Kenneth Leroy e Mary Eliza Whittle Scott. É casado com Janene Watkins, com quem tem cinco filhos.

Calendário de Freqüência ao Templo - 1984

JANEIRO

03 — São Bernardo
04 — SP Perdizes / SP Leste
05 — SP Ipiranga
06 — Santo Amaro / Santo André
07 — São Vicente / Santos
11 — São Paulo / SP Taboão
12 — SP Norte
13 — SP Oeste
14 — RJ Andaraí / Araraquara / Sorocaba
17 — São Bernardo
18 — SP Perdizes / SP Leste
19 — SP Ipiranga
20 — Santo Amaro / Santo André
21 — Campinas / Londrina / Madureira
25 — Feriado
26 — SP Norte
27 — SP Oeste
28 — R. Janeiro / Curitiba Leste

FEVEREIRO

01 — São Paulo / SP Taboão
02 — SP Ipiranga / Porto Alegre / P. Alegre N/ N. Hamburgo
03 — Santo Amaro / S. André / Porto Alegre / Porto Alegre Norte / N. Hamburgo
04 — RJ Niterói / São Vicente
07 — São Bernardo
08 — SP Perdizes / SP Leste
09 — SP Norte
10 — SP Oeste
11 — RJ Andaraí / Curitiba Bacacheri
15 — São Paulo / SP Taboão
16 — SP Ipiranga
17 — Santo Amaro / Santo André
18 — Campinas / Petrópolis / Vale Paraíba
21 — São Bernardo
22 — SP Perdizes / SP Leste
23 — SP Norte
24 — SP Oeste
25 — Santos / Sorocaba / Marília
29 — São Paulo / SP Taboão

MARÇO

01 — SP Ipiranga
02 — Santo Amaro / Santo André
03 — São Vicente
05 — Porto Alegre / P. Alegre Norte / N. Hamburgo
06 — São Bernardo / P. Alegre / P. Alegre N / N. Hamburgo
07 — SP Perdizes / SP Leste
08 — SP Norte
09 — SP Oeste
10 — Curitiba / Ponta Grossa
14 — São Paulo / SP Taboão
15 — SP Ipiranga
16 — Santo Amaro / Santo André
17 — Campinas / RJ Andaraí
20 — São Bernardo
21 — SP Perdizes / SP Leste
22 — SP Norte
23 — SP Oeste
24 — R. Janeiro / RJ Madureira
28 — São Paulo / SP Taboão
31 — Santos / Sorocaba / Araraquara

ABRIL

03 — São Bernardo
04 — SP Perdizes / SP Leste
05 — SP Ipiranga
06 — Santo Amaro / Santo André
07 — Petrópolis / S. Vicente / Sorocaba
11 — São Paulo / SP Taboão
12 — SP Norte
13 — SP Oeste
14 — RJ Andaraí / Santos / Rio Claro
17 — São Bernardo
18 — SP Perdizes / SP Leste
19 — SP Ipiranga
20 — Santo Amaro / Santo André
21 — Feriado
25 — São Paulo / SP Taboão
26 — SP Norte
27 — SP Oeste
28 — RJ Niterói / Curitiba Leste

Calendário de Freqüência ao Templo - 1984

MAIO

01 — Feriado
02 — SP Perdizes / SP Leste
03 — SP Ipiranga
04 — Santo Amaro / Santo André
05 — São Vicente / Marília
08 — São Bernardo
09 — São Paulo / SP Taboão
10 — SP Norte
11 — SP Oeste
12 — RJ Madureira / Santos
16 — SP Perdizes / SP Leste
17 — SP Ipiranga
18 — Santo Amaro / Santo André
19 — Campinas / Andaraí / Joinville / Sorocaba
22 — São Bernardo
23 — São Paulo / SP Taboão
24 — SP Norte
25 — SP Oeste
26 — Rio de Janeiro / Araraquara

JUNHO

01 — Santo Amaro / Santo André
02 — Petrópolis / São Vicente / Santos
05 — São Bernardo
06 — SP Perdizes / SP Leste
07 — SP Ipiranga
08 — SP Oeste
09 — Niterói / Sorocaba / Curitiba Norte
Férias do Templo
26 — São Bernardo
27 — São Paulo / SP Taboão
28 — SP Norte
29 — Santo Amaro / Santo André
30 — Londrina / Andaraí / Curitiba Sul

JULHO

04 — SP Perdizes / SP Leste
05 — SP Ipiranga
06 — SP Oeste
07 — São Vicente / Santos
10 — São Bernardo
11 — São Paulo / SP Taboão
12 — SP Norte
13 — Santo Amaro / Santo André
14 — Madureira / Araraquara / Ponta Grossa
18 — SP Perdizes / SP Leste
19 — SP Ipiranga
20 — SP Oeste
21 — Campinas / Andaraí / Sorocaba
24 — São Bernardo
25 — São Paulo / SP Taboão
26 — SP Norte / P. Alegre / P. Alegre Norte /
N. Hamburgo
27 — Santo Amaro / Santo André / P. Alegre /
P. Alegre Norte / Novo Hamburgo
28 — Rio de Janeiro / Curitiba Leste

AGOSTO

01 — SP Perdizes / SP Leste
02 — SP Ipiranga
03 — SP Oeste
04 — São Vicente / Marília
07 — São Bernardo
08 — São Paulo / SP Taboão
09 — SP Norte
10 — Santo Amaro / Santo André
11 — Petrópolis / Rio Claro
15 — SP Perdizes / SP Leste
16 — SP Ipiranga
17 — SP Oeste
18 — Campinas / Andaraí
21 — São Bernardo
22 — São Paulo / SP Taboão
23 — SP Norte
24 — Santo Amaro / Santo André
25 — RJ Niterói / Santos / Sorocaba

Calendário de Freqüência ao Templo - 1984

SETEMBRO

01 — São Vicente
04 — São Bernardo
05 — SP Perdizes / SP Leste
06 — SP Ipiranga
07 — Feriado
08 — RJ Madureira / Curitiba
12 — São Paulo / SP Taboão
13 — SP Norte
14 — SP Oeste
15 — Campinas / RJ Andaraí / Araraquara
18 — São Bernardo
19 — SP Perdizes / SP Leste
20 — SP Ipiranga
21 — Santo Amaro / Santo André
22 — Sorocaba / Santos
26 — São Paulo / SP Taboão
27 — SP Norte
28 — SP Oeste
29 — Rio de Janeiro

OUTUBRO

03 — SP Perdizes / SP Leste
04 — SP Ipiranga
05 — Santo Amaro / Santo André
06 — Niterói / São Vicente
09 — São Bernardo
10 — São Paulo / SP Taboão
11 — SP Norte
12 — Feriado
13 — Petrópolis / Santos
17 — SP Perdizes / SP Leste
18 — SP Ipiranga
19 — SP Oeste
20 — Campinas / RJ Andaraí / Sorocaba
23 — São Bernardo
24 — São Paulo / SP Taboão
25 — SP Norte
26 — Santo Amaro / Santo André
27 — Curitiba Leste

NOVEMBRO

01 — SP Ipiranga
02 — SP Oeste
03 — Londrina / S. Vicente / Sorocaba / RJ Andaraí
06 — São Bernardo
07 — SP Perdizes / SP Leste
08 — SP Norte
09 — Santo Amaro / Santo André
10 — RJ Madureira / Santos / Pta. Grossa / Curitiba Bacacheri
14 — São Paulo / SP Taboão
15 — Feriado
16 — SP Oeste / P. Alegre / P. Alegre Norte / N. Hamburgo
17 — Campinas / Joinville / P. Alegre N / N. Hamburgo
20 — São Bernardo
21 — SP Perdizes / SP Leste
22 — SP Ipiranga
23 — Santo Amaro / Santo André
24 — R. Janeiro / Curitiba Sul / Vale do Paraíba / Araraquara
28 — São Paulo / SP Taboão
29 — SP Norte

DEZEMBRO

01 — Petrópolis / S. Vicente / Marília
04 — São Bernardo
05 — SP Perdizes / SP Leste
06 — SP Ipiranga
07 — SP Oeste
08 — RJ Niterói / Santos / Curitiba Norte
12 — São Paulo / SP Taboão
13 — SP Norte
14 — Santo Amaro / Santo André
15 — Campinas / RJ Andaraí / Sorocaba
Férias do Templo

Calendário Anual do Batistério - 1984

NOME DA ESTACA	DATAS
SÃO PAULO	07 JAN 1984 — 26 MAI 1984
SOROCABA	*14 JAN 1984 — 07 JUL 1984
ARARAQUARA	14 JAN 1984 — *14 JUL 1984
SÃO VICENTE	21 JAN 1984 — 21 JUL 1984
SÃO PAULO PERDIZES	28 JAN 1984 — 28 JUL 1984
SANTO ANDRÉ	04 FEV 1984 — 03 NOV 1984
SÃO PAULO IPIRANGA	11 FEV 1984 — 04 AGO 1984
SÃO PAULO NORTE	18 FEV 1984 — 29 SET 1984
MARÍLIA	*25 FEV 1984 — *04 AGO 1984
SÃO PAULO OESTE	25 FEV 1984 — 25 AGO 1984
SÃO PAULO LESTE	*03 MAR 1984 — *18 AGO 1984
LONDRINA	03 MAR 1984 — 01 SET 1984
CURITIBA NORTE	*10 MAR 1984 — 08 SET 1984
PONTA GROSSA	10 MAR 1984 — 14 JUL 1984
JOINVILLE	17 MAR 1984 — 18 AGO 1984
VALE DO PARAÍBA	*17 MAR 1984 — *20 OUT 1984
CURITIBA SUL	*24 MAR 1984 — 22 SET 1984
RIO DE JANEIRO	24 MAR 1984 — 24 NOV 1984
SÃO PAULO TABOÃO	31 MAR 1984 — 10 NOV 1984
SÃO PAULO / SANTO AMARO	07 ABR 1984 — 15 SET 1984
RIO CLARO	*14 ABR 1984 — *11 AGO 1984
RJ MADUREIRA	14 ABR 1984 — 13 OUT 1984
CURITIBA LESTE	28 ABR 1984 — 27 OUT 1984
SÃO BERNARDO	05 MAI 1984 — *27 OUT 1984
BACACHERI	12 MAI 1984 — 11 AGO 1984
SANTOS	*12 MAI 1984 — 20 OUT 1984
CAMPINAS	19 MAI 1984 — 17 NOV 1984
PETRÓPOLIS	02 JUN 1984 — 01 DEZ 1984
CURITIBA	*09 JUN 1984 — 08 DEZ 1984
RJ NITERÓI	09 JUN 1984 — 06 OUT 1984
RJ ANDARAÍ	30 JUN 1984 — 15 DEZ 1984

Obs.: Um asterisco (*) significa que o horário de chegada ao templo é às 10 horas.

Cenas da 153.ª Conferência Geral Semi-anual em outubro de 1983.